

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

2

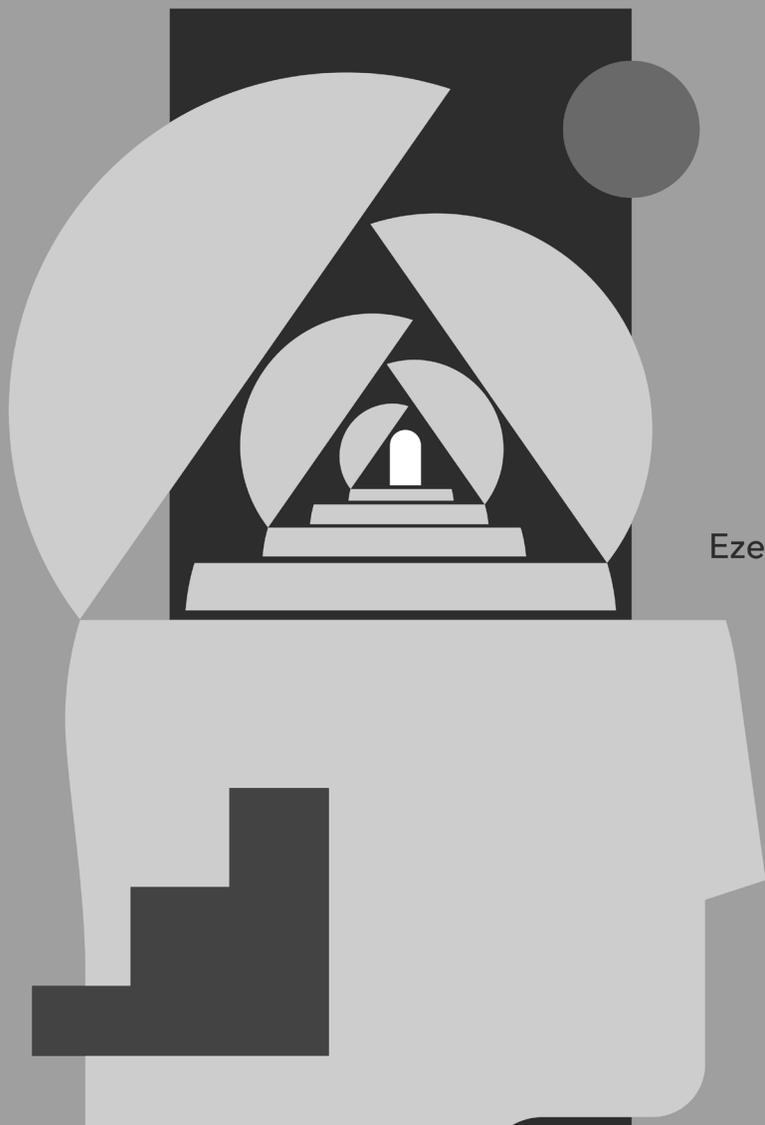
Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

2



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: identidade profissional e compromisso social 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: identidade profissional e compromisso social 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-940-0

DOI 10.22533/at.ed.400212903

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Lightner Witmer, funda em 1896, na Universidade da Pensilvânia, o que podemos sem muita dificuldade nomear como a “primeira clínica psicológica”. É notável que o período histórico se equivale ao mesmo que em Viena, o austríaco Sigmund Freud inicia seus procedimentos que levam mais tarde o trato de Psicanálise. Mas a distância entre fundação e construção se marca de modo a poder creditar a Witmer esse pilar.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Tendo, pois, esse universo multívoco em torno da Psicologia, a *Coleção Psicologia: Identidade Profissional e Compromisso Social*, se estabelece na tentativa de elucidar sobre essas várias apreensões possíveis pelos profissionais da Psicologia. Contamos nesse segundo volume com 18 artigos que relatam prioritariamente os trabalhos da Psicologia em suas fronteiras com o desenvolvimento humano, a sociedade, a educação, inclusive no que se refere à formação do psicólogo, a clínica, os processos de testagem, avaliação e terapêuticos e muito mais.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LAÇO SOCIAL E INVENÇÕES SINTHOMÁTICAS NA CLÍNICA DAS PSICOSES	
Maria Clara Carneiro Bastos	
Rogério de Andrade Barros	
DOI 10.22533/at.ed.4002129031	
CAPÍTULO 2	7
TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE E A ESTRUTURAÇÃO DO SELF	
André Alvares Usevicius	
Marília Caixeta de Souza	
Núbia Gonçalves da Paixão Enetério	
DOI 10.22533/at.ed.4002129032	
CAPÍTULO 3	20
A METÁFORA DA GUERRA NO SUJEITO DO INCONSCIENTE FREUDIANO: UMA LEITURA EM <i>PORQUE A GUERRA?</i>	
Ezequiel Martins Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4002129033	
CAPÍTULO 4	26
CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: ESTUDO COM O QUESTIONÁRIO DESIDERATIVO	
Antonio Augusto Pinto Junior	
Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo	
Danuta Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.4002129034	
CAPÍTULO 5	43
O USO DA ARTE NA PSICOTERAPIA PELA PERSPECTIVA JUNGUIANA	
Liliane Costa Raffa Maia	
Ângela Maria Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4002129035	
CAPÍTULO 6	52
A MÚSICA NA PSICOLOGIA HOSPITALAR: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL A PARTIR DE DEPOIMENTOS DA PRÁTICA DE PSICÓLOGAS	
Tairiny Paola Nogueira	
Taciane Castelo Branco Porto	
DOI 10.22533/at.ed.4002129036	
CAPÍTULO 7	65
ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	
Isabela Souza Casemiro	
Roseli Fernandes Lins Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.4002129037	

CAPÍTULO 8..... 80

AFETAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO ACERCA DA VALORIZAÇÃO DA VIDA

Cristiana Magni

Elaine Novak Lacomski Cunha

Jocieli Majewski

Rodrigo Bobato

Stephanie Cristin Otto

DOI 10.22533/at.ed.4002129038

CAPÍTULO 9..... 85

COVID-19: EFEITOS DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Kívia Novaes Santana

Jaira Vanessa de Carvalho Matos

Hélder Santos Gonçalves

Flávia Andrezza do Nascimento Araujo

Jhonams Santos Cardoso

Gabriel Santos Amâncio

Priscila Silva Navas

Hugo Nilo Alecrim Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.4002129039

CAPÍTULO 10..... 96

A IMPORTÂNCIA DO USO DE LIBRAS EM PSICOLOGIA

Irenilda Mendes dos Santos

Marilane Sousa Freitas

DOI 10.22533/at.ed.40021290310

CAPÍTULO 11..... 103

O SERVIÇO-ESCOLA DO CURSO DE PSICOLOGIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS ENTRE SUPERVISORA E EXTENSIONISTAS NAS SUPERVISÕES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Raquel Maracaípe de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.40021290311

CAPÍTULO 12..... 115

ACTITUDES PROAMBIENTALISTAS EN ESTUDIANTES MIEMBROS Y NO MIEMBROS DE LAS BRIGADES ACADEMIC OF VIGILANCIA, EDUCACIÓN Y FISCALIZACIÓN AMBIENTAL LA ESCUELA PROFESIONAL DE LA PSICOLOGÍA UNIVERSIDAD ANDINA DEL CUSCO, 2017

Yanet Castro Vargas

Gareth Del Castillo Estrada

Katherine Calderón Cordova

Martha González Pilares

DOI 10.22533/at.ed.40021290312

CAPÍTULO 13..... 126

A LÓGICA DAS REDES SOCIAIS NAS RELAÇÕES AMICAIS

Samara Sousa Diniz Soares

Márcia Stengel

DOI 10.22533/at.ed.40021290313

CAPÍTULO 14..... 135

O PERFIL PSICOLÓGICO DE UM *SERIAL KILLER*

Janaína Torres de Paula

Valdir de Aquino Lemos

Luís Sérgio Sardinha

DOI 10.22533/at.ed.40021290314

CAPÍTULO 15..... 147

ESCALA DE EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (EEVD): ESTUDOS DE VALIDADE E APLICABILIDADE NO BRASIL

Antonio Augusto Pinto Junior

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

DOI 10.22533/at.ed.40021290315

CAPÍTULO 16..... 157

O TESTE DO DESENHO DA CASA-ÁRVORE-PESSOA (HTP) EM ADOLESCENTE INSTITUCIONALIZADO- RELATO DE CASO CLÍNICO

Claudia Rodrigues Sanchez

Aline Closesel Carvalho

Helena Rinaldi Rosa

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

DOI 10.22533/at.ed.40021290316

CAPÍTULO 17..... 169

AUTO IMAGEM E DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES COM CONDUTA AUTOLESIVA

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Helena Rinaldi Rosa

Lorraine Seixas Ferreira

Gislaine Chaves

DOI 10.22533/at.ed.40021290317

CAPÍTULO 18..... 181

RELAÇÃO ENTRE ABUSO E DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA E TRANSTORNO BIPOLAR EM UMA AMOSTRA COMUNITÁRIA DE JOVENS

Bruno Braga Montezano

Karen Jansen

Luciano Dias de Mattos Souza

Ricardo Azevedo da Silva

Taiane de Azevedo Cardoso

Tháise Campos Mondin

DOI 10.22533/at.ed.40021290318

SOBRE O ORGANIZADOR..... 187

ÍNDICE REMISSIVO..... 188

CAPÍTULO 1

LAÇO SOCIAL E INVENÇÕES SINTHOMÁTICAS NA CLÍNICA DAS PSICOSES

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 04/01/2021

Maria Clara Carneiro Bastos

Universidade Estadual de Feira de Santana
(UEFS)
Feira de Santana – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/5562939956559952>

Rogério de Andrade Barros

Universidade Estadual de Feira de Santana
(UEFS)
Feira de Santana – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/4451428381809841>

RESUMO: O campo da saúde mental estrutura-se a partir do estudo das enfermidades mentais, fazendo da psicopatologia psiquiátrica o saber predominante. A abordagem psicanalítica atua no avesso do discurso psiquiátrico, não requerendo um manejo padronizado, mas uma conduta que leve em consideração a singularidade de cada ser de fala, opondo-se ao enquadramento e controle da loucura de cada um. Partindo deste *a priori*, o presente estudo objetiva compreender como se estabelece o laço social na psicose a partir da psicanálise de orientação lacanianiana, articulando com o conceito de *sinthoma*. Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: fazer uma revisão de literatura do conceito de laço social, articulando-o com o conceito de *sinthoma*, e, diferenciar o laço social na neurose da psicose. Esta investigação está articulada a pesquisa “O conceito de *sinthoma*

em Lacan e suas consequências clínicas” (LAPPSI/UEFS – CONSEPE Nº 067/2017). O percurso metodológico adotado se caracteriza como qualitativo, de objetivo exploratório e quanto aos seus delineamentos é uma pesquisa bibliográfica. Como resultados preliminares, identificamos que a psicanálise possibilita uma clínica pautada na responsabilidade do sujeito e de sua singularidade como diretrizes éticas na condução de intervenções no campo da saúde mental. É a partir do conceito de laço social, formulado por Lacan, que poderemos ver as soluções, bricolagens e *sinthomas* que cada um se ampara. Portanto, resta acompanhar e testemunhar, no um a um dos casos, a forma como cada sujeito psicótico pode, ao seu modo, remendar a sua realidade, sempre psíquica.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Laço Social; Sinthoma; Saúde Mental.

SOCIAL TIE AND SYNTHOMATIC INVENTIONS IN THE PSYCHOSIS CLINIC

ABSTRACT: The field of mental health is structured from the study of mental illnesses, making psychiatric psychopathology the predominant knowledge. The psychoanalytic approach acts inside out the psychiatric discourse, not requiring a standardized management, but a conduct that takes into account the uniqueness of each speech being, opposing the framing and control of each person’s madness. Starting from this, the present study aims to understand how the social bond in psychosis is established from Lacanian oriented psychoanalysis, articulating with the concept of *sinthoma*. This general

objective unfolds in the following specific objectives: to make a literature review of the concept of social bond, articulating it with the concept of *sinthome*, and, to differentiate the social bond in neurosis from psychosis. This investigation is linked to the research “The concept of *sinthoma* in Lacan and its clinical consequences” (LAPPSI / UEFS - CONSEPE N° 067/2017). The methodological path adopted is characterized as qualitative, with an exploratory objective and as for its outlines, it is a bibliographic research. As preliminary results, we identified that psychoanalysis allows a clinic based on the responsibility of the subject and his uniqueness as ethical guidelines in conducting interventions in the field of mental health. From the concept of social bond, formulated by Lacan, we will be able to see the solutions, bricolages and symptoms that each one supports. Therefore, it remains to monitor and witness, one by one, the way in which each psychotic subject can, in his own way, patch up his reality, always psychic.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Social Bond; *Sinthoma*; Mental health.

INTRODUÇÃO

A constituição do campo da saúde mental atrela-se a história da psiquiatria, onde a lógica manicomial consolida o hospital como centro do tratamento (MOFFATT, 1991). Nele, o saber médico dita as regras, organiza condutas e estabelece critérios diagnósticos, alinhando-se ao modelo científico de produção do conhecimento, e, sem apagar as marcas e construções sociais, mantém a ordem social, através da padronização dos modos de sofrimento (FOUCAULT, 1984).

A sociedade contemporânea da hiper medicalização da existência humana e da impregnação social dos critérios diagnósticos dos DSM's, desconstrói paulatinamente o espaço analítico em nome do realismo pragmático e sincrônico (TENDLARZ, 2007). A clínica contemporânea se alinha aos princípios da utilidade e do bem-estar, marcas manifestas do discurso capitalista, o que ocasiona a massificação dos sintomas e sua generalização (CALAZANS & BASTOS, 2008; SELDES, 2019).

Ao se opor ao enquadramento e controle da loucura, a abordagem psicanalítica atua no avesso do discurso psiquiátrico, não requerendo um manejo padronizado, orientando-se para a singularidade do caso a caso (ARENAS, 2011; BELAGA, 2011). O modo como cada um se enlaça ao Outro é apresentado por Lacan (1969-1970/1992) através do conceito de laço social. A inserção no discurso engendra uma trama social e, para tanto, é necessário observar o modo singular com que cada um faz laço, valendo-se da ideia de que haverá sempre um resto, pedaço de real não completamente absorvido pela lógica discursiva. Será propriamente através da invenção de um *sinthoma* que este resto encontrará alguma estabilização, inserindo o Outro nesta construção pela via delirante (LACAN, 1975-1976/2005).

Partindo deste *a priori*, o presente estudo objetiva compreender como se estabelece o laço social na psicose a partir da psicanálise de orientação lacaniana, articulando com o

conceito de *sinthoma*. Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: fazer uma revisão de literatura do conceito de laço social, articulando-o com o conceito de *sinthoma*, e, diferenciar o laço social na neurose da psicose. Esta investigação, ainda em andamento, sob a qual trazemos resultados preliminares, está articulada a pesquisa “O conceito de *sinthoma* em Lacan e suas consequências clínicas” (LAPPSI/UEFS – CONSEPE N° 067/2017).

METODOLOGIA

Trata-se de uma proposta de caráter qualitativo, que, como tal, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificável nem reduzido à operacionalização de variáveis, já que, trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças e valores que são subjetivos (MINAYO, 1994). Configura-se também, quanto aos seus objetivos, como pesquisa de tipo exploratório, uma vez que, visa proporcionar uma visão geral sobre determinado fato, especialmente, relacionado a temas pouco explorados (GIL, 2008). No que tange ao delineamento, ela se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo e Bervian (1983) a pesquisa bibliográfica “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos” (p. 55).

Por se tratar de uma pesquisa em psicanálise, destacam-se particularidades referentes à construção de saber nesse campo. Para tanto, é necessário reconhecer o lugar da psicanálise em denunciar um furo no conhecimento, apontando um não saber sobre o que não se esgota pela via das palavras (RODRIGUES, et. al, 2005).

Os dados coletados na pesquisa bibliográfica (CERVO; BERVIAN, 1983) serão analisados a partir de publicações e estudos acerca da saúde mental e da psicanálise no campo das psicoses, especialmente articulando os conceitos de laço social (LACAN, 1969-1970/1992) e *sinthoma* (LACAN, 1975-1976/2005). Propomos um percurso teórico que perpassa por dois momentos da clínica das psicoses: 1) a clínica da forclusão do Nome-do-Pai, do Lacan (1955-1956/1988) estruturalista, do recurso primordial da linguagem e da psicose como déficit frente ao recurso simbólico da neurose. 2) a clínica do *sinthoma* (LACAN, 1975-1976/2005), da clínica orientada ao real, tomando o *sinthoma* como invenção do sujeito para resolver-se com o irreduzível de seu gozo.

RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÃO

Identificamos que a psicanálise de orientação lacaniana possibilita uma clínica pautada na responsabilidade do sujeito e de sua singularidade como diretrizes éticas na condução de intervenções no campo da saúde mental. É a partir do conceito de laço social, formulado por Lacan (1969-1970/1992), que poderemos ver as soluções, bricolagens e *sinthomas* que cada um se ampara para construir a sua realidade, sempre psíquica.

Lacan (1932/1987) jamais deixou de se interessar pelos estudos acerca da psicose, tema de sua tese de doutorado, intitulada *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*. O exercício lacaniano de revisitar a Freud denuncia sua postura diante da psicose, entendendo-a segundo sua lógica, especificação e determinação. Para tanto, a psicose não é um estado no qual qualquer um pode apresentar, e sim, como uma estrutura clínica que se difere da neurose.

A psicose, como estrutura clínica se revela no dizer do sujeito, correspondendo a um lugar particular na articulação dos registros real, simbólico e imaginário. Como apresenta Quinet (2014) “na psicose, assim como na neurose, trata-se da estrutura da linguagem, ou melhor, da relação do sujeito com o significante” (p. 4). Destarte, não há tratamento que não seja efetivado através de um discurso, sendo assim, toda proposta de tratamento se insere num laço social.

O humano como ser de linguagem, não poderia se esquivar da interação com o universo simbólico, porém, é justamente na relação com o significante que se instaura questões sobre a loucura de cada um. Para tal, é através desse registro que Lacan (1958/1998) demarca a condição imprescindível para compreensão do sujeito psicótico: a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna.

O delírio psicótico denota um esforço de invenção. Trata-se de uma construção metafórica que, diferente da fantasia neurótica, se realiza a partir do Um-sozinho sem Outro, em uma lógica não compartilhada. Lacan (1958/1998) indica que o psicótico não está fora da linguagem, reafirmando no seu seminário sobre o *sinthoma*, tomando o escritor James Joyce (LACAN, 1975-1976/2005) como um novo paradigma para pensar a forclusão e seus efeitos de laço. Destaca que a psicose guarda uma relação direta com o significante, o suporte material da linguagem, apresentando-o em sua forma radical, pura, sem se remeter a mais nenhuma significação, desarticulada da cadeia significante e sua ordem simbólica.

Na experiência psicótica, significante e significado se apresentam de forma completamente dividida, o que também se evidencia na clínica da neurose. Isso permite a Lacan elucidar que a propriedade do significante é de ser segmentado, que não há cola entre o significante e o significado, sendo esse o vínculo sempre arbitrário. Nessa direção, a significação se faz a partir de uma mínima, $S1 - S2$, permitindo ver, assim, que todo sentido produzido é delirante, seja na neurose ou na psicose. Nesse contexto, “falar de delírio não é somente falar de delírio de interpretação, mas sim que o delírio é uma interpretação” (MILER, 2005, p.19). Assim, tal qual o sintoma neurótico porta um sentido inconsciente a ser desvelado na prática analítica, a construção de um delírio na psicose marca a produção de um sentido que se faz pautado na forclusão e no modo particular de construção da realidade, sem contar com o Nome-do-Pai como suporte simbólico que assegura a sua introdução do sentido comum, partilhado.

O laço social é uma possibilidade de parceria na qual o psicótico poderá se alojar. É possível apresentar a hipótese de que o psicótico poderá circular, ou se inserir, em algum

discurso a partir de sua construção particular, pensadas no final do ensino de Lacan (1975-1976/2005), onde ele apresenta que há outras formas de estruturação a subjetividade que não passam pelo Nome-do-Pai. Será através do *sinthoma*, modo singular de cada ser de fala dar tratamento ao seu gozo, que pensaremos o laço social na psicose (MILLER, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A clínica psicanalítica se apresenta como possibilidade de inserção da loucura no meio social, por basear-se no distanciamento de proposições universalistas e de classificações identificatórias. A clínica do *sinthoma* aproxima-se da clínica do real e da solução singular que cada ser de fala estabelecer para manter-se no laço social. Sendo assim, a psicose faz laço com aquilo que condiz e corresponde ao real de sua realidade psíquica (ARENAS, 2011).

A psicanálise se debruça onde há um vazio, local que o discurso demagógico, científico e intelectual não alcança. O exercício psicanalítico só se torna possível, pois a linguagem está para todos, sendo o sujeito do inconsciente quem organiza, a partir da sua estrutura psíquica, as possibilidades de fazer laço (MILLER, 2005). É justamente aí que se encontra a grandeza de um fazer sutil e singular: seja na direção do tratamento na neurose ou na assessoria e testemunho de sua verdade inventada na psicose, a aposta psicanalítica no inconsciente sempre demonstra uma invenção política de cada um às amarras sociais que regem e anulam o ser social do gozo sem medidas.

REFERÊNCIAS

ARENAS, Alicia. **La Salud para Todos sin la Segregacion de cada uno**. A saúde de todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise. Alejandra Glaze, Fernanda Otoni Barros Brisset e Maria Elisa Delecave Monteiro (orgs.). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011

BELAGA, Guillermo A. **La Salud Mental, lo inevitable de una totalidad fallida: notas para ENAPOL**. A saúde de todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise. Alejandra Glaze, Fernanda Otoni Barros Brisset e Maria Elisa Delecave Monteiro (orgs.). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

CALAZANS, Roberto; BASTOS, Angélica. **Urgência subjetiva e clínica psicanalítica**. Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam., São Paulo, v. 11, n.4, 640-652.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN. Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**/Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª edição. 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

LACAN, Jaques. **De um discurso que não seria do semblante**. Trad. Telma Corrêa da Nóbrega Queiroz. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995.

LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, Jaques. O seminário, livro 17: **O avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992 (Original publicado em 1969/1970).

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: **O sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. **O último ensino de Lacan**. In Opção Lacaniana, 35, 5-24. SP: Edições Eólia, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. **Saúde Mental e Ordem Pública. A saúde de todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise**. Alejandra Glaze, Fernanda Otoni Barros Brisset e Maria Elisa Delecave Monteiro (orgs.). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOFFATT, Alfredo. **Psicoterapia do Oprimido: ideologia e técnica da psiquiatria popular**. Tradução de Paulo Esmanhoto – 7ª edição. São Paulo: Cortez, 1991.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social. Esquizofrenia, paranóia, melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2014.

RODRIGUES, Ana Cabral, [et. al]. **Psicanálise, saber e conhecimento**. Rev. Dep. Psicol., UFF vol. 17 no. 2, Niterói July/Dec. 2005.

SELDES, Ricardo Daniel. **La urgencia dicha**. 1ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colección Diva, 2019.

TENDLARZ, Sílvia Elena. **O inclassificável**. A variedade da prática: do tipo clínico ao caso único em psicanálise. Elisa Alvarenga, Ennia Favret e María Hortensia Cárdenas [orgs.]. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007, p. 27-32.

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE E A ESTRUTURAÇÃO DO SELF

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 29/12/2020

André Alvares Usevicius

Centro Universitário de Anápolis
UniEVANGÉLICA
Anápolis – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/0335252349899507>

Marília Caixeta de Souza

Centro Universitário de Anápolis
UniEVANGÉLICA
Anápolis – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/7330498464157502>

Núbia Gonçalves da Paixão Enetério

Centro Universitário de Anápolis
UniEVANGÉLICA
Anápolis – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/1489058884585359>

RESUMO: A presente pesquisa aborda a temática da saúde mental, em específico o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB). Apesar de haver diversos traços que podem se mostrar em um indivíduo com este transtorno, o foco desta investigação se limita ao vazio existencial e dificuldade em se constituir uma personalidade, comumente relatado pelos estudos realizados sobre o assunto. Nessa perspectiva, verifica-se, através de revisão bibliográfica, a existência da correlação entre o TPB e o Self do sujeito, em uma perspectiva winnicottiana, assim como a interferência deste em sua estruturação, e como isto ocorre. Conclui-se que há relação entre o

TPB e o Self do indivíduo, e, ainda que alguns autores defendam outros pontos de vista acerca do assunto, não foi encontrada pesquisa alguma que desconsidere a relação entre as variáveis deste construto.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno de personalidade borderline, self, falso self, winnicott, estruturação.

BORDERLINE DISORDER AND THE STRUCTURING OF THE SELF

ABSTRACT: This research addresses the theme of mental health, specifically Borderline Personality Disorder (BPD). Although there are several traits that can shown themselves in an individual with this disorder, the focus of this investigation is limited to the existential void and difficulty in constituting a personality, commonly reported by studies on the subject. In this perspective, it was found, through bibliographic review, the existence of the correlation between the BPD and the subject's Self, in a Winnicottian perspective, as well as the interference of this in its structuring, and how this occurs. Concludes that there is a relationship between the BPD and the individual's Self, and, although some authors defend other points of view on the subject, no research was found that disregards the relationship between the variables of this construct.

KEYWORDS: Borderline disorder, self, false self, winnicott, structuring.

1 | TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE E A ESTRUTURAÇÃO DO SELF

A sociedade se encontra em constante mudança, adequando-se ao contexto no qual se encontra. Freud considerava que a sociedade de sua época era majoritariamente neurótica, tendo em seus alicerces os mecanismos de repressão e recalque, assim como mecanismos de socialização e de regulação social, como por exemplo, o casamento. Marinho e Ratto (2016) explicam que valores que norteiam a sociedade, como o casamento - baseado na religião, honra, honestidade e amor - tornam-se mutáveis, o que colabora no aumento da solidão individual, fazendo com que a dúvida sobre quem se é de fato se torne algo corriqueiro.

Portanto, em uma sociedade onde a busca pelo gozo se sobressai à vontade de segurança, não existem mais papéis pré-estabelecidos, fazendo com que os indivíduos busquem constantemente a satisfação das demandas Superegoicas, assim como a realização dos próprios desejos, ainda que tal satisfação seja apenas aparente. Marinho e Ratto (2016) concluem que um indivíduo com um perfil de personalidade estritamente neurótico teria dificuldades em se adaptar à essa sociedade contemporânea, especialmente em relação ao mundo do trabalho, pois se faz necessária a capacidade de flexibilidade e de adaptação, que se tornam exigências diárias. Por este motivo, este tipo de cobrança vem a contribuir para uma personalidade mais próxima de um indivíduo borderline, pois seu Superego influenciável o torna apto a acompanhar as constantes mudanças da sociedade, que acaba por auxiliar em um possível aumento de sintomas borderline em indivíduos neuróticos.

Em uma revisão sistemática de estudos psicanalíticos, Macedo e Silveira (2012) inferem que o conceito de Self, em uma perspectiva winnicottiana, é essencialmente dualista, referindo-se ao Ego como uma estrutura mental, assim como a uma experiência subjetiva e individual de si mesmo, constituindo a subjetividade e o psiquismo humano, pressupondo uma oposição entre o mundo interno e externo. Marinho e Ratto (2016) defendem que a construção do Self ocorre devido à memória autobiográfica, alegando que as experiências vividas ao longo da vida de um sujeito interferem diretamente sobre este.

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014) apresenta diversos critérios quanto à classificação do TPB, tais como: esforços desesperados para evitar abandono real ou imaginado; padrão de relacionamentos interpessoais instáveis e intensos caracterizado pela alternância entre extremos de idealização e desvalorização; perturbação da identidade; impulsividade em pelo menos duas áreas potencialmente autodestrutivas; recorrência de comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou de autoagressão; instabilidade afetiva devido a uma acentuada reatividade de humor; sentimentos crônicos de vazio; raiva intensa e inapropriada, ou dificuldade em controlá-la; e ideação paranoide transitória associada a estresse ou sintomas dissociativos intensos

(APA, 2014). Além disso, são vistos como extremamente inseguros, a ponto de se sentirem completos apenas com ajuda de terceiros (Whitbourne & Halgin, 2015).

Neste contexto, a questão principal que norteia este trabalho se dá através da possibilidade de haver uma relação entre o TPB e a forma como o Self de um indivíduo se constitui. Este assunto, entretanto, ainda foi pouco difundido e pesquisado pela literatura, e, por isso, não se encontra completamente claro para os estudantes e profissionais da área da saúde mental. Desta maneira, faz-se pertinente a seguinte questão: se existe, de fato, uma relação entre o TPB e a constituição do Self, de que forma isso ocorre?

Objetiva-se com este trabalho verificar de que forma o TPB interfere na estruturação do Self de uma pessoa, caso a mesma ocorra. Tem-se ainda como propósitos identificar os aspectos teóricos relacionados ao TPB; apresentar os aspectos teóricos relacionados à estruturação do Self, a partir da visão winnicottiana; e apontar a concordância entre estes.

Esta investigação se reveste de importância uma vez que pretende trazer à luz da ciência, de forma clara, a relação entre dois fatores que podem vir a ajudar a tornar mais esclarecido um transtorno que ainda é motivo de muitas dúvidas aos seus pesquisadores. A vigente elaboração será dividida em cinco seções. Na primeira, será abordada a metodologia realizada para a composição do artigo. A segunda seção tratará sobre o TPB, explicitando suas características. Na terceira, será exposta uma conceituação acerca do termo Self, definido inicialmente por Winnicott. Na quarta seção, será discutida a relação entre os termos analisados anteriormente. E, por fim, a quinta consistirá na conclusão dos autores acerca de todo o trabalho realizado.

2 | METODOLOGIA

O presente trabalho elaborado trata-se de uma pesquisa teórica, baseada na descrição do TPB apresentada pelo DSM-V e sua relação com a estruturação do Self descrita por Donald Winnicott (1983), e é instrumentalizada por uma revisão bibliográfica dos dois temas e suas relações.

A revisão sistemática se constitui de uma síntese profunda de tudo aquilo que se mostra pertinente para a pesquisa, de acordo com sua questão inerente, pois demanda a superação de vieses em todas as etapas, seguindo um método rigoroso de busca e seleção de pesquisas, faz uma avaliação da relevância e da validade das apurações encontradas e visa, ainda, um resumo e interpretação dos dados provenientes dos resultados encontrados. É uma súmula das informações disponíveis em um recorte específico de tempo, sobre um problema apresentado de forma objetiva e reproduzível, através de método científico, de acordo com Galvão, Sawada e Trevizan (2004).

Por fundamentos tem o esgotamento na procura dos estudos analisados, a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos e a avaliação da qualidade metodológica (Galvão, Sawada & Trevizan, 2004). É um recurso que envolve

aplicação de estratégias científicas, limitando quaisquer vieses, avaliando criticamente e sintetizando todos os estudos relevantes que respondam à pergunta específica e promova, ainda, a atualização dos profissionais da área.

3 I TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE

Dalgalarrondo e Vilela (1999) fizeram um breve histórico sobre o surgimento do termo TPB. De acordo com os autores, este foi reconhecido na década de 1980, pelo DSM-III, embora Kahlbaum tenha nomeado os sintomas referentes a este transtorno pela primeira vez em 1890, o chamando de Heboidofrenia. Tal nomenclatura evoluiu com o passar do tempo, Bleuler (1911) e Rorschach (1921), por exemplo, se referiam ao transtorno como Esquizofrenia Latente. Da mesma forma, Deutsch (1942), utilizou o termo personalidade “Como Se”. Na década de 1976, o CID-9 o nomeou como esquizofrenia latente ou borderline, dentre outros autores que vierem a nomear este transtorno posteriormente, até chegar ao consenso do termo TPB.

Embora os diagnósticos de transtorno de personalidade tenham surgido com a finalidade de facilitar na classificação e identificação dos mesmos, se faz necessário pontuar que tais diagnósticos muitas vezes apresentam falta de validade discriminatória, sendo comum, portanto, que muitos destes transtornos possuam características semelhantes (Gabbard, 2016). Essa semelhança se mostra ainda mais presente nos transtornos de personalidade do Cluster B, referentes a pacientes que apresentam aspectos dramáticos, emocionais e de pensamento e comportamento imprevisível, que engloba, além do TPB, os transtornos Histriônico, Narcisista e Antissocial, segundo o DSM V, Seção II (Araújo & Neto, 2014), no qual muitos pacientes apresentam características que pertencem a dois ou mais transtornos.

Um estudo revisado por Gabbard (2016) de um experimento realizado com aproximadamente sessenta pacientes hospitalizados em Chicago, sugeriu quatro possíveis subgrupos existentes em pacientes borderline, sendo que nos dois extremos se encontrava a chamada “fronteira psicótica”, e a “fronteira neurótica”. Entre esses dois extremos, havia também um grupo com afetos predominantemente negativos, além de dificuldades em manter relações interpessoais estáveis; e outro grupo definido pela falta generalizada de identidade, o que os impulsionam a agirem de forma a tomar para si a identidade de terceiros.

Graças a esta análise, foi identificado também quatro aspectos principais que, independentemente de qual subgrupo o indivíduo se encontre, mostraram-se presentes caso este possua a “síndrome borderline”, como fora nomeada até aquele momento. Essas quatro características podem ser definidas em: sentimento de raiva como principal e/ou único afeto; déficits nas relações interpessoais; ausência de identidade consistente do Self; e depressão generalizada. Esse estudo contribuiu para o esclarecimento de que a

chamada síndrome borderline se diferenciava da esquizofrenia, pois, ao contrário desta última, os mesmos apresentam uma “instabilidade estável” (termo que já vinha sendo usado por alguns autores, como Schmideberg, caracterizado não por uma estabilidade provisória, mas uma instabilidade permanente). Tal descoberta serviu para refutar a crítica de alguns céticos em cima da chamada síndrome borderline, que acreditavam que esta não se diferenciava da esquizofrenia (Gabbard, 2016).

Em um estudo revisado pelo autor, foi constatado que pacientes do sexo feminino tendem a ser frequentemente mais diagnosticadas com TPB do que pacientes do sexo masculino, em uma porcentagem de 71 a 73%. Revisando a literatura, também é possível perceber que existem diferenças na manifestação da sintomatologia entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Observa-se que pacientes masculinos possuem maior tendência a apresentar maior probabilidade de transtorno de abuso de substância, preenchendo alguns critérios do Transtorno de Personalidade Antissocial, sendo, muitas vezes, rotulado como antissociais, ao invés de borderline. Pacientes do sexo feminino, por sua vez, apresentam maior probabilidade de transtornos alimentares (Gabbard, 2016).

Lopes (2017) aponta que existem diversas visões psicanalíticas sobre o TPB, defendidas por alguns estudiosos da área. Primeiramente, existem aqueles que o negam como uma nova estrutura psíquica, sendo defendido como um estado do psiquismo humano no qual o indivíduo se encontra em uma fronteira entre a neurose e a psicose. Outras visões teóricas sugerem que esta psicopatologia se encontra diluída entre as estruturas neuróticas, psicóticas e perversas. Entretanto, outros estudiosos defendem este transtorno como uma nova estrutura psíquica, possuindo suas próprias características e demandas específicas e peculiares.

Gabbard (2016) constatou que, da mesma forma como ocorre em diversos outros transtornos de personalidade, o fato de a criança ter sido negligenciada em sua infância está intimamente relacionado ao aumento de sintomas do TPB. Foram vinculados os sintomas borderline que ocorrem na idade adulta com o fato de o sujeito ter sido negligenciado e sofrido abuso sexual na infância. Entretanto, em seus estudos, não foram constatadas a relevância do abuso físico neste processo. Constatou-se ainda que uma das consequências de o sujeito vivenciar interações traumáticas precoces com genitores ou cuidadores na infância, é que as mesmas podem resultar em uma hipervigilância persistente, fazendo com que este sinta a necessidade de avaliar de forma minuciosa o ambiente em que se encontra, acreditando haver possibilidades de terceiros possuírem intenções maliciosas para consigo, comportamento que pode ser observado em pacientes com TPB.

Lopes (2017) afirma ainda que há convergência na academia quando se referem aos possíveis problemas de identidade do sujeito borderline. É alegado que pessoas com TPB demonstram constante angústia, o que os impedem de transmitir uma imagem integrada de si mesmos, trazendo dicotomia e ambiguidade em relação à própria identidade. O autor também se refere ao critério de “Sentimentos crônicos de vazio” (APA, 2014, p. 663),

o definindo como um sentimento que tende a levar o sujeito borderline a experimentar angústia e frustração constante, o motivando a apresentar comportamentos impulsivos e autodestrutivos, visando preencher este vazio. A persistência e cronicidade do sentimento de vazio faz com que o indivíduo borderline transforme sua personalidade em uma cópia da personalidade das pessoas que lhe são próximas, segundo Whitbourne e Halgin (2015).

Além disso, por conta dessa constante busca por “algo a mais”, idealizada pelo mesmo, e temendo um abandono imaginário, o indivíduo está sujeito a satisfazer os desejos do outro, apoiando-se no mesmo, o que demonstra que sua personalidade se encontra fragilizada, devido a tais influências externas. Em um estudo realizado por Mاتيoli, Rovani e Noce (2014), com um enfoque na visão psicanalítica, foi demonstrado que pessoas com TPB costumam lidar constantemente com a falta de uma personalidade bem constituída, sentindo medo de ser “invadido” por ideias dos outros, deixando de se tornarem elas mesmas.

Neto (2007), em seus estudos e experiências clínicas, relata que um sujeito borderline é caracterizado pelo vazio e pela falta de individualidade que sente, características que se mostram evidentes na vida emocional, assim como em sua estrutura moral. Tornam-se sujeitos sem caráter e princípios, com seus ideais e convicções se limitando a simples reflexos de outra pessoa, assim como falhas na memória, sendo incapazes de constituir uma história de vida.

Gabbard (2016) percebeu que os pacientes borderline possuem tendência a se distanciar da realidade, devido à ausência de estrutura ou pressão de afetos intensos, e que seu mecanismo de defesa mais utilizado é a cisão, um processo ativo de separação de introjeções e afetos contraditórios entre si. Dessa forma, a cisão age como uma forma de determinar o “objeto” em “totalmente bom” ou “totalmente mau”, em uma visão polarizada no que se refere a terceiros, ao invés de enxergá-las como um misto de qualidades positivas e negativas. Dessa forma, indivíduos com organização borderline de personalidade não possuem a capacidade de reconhecer as experiências internas de outra pessoa, o que resulta em alterações entre idealização e desvalorização do mesmo por parte do indivíduo.

Definiu-se três fatores abrangentes que se relacionam à etiologia multifatorial do TPB, sendo estes: ambiente doméstico traumático e caótico, que envolve separações precoces prolongadas, negligência, desarmonia emocional na família, e insensibilidade aos sentimentos e às necessidades da criança e trauma em graus variados; temperamento vulnerável devido à base biológica; e eventos desencadeadores, como a tentativa de estabelecer uma relação íntima, sair de casa ou vivenciar um estupro (ou qualquer situação traumática), servindo como um catalisador para produzir os sintomas do transtorno. Gabbard (2016) enfatiza que muitos pacientes borderline apresentam dificuldades para apreciar e reconhecer que os estados percebidos em si mesmos e nos outros são subjetivos e passíveis de falha, além de não representarem uma verdade absoluta, mas apenas uma das inúmeras perspectivas possíveis. Devido à ausência de um apego seguro na infância,

se torna dificultoso para uma criança discernir os próprios estados mentais, assim como os de outros, algo que se assemelha ao que ocorre com sujeitos borderline.

Pacientes com transtorno borderline tendem a apresentar padrões característicos de fragilidade do ego, além de operações defensivas primitivas e relações objetais problemáticas (que se refere à relação do sujeito com o “objeto” amado e idealizado, que, neste caso, pode ser definido por outra pessoa). Além de alguns aspectos comportamentais discriminatórios que podem ser observados em pacientes borderline, sendo estes: pensamentos próximos ao psicótico, automutilação, comportamentos suicidas manipulativos, preocupações com abandono/aniquiação, exigências irrealistas, regressões no tratamento e dificuldades contra transferenciais encontradas pelos terapeutas que os atendem, o que dificulta o tratamento destes pacientes (Gabbard, 2016).

4 | SELF

Consoante a Outeiral, Hisada e Gabriades (2001), Winnicott esclarece sobre o conceito de Self, alegando que este pode ser definido, em sua totalidade, como o próprio sujeito, que foi determinada através do processo maturacional, que se refere a experiências adquiridas ao longo da vida. Embora Winnicott estabeleça uma diferença entre os conceitos de Self e de Ego, nem sempre estes ficam esclarecidos em seus textos, mas torna-se claro que o Self surge como uma potencialidade no sujeito quando este ainda é um bebê, e que, caso o mesmo se encontre em um ambiente favorável, este se desenvolverá ao ponto do indivíduo conseguir entender quem ele realmente é.

Macedo e Silveira (2012) trazem a ideia de que o conceito de Self é tanto uma estrutura mental como uma experiência subjetiva e individual de si mesmo, constituindo a subjetividade e o psiquismo humano. Dessa forma, a construção deste ocorre devido à memória autobiográfica, e as experiências vividas ao longo da vida de um sujeito interferem diretamente sobre o mesmo.

Outeiral et al. (2001), em uma síntese dos estudos de Winnicott, chegou à conclusão de que o Self se faz presente desde o início da vida do sujeito, e que se faz perceptível a partir do gesto espontâneo da criança. Entretanto, esta estrutura só receberá significado a partir das idas e vindas da mãe, que representa a projeção das necessidades do indivíduo, assim como a introjeção dos cuidados ambientais.

Em outras palavras, segundo Winnicott (1983), sempre que se fala sobre o Self no processo de desenvolvimento, é necessário considerar o comportamento e a atitude da mãe, uma vez que a dependência do lactente é real e quase absoluta, o que impossibilita que o foco seja unicamente a criança.

Ao ir de encontro ao fundamento do Self, deve-se iniciar pela origem do Falso Self, que é melhor observável na fase das relações objetais (relações entre o indivíduo e o objeto amado), na qual o lactente se encontra na coesão entre os vários elementos sensório-

motores resultantes do envolvimento materno, de modo contínuo, simbolicamente e fisicamente (Winnicott, 1983). Frequentemente a criança expressa um impulso espontâneo, o que se origina do Verdadeiro Self, indicando a existência de sua existência em potencial.

Em contrapartida, em um ambiente desfavorável, que pode ocorrer devido à incapacidade materna em nutrir as necessidades da criança, ou à ausência da função paterna, o Verdadeiro Self é forçado a se desenvolver, visando proteger-se, a partir de mecanismos de defesa, vindo a gerar o Falso Self, nomeado como Self Adaptativo, por alguns autores (Outeiral et al., 2001).

A mãe não-suficientemente boa não tem a capacidade de satisfazer a onipotência da criança, falhando repetidamente em atender o gesto espontâneo da criança, que ela vem a substituir pelo seu, deixando o lactente em posição submissa (Winnicott, 1983). Essa submissão da criança é o momento inicial do Falso Self, que é ocasionado pela inabilidade da mãe de perceber as necessidades da criança.

Nos casos extremos do desenvolvimento do Falso Self, o Verdadeiro Self permanece encoberto, tornando a espontaneidade algo que não fora experimentado pelo lactente, fazendo com que a submissão se torne a referência primordial e a imitação uma propriedade, tal qual afirmado por Winnicott (1983). Podendo, ainda, ser visto como uma defesa contra a exploração ou aniquilação do Verdadeiro Self. Portanto, o Falso Self teria função de defender, proteger e ocultar o Verdadeiro Self. De acordo com Silva, Lima e Pinheiro (2014), o Falso Self faz parte da organização do sujeito e tem papel de mediador entre o Verdadeiro Self e o mundo externo.

Segundo Neto (2007), o fato de um sujeito crescer em ambiente tóxico faz com que o Falso Self se torne seu principal componente de defesa, de uma proteção necessária para a sobrevivência do Verdadeiro Self. O Falso Self vem então com o papel de garantir a existência do Verdadeiro Self. Nesse sentido, este sempre se forma como uma barreira, ora mediante o ambiente, ora mediante os impulsos vitais ameaçadores, caso o indivíduo tenha se visto desamparado, muitas vezes perante uma situação intimidadora que o levaria ao colapso iminente.

No que se refere ao Verdadeiro Self, Outeiral et al. (2001) o classifica como uma forma de potencializar o desenvolvimento físico e psíquico com o qual a criança nasce. Tal potencial é definido de acordo com o ambiente no qual o sujeito se encontra. Em um ambiente facilitador, caracterizado por uma mãe suficientemente boa, o gesto espontâneo da criança é estimulado, manifestando o Verdadeiro Self.

Conforme Winnicott (1983), a mãe suficientemente boa estimula a onipotência da criança, a partir de suas funções maternas, e, encontrando propósito nisso, o repete várias vezes. Com isso, um Verdadeiro Self surge mediante ao auxílio complementar vindo da mãe ao Ego da criança, ocasionado pelo suprimento da onipotência do lactente. A princípio, então, este é o ponto abstrato que proporciona o gesto espontâneo e a ideia pessoal. O gesto espontâneo é o Verdadeiro Self em prática, sendo criativo e real, como apenas ele

pode ser, uma vez que o Falso Self proporciona a sensação de irrealidade e insignificância.

O Verdadeiro Self decorre da vitalidade presente nos tecidos corporais e da execução das funções do corpo, englobando batimento cardíaco e respiração. Desta forma, é fundamentalmente primário e não-reativo aos estímulos ambientais. Portanto, a função deste consiste em reunir os pormenores da experiência que é viver e, em segundo plano, tentar compreender o Falso Self (Winnicott, 1983).

De acordo com Winnicott (1983), há a manifestação do Verdadeiro Self de imediato após o despontamento de qualquer organização mental que pertença ao sujeito, indo além da reunião do viver sensorio-motor. O mesmo evolui em direção à complexidade, se relacionando com a realidade extrínseca através de processos naturais, desenvolvidos no lactente com o decorrer do tempo. Assim, a criança tem a capacidade de interagir e reagir aos impulsos exteriores sem perturbações, pois o impulso tem uma compensação na realidade interna/psíquica do indivíduo.

5 | DISCUSSÃO

O TPB consiste em características como o medo do abandono real ou imaginado; instabilidade e sentimentos exorbitantes nos relacionamentos interpessoais; conflito de identidade; impulsividade e tendências autodestrutivas; pensamentos ou comportamentos suicidas ou de autoagressão; labilidade de humor; sentimentos crônicos de vazio; raiva intensa e inapropriada, ou dificuldade em controlá-la; paranoia devido ao estresse e dissociações (APA, 2014). Entretanto, Gabbard (2016) adverte que, devido às características semelhantes, os transtornos de personalidade apresentam falha de validação discriminatória.

Pesquisadores como Lopes (2017), Whitbourne e Halgin (2015), e Mattioli, Rovani e Noce (2014) se focaram em estudar a questão do sentimento de vazio que indivíduos com TPB costumam sentir, argumentando que ao mesmo tempo que esta sensação interfere na construção da personalidade dos mesmos, fazendo com que possuam a tendência de copiar personalidades alheias, estes também temem serem expostos e “invadidos” por ideias dos outros, perdendo sua individualidade.

Gabbard (2016), revisando estudos realizados acerca do TPB, afirma que a incidência de negligência e abuso sexual durante a infância está associado à ocorrência de sintomas do TPB na idade adulta. O autor acrescenta que o fato do sujeito ter sido exposto à traumas precoces na infância resulta em um quadro de hipervigilância persistente, o tornando uma pessoa apreensiva.

Outerl et al. (2001) define Self como sendo o próprio sujeito, determinado através das experiências adquiridas ao longo da vida, conceito este que foi exposto anteriormente por Winnicott. Macedo e Silveira (2012), trazem a proposta de que o Self se firma como uma estrutura mental, assim como uma experiência subjetiva e individual do próprio sujeito,

o que constrói sua subjetividade e psiquismo. Outeiral (2001) alega que o Self se constitui desde o começo da vida humana, se revelando a partir do gesto espontâneo da criança. Conclui então que o Self se consolida no sujeito dependendo da forma como os desejos da criança serão atendidos pelo seu responsável. Nesse aspecto, tanto Winnicott (1983) quanto Outeiral et, al (2001) argumentam que o Verdadeiro Self surge devido à estimulação da onipotência na criança, e que este pode ser caracterizado pelo gesto espontâneo da mesma.

Winnicott (1983) traz também a definição do Falso Self, como uma forma de defender o Verdadeiro Self, impedindo sua aniquilação. Essa forma de proteção surge em ambientes desfavoráveis para o sujeito, onde sua espontaneidade não tenha sido explorada. Neto (2007) posteriormente surge com estudos que reafirmam a definição exposta por Winnicott, de que a vivência de um indivíduo em um ambiente tóxico torna o Falso Self seu principal mecanismo de defesa, ou seja, uma forma de manter o Verdadeiro Self protegido, servindo como uma barreira contra situações intimidantes, que poderiam vir a levar ao colapso deste Self.

Gabbard (2016) chegou à conclusão que sujeitos TPB frequentemente sofrem de perda de contato com a realidade, e possuem a tendência de polarizar seu ponto de vista sobre determinadas pessoas, as definindo como “totalmente boas” ou “totalmente más”. Estudos posteriores demonstram que essa polarização também se faz presente na própria integração de Self do sujeito, o que dá origem, muitas vezes, a uma personalidade contraditória.

Em um estudo realizado por Matioli, Rovani e Noce (2014), com um enfoque na visão psicanalítica, foi demonstrado que uma das principais características de uma pessoa com o TPB se define pela falta de um Self constituído, tendo que lidar constantemente com esta falta, sentindo medo de ser “invadido” por ideias dos outros, deixando de se tornar si mesmo. A persistência e cronicidade do sentimento de vazio faz com que o indivíduo borderline transforme sua personalidade na das pessoas que lhe são próximas, segundo Whitbourne e Halgin (2015), se colocando em uma posição submissa, como pode ser visto desde o surgimento do Falso Self.

Falso Self este, que, de acordo com Silva, Lima e Pinheiro (2014) faz parte da organização do sujeito e tem papel de mediador entre o Verdadeiro Self e o mundo externo. Questão essa que também foi abordada nos estudos de Gabbard (2016), no qual foi identificado que a ausência de identidade consistente do Self se caracteriza como um dos aspectos principais do TPB. Neste sentido, a falta de um Self bem estruturado pode vir a ocasionar o uso do Falso Self como uma defesa por parte de sujeitos com este transtorno de personalidade, apresentando assim características e comportamentos contraditórios ou copiados dos de familiares e amigos próximos, de forma a proteger seu Verdadeiro Self.

Há partir dos estudos realizados por Gabbard (2016), assim como por Neto (2007), pode-se perceber uma correlação entre o surgimento do TPB e do Falso Self, pois ambos

são potencializados a partir de um ambiente tóxico e de negligência, tendo nele o seu possível surgimento e desenvolvimento.

No que diz respeito a um contraponto, nada foi encontrado diferente sobre a teoria do Self e a forma como sua estruturação, ou falta dela, se relaciona com o TPB. Quanto ao TPB, encontrou-se apenas linhas teóricas que não o consideram como um transtorno. Mas há a perspectiva neurobiológica, que segundo Carneiro (2004), afirma existir uma conexão deficiente em várias áreas cerebrais associadas aos sintomas de TPB, que, através de uma ressonância magnética funcional, demonstra uma hiperativação da amígdala relativa às expressões faciais e emoções negativas. Enquanto Dornelles (2009) completa afirmando que a dificuldade de controle inibitório, ou seja, o comportamento impulsivo do TPB é ocasionado pela carência em uma porção dorsolateral do córtex pré-frontal.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir do que foi exposto anteriormente, pode-se considerar o TPB como um transtorno multicausal e difícil de ser reconhecido devido às intersecções que se relacionam com outros transtornos. É caracterizado por inúmeros fatores, contudo, nesta revisão sistemática, ressalta-se a dissocação, os sentimentos crônicos de vazio e os conflitos de personalidade. Alguns autores presumem que estas características agem de forma a diferenciar a construção da personalidade dos indivíduos, ocasionando em uma constituição não-saudável do Self.

O Self, em síntese, se refere à reestruturação mental do sujeito, constituindo-se através das vivências do mesmo, especialmente na infância, época em que depende de um responsável para adquirir sua espontaneidade. A formação do sujeito ocorrendo conforme a expectativa resulta no desenvolvimento do Verdadeiro Self, que é estimulado pela sensação de onipotência experimentada pela criança. Caso não seja estimulado como esperado, há o surgimento do Falso Self, como uma forma de impedir que as ameaças externas extingam o Verdadeiro Self do sujeito.

Retomando, assim, o objetivo geral desta pesquisa, a saber, verificar se há uma relação entre o TPB e a estruturação do Self, assim como explicitá-la, pode-se chegar à conclusão que, de acordo com todo o estudo que foi apresentado até o momento, há de fato uma relação entre o TPB e o Self de um indivíduo, relação esta que se mostra através de sintomas específicos do transtorno, que se correlacionam com a definição de Falso Self. Em outras palavras, a pesquisa demonstrou que um sujeito com TPB, caso possua sintomas específicos como o vazio existencial e conflitos de personalidade, provavelmente também passou pelo processo inconsciente de estruturação de um Falso Self.

Faz-se necessário também ressaltar que, embora tenham sido encontrados autores que defendem pontos contrários ao daqueles usados para embasar cientificamente este artigo, não foi encontrada nenhuma pesquisa que de fato descartasse ou argumentasse

contra a relação existente entre o transtorno e o Self. Não é possível também ter a dimensão sobre até onde um fator exerce influência sobre o outro. Ou seja, não se sabe qual dos fatores podem ter contribuído para originar o outro em um sujeito, embora a relação entre os dois tenha se mostrado presente no estudo realizado.

Sendo assim, ressalta-se a importância de que futuras pesquisas possam vir a se focar nesta questão paradoxal, pois, como demonstrado na introdução deste artigo, a necessidade de se compreender o TPB se mostra cada vez mais presente, devido à uma possível potencialização deste tipo de personalidade a partir de uma sociedade contemporânea cada vez mais mutável e que exige uma maior capacidade adaptativa do indivíduo.

REFERÊNCIAS

APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; NETO, Francisco Lotufo. **A Nova Classificação Americana para os Transtornos Mentais – o DSM-V**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v.16, n.1. São Paulo. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007

CARNEIRO, Lígia Lorandi Ferreira. **Borderline – No Limite entre a Loucura e a Razão**. Ciência & Cognição, v.03, pág. 66-68, Rio de Janeiro – RJ. 2004. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/viewFile/469/256>

DALGALARRONDO, Paulo; VILELA, Wolgrand Alves. **Transtorno borderline: história e atualidade**. Scielo. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rjpf/v2n2/1415-4714-rjpf-2-2-0052.pdf>

DORNELLES, Vinícius Guimarães. **Avaliação Neuropsicológica em Indivíduos com Transtorno de Personalidade Borderline**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – PUCRS. 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/672#preview-link0>

GABBARD, Glen Owens. **Transtornos da Personalidade do Grupo B – Borderline**. Psiquiatria Psicodinâmica na Prática Clínica (5ª Edição). Editora Artmed. Pág. 427-470. 2016.

GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. **Revisão Sistemática: Recurso que Proporciona a Incorporação de Evidências na Prática da Enfermagem**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v.12, n.3, pg. 549-556. Ribeirão Preto – SP. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14>

LOPES, Yan de Jesus. **A Psicopatologia do Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) e suas Características Diagnósticas**. O Portal dos Psicólogos. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1154.pdf>

MACEDO, Lídia Suzana Rocha; SILVEIRA, Amanda da Costa. **Self: Um Conceito em desenvolvimento**. Scielo. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n52/14.pdf>

MARINHO, Kamila Ferreira; RATTO, Cleber Gibbon. **Modo Borderline e o Mundo do Trabalho: um ensaio sobre implicações e perspectivas atuais**. Scielo. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n1/1984-0470-sausoc-25-01-00171.pdf>

MATIOLI, Matheus Rozário; ROVANI, Érica Aparecida; NOCE, Mariana Araújo. **O Transtorno de Personalidade Borderline a partir da visão de Psicólogas com Formação em Psicanálise**. Pepsi. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-70852014000100009

NETO, Alfredo Naffah. **A Problemática do Falso Self em Pacientes do Tipo Borderline: Revisando Winnicott**. Revista Brasileira de Psicanálise, v.41, n.4, pg. 77-88. São Paulo – SP. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n4/v41n4a08.pdf>

SILVA, Gustavo Vieira; LIMA, Andrea de Alvarenga; PINHEIRO, Nadjara Nara Barbosa. **Sobre os conceitos de verdadeiro self e falso self: reflexões a partir de um caso clínico**. Círculo de Psicanálise do Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno30_pdf/08_Sobre_os_conceitos_de_verdadeiro_self_e_falso_self.pdf

OUTEIRAL, José; HISADA, Sueli; GABRIADES, Rita. **As Origens do Self: Uma Bricollage, Winnicott Seminários Paulistas**. Casa do Psicólogo Editora, pág. 14-25. 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=_eNzHb1VIR8C&oi=fnd&pg=PA13&dq=surgimento+d+o+verdadeiro+e+falso+self&ots=F7kvrMPSWF&sig=jZUNRs7f_0lzt9IS8Y4IOaeKU#v=onepage&q=surgimento%20do%20verdadeiro%20e%20falso%20self&f=false

WINNICOTT, Donald Woods. **Distorções do Ego em termos de Falso e Verdadeiro Self**. O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. Artmed Editora, Porto Alegre – RS, pág. 128-136. 1983. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/lucimariarangel/winnicott-d-w-o-ambiente-e-os-processos-de-maturao>

WHITBOURNE, Susan Kraus; HALGIN, Richard. **Psicopatologia – Perspectivas Clínicas dos Transtornos Psicológicos**. Editora Artmed, 7ª Ed. Porto Alegre – RS. 2015.

CAPÍTULO 3

A METÁFORA DA GUERRA NO SUJEITO DO INCONSCIENTE FREUDIANO: UMA LEITURA EM *PORQUE A GUERRA?*

Data de aceite: 25/03/2021

Ezequiel Martins Ferreira

<http://lattes.cnpq.br/4682398500800654>

E que a força do medo que tenho,
não me impeça de ver o que anseio.
Que a morte de tudo o que acredito
não me tape os ouvidos nem a boca
Porque metade de mim é o que eu grito,
mas a outra metade silêncio.

Oswaldo Montenegro

RESUMO: Este artigo busca refletir sobre a noção de sujeito na produção de Sigmund Freud, especificamente em sua carta-resposta a Albert Einstein que leva o título: *Porque a Guerra*. Partindo da noção de conflito pulsional em consonância com a própria Guerra Mundial que os cercava, os autores discutem possibilidades de alteração dessa pulsão destrutiva que se apoderava na primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente, Pulsão, metáfora, conflito pulsional.

ABSTRACT: This article seeks to reflect on the notion of subject in the production of Sigmund Freud, specifically in his letter-response to Albert Einstein that bears the title: *Why War*. Starting from the notion of drive conflict in line with the World War that surrounded them, the authors discuss possibilities of changing this destructive drive that took hold in the first half of the twentieth century.

KEYWORDS: Unconscious, Instinct, metaphor, instinctual conflict.

A música de Oswaldo Montenegro me remete à constituição do sujeito pulsional em Freud, e ante tal crise que vivemos tanto em relação à violência política, a ignorância e um risco de extermínio pela situação da *Covid 19*, retomar a constituição do sujeito do inconsciente freudiano pela leitura da guerra, me parece oportuno.

A questão da guerra surge nas obras de Sigmund Freud em 1915, logo após ter início a Primeira Guerra Mundial, em seu texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915), no qual expressa as ideias de desilusão diante da guerra e uma nova atitude frente a morte adquiridas forçosamente pela intervenção desta.

Mas é em 1932 que o tema ressurgiu de uma forma um pouco mais interessante, tanto por sua forma quanto pela sua consistência articulada ao aparelho psíquico. Ressurgiu em resposta as recentes formulações da teoria psicanalítica quanto à vida pulsional do homem, em especial ao que se refere a pulsão de morte¹.

Além de abarcar a reflexão sobre o

¹ Vale ressaltar a diferenciação da terminologia adotada aqui. Apesar tradução *Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* traduzir o termo alemão *Trieb* por instinto, o temos mais apropriado, se apoiando na ideia de que instinto é um "impulso interior que

caráter ambivalente das pulsões, a temática da guerra reaparece nesse período com outra relevância, uma manifestação inesperada quanto a sua fonte, quanto a sua causa, pois se trata de uma correspondência entre Freud e o físico Albert Einstein, e que acaba por mostrar a extensão a que o saber psicanalítico tem adquirido.

Apesar de se tratar, nessa correspondência, da guerra literalmente em questão, após compreender o desenrolar do pensamento dos dois pensadores, sobretudo da ligação entre os fenômenos da guerra e a teoria das pulsões, o uso dela de forma metafórica² cumpre bem o papel de explicitar o regime de funcionamento do aparelho, psíquico daquele que se “extraí” o sujeito do inconsciente freudiano.

Essa correspondência de pontos de vista se operou tendo como dínamo a intervenção da *Liga das Nações* por meio do *Instituto Internacional para Cooperação Intelectual*, ao propor uma discussão por meio de cartas entre “intelectuais de renome ‘a respeito de assuntos destinados a servir aos interesses comuns à Liga das Nações e à vida intelectual’” (p. 191)³.

Einstein foi um dos primeiros a receber a proposta para o intercâmbio, e ao que dizia as normas, ele mesmo escolheria um destinatário, como também o assunto que seria abordado na interlocução entre ambos. Propôs então a participação de Freud à Liga, e ao ser convidado aceita de bom grado a proposta para a correspondência dos pontos de vista.

A carta de Einstein escrita em julho de 1932 apresenta sem rodeios a questão que o motivou a escrevê-la para Freud: “Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?” (p. 193). O questionamento logo seguia com uma breve explicação do que ele mesmo sugeriria como solução nos termos administrativos do problema, e clareando a interpretação de que seu questionamento ali se referiria ao lado da vida pulsional do homem que se manifestava na forma mais vil, a exemplo da guerra que a pouco os atingiu.

Nas palavras de Einstein, ele estava convencido de Freud ser “capaz de sugerir métodos educacionais situados mais ou menos fora dos objetivos da política, os quais eliminarão esses obstáculos” psicológicos que se colocavam diante do homem “cuja existência um leigo em ciências mentais pode obscuramente entrever, cujas inter-relações e filigranas ele, contudo, é incompetente para compreender” (P. 193).

Ainda sobre a situação conflitiva entre os homens em suas relações onde se exerce o poder, elege outra questão que dizia respeito a tendência de que um grupo de pessoas siga as ideias de um outro grupo menor, e sejam impelidos a guerra, expresso em: “como

faz um animal executar inconscientemente atos adequados as necessidades de sobrevivência própria, da sua espécie ou da sua prole” (HOUAISS 2009), seria o termo pulsão, por apresentar além do impulso, a noção deste estar em constante movimentação com a finalidade de “empurrar, impelir-se” para um determinado fim. Pensando nisso, onde se leria instinto referente a obra de Freud, será traduzido aqui por pulsão.

2 O uso da metáfora se aplica, uma vez que esta, em sua formulação, se opera como analogia ao processamento dos mecanismos de constituição do sonho, o qual tem a origem de sua formulação pelos processos de deslocamento, num certo sentido, da significação.

3 Por se tratar de um comentário produzido essencialmente a partir de um outro texto, para que o não fique repetitivo ao leitor o uso das referências, serão usados apenas o número das páginas acompanhando as citações extraídas de “Porque a Guerra” de 1933.

é possível a essa pequena súcia dobrar a vontade da maioria, que se resigna a perder e a sofrer com uma situação de guerra, a serviço da ambição de poucos?” (p. 194).

Considerando ainda as relações de poder estabelecidas, Einstein não pode deixar de elencar a dúvida de como esses mecanismos (da guerra) são capazes de despertar no homem um “entusiasmo extremado, a ponto de estes sacrificarem suas vidas?”. Sugere, ele mesmo, que:

É porque o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição. Em tempos normais, essa paixão existe em estado latente, emerge apenas em circunstâncias anormais, contudo, relativamente fácil despertá-la e elevá-la à potência de psicose coletiva (p. 195).

Em resposta, três meses depois, na carta de Freud, após o desenrolar de uma mitologia sobre a formação dos grupos humanos, passando pelos critérios de dominação, pelas modificações no pensamento e a inclusão do sistema “*L’union fait la force*”, resume em seu percurso todos os elementos que ele mesmo considerava essencial para o desenvolvimento desses grupo considerando a violência como reação “suplantada pela transferência do poder a uma unidade maior, que se mantém unida por laços emocionais entre os seus membros” (p. 199).

Na constituição da comunidade, se estabelece também a normatização, a lei, que sofre de dois lados pressão para promover resultados esperados pelos dois grupos: os governantes e os oprimidos. Estabelecido o conjunto de leis, Freud aponta para “dois fatores em atividade que são fonte de inquietação relativamente a assuntos da lei, mas que tendem, ao mesmo tempo, a um maior crescimento da lei”:

Primeiramente, são feitas, por certos detentores do poder, tentativas, no sentido de se colocarem acima das proibições que se aplicam a todos - isto é procuram escapar do domínio pela lei para o domínio pela violência. Em segundo lugar, os membros oprimidos do grupo fazem constantes esforços para obter mais poder e ver reconhecidas na lei algumas modificações efetuadas nesse sentido - isto é, fazem pressão para passar da justiça desigual para a justiça igual para todos. Essa segunda tendência torna-se especialmente importante se uma mudança real de poder ocorre dentro da comunidade, como pode ocorrer em consequência de diversos fatores históricos. Nesse caso, o direito pode gradualmente adaptar-se à nova distribuição do poder, ou, como sucede com maior frequência, a classe dominante se recusa a admitir a mudança e a rebelião e a guerra civil se seguem, com uma suspensão temporária da lei e com novas tentativas de solução mediante a violência, terminando pelo estabelecimento de um novo sistema de leis. Ainda há uma terceira fonte da qual podem surgir modificações da lei, e que invariavelmente se exprime por meios pacíficos: consiste na transformação cultural dos membros da comunidade (p. 200).

Dizendo dos meios violentos para a solução dos conflitos de interesses, Freud menciona que esses conflitos, essas guerras só terminam “ou pelo saque ou pelo completo aniquilamento e conquista de uma das partes”, e, por outro lado, por mais paradoxal que

possa parecer deve-se admitir que “a guerra poderia ser um meio nada inadequado de estabelecer o reino ansiosamente desejado de paz ‘perene’”, quando essa é capaz de construir um “governo central” que impossibilite o surgimento de outras guerras, mas em contraponto essa forma pode não se sustentar devido à instabilidade, e o resultado das conquistas serem geralmente de “curta duração”.

Como resposta ao questionamento de Einstein: “Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?” (p. 193), Freud parece respondê-la no seguinte parágrafo

As guerras somente serão evitadas com certeza, se a humanidade se unir para estabelecer uma autoridade central a que será conferido o direito de arbitrar todos os conflitos de interesses. Nisto estão envolvidos claramente dois requisitos distintos: criar uma instância suprema e dotá-la do necessário poder. Uma sem a outra seria inútil (p. 201).

Tendo respondido a questão principal, entrega-se a uma explicação de sua teoria das pulsões, a qual por sua vez relaciona com aquilo que o próprio Einstein alega de existir no homem um desejo de ódio e destruição, para inclusive tentar formular a possibilidade ou a impossibilidade de se acabar com essa pulsão que se direciona para a destrutividade, e enfim, a guerra.

Freud delibera haver somente dois tipos de pulsões: “as que tendem a preservar e a unir” - referindo-se as pulsões de vida, também denominadas sexual, ascendendo o termo sexual a uma categoria ampliada do corrente uso do termo sexualidade; e “aquelas que tendem a destruir e matar” tratando aqui das pulsões de morte, que vê no impulso agressivo e destrutivo sua manifestação.

No entanto quando se trata de manifestação real dessas pulsões algo que sempre impediu Freud de isolá-las puramente era seu caráter amalgâmico. Nenhuma é mais essencial do que a outra, os “fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária” de ambas, e nisso não seria possível haver uma ação sem que tivessem no fenômeno as duas pulsões amalgamadas rumo a um objetivo.

Pensando nesse caráter indissociável das pulsões e a exemplo das motivações que levam um indivíduo à guerra, Freud destaca que pode haver “uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados outros jamais mencionados” (p. 203). É certo que haja o desejo de destruição e agressão, mas também há sempre algo que é erotizado, e que vise nisso a preservação da própria vida.

No entanto supor que esse conflito é resolvido de forma pacífica e diferente de uma guerra seria reduzir os esforços dos mecanismos pulsionais. Mesmo que inseparáveis, há nesse sujeito humano um imenso duelo entre preservar a vida e retorná-la a um estado inorgânico, e é exatamente esse duelo, que constitui o sujeito pulsional. No embate e no jogo das pulsões é que se inaugura a existência de um sujeito assim regido por correntes ambivalentes.

Tendo em mente tanto o conflito entre elas quanto a necessidade que uma tem da outra “de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens” uma vez que ela, essa própria ambivalência, é uma das polaridades que constituem esse sujeito. Mas a despeito da crença de Einstein em Freud capaz de sugerir métodos educacionais que ao menos minimizem esses impulsos, Freud sugere que “pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra” (p. 205).

Uma vez sendo graças à pulsão destrutiva que os homens aderem à guerra, medidas poderiam ser tomadas para favorecer “o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens”. Vínculos estes que poderia ser de dois tipos:

Em primeiro lugar, podem ser relações semelhantes aquelas relativas a um objeto amado, embora não tenham uma finalidade sexual. A psicanálise não tem motivo porque se envergonhar se nesse ponto fala de amor, pois a própria religião emprega as mesmas palavras: ‘Ama a teu próximo como a ti mesmo’. Isto, todavia, é mais facilmente dito do que praticado, O segundo vínculo emocional do que utiliza a identificação. Tudo o que leva os homens a compartilhar de interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações. E a estrutura da sociedade humana se baseia nelas, em grande escala (p. 205)

Além disso haveria uma forma via da ‘cultura’, em que uma razão coordenasse as ações humanas. E nesse processo civilizatório muitas coisas são colocadas em posições de maiores questionamentos do que certezas. A exemplo, Freud menciona que talvez esse processo seja comparado ao processo de domesticação de animais, e ele se acompanha por modificações tanto físicas, quanto psicológicas. Dessas últimas, elenca duas como mais importantes: “o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida instintual, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos” (p. 207).

Outra possibilidade que ele levanta com relação ao processo civilizatório, é a extinção da raça, “pois em mais de um sentido ele prejudica a função sexual” ao constatar que “povos incultos e camadas atrasadas da população já se multiplicam mais rapidamente do que as camadas superiormente instruídas” (p. 207).

Freud, acrescenta ainda outra questão em relação a guerra: porque algumas pessoas se revoltam tão violentamente contra a guerra?”. Por que não a aceitam “como mais uma das muitas calamidades da vida?” (p. 206).

Dentre todas as alternativas, ao que ele afirma ter, inclusive, uma base biológica para essa revolta, destaca a possibilidade de extermínio de uma das partes ou até mesmo dos dois. Esse antagonismo pode ser transferido metaforicamente para o próprio conflito pulsional do sujeito, o que retorna à impossibilidade de se eliminar a pulsão destrutiva. É exatamente o jogo dessas pulsões que possibilitam a locomoção do homem rumo a busca pela saciação em seus objetos de desejo.

Metaforizando, assim como faz o poeta Oswald Montenegro em sua música

Metade, o que torna o sujeito humano é ser em seu todo, metades, ser ao mesmo tempo o grito e o silêncio, na medida em que ambos travam um embate, e que independente de qual venha a ser expresso contenta em si ambos.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago 2006, pp. (Publicado originalmente em 1915).

FREUD, Sigmund. Porque a Guerra? In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago 2006, pp. (Publicado originalmente em 1933).

HOUAISS. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Versão Monousuário 3.0. Editora Objetiva, Junho de 2009.

CAPÍTULO 4

CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: ESTUDO COM O QUESTIONÁRIO DESIDERATIVO

Data de aceite: 25/03/2021

Antonio Augusto Pinto Junior

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal Fluminense
<http://lattes.cnpq.br/4137608617042010>

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Professora Livre Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/2830079727932021>

Danuta Medeiros

Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/1949201953530751>

RESUMO: O fenômeno da violência, em sua complexidade e multicausalidade, tem atingido também a adolescência. Percebe-se, atualmente, um interesse cada vez maior sobre a problemática da violência e suas implicações nos contextos sociais e na saúde mental. A associação entre adolescência e violência pode ser considerada como um tema específico deste problema mais amplo, pois os jovens têm sido vitimados pela violência, assim como têm sido também autores de atos violentos. Ao se envolverem com a violência, seja na condição de vítimas ou na de infratores, os adolescentes são expostos a alguma forma de exclusão e/ou sofrimento. Verificam-se na literatura na área, especialmente no Brasil, poucos estudos com instrumentos psicológicos que favoreçam a compreensão e avaliação dessa experiência na saúde mental

de jovens em conflito com a lei. Assim, torna-se necessário aprofundar o conhecimento sobre instrumentos sensíveis a esse tipo de avaliação. O principal objetivo do estudo foi verificar a sensibilidade do Questionário Desiderativo na avaliação de características de personalidade de adolescentes infratores. Compuseram a amostra por conveniência adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária entre 12 e 17 anos, sendo 50 adolescentes que cometeram ato infracional (Grupo clínico) e 100 adolescentes de escolas públicas, sem indícios de autores de ato infracional (Grupo Controle). Foram realizadas entrevistas individuais e a aplicação do Questionário Desiderativo. A análise dos resultados deu-se a partir da categorização e classificação das respostas ao instrumento. Os resultados permitiram identificar algumas características psicodinâmicas dos adolescentes infratores, respaldadas pela literatura científica da área. Destaca-se que grande parte dos participantes (76%) não completou o teste, o que pode ser associado a uma fragilidade egóica decorrente da dificuldade em discriminar o real da fantasia. Observou-se ainda, o percentual maior de resposta narcísica em todas as escolhas dos adolescentes infratores, denotando uma maior dificuldade em estabelecer vínculos com o outro, atuando a partir de motivações narcísicas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, violência, personalidade, psicanálise.

PERSONALITY CHARACTERISTICS OF ADOLESCENTS IN CONFLICT WITH THE LAW: STUDY WITH THE DESIDERATIVE QUESTIONNAIRE

ABSTRACT: Violence, in its complexity and multi-causality, has also reached adolescence. Currently, there is a growing interest in the issue of violence and its implications in social contexts and for mental health. The association between adolescence and violence can be considered as a specific theme of this broader problem, as young people have been victimized by violence, as well as being the authors of violent acts. When engaging in violence, whether as victims or as offenders, adolescents are exposed to some form of exclusion and / or suffering. In the literature in the area, especially in Brazil, there are few studies with psychological instruments that favor the understanding and evaluation of this experience for the mental health of young people in conflict with the law. Thus, it is necessary to deepen the knowledge about instruments sensitive to this type of evaluation. The main objective of the study was to verify the sensitivity of the Desiderative Questionnaire in the evaluation and understanding of personality characteristics of adolescent offenders. The convenience sample consisted of adolescents of both sexes, aged between 12 and 17 years old, with 50 adolescents who committed an offense (clinical group) and 100 adolescents from public schools, with no evidence of being offender (Control Group). Individual interviews were carried out, and the Desiderative Questionnaire was applied. The analysis of the results was based on the categorization and classification of answers to the instrument. The results allowed to identify some psychodynamic characteristics of adolescent offenders, supported by the scientific literature in the area. It is noteworthy that most of the participants (76%) did not complete the test, and that can be associated with an ego fragility resulting from the difficulty in discriminating the reality of fantasy. It was also observed, the higher percentage of narcissistic response in all the choices of adolescent offenders, denoting a greater difficulty in establishing contacts with the other, acting from narcissistic motivations.

KEYWORDS: Adolescence, violence, personality, psychoanalysis.

1 | INTRODUÇÃO

A violência não é marca registrada de nossa sociedade contemporânea. Ela está inscrita na existência humana desde seus primórdios. A cada época ela se manifesta de formas e em contextos diferentes. Contudo, seu incremento na atualidade configura-se como aspecto representativo e problemático da organização da vida social, sendo considerada uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo, além das inúmeras sequelas biopsicossociais em nível individual e coletivo (DAHLBERG; KRUG, 2006).

O fenômeno da violência, em sua complexidade e multicausalidade, tem atingido muito também a adolescência. Os adolescentes, ao se envolverem com a violência, seja na condição de vítimas ou na de infratores, são expostos a alguma forma de exclusão e/ou sofrimento. Na condição de vítima, verifica-se a vivência de situações abusivas e de opressão (AZEVEDO; GUERRA, 2011). Na situação de agressor, o jovem é excluído da possibilidade de viver o exercício da cidadania, por meio da qual pode reconhecer-

se e ser reconhecido como sujeito de direitos e deveres (ECA – BRASIL, 1990). Vários estudos mostram a existência de correlação positiva entre a experiência de vitimização doméstica na infância e a manifestação de comportamentos violentos e/ou disruptivos na adolescência, indicando que o ser vítima e o ser vitimizador representam duas faces de uma mesma moeda (MENEGHEL; GIUGLIANI; FALCETO, 1998, TARDIVO; PINTO JUNIOR, 2010; AZEVEDO; GUERRA, 2011).

No que se refere especificamente à violência cometida por adolescentes em situação de ato infracional, é um fenômeno que vem mostrando um preocupante incremento na atualidade, principalmente nos grandes centros urbanos. Dados de 2014 da Secretaria Nacional de Direitos Humanos apontam que há 60 mil adolescentes cumprindo medidas sócias educativas no Brasil, sendo 14 mil em regime fechado de internação (23,3%), e os demais em regime aberto. Entre os 345 mil brasileiros que cumprem algum tipo de pena, 17,4% são adolescentes com menos de 18 anos, distribuídos em 350 unidades de internação (BRASIL, 2017). Diante de tais números, conclui-se que a juventude vive uma realidade de violência, produzindo efeitos danosos para a constituição da infância e adolescência brasileira (TARDIVO; PINTO JUNIOR, 2008).

Diante desse cenário, Martinez e Abrams (2013) afirmam que é necessário que o trabalho desenvolvido nas instituições responsáveis pelas medidas socioeducativas diferencie-se do mero cumprimento de pena. Os autores discutem que o apoio social é muito relevante na reinserção desses adolescentes, apontando que esse apoio tem sido considerado como uma chave do sucesso para jovens infratores, porém faltam pesquisas empíricas sobre o tema.

Especificamente na tarefa de avaliar e compreender os casos de vitimização infantil e de adolescentes em conflito com a lei, a técnica do Psicodiagnóstico com todos os seus recursos se mostra bastante promissora para esse fim. Neste sentido, Tardivo, Pinto Junior e Vieira (2012) afirmam que no processo Psicodiagnóstico, o papel psicólogo é de vital importância, pois a ele cabe levantar evidências sobre a violência sofrida, e/ou praticada pelo jovem, e sua natureza. O profissional deverá avaliar a gravidade do acontecimento, seu impacto sobre a vítima e os demais membros da família, buscando investigar, principalmente, o risco e o funcionamento psíquico dos envolvidos.

Para tal avaliação, as técnicas projetivas constituem em importante procedimento, pois permitem a análise da área afetivo-emocional do indivíduo. São técnicas extremamente ricas e que auxiliam o aprofundamento no estudo da personalidade em seus vários aspectos. Segundo Grassano (1997), as técnicas projetivas caracterizam-se pela apresentação de uma tarefa relativamente não estruturada, solicitando ao sujeito que interprete ou estruture o estímulo apresentado, a partir do mecanismo de projeção, revelando aspectos fundamentais de seu funcionamento psicológico.

Segundo Miguel (2014), atualmente, as técnicas projetivas têm demonstrado cientificidade na avaliação de características psicológicas em diversos contextos, mas que

demandam estudos que assegurem a sua eficácia e eficiência na tentativa de responder as demandas sociais e as possibilidades de avaliação e previsão do comportamento humano, e que garantam a certificação do Conselho Federal de Psicologia (CFP) para o uso profissional no contexto brasileiro. Dentre as técnicas projetivas utilizadas na avaliação do funcionamento psicológico e estruturação do ego, destaca-se o Questionário Desiderativo.

Essa técnica projetiva foi, segundo Bunchaft e Vasconcellos (2001), apresentada originalmente pelos psiquiatras Pigem e Córdoba em 1946, em Barcelona. O teste consistia basicamente em duas questões: o que gostaria de ser se tivesse de voltar ao mundo não sendo uma pessoa? Por que você fez essa escolha? A resposta escolhida corresponde ao símbolo desiderativo e o porquê da resposta representa a expressão desiderativa. Em 1948, Bernstein reelaborou e ampliou a técnica, solicitando três escolhas e três rejeições com as respectivas explicações. As escolhas e as rejeições são enquadradas em três categorias: animal, vegetal e reino inanimado. Desta forma, ao responder à questão: “O que você gostaria de ser se não fosse uma pessoa? Por quê?”, o examinador elimina a categoria escolhida e formula nova pergunta, obtendo uma nova resposta e procede, assim, também na terceira escolha. No que se refere às rejeições o procedimento é o mesmo. Na primeira rejeição, a partir da questão: “O que você não gostaria de ser se não fosse uma pessoa? Por quê?”, o sujeito responde com uma categoria (animal, vegetal, reino animado) e elimina, assim, esta mesma categoria e, então, o examinador parte para a segunda e terceira categorias. Quando o participante não consegue dar as respostas espontaneamente, pode-se induzir a resposta, ou seja, na pergunta sugere os reinos cujas respostas anteriores não foram incluídos. Essa condição demonstra a possibilidade de dar conta da tarefa que o teste exige, mas com a necessidade de apoio. Se mesmo após induzir as escolhas e ou rejeições, o sujeito não consegue responder a todas as questões do teste, o material parcial obtido é analisado e o teste pode ser, assim, considerado incompleto.

Para Tardivo (1999), a forma como o sujeito capta o enquadre e elabora suas respostas fornece dados a respeito da força e fraqueza do Ego. De acordo com as autoras, é possível analisar o teste através de vários referenciais, mas que o mais conhecido e utilizado é o enfoque kleiniano, pois permite obter informações a respeito de como são os objetos introjetados e projetados pelo examinando.

Ao se buscar a literatura científica mais atual na área, encontram-se, ainda, poucos estudos com o Questionário Desiderativo no Brasil (PINTO JUNIOR et al., 2018), demandando, assim, outras pesquisas de validade para sejam encaminhadas para o CFP, que deverá avaliar sua aplicabilidade junto à população brasileira. Cabe destacar que os autores do presente trabalho também vêm realizando outros estudos com esse instrumento no Brasil.

No contexto da violência doméstica e de adolescentes infratores não foram encontradas pesquisas que utilizam o Questionário Desiderativo como instrumento de avaliação da personalidade. Mas, considerando que a experiência de vitimização e a

delinquência remetem o adolescente a um sofrimento psíquico e/ou conflitos internos que não se manifestam facilmente no plano real e consciente, os testes projetivos, incluindo o Questionário Desiderativo, como bem apontam Tardivo, Pinto Junior e Vieira (2012), podem ser um recurso viável para a sua revelação quando o sujeito não possui a linguagem e/ou a maneira mais adequada para contar o que não pode ou não consegue manejar. Assim, o principal objetivo do presente estudo foi verificar a sensibilidade do Questionário Desiderativo na avaliação e compreensão da experiência emocional de adolescentes infratores.

2 | MÉTODO

Participaram do estudo 50 adolescentes entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos, que cometeram ato infracional e cumprem medida socioeducativa, assistidos por instituições que mantêm contato com o APOIAR¹ (Grupo Clínico) e 100 adolescentes de escolas públicas, sem indícios de serem vítimas de violência doméstica e autores de ato infracional (Grupo Controle). Foram realizadas entrevistas individuais, nas quais aos participantes foram explicados os objetivos da pesquisa e realizada a aplicação do Questionário Desiderativo, instrumento já descrito anteriormente, seguindo as instruções apresentadas por Ninjamkim e Braude (2000).

Destaca-se que foi feito contato com os diretores das instituições para o levantamento dos adolescentes que, segundo eles, se enquadram nos critérios de vitimização e conflito com a lei, e da mesma forma, para o grupo controle foram feitas entrevistas com os professores, coordenadores pedagógicos e diretores de duas escolas municipais do interior do estado de São Paulo para o levantamento dos participantes que, segundo eles, se enquadravam nos critérios estabelecidos. Posteriormente, foi realizada uma reunião com pais e/ou responsáveis, para explicar os objetivos da pesquisa e para a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a coleta dos Termos de Consentimento assinados pelos responsáveis dos participantes, foram realizadas as entrevistas individuais com os adolescentes e solicitado a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

As aplicações do Questionário Desiderativo foram gravadas e posteriormente transcritas para análise dos dados coletados. Após a transcrição dos áudios gravados, as respostas de cada participante ao Questionário Desiderativo foram analisadas adotando critérios de presença (1) e ausência (0) para todas as categorias de análise, conforme descritas a seguir:

A. Aspectos gerais:

A.1 Teste completo: o sujeito responde a todos os reinos (animal, vegetal e inanimado) com as devidas racionalizações (porquês) nas catexias positivas e negativas.

¹ Grupo de pesquisa e atendimento do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do IPUSP, sob a coordenação da Professora Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo.

A.2 Perseveração: o sujeito apresenta mais de um símbolo em um ou mais reinos nas catexias positivas ou nas negativas. Exemplo: 1+ cachorro, por que é o melhor amigo do homem; 2+ uma borboleta, por que pode voar. Geralmente, quando o sujeito persevera em um ou mais reinos, há necessidade de indução.

A.3 Resposta antropomórfica: São as escolhas de elementos pára-humanos, ou seja, elementos nos quais permanece presente a identidade humana. Exemplo: Super-Homem, Fantasma, Mulher Maravilha, etc.

B. Categorias específicas para as respostas (catexias positivas e negativas):

B.1 Tempo de Reação: refere-se ao lapso de tempo entre a consigna (perguntas feitas a fim de se obter escolhas ou rejeições) e o aparecimento da resposta do participante. Nessa categoria o tempo de reação de cada participante para cada reino foi tabulado em segundos

B.2 Sequência dos reinos: A sequência esperada mantém relação com a expectativa de que uma personalidade saudável terá uma estrutura psíquica na qual predomine o instinto de conservação sobre os impulsos de morte e que, com isso, o ego do sujeito resgate seus aspectos mais vitais para preservar sua integridade frente um ataque ou contrariedade. Para Nijamkin e Braude (2000) a sequência esperada para as positivas deve ser: 1+ reino animal, 2+ reino vegetal e 3+ reino inanimado; com relação às catexias negativas, a sequência não seria necessariamente inversa, mas não seguiria a mesma ordem das positivas.

B.3 Adequação à consigna: refere à capacidade do sujeito de realizar o teste, ou seja, de se imaginar temporariamente como não humano e que não sentiu a consigna como um ataque concreto à integridade de seu Ego, mas que a vivenciou em um nível simbólico (NIJAMKIN; BRAUDE, 2000). Nessa categoria, a resposta foi classificada em adequada, inadequada ou por indução (essa última muito comum em respostas de crianças e adolescentes, segundo Grassano,1997).

B.4 Qualidade da resposta (do símbolo e da racionalização): A qualidade da resposta foi classificada como Convencional (Comum), aquela que a maioria dos sujeitos responde; Original (criativa e adequada), aquela que apresenta menor frequência entre os sujeitos, tendo relação com a criatividade, a intuição, a flexibilidade cognitiva e emocional; ou Bizarra, aquelas muito diferentes, com associações marcadamente idiossincrásicas inapropriadas ou esquisitas.

B.5 Dissociação: capacidade de discriminar os aspectos valorizados dos aspectos desvalorizados e indica a possibilidade de reconhecer situações que geram ansiedade e de identificar os recursos para controlá-la (NIJAMKIN; BRAUDE, 2000). As respostas dos adolescentes foram categorizadas em Dissociação adequada ou inadequada.

B.6 Identificação Projetiva: é o mecanismo pelo qual o Ego deposita um aspecto de si num símbolo com o qual se identifica. No Questionário Desiderativo,

a identificação projetiva é reconhecida por meio da capacidade do sujeito em escolher símbolo adequadamente estruturado e com consistência (NIJAMKIN; BRAUDE, 2000). As respostas dos adolescentes foram categorizadas em Símbolo estruturado ou Símbolo não estruturado.

B.7 Racionalização: procedimento pelo qual o sujeito tenta oferecer uma explicação coerente do ponto de vista lógico ou aceito socialmente para uma atitude, ato, ideia ou sentimento. No Questionário Desiderativo, a racionalização se evidencia quando o indivíduo justifica sua escolha e pode fazê-lo dentro da lógica formal (NIJAMKIN; BRAUDE, 2000). As respostas dos adolescentes foram categorizadas em Racionalização adequada ou inadequada.

B.8 Perspectiva vincular da resposta: refere-se à capacidade ou não do sujeito em estabelecer vínculo ou relação com o outro. Respostas narcisistas incluem racionalizações com ausência de objeto e de relações objetais, e respostas que incluem o outro indicam racionalizações que aludem à presença do outro e de relações objetais (NIJAMKIN; BRAUDE, 2000). As respostas dos adolescentes foram categorizadas em Resposta Narcísica ou Resposta que inclui o outro.

B.9 Escolhas mais frequentes por reino: as catexias positivas do teste representam valores que o sujeito deseja conservar. Já as catexias negativas dizem respeito a valores, atributos e características indesejáveis dos objetos, ou seja, o que se deseja perder, livrar-se, enfim, rejeitar (MEDEIROS; PINTO JUNIOR, 2006).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

São apresentados e discutidos os resultados das categorias de análise nas quais foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos de pesquisa. Em relação à análise dos aspectos gerais do Questionário Desiderativo: Teste Completo, Perseveração e Resposta Antropomórfica, a tabela a seguir apresenta a distribuição dos resultados entre o grupo clínico (adolescentes infratores) e o grupo controle. Para avaliar a significância entre eles, comparou-se os grupos, destacados na mesma tabela os valores de p do teste Qui-quadrado de Pearson.

Categorias	Classe	Grupo		Valor de p
		Controle	Adolescente Infrator	C x AI
Teste Completo	Não	3 (3,0%)	12 (24,0%)	<,0001
	Sim	97 (97,0%)	38 (76,0%)	
Perseveração	Catexia Negativa	18 (18,0%)	6 (12,0%)	0,0730
	Catexia Positiva	13 (13,0%)	7 (14,0%)	
	Catexia Positiva e Negativa	19 (19,0%)	19 (38,0%)	
	Nenhuma	50 (50,0%)	18 (36,0%)	
Resposta Antropomórfica	Catexia Negativa	5 (5,0%)	7 (14,0%)	0,0146
	Catexia Positiva	8 (8,0%)	6 (12,0%)	
	Catexia Positiva e Negativa	1 (1,0%)	4 (8,0%)	
	Nenhuma	86 (86,0%)	33 (66,0%)	

Tabela 1. Distribuição dos participantes quanto às categorias Aspectos Gerais do Questionário Desiderativo

Os dados analisados destacam que na categoria Teste Completo, os participantes do grupo clínico, adolescentes infratores, apresentaram significativo percentual de teste não completo (76%). De acordo com Ninjamkim e Braude (2000), responder a todo o teste do Questionário Desiderativo significa que ele não sentiu a consigna como um ataque à integridade de seu Eu, e que a percebeu em um nível simbólico adequado. Assim, responder ao teste de forma completa é um sinal de fortaleza egóica, pois o sujeito consegue diferenciar satisfatoriamente a realidade de uma experiência imaginária simbólica. Dessa forma, o fracasso maior dos adolescentes infratores desse estudo em responder ao teste pode-se ser associado a uma fragilidade egóica decorrente de sua dificuldade em discriminar o real da fantasia.

No que se refere à categoria Resposta Antropomórfica, ao comparar os resultados entre o Grupo Controle e o Grupo de adolescentes infratores, verificam-se consideráveis diferenças, sendo que o segundo mostra um percentual um pouco menor em Nenhuma e maior em Catexia Positiva e Catexia Negativa, com as diferenças consideradas significativas. Deve-se considerar que respostas antropomórficas no Questionário Desiderativo, segundo Guimarães e Pasian (2009), mostram-se como indicadores de dificuldades em dissociar-se da identidade humana, denotando falha ao responder ao teste. Além disso, a presença de respostas antropomórficas aponta características da dinâmica psíquica do indivíduo, sugerindo disfunção em no nível de adequação ao real. Assim, o fato de os adolescentes infratores emitirem respostas antropomórficas para o Questionário Desiderativo pode ser devida a uma fragilidade de ego, tal como sugerem Guimarães, Pasian e Barbieri (2006) e Marty (2012).

Em relação a análise das categorias específicas do Questionário Desiderativo, os dados demonstram que no geral os tempos médios de reação do grupo de adolescentes infratores foram maiores do que do Controle, mas sendo significantes somente para Positiva/Animal ($p=0,0135$) e Positiva/Inanimado ($p=0,0015$). De acordo com Guimarães e Pasian (2009), o tempo de reação no Questionário Desiderativo informa sobre o ritmo interno de trabalho psíquico, indicando o tempo despendido pelo indivíduo para manejar a ansiedade provocada pelas consignas e para realizar suas escolhas projetivas.

Ninjamkim e Braude (2000), em seu estudo com a população argentina, afirmam que os tempos de reação esperados devem oscilar entre 10 e 30 segundos, e são considerados tempos médios. Aqueles maiores de 30 segundos são considerados longos e os inferiores a 10 segundos devem ser classificados como reduzidos. Já para Ocampo et al. (1976), também no contexto argentino, o tempo médio que seria indicativo de normalidade deve estar entre 5 e 30 segundos. Considerando ambas as proposições (NINJAMKIM; BRAUDE, 2000, OCAMPO et al., 1976), os resultados da presente investigação estão na faixa de normalidade, e esses achados também corroboram os resultados encontrados por Guimarães e Pasian (2009) em sua pesquisa com adolescentes brasileiros, sem história de transtornos no desenvolvimento. Esperava-se que os adolescentes infratores apresentassem um tempo de reação inferior, em função de sua possível configuração psíquica marcada pela impulsividade e de tendência à atuação, pois segundo Ninjamkim e Braude (2000) o tempo de reação reduzido denota uma tendência em reagir de forma imediata para evitar refletir ou tomar contato com a angústia que a consigna provoca.

Para a sequência de escolha, foram considerados somente os participantes que tinham respondido aos três reinos (portanto alguns protocolos incompletos não foram considerados).

		Grupo		Valor de p
Catexias	Classe	Controle	Adolescente Infrator	C x AI
Reino 1+	Animal	85 (85,0%)	47 (94,0%)	0,1807
	Inanimado	10 (10,0%)	3 (6,0%)	
	Vegetal	5 (5,0%)	0 (0,0%)	
Reino 2+	Animal	13 (13,0%)	2 (4,1%)	0,0209
	Inanimado	54 (54,0%)	20 (40,8%)	
	Vegetal	33 (33,0%)	27 (55,1%)	
Reino 3+	Animal	2 (2,0%)	0 (0,0%)	0,0360
	Inanimado	35 (35,7%)	26 (57,8%)	
	Vegetal	61 (62,2%)	19 (42,2%)	
Reino 1-	Animal	52 (52,0%)	34 (69,4%)	0,0314

	Inanimado	44 (44,0%)	11 (22,4%)	
	Vegetal	4 (4,0%)	4 (8,2%)	
Reino 2-	Animal	42 (42,0%)	11 (23,4%)	0,0145
	Inanimado	37 (37,0%)	16 (34,0%)	
	Vegetal	21 (21,0%)	20 (42,6%)	
Reino 3-	Animal	6 (6,1%)	4 (8,7%)	0,0089
	Inanimado	20 (20,4%)	20 (43,5%)	
	Vegetal	72 (73,5%)	22 (47,8%)	
Sequência Positiva	Animal/Inanimado/Vegetal	51 (52,0%)	18 (40,9%)	0,0421
	Animal/Vegetal/Inanimado	32 (32,7%)	25 (56,8%)	
	Inanimado/Animal/Vegetal	10 (10,2%)	1 (2,3%)	
	Vegetal/Animal/Inanimado	3 (3,1%)	0 (0,0%)	
	Vegetal/Inanimado/Animal	2 (2,0%)	0 (0,0%)	
Sequência Negativa	Animal/Inanimado/Vegetal	33 (34,0%)	14 (31,1%)	0,1670
	Animal/Vegetal/Inanimado	17 (17,5%)	17 (37,8%)	
	Inanimado/Animal/Vegetal	39 (40,2%)	8 (17,8%)	
	Inanimado/Vegetal/Animal	4 (4,1%)	3 (6,7%)	
	Vegetal/Animal/Inanimado	2 (2,1%)	2 (4,4%)	
	Vegetal/Inanimado/Animal	2 (2,1%)	1 (2,2%)	

Tabela 2 - Distribuição dos participantes quanto às escolhas de reinos

Na catexia 1+ não se verificou diferença significativa entre os grupos, mas nas catexias 2+ e 3+ o grupo de adolescentes infratores mostrou-se significativamente diferente do Grupo Controle, com um percentual maior de Vegetal na catexia 2+ e de inanimado na catexia 3+. Para a catexia 2- constata-se que o Grupo Controle mostrou um percentual maior de respostas do reino animal do que o Grupo Clínico. Já para a catexia 3- encontra-se diferença significativa entre o Grupo de adolescentes infratores e o Grupo Controle, sendo o último com suas respostas concentradas no reino vegetal. Assim, foram encontradas diferenças significantes em quase todas as escolhas para as catexias e os reinos do Questionário Desiderativo comparando os grupos participantes do presente estudo.

De acordo com Ninjamkim e Braude (2000) a sequência dos reinos no Questionário Desiderativo tem relação com a expectativa de uma personalidade saudável na qual predomine o instinto de conservação sobre a pulsão de morte, em que o Ego resgate seus aspectos mais vitais e preserve a sua integridade. As autoras discutem que a sequência esperada, então, para as catexias positivas deveria ser: Animal/Vegetal/Inanimado, pois assim seriam preservados inicialmente os vínculos gregários e afetivos dos animais, para depois serem aludidos símbolos que crescem e se reproduzem, como os vegetais, até chegar no reino inanimado, que carece de vida. Em relação à sequência das Negativas, Ninjamkim e Braude (2000) afirmam que numa personalidade saudável essa não seria

necessariamente inversa às positivas, mas não deveria seguir a mesma ordem delas.

Deve-se destacar que Bunchaft e Vasconcellos (2001) em estudo de padronização do Questionário Desiderativo com jovens universitários no Brasil também encontraram uma sequência diferente daquela sugerida por Ninjamkim e Braude (2000). Na sua investigação, Bunchaft e Vasconcellos (2001) afirmam que entre as respostas dos participantes de sua amostra, a primeira categoria explicitada foi também o animal, porém, na segunda escolha, vegetal e ser inanimado se equiparam quanto à frequência dessas categorias. Assim, para se afirmar que certa sequência de escolha tem relação com uma personalidade saudável deve haver uma investigação mais aprofundada, com a inclusão de outros grupos clínicos e aumento da amostra. No estudo de padronização de Bunchaft e Vasconcellos (2001) prevaleceu como categoria mais rejeitada inicialmente a do reino animal, com a segunda rejeição predominando a categoria inanimado, seguida da categoria vegetal que ficaram estatisticamente empatadas. Assim, os dados encontrados por Bunchaft e Vasconcellos (2001) coincidem com a sequência de negativas apresentada pelo Grupo controle da presente pesquisa.

Os resultados explicitam que na catexia Positiva/Animal a grande maioria dos sujeitos respondeu ao teste de forma adequada, destacando o grupo Controle com o maior percentual. Verifica-se que o grupo de adolescentes infratores apresenta um percentual um pouco maior de respostas por indução. O mesmo se nota em relação à catexia Positiva/Inanimada e Positiva/Vegetal, nas quais se evidencia a necessidade de indução no grupo de adolescentes infratores.

			Grupo		Valor de p
Catexia	Reino	Nível	Controle	Adolescente Infrator	C x AI
Positiva	Animal	Adequada	94 (94,0%)	36 (72,0%)	0,0006
		Inadequada	0 (0,0%)	2 (4,0%)	
		Por indução	6 (6,0%)	12 (24,0%)	
	Inanimado	Adequada	78 (78,8%)	23 (47,9%)	0,0005
		Inadequada	0 (0,0%)	1 (2,1%)	
		Por indução	21 (21,2%)	24 (50,0%)	
	Vegetal	Adequada	39 (39,4%)	10 (21,7%)	0,0451
		Inadequada	0 (0,0%)	1 (2,2%)	
		Por indução	60 (60,6%)	35 (76,1%)	
Negativa	Animal	Adequada	74 (74,0%)	35 (71,4%)	0,3545
		Inadequada	0 (0,0%)	1 (2,0%)	
		Por indução	26 (26,0%)	13 (26,5%)	
	Inanimado	Adequada	90 (89,1%)	27 (57,4%)	<,0001

	Inadequada	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
	Por indução	11 (10,9%)	20 (42,6%)	
Vegetal	Adequada	42 (43,3%)	15 (32,6%)	0,1841
	Inadequada	0 (0,0%)	1 (2,2%)	
	Por indução	55 (56,7%)	30 (65,2%)	

Tabela 3 – Distribuição dos participantes quanto à Adequação à consigna

Para rejeições, apenas na catexia Negativa/Inanimada, percebeu-se novamente a necessidade maior de indução no Grupo Clínico. Por outro lado, o grupo Controle mostrou um percentual maior de respostas adequadas, com diferenças significativamente diferentes. De acordo com Ninjamkim e Braude (2000) a necessidade de indução no Questionário Desiderativo está relacionada com as dificuldades do indivíduo em seguir adequadamente as instruções do teste, e, projetivamente, com os problemas nas funções psicológicas relacionadas à adequação ao real. Assim, infere-se que os participantes parecem mostrar dificuldade em identificar elementos internos de preservação de sua identidade frente a uma realidade externa hostil e ameaçadora.

Em relação à qualidade das repostas, conforme a tabela a seguir demonstra, na catexia Positiva/Animal a grande maioria das respostas se encaixa na categoria Convencional, mas destacando o Grupo Controle com um percentual um pouco maior de respostas do tipo Original. Também na catexia Positiva/Inanimada nota-se que as respostas do grupo Controle se destacam com um percentual maior de respostas originais. Da mesma forma, verifica-se um percentual considerável de respostas do tipo Bizarra no grupo de adolescentes infratores, sendo que os resultados desse último são significativamente diferentes dos do grupo Controle.

Catexia	Reino	Qualidade	Grupo		Valor de p C x AI
			Controle	Adolescente Infrator	
Positiva	Animal	Bizarro	1 (1,0%)	3 (6,1%)	0,0265
		Convencional	83 (83,0%)	44 (89,8%)	
		Original	16 (16,0%)	2 (4,1%)	
	Inanimado	Bizarro	0 (0,0%)	5 (10,4%)	0,0014
		Convencional	55 (55,6%)	30 (62,5%)	
		Original	44 (44,4%)	13 (27,1%)	
Vegetal		Bizarro	1 (1,0%)	3 (6,7%)	0,1421
		Convencional	89 (89,9%)	37 (82,2%)	
		Original	9 (9,1%)	5 (11,1%)	

Negativa	Animal	Bizarro	0 (0,0%)	1 (2,1%)	0,1377
		Convencional	83 (83,0%)	43 (89,6%)	
		Original	17 (17,0%)	4 (8,3%)	
	Inanimado	Bizarro	0 (0,0%)	3 (6,4%)	0,0170
		Convencional	70 (69,3%)	35 (74,5%)	
		Original	31 (30,7%)	9 (19,1%)	
	Vegetal	Bizarro	0 (0,0%)	3 (6,7%)	0,0258
		Convencional	82 (84,5%)	33 (73,3%)	
		Original	15 (15,5%)	9 (20,0%)	

Tabela 4 – Distribuição dos participantes quanto à Qualidade da resposta

De um modo geral, esses dados apontam para o predomínio de respostas do tipo convencional, ou seja, aquela que a maioria dos sujeitos responde, e está relacionada à adequação ao real. Tais resultados corroboram os achados do estudo de Bunchaft e Vasconcellos (2001) com 552 jovens universitários do Brasil.

Da mesma forma, verifica-se que as respostas do tipo original, aquela que apresenta menor frequência entre os sujeitos, e tem relação com a criatividade, a intuição, a flexibilidade cognitiva e emocional, foram encontradas majoritariamente no grupo Controle. Destaca-se, especialmente, que em todas as catexias (tanto positivas quanto negativas) a maioria das respostas do tipo bizarra foi emitida pelos participantes do grupo de adolescentes infratores. Deve-se salientar que as respostas do tipo bizarra são aquelas muito diferentes (incomuns), com associações marcadamente idiossincrásicas inapropriadas ou esquisitas. São respostas comumente compatíveis com a existência de uma psicose, psicopatia ou um quadro orgânico mais grave (COSTA, 2011). Assim, esses dados parecem sugerir uma tendência no grupo de adolescentes infratores de apresentar mais indicadores psicopatológicos, tal como assinalam as pesquisas sobre a personalidade de jovens em conflito com a lei (MARTY, 2012; SOUZA & RESENDE, 2012; CASTELLANA, 2014). Contudo, para confirmar tal tendência e associá-la a um maior número de respostas do tipo bizarra no Questionário Desiderativo de adolescentes infratores torna-se fundamental ampliar o número de participantes desse grupo em investigações futuras.

Em relação a dissociação, apenas na catexia Positiva/Animal os resultados se mostraram estatisticamente significativos ($p=0,0005$), apresentando a grande maioria das respostas como Adequada, com destaque para o grupo Controle com um percentual um pouco maior.

No que se refere à racionalização percebeu-se na amostra de adolescentes infratores que, no geral, prevaleceu uma boa capacidade de racionalização, mostrando adequação do pensamento à realidade compartilhada, apesar das experiências traumatizantes, de exclusão e/ou de sofrimento vivenciadas principalmente pelos adolescentes infratores

em sua história de vida. Entretanto, destaca-se que, apenas na catexia Positiva/Vegetal, o grupo de adolescentes infratores revelou um percentual maior de adequada, ficando significativamente diferente do grupo Controle ($p=0,0108$).

Observou-se ainda, o percentual maior de resposta narcísica em todas as escolhas dos adolescentes infratores. Pelos resultados aqui obtidos, compreende-se que os adolescentes infratores têm uma maior dificuldade em estabelecer vínculos com o outro, atuando a partir de motivações narcísicas. Esse achado confirma também os resultados de Peker e Rosenfeld (2013) no contexto argentino, que destacam que a maioria dos adolescentes infratores de sua amostra (56%), submetidos ao Questionário Desiderativo, evidenciou inúmeros indicadores de “ausência de vínculo”. Dessa forma, a dificuldade de estabelecer vínculo com o outro e atuar de maneira narcísica parece ser uma característica psicodinâmica do adolescente infrator, que facilita o seu envolvimento com atos infracionais e violência.

			Grupo		Valor de p
Resposta	Reino	Nível	Controle	Adolescente Infrator	C x AI
Positiva	Animal	Narcísica	63 (63,0%)	47 (94,0%)	<,0001
		Inclui o outro	37 (37,0%)	3 (6,0%)	
	Inanimado	Narcísica	43 (43,4%)	35 (72,9%)	0,0008
		Inclui o outro	56 (56,6%)	13 (27,1%)	
	Vegetal	Narcísica	51 (51,5%)	31 (70,5%)	0,0346
		Inclui o outro	48 (48,5%)	13 (29,5%)	
Negativa	Animal	Narcísica	39 (39,0%)	42 (85,7%)	<,0001
		Inclui o outro	61 (61,0%)	7 (14,3%)	
	Inanimado	Narcísica	22 (21,8%)	37 (78,7%)	<,0001
		Inclui o outro	79 (78,2%)	10 (21,3%)	
	Vegetal	Narcísica	53 (54,6%)	38 (82,6%)	0,0012
		Inclui o outro	44 (45,4%)	8 (17,4%)	

Tabela 5 – Distribuição dos participantes quanto à Perspectiva vincular da resposta

Cabe pontuar que nessa categoria se analisa o tipo de respostas ao Questionário Desiderativo, determinado pela capacidade ou não do sujeito em estabelecer vínculo ou relação com o outro. Respostas narcisistas incluem racionalizações com ausência de objeto e de relações objetais, e respostas que incluem o outro indicam racionalizações que aludem à presença do outro e de relações objetais (Nijamkin & Braude, 2000).

Deve-se destacar que tal tendência a cometer infrações pode ser decorrente de vivências traumáticas e de falhas no processo de amadurecimento emocional,

principalmente no que diz respeito à introjeção de normas e leis sociais na infância, pela ausência de uma figura que as imponha. Nessa perspectiva, Pedro e Neves (2015) entendem o comportamento antissocial do adolescente como uma tentativa, mesmo que sem sucesso, de fazer o laço social, pois, com o ato infracional, a função que deveria ser exercida pelo pai, agora, encontra outros representantes, como o Estado e as instituições responsáveis pela aplicação das medidas socioeducativas, que vêm representar a lei simbólica e redimensionar a função paterna, numa constante alusão repressora.

Na análise dos símbolos evocados para o Reino Animal, nota-se que as maiores frequências foram para ave (passarinho, águia, etc.), animal doméstico (cachorro e gato) e animal selvagem (leão, tigre, onça, etc.) nas respostas positivas. Nas negativas destacaram-se: animal venenoso (cobra, escorpião, aranha, etc.), animal doméstico (cachorro e gato) e inseto (abelha, formiga, etc.). Esses dados corroboram os resultados de Guimarães e Pasian (2009) que também encontraram pássaros e animais domésticos como símbolos mais evocados na categoria animal positivo e insetos e animais domésticos na categoria animal negativo.

Na análise dos símbolos elencados para Reino Vegetal, as maiores frequências foram para Árvore, Legume e Flor nas catexias positivas e nas negativas. Os mesmos resultados foram encontrados pela pesquisa de Guimarães e Pasian (2009), que consideram que símbolos que são evocados tanto nas escolhas positivas quanto nas negativas evidenciam, assim, serem elementos percebidos de modo ambivalente pelos participantes, talvez por falhas na dissociação.

Na análise dos símbolos para o Reino Inanimado, nota-se que a quantidade de categorias foi bem maior nesse reino, tal como na pesquisa de Guimarães e Pasian (2009). As maiores frequências foram para Eletrônico e Meio de transporte nas respostas positivas e Material escolar, Lixo e Arma para as negativas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitiram constatar que as categorias de análise propostas para a interpretação do Questionário Desiderativo conseguiram identificar algumas características psicodinâmicas dos adolescentes infratores, respaldadas pela literatura científica da área. A partir dos resultados dessa pesquisa acredita-se trazer uma contribuição importante à área do Psicodiagnóstico, em especial de adolescentes em condição de sofrimento psíquico.

Assim, o Questionário Desiderativo, técnica pouco conhecida no contexto brasileiro, apresentou nessa pesquisa, bons resultados em identificação das características de personalidade de adolescentes em conflito com a lei. Contudo, novos estudos devem ser conduzidos com o objetivo de avaliar as evidências de validade convergente desse instrumento, correlacionando os seus resultados aos de outro teste validado, mas com características psicométricas e de fundamentação teórica similares.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. M. A. **Violência doméstica na infância e na adolescência: uma nova cultura de prevenção**. São Paulo: Plêiade/FAPESP, 2011.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº. 8069 de 13 jul. 1990. Brasília: Ministério da Justiça, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). **Levantamento anual SINASE 2014**. Brasília: SDH, 2017.
- BUNCHAFT, G.; VASCONCELLOS, V. L. P. Padronização do Teste Desiderativo no contexto da Análise Transacional: resultados preliminares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 17(1), 19-25, 2001.
- CASTELLANA, G. B. **Comparação de traços psicopáticos entre jovens infratores e não-infratores**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COSTA, E. W. K. A. **Rorschach e Psicose: avaliação psicodinâmica do sofrimento psíquico grave**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Supl.), 1163-1178, 2006.
- GRASSANO, E. **Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R. Adequação ao Real de adolescentes: possibilidades informativas do Questionário Desiderativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 347-355, 2009.
- GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R.; BARBIERI, V. A equação simbólica como recurso terapêutico: contribuições para análise do questionário desiderativo. **Paidéia**, 16(35), 365-376, 2006.
- MARTINEZ, D. J.; ABRAMS, L. S. Informal social support among returning young offenders: a metasynthesis of the literature. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, 57(2), 169-190, 2013.
- MARTY, F. A função do agir na adolescência. In: AMPARO, D. M. et al. (Orgs). **Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais**. Brasília, LiberLivro, UnB, 2012.
- MEDEIROS, D.; PINTO JUNIOR, A. A. Um estudo sobre a estruturação egóica de profissionais hospitalares por meio do questionário desiderativo. **Revista da SBPH**, 9(1), 91-99, 2006.
- MENEGHEL, S. N.; GIUGLIANI, E. J.; FALCETO, O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, 14(2), 327-335, 1998.
- MIGUEL, F. K. Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. **Psico-USF**, 19(1), 97-106, 2014.
- NINJAMKIM, G.; BRAUDE, M. **Questionário desiderativo**. São Paulo: Vetor, 2000.

OCAMPO, M. L. S. et al. **Las técnicas proyectivas y el proceso psicodiagnóstico**. Buenos Aires, BA: Nueva Visión, 1976.

PEDRO, J. C.; NEVES, A.S. A família e o adolescente em conflito com a lei: vínculos, estratégias e recursos afetivos. **Horizonte Científico**, 9(1), 1-27, 2015.

PEKER, G. M.; ROSENFELD, N. G. La ausencia de lo vincular en los adolescentes disociales. **Anuario de investigaciones**, 20(1), 395-401, 2013.

PINTO JUNIOR, A. A. et al. O Questionário Desiderativo: fundamentos psicanalíticos e revisão da literatura. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 70(3), 274-287, 2018.

SOUZA, C. C.; RESENDE, A. C. Transtornos psicológicos em adolescentes socioeducandos. **Avaliação Psicológica**, 11(1), 95-109, 2012.

TARDIVO, L. S. L. P. C. A estruturação do ego: O estudo do grau de estruturação do ego de profissionais de saúde através do Questionário Desiderativo. **Revista da Vetor Editora**, 1, 28-34, 1999.

TARDIVO, L. S. P. C.; PINTO JUNIOR, A. A. Violência contra crianças e adolescentes: reflexões sobre o pensar e o fazer do psicólogo clínico. In: ROSA, J.T.; MOTTA, I.F. (Orgs.). **Violência e sofrimento de crianças e adolescentes na perspectiva winnicottiana**. Aparecida: Idéias & Letras/FAPESP, 187-208, 2008.

TARDIVO, L.S.P.C.; PINTO JUNIOR, A.A. **IFVD: Inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes**. São Paulo, SP: Vetor, 2010.

TARDIVO, L. S. P. C.; PINTO JUNIOR, A. A.; VIEIRA, F. C. Avaliação Psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Duss. **Revista de la Asociación Latinoamericana de Rorschach**, 10, 15-40, 2012.

CAPÍTULO 5

O USO DA ARTE NA PSICOTERAPIA PELA PERSPECTIVA JUNGUIANA

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 04/01/2021

Liliane Costa Raffa Maia

Psicóloga, CRP 136308-6

São Paulo/SP

<http://lattes.cnpq.br/4150243237862801>

Ângela Maria Ferreira

Psicóloga, CRP 13958-6

São Paulo/SP

Mestra em Saúde do Trabalhador pela

UNICAMP

<http://lattes.cnpq.br/8147230167725300>

RESUMO: Objetivo: Este trabalho tem por objetivo investigar a respeito da utilização da arte e de sua efetividade na psicoterapia, a partir da abordagem junguiana. **Método:** Mediante pesquisa qualitativa com fins descritivos e explicativos, sendo utilizada a investigação bibliográfica. **Resultados:** Fez-se uma averiguação da dinâmica intrapsíquica e de como as técnicas artístico-expressivas podem contribuir no tratamento psicoterápico. Constatou-se também que a utilização destas técnicas viabiliza meios de expressão que podem facilitar o processo terapêutico para o paciente, pois ele poderá recriar e reconhecer suas experiências de forma menos dolorosa ao diminuir suas resistências psíquicas. **Considerações:** A utilização da arte pode abrir espaços expressivos que vão além da esfera verbal, consciente, auxiliando a dar forma ao que o paciente não

consegue explicar racionalmente, favorecendo a reorganização psíquica e a integração entre o inconsciente e o consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia. Psicoterapia. Psicologia Analítica. Técnica Expressiva.

THE USE OF ART IN PSYCHOTHERAPY FROM THE JUNGIAN PERSPECTIVE

ABSTRACT: Objective: This work aims to investigate the use of art and its effectiveness in psychotherapy, from the Jungian approach.

Method: Through qualitative research with descriptive and explanatory purposes, using bibliographic research. **Results:** An investigation was made of the intrapsychic dynamics and how artistic-expressive techniques can contribute to psychotherapeutic treatment. It was also found that the use of these techniques enables means of expression that can facilitate the therapeutic process for the patient, as he will be able to recreate and recognize his experiences in a less painful way by decreasing his psychic resistance.

Considerations: The use of art can open expressive spaces that go beyond the verbal, conscious sphere, helping to shape what the patient cannot explain rationally, favoring psychic reorganization and the integration between the unconscious and the conscious.

KEYWORDS: Art Therapy. Psychotherapy. Analytical Psychology. Expressive Technique.

Keywords: Art Therapy. Psychotherapy. Analytical Psychology. Expressive Technique.

Keywords: Art Therapy. Psychotherapy. Analytical Psychology. Expressive Technique.

Esta pesquisa surgiu do interesse em estudar a psicoterapia junguiana utilizada no tratamento de pacientes diagnosticados

com esquizofrenia. Como foi verificado através do levantamento bibliográfico que havia diversos tipos de intervenções praticadas, optou-se pelo estudo da utilização da arte em específico, como meio de focar e aprofundar nas características desta técnica no tratamento psicoterápico. Por meio da arte, é possível ultrapassar as barreiras do consciente, não necessitando obrigatoriamente da verbalização para obter informações de como o paciente se encontra no momento em que se expressa projetivamente onde, até mesmo aquele mais refratário¹, pode ser beneficiado em seu tratamento.

Este artigo tem por objetivo investigar a respeito da utilização da arte e de sua efetividade na psicoterapia, a partir da abordagem junguiana. Faz também uma breve apresentação do dinamismo intrapsíquico segundo a Psicologia Analítica e o quanto o uso das técnicas artístico-expressivas favorecem o alcance de conteúdos psíquicos que podem estar causando sofrimento para o sujeito.

Esta base teórica será utilizada para compreender e interpretar o que está sendo transmitido pelo paciente, conforme explica Philippini (1995, p.3) sobre essa abordagem que “[...] orienta no entendimento universal da produção simbólica, [...] junto com o criador do símbolo, contextualizar seus significados pertinentes à singularidade e historicidade de cada um”.

A utilização da arte como técnica interventiva no acompanhamento psicológico iniciou no século XIX através dos estudos de Carl Gustav Jung, com os internos do hospital psiquiátrico de Zurique (Suíça). Tais estudos tinham como finalidade a vivência das experiências de forma não verbal, mas que pudessem diminuir a pressão psíquica dos pacientes esquizofrênicos que não conseguiam fazer terapia pelo método tradicional da associação livre. Desta forma, através da arte era possível alcançar um mundo além do racional e assim poder trabalhar as emoções que geravam os conflitos internos, possibilitando a interação do paciente com seu meio social (SILVEIRA, 1992).

Silveira (1992) explana que Jung sugeria a seus pacientes que utilizassem técnicas de pintura como uma forma de penetrar-lhes o íntimo, disponibilizando uma linguagem na qual pudessem simbolizar suas emoções, em razão do inconsciente se expressar de forma irracional e possuir uma linguagem própria com características diversificadas. Desta maneira cabe ao terapeuta compreender a problemática afetiva do paciente, seus sofrimentos e desejos através da expressão simbólica (JUNG, 2013).

Conforme explica Reis (2014) o terapeuta consegue observar os processos psíquicos ao mesmo tempo em que o paciente revivencia a experiência ao projetar suas emoções, possibilitando a transformação desses processos.

A Associação Brasileira de Arteterapia (ABA), responsável pela normatização e pelo processo de regulamentação da profissão², define a arteterapia como:

1 O termo refratário refere ao sujeito resistente a controle, como no caso de uma doença ou transtorno que deixa de responder à terapia anteriormente efetiva, também sendo relacionado à dificuldade em cooperar com o processo terapêutico (VANDENBOS, 2010)

2 A ABA é responsável por fazer parcerias com Conselhos Regionais Profissionais para promover a divulgação, super-

[...] um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde. Utiliza, para isso, as linguagens plástica, sonora, dramática, corporal e literária envolvendo as técnicas de desenho, pintura, modelagem, construções, sonorização, musicalização, dança, drama e poesia. É aplicada na avaliação, no tratamento, na profilaxia (prevenção), reabilitação e educação de clientes especiais. O campo de atuação da Arteterapia estende-se às diferentes organizações (Saúde, Educação, Comunidade e Profilaxia) permitindo qualidade maior de vida. (ABA, 2015)

De acordo com Reis (2014), a arteterapia pode ser utilizada de forma multidisciplinar, apresentando-se como um instrumento proficiente em diversas áreas, como na psicologia escolar, social, organizacional, saúde e hospitalar, podendo ser aplicada tanto de modo individual como em grupos, por ser uma ferramenta que amplia as possibilidades de expressão.

Nise da Silveira, psiquiatra alagoana, foi pioneira no Brasil ao utilizar a arte na psicoterapia em pacientes esquizofrênicos internados no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro, que possibilitou a posterior fundação do Museu Imagens do Inconsciente, onde obras de alguns internos do hospital psiquiátrico estão expostas até os dias atuais (MELLO, 2009).

O embasamento teórico desta pesquisa apoiou-se nas obras de C. G. Jung, como o “Eu e o Inconsciente” e “Memórias, Sonhos, Reflexões”, e de seus seguidores, como Silveira, Urrutigaray e Philippini. O método utilizado foi de pesquisa qualitativa mediante uma revisão bibliográfica de livros e de bancos de dados acadêmicos com fins descritivos e explicativos.

A ARTE E A PSICOTERAPIA JUNGUIANA

O uso da expressão artística no processo de tratamento psicológico começou com C.G. Jung através dos estudos realizados com seus pacientes. A partir desses estudos, Jung conseguiu desenvolver a hipótese da energia psíquica e do inconsciente coletivo com seu conteúdo arquetípico, sendo o primeiro a praticar psicoterapia individual em esquizofrênicos no início do século XIX (SILVEIRA, 2015).

Tais estudos revelaram também como o consciente e o inconsciente se comunicam entre si em um fluxo constante para manter o equilíbrio psíquico através dos sonhos, por intermédio da utilização de símbolos e de figuras míticas (imagens arquetípicas) (SILVEIRA, 1992).

Segundo Jung (2013), há uma comunicação não verbal entre o consciente e o inconsciente, sendo uma peculiaridade da psique configurar imagens de suas atividades, onde a arte entra com a função de fazer essa ponte dando forma ao que não é possível de

visionar o cumprimento do Código de Ética da Associação e prestar assistência a terapeutas associados (ABA, 2015).

ser verbalizado, e ajudando a reorganizar o caos que perturba o inconsciente e desestrutura o consciente (SILVEIRA, 1997).

Silveira (1992) esclarece que no quadro psicótico ou neurótico esse fluxo é rompido e o mundo interno perde a comunicação com o mundo real. Quando não se dá atenção às imagens que vêm do inconsciente, renegando-as, pode-se ocasionar uma pressão psíquica (ou surto) destrutiva. Ainda segundo a autora, para Jung “ocorre uma inundação do campo do consciente por conteúdos do inconsciente profundo (coletivo), ou seja, por imagens arquetípicas” (p.86).

Pelo fato do inconsciente se expressar de forma irracional e possuir uma linguagem própria, com características não convencionais, Jung sugeria a seus pacientes que pintassem, como uma forma de buscar uma linguagem na qual pudessem exprimir suas emoções mais profundas, sendo tarefa do terapeuta compreender a problemática afetiva do paciente, seus sofrimentos e desejos também sob forma não convencionais (SILVEIRA, 1992).

Em função dos pensamentos e os sentimentos derivarem do inconsciente, podem melhor se exprimir por imagens do que por palavras, encorajando o paciente a descobrir por si a significação de suas criações já que projeta seus conflitos internos sob a forma visual (ARCURI & DIBO, 2010).

Dentro dessa perspectiva, Philippini (1995, p.2) explica que “o símbolo constelado⁴com a ajuda dos materiais expressivos, dinamizam e facilitam a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem”, e por isso os símbolos terão uma função integradora e reveladora do conteúdo expresso ao possibilitar a criação e recriação do sentimento vivido.

No Brasil, Nise da Silveira em 1946 mudou a conduta psicoterapêutica com os pacientes internados no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro/RJ, onde instalou um atelier para os pacientes terem a oportunidade de se expressar através de pintura, desenho e modelagem (CASTRO & LIMA, 2007).

Essa expressão era como um autorretrato da condição psíquica do paciente, imagens muitas vezes fragmentadas que ficavam impressas no papel, tela ou barro, possibilitando estudos posteriores do conteúdo que deles puderam ser extraídos (FRAYZE-PEREIRA, 2003).

Eram desenvolvidas atividades específicas adequadas para a condição psíquica na qual o indivíduo se encontrava e o foco eram os efeitos das obras causados sobre os próprios criadores. Segundo Maciel e Carneiro (2012), estava inaugurada a psiquiatria interpretativa. Essas atividades permitiam uma vivência de expressão não verbal, que

3 Arquétipos são conteúdos do inconsciente coletivo, que constituem as imagens primordiais inacessíveis ao consciente, sendo possível trazer à consciência apenas representações arquetípicas, ou seja, as expressões transformadas dos arquétipos e que constituem a estrutura da personalidade (JUNG, 2014).

4 Termo derivado de constelação que na psicologia refere-se a grupo de idéias com uma associação ou tema em comum (VandenBos, 2010).

fornecia um fortalecimento do ego e uma melhora do convívio no meio social.

Em 1952 foi fundado o Museu Imagens do Inconsciente, com os trabalhos desenvolvidos pelos internos do hospital. Um acervo que reúne de forma catalogada e datada as obras em desenho, pintura e modelagem conforme os respectivos autores. Esse acervo possibilita que com base nas sequências de imagens seja possível realizar um estudo sobre o processo psicótico, com seus avanços e recuos, através de cada imagem simbólica reproduzida (SILVEIRA, 1992).

Conforme Jung (2012) expõe o inconsciente e o consciente vivem em um jogo para manter o equilíbrio, compensando o que é mantido na consciência e o que é mandado para o inconsciente, possibilitando que o sujeito siga o seu trajeto de vida. No inconsciente, a importância de seus conteúdos é determinada pelas tonalidades afetivas, ou seja, o quanto está investido de afeto em determinados fatos. Quanto maior a carga emocional e a necessidade de ser separada da consciência, maior será o investimento da energia psíquica para manter esses fatos no inconsciente (JUNG, 2013).

Silveira (1992) explica que essa energia psíquica usada para afastar da consciência tudo o que causa medo, angústia e outros males que atrapalhariam o desenvolvimento, desgasta e desequilibra emocional e fisicamente o sujeito. Os sonhos, símbolos e mitos são meios através dos quais o inconsciente se utiliza para manter o equilíbrio buscando uma forma indireta de se expressar já que, sem passar pelo controle consciente, rompe com o raciocínio linear e quebra as barreiras da resistência, gerando alívio na pressão psíquica e contribuindo para a organização psicológica do sujeito (KAST, 2013).

Através da utilização dos símbolos e mitos, o inconsciente apresenta imagens intrapsíquicas que transmitem a energia latente do psiquismo como um autorretrato só que não viável pela verbalização, ou seja, de forma indireta o inconsciente fará a liberação de parte do conteúdo reprimido através de imagens que geralmente não fazem sentido para o consciente e, assim, haverá o alívio psíquico sem que haja perturbação da consciência (JUNG, 2009).

Quando nos referimos à utilização da arte na terapia, não é a arte com valor crítico da arte cultural, mas como uma forma de expressão do inconsciente que carrega em si o cunho de quem a faz, que não lhe é neutra, mas sim com todo seu material afetivo que passa pela perspectiva de quem a está criando, com um sentido peculiar e único (ARCURI & DIBO, 2010).

A criação artística faz parte da constituição da subjetividade de cada indivíduo, unindo e dando sentido ao mundo interno com o mundo externo, trazendo à tona memórias e sentimentos (URRUTIGARAY, 2011).

Quando são utilizadas as técnicas artísticas, como pintura, modelagem, cerâmica, entre outros, faz com que se torne real aquilo que era irreal, possibilitando ser trabalhado o que é sentido pelo sujeito e que não precisa ser necessariamente verbalizado para ser compreendido, facilitando a integração pelo consciente de afetos que estavam

profundamente enraizados no inconsciente, ou seja, daqueles sentimentos difíceis de serem verbalizados, mas que exercem ação paralisante no sujeito (SILVEIRA, 1992).

Enfim, conforme explica Urrutigaray (2011) a arteterapia tem a função de permitir que esse conteúdo inconsciente seja transmutado/transformado em outro, agora consciente.

POR QUE USAR A ARTE NA PSICOTERAPIA

Um ponto importante a respeito da utilização da arte na terapia, como já foi comentado, é que a arte pode ser um instrumento facilitador no auxílio ao tratamento de pacientes mais refratários, mobilizando-lhes a transpor as barreiras da consciência, e lhes permitir reconhecer a própria dinâmica psíquica através do rico material em informações que emerge durante a sessão psicoterápica, o que contribui, sobremaneira, para o seu fortalecimento como SER e sua busca pela individuação.

Jung (2006) define a individuação como a realização do Si-mesmo, ou seja, quando após um processo de autoconhecimento a pessoa torna-se autônoma e indivisível, como uma totalidade desenvolvida gradualmente, no qual os conteúdos inconsciente, pessoal e coletivo passam a ser integrados a consciência. Gradualmente, durante este processo, a pessoa se aproxima de seu *Self*, que é definido como a totalidade do indivíduo, integrado com seus conteúdos conscientes e inconscientes, mentais e físicos, sendo alcançado na maturidade do ser (VANDENBOS, 2010).

De acordo com Maciel e Carneiro (2012), a teoria analítica junguiana, preconiza que todos nós somos formados por complexos, que é uma conjunção de imagem-impulso-emoção (formados pelos símbolos, sonhos e arquétipos), constituindo as disposições psíquicas que irão exprimir as temáticas da vida de cada um.

Kast (2013, p.48), por sua vez, explica-nos que “os complexos se tornam visíveis nos símbolos, por meio de fantasia. Pois onde há emoções, também há imagens. Os complexos se fantasiam, por assim dizer, nos símbolos”. Ou seja, quando os conteúdos do inconsciente apresentam a mesma emoção, acabam adquirindo um significado comum (arquétipo), passando a formar um complexo que será a união desses conteúdos. Todo evento carregado de afetividade se tornará um complexo.

Para Kast (2013) os sonhos, símbolos e mitos representam um papel fundamental na terapia junguiana, pois são formas do inconsciente processar as informações conectando as imagens com as emoções. Um símbolo é um condensado de muitos significantes que expressa um sentido, de forma que retém parte de seu significado para si e está muito atrelado à emoção. Este é o processo pelo qual o inconsciente vivencia a atividade consciente das pessoas, de forma alheia à vontade do sujeito, buscando manter o equilíbrio da vida psíquica. No entanto, quando o inconsciente não consegue equilibrar o processo intrapsíquico frente aos conteúdos suprimidos ou reprimidos do consciente, começa haver alteração no comportamento do sujeito, fazendo com que surjam os sintomas neuróticos

ou psicóticos.

Sobre os complexos, Kast (2013) ainda acrescenta que estes não podem ser considerados patológicos, mas sim fontes de energia propulsora da vida psíquica. A estruturação do complexo vai depender de como será assimilado pelo inconsciente em relação à consciência, ou seja, de forma integradora ou dissociativa. O essencial é que o símbolo seja vivenciado, formado e interpretado:

Figuras que são bastante dolorosas na imaginação tornam-se mais concretas quando pintadas, mais acessíveis a uma confrontação. Também podemos nos relacionar com o produto artístico, distanciar-nos de seu problema ao contemplar e processá-lo ao mesmo tempo. A identificação com o problema é abolida, o que significa que foi dado o primeiro passo para a conscientização. (Kast, 2013, p.34)

Assim, através da arte, os complexos são projetados de forma simbólica trazendo para o plano real o conteúdo reprimido e dando uma forma a um objeto externo de um sentimento interno, o que possibilita confrontação e integração pelo consciente, despotencializando a figura assustadora que ameaçava a continuidade da vida psíquica e restaurando o equilíbrio psicológico.

Ao utilizar a arteterapia pela perspectiva junguiana, Reis (2014) esclarece que se deve evitar a interpretação e que o mais adequado é pedir ao sujeito que entre em contato com o que desenhou, para possibilitar que ele possa perceber e integrar o que projetou. Por sua vez, Silveira (1992, p.18) acrescenta que “a tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo”, facilitando assim o processo de despotencialização do complexo que o angustiava.

Conforme cita Urrutigaray (2011, p.93) “o fazer arteterapêutico implica em uma leitura essencialmente simbólica e valorativa de uma imagem expressada e produzida”, oferecendo meios para o sujeito recriar e reconhecer suas experiências, acompanhando seu progresso individual e auxiliando-o a lidar com seus conteúdos internos. Buscar sua individuação de forma integrada, equilibrando razão e emoção possibilita-lhe o desenvolvimento individual volitivo, afetivo e cognitivo.

Maciel e Carneiro (2012) ainda acrescenta que “a arteterapia, enquanto ‘meio de unir’, consolida-se como atividade integradora da personalidade e legítimo veículo de reorganização e reconciliação interna, permitindo ao homem experimentar a arte do equilíbrio.”, a possibilidade da integralidade e da completude para alcançar o *Self*.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado foi possível compreender o uso da técnica artístico-expressiva como um mecanismo atenuante da resistência consciente para auxiliar o processo psicoterápico, especialmente em casos em que o sujeito apresentar maior

dificuldade em verbalizar suas angústias e sofrimentos, não sabendo como elaborar em palavras o que sente.

A arte permite que o sujeito se expresse de forma menos dolorosa sobre o que lhe corre no íntimo, diminuindo-lhe as defesas psíquicas. Não tem como meta primeira a resolução do conflito, mas possibilitar novamente a vivência e, por conseguinte, a sua ressignificação, trazendo à consciência o que lhe aflige na dimensão inconsciente. Serve-lhe como um autorretrato da psique, resgatando afetos esquecidos, reprimidos e/ou negligenciados.

Para que ocorra uma psicoterapia adequada com o que foi expresso pela via artística é necessário que o psicoterapeuta tenha uma formação que lhe dê estrutura e suporte para entender e compreender a simbologia transmitida, permitindo que possa ajudar o sujeito em sua busca pelo equilíbrio psíquico.

Conclui-se, então, que há estudos que norteiam e evidenciam sobre a utilização da arte no processo psicoterápico de forma consistente e efetiva. Todavia, ainda se faz necessária a continuidade da pesquisa sobre o referido tema com vistas a seu aprofundamento, no intuito de contribuir para uma formação mais sólida e estruturada daqueles psicólogos que se identificam com a utilização desta ferramenta, gerando assim profissionais cada vez mais capacitados à compreensão das expressões do inconsciente pelas vias simbólicas.

REFERÊNCIAS

Arcuri, I. G & Dibo, M. (2010). **Arte terapia e mandalas: uma abordagem junguiana**. São Paulo: Vetor.

Castro, E. D. & Lima, E. M. F. A. (2007). **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira**. São Paulo. Interface – Comunic, Saúde, Educ, v.11, n22, p.365-75, mai/ago 2007.

Frayze-Pereira, J. A. (2003). Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. São Paulo. Estudos avançados, v.17 n.49 São Paulo set./dez. 2003. Recuperado em 15 jan. 2015, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Jung, C. G. (2006). **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Org. e Ed. Aniela Jaffé. Trad. Dora Ferreira da Silva. Ed. especial – Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Jung, C. G. (2012). **O Eu e o Inconsciente**. Trad. Dora Ferreira da Silva. 24 ed. Petrópolis, Vozes.

Jung, C. G. (2013). **O Livro vermelho**. Ed. sem ilustração. Ed. e Intro. Sonu Shamdasani; prefácio de Ulrich Hoerni; trad.: Liber Novus, Edgar Orth; intro., Gentil A. Tilton e Gustavo Barcellos, rev. Intro. Walter Boechat. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Jung, C. G. (2013). **Psicogênese das Doenças Mentais. Trad. de Márcia Sá Cavalcanti**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Kast, V. (2013). **A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana** – trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes.

Maciel, C & Carneiro, C. (2012). **Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana** – Rio de Janeiro: Wak.

Mello, L. C. (2009). **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue.

Philippini, A. (1995). **Universo Junguiano e Arteterapia**. Vol. II da coleção de revistas de arteterapia "Imagens da Transformação". [S.l.]: Pomar.

Philippini, A. (1996). **Materialidade e Arteterapia**. Vol. III da coleção de revistas de arteterapia "Imagens da Transformação". [S.l.]: Pomar.

Reis, A. C. (2007). **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. Campinas. Estudos de psicologia (Campinas) vol.24 n.3 Campinas jul/sept. 2007. Recuperado em 27 ago. 2015, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br

Silveira, N. da (2015). **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes.

Silveira, N. da (1997). **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Silveira, N. da (1992). **O Mundo das Imagens**. Rio de Janeiro: Ed. Ática.

Urrutigaray, M. C. (2011). **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. 5. ed. – Rio de Janeiro: Wak.

VandenBos, G. R. (Org.) (2010). **Dicionário de Psicologia da APA**. Porto Alegre: Artmed.

Associação Brasileira de Arteterapia (ABA) (2015). Recuperado em 30/09/2015. <http://www.arteterapia.com.br/oqarte.htm>

CAPÍTULO 6

A MÚSICA NA PSICOLOGIA HOSPITALAR: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL A PARTIR DE DEPOIMENTOS DA PRÁTICA DE PSICÓLOGAS

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 28/12/2020

Tairiny Paola Nogueira

Centro Universitário de Itajubá – FEPI
<http://lattes.cnpq.br/1530905475860735>
Minas Gerais

Taciane Castelo Branco Porto

Centro Universitário de Itajubá – FEPI
<http://lattes.cnpq.br/0834265698338463>
Minas Gerais

RESUMO: Trata-se de um artigo que teve como objetivo compreender a música enquanto um recurso facilitador nos atendimentos realizados no ambiente hospitalar. Para os dados foi elaborado um instrumento de análise exploratório e qualitativo, a fim de se compreender os benefícios produzidos pela música nos atendimentos com pacientes hospitalizados, tendo como base o método fenomenológico-existencial. A pesquisa contou com duas participantes, sendo psicólogas hospitalares atuantes e que fazem o uso de música em seus atendimentos. As psicólogas responderam a um questionário aberto, relatando sua experiência ressaltando o sentido de se realizar atendimento com o recurso música e o significado dessa modalidade de atendimento para o paciente atendido. A partir da compreensão dos relatos escritos pelas psicólogas constatou-se que a música é um recurso facilitador enquanto um instrumento terapêutico utilizado no ambiente hospitalar, beneficiando os pacientes

em aspectos físicos, emocionais, espirituais, culturais e sociais. A música é facilitadora no sentido de motivar o paciente, lhe dando novas perspectivas frente a sua hospitalização, fazendo ressurgir o brilho da vida mediante momentos tão dolorosos para o mesmo. A música acalma, tranquiliza e conforta, no sentido de promover acolhimento e humanização aos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia, Psicologia Hospitalar, Humanização, Fenomenológico-Existencial.

MUSIC IN HOSPITAL PSYCHOLOGY: A PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL STUDY BASED ON TESTIMONIES FROM THE PRACTICE OF PSYCHOLOGISTS

ABSTRACT: It is an article that aimed to understand music as a facilitating resource in the care provided in the hospital environment. For the data, an exploratory and qualitative analysis instrument was developed in order to understand the benefits produced by music in the care of hospitalized patients, based on the phenomenological-existential method. The research had two participants, being active hospital psychologists and who use music in their care. The psychologists answered an open questionnaire, reporting their experience highlighting the sense of providing care with the music resource and the meaning of this type of care for the patient being served. From the understanding of the reports written by psychologists, it was found that music is a facilitating resource as a therapeutic instrument used in the hospital environment, benefiting patients in physical, emotional, spiritual, cultural

and social aspects. Music is a facilitator in the sense of motivating the patient, giving him new perspectives regarding his hospitalization, making the brilliance of life reappear through moments that are so painful for him. The music calms, reassures and comforts, in order to promote welcoming and humanization to patients.

KEYWORDS: Musicotherapy, Hospital Psychology, Humanization, Phenomenological-Existential

1 | INTRODUÇÃO

A ideia de escrevermos um artigo relacionado com música surgiu logo ao conhecer a Psicologia. O interesse por envolver o ambiente hospitalar e a música se intensificou pretendendo, assim, compreender os benefícios trazidos por esta, enquanto recurso com pacientes hospitalizados.

O profissional de Psicologia, após se especializar em musicoterapia, pode atuar nesta área beneficiando seus pacientes sejam estes em quais contextos se encontrarem, utilizando esta ferramenta de trabalho de maneira criativa. Frente a esta ótica, a musicoterapia no ambiente hospitalar visa realizar o atendimento perante as necessidades dos pacientes que se encontram hospitalizados, independente das circunstâncias. Esses pacientes podem se encontrar internados, em situações pré ou pós-cirúrgicas, podendo ainda estar em coma ou em estado terminal. A musicoterapia no ambiente hospitalar abrange, ainda, aqueles pacientes que venham a apresentar transtornos mentais, assim como os geriátricos e aqueles que foram acometidos por danos em sua saúde em estados agudos ou crônicos (CUNHA & VOLPI, 2008).

Campos (1995) afirma que as interações musicais realizadas em ambiente hospitalar pelo psicólogo contribui efetivamente no que se refere a humanização do hospital, partindo da premissa que o ato de humanizar envolve acolher e socorrer o desprovido daquele paciente, abrangendo ainda as questões trabalhistas do corpo que constitui a instituição. Faz-se indispensável tratar o paciente hospitalizado como sujeito livre e responsável por sua própria saúde, não permitindo que sua doença seja um fator limitante.

A presença genuína por parte do psicólogo possibilita o restabelecimento do abarcamento e da sintonia presentes na pessoa junto ao mundo e, conseqüentemente, consigo mesma. Logo no início de nossa vida já passamos a vivenciá-la junto a alguém, em constante interação com o mundo. Um alguém que, ao longo do aprendizado de vida, passa a nos envolver, acolher e ensinar a como percorrer no temido curso de nossa existência (FORGHIERI, 1997).

Para Forghieri (1997) o saber psicológico vai além, pois envolve reflexão e vivência. Um estudo que atua na compreensão das significações que emergem frente ao contato efetivo do próprio psicólogo no que se refere a sua respectiva existência e a de seus similares.

O psicólogo auxilia o paciente na recuperação da experiência de amor que, por

vezes o hospital lhe retira, retomando aquela postura de dedicação, proteção, envolvendo um cuidado que seja condizente a essência singular. A atuação do psicólogo nesse contexto auxilia, também, o paciente a esclarecer o sentido de sua existência; respaldando-se em conhecimentos científicos que deem conta do psiquismo humano (CAMPOS, 1995).

Para esta autora (1995), numa perspectiva fenomenológico-existencial, o psicólogo parte da premissa de ser um facilitador do processo, auxiliando o paciente a clarificar e melhorar aquilo que aparentemente não se encontra em bom funcionamento, sendo ativo no processo de existir do paciente, mostrando-se próximo especialmente em momentos de aflição, a fim de que o mesmo não se sinta abandonado.

Pretendeu-se com este artigo dar uma contribuição para a Psicologia Hospitalar que vem se mostrando ampla ao longo dos anos, buscando melhorar cada vez mais em seus recursos e atendimentos aos pacientes e familiares que ali se encontram. Utilizando-se do recurso música, se teve como objetivo ir além daquele atendimento pautado no modelo médico, buscou-se através da prática, a comprovação dos benefícios proporcionados pelos elementos musicais no desenvolvimento e melhora dos pacientes, contando com um auxílio teórico e científico interligados aos aspectos hospitalares e musicais.

Abordou-se os conceitos referentes a Psicologia Hospitalar, o papel do psicólogo nos atendimentos, a família do paciente atendido e musicoterapia. Esses conceitos elucidam a importância da realização de um atendimento humanizado, pautado no cuidado com o paciente, deixando de tratar a doença em si, passando a olhar para o paciente como um ser humano que merece respeito e dignidade frente ao seu estado de saúde.

2 | METODOLOGIA

O método utilizado neste trabalho baseou-se em uma pesquisa exploratória, na qual teve por finalidade a interpretação do problema, a fim de se apresentar uma resolução nítida das hipóteses levantadas. Desempenhamos uma objetividade decorrente de uma metodologia flexível que permite a familiaridade com o problema, na qual tem por objetivo principal o aprimoramento das ideias. Para que seja realizado tal procedimento, se fez necessário um planejamento que considerasse as variáveis do estudo (GIL, 2002).

Para a mensuração dos dados, apresentamos uma compreensão qualitativa, dando ênfase aos principais elementos decorrentes dos relatos das profissionais da área de Psicologia. Apresentamos questões metodológicas, elucidadas por referências bibliográficas em uma compreensão fenomenológica.

Assim como a relação psicólogo e paciente, a música por sua vez, nos remete as mais diversas emoções e sentimentos, estando presente em nosso dia-a-dia, em nossas relações. A música nos põe em contato com o mundo que se apresenta ao nosso redor. No entanto, para se utilizar da música como técnica é preciso que haja certa apropriação de tais conhecimentos, quer sejam técnicos ou teóricos. Somente desta maneira, será

possível criar e/ou interpretar uma canção, uma melodia (ALMEIDA & CRUZ, 2014).

Segundo Almeida & Cruz (2014), a abordagem fenomenológica é um dos métodos adequados para que se realizem estudos frente aos fenômenos humanos e sociais, de modo que esta abordagem não substitui o pensamento das ciências exatas. Vem a ser uma proposta inovadora, a fim de se compreender o ser humano. Para Forguieri (1997), o enfoque fenomenológico é aquele que realmente abarca a existência humana em sua totalidade.

Almeida & Cruz (2014), ainda ressaltam, que a teoria apresentada por Heidegger, na qual o mesmo afirma que quando se realiza este modo de pesquisa, seria como buscar um legítimo ser-com-os-outros, priorizando uma relação de proximidade e propriedade, o que muitas vezes, não se torna possível quando se opta por um método de pesquisa que seja mais objetivo, aonde pessoas podem passar a corresponder unicamente dados ou números.

Deste modo, partimos da hipótese que no atendimento hospitalar, a musicoterapia pode ser um recurso facilitador no processo de melhoria dos pacientes hospitalizados.

Nossa pesquisa foi Aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Itajubá, sob o número de Parecer consubstanciado: 2.887.871. Teve como objetivo principal, compreender a música enquanto um recurso facilitador no processo de melhoria de pacientes hospitalizados. E como objetivo secundário, partimos da identificação das contribuições que a pesquisa poderia oferecer na atuação do psicólogo hospitalar que, através deste estudo, poderia abranger as técnicas utilizadas pelos profissionais no ambiente hospitalar, favorecendo a melhora nos casos.

Participaram desta pesquisa duas psicólogas hospitalares, que utilizaram a música no atendimento de pacientes internados. A partir dos seus relatos, analisamos fenomenologicamente o sentido e o significado para o paciente internado, de ter sido atendido a partir do uso da música.

Foi realizada uma entrevista indireta, com relatos escritos com cada psicóloga hospitalar, os quais tiveram por finalidade uma descrição, a partir da prática profissional das mesmas, do sentido e do significado para os pacientes hospitalizados de terem sido atendidos com a utilização da música como recurso. A psicóloga Sol (pseudônimo) atua no Hospital-Escola e a psicóloga Lua (pseudônimo) na Santa Casa de Misericórdia, ambos localizados na cidade de Itajubá-MG. Os dois locais de realização da pesquisa assinaram a Autorização para a efetivação da mesma.

Foi elaborado um questionário aberto para a entrevista, sendo este compreendido através de uma metodologia qualitativa. Esta por sua vez, visa compreender os principais elementos de fenômenos descritos nos relatos em âmbito hospitalar.

A análise qualitativa envolveu uma busca da apreensão dos significados que emergiram dos relatos das psicólogas entrevistadas, onde posteriormente, foi relacionada ao contexto ao qual se insere, junto a abordagem conceitual utilizada pelas pesquisadoras.

Deste modo, baseia-se na qualidade, sem haver pretensões de impactar o início da representatividade (ALVES & SILVA, 2002).

Foram realizadas entrevistas indiretas com relatos escritos no ambiente particular de cada uma, sendo este lugar privado. A primeira pergunta foi disparadora, seguida de outras construídas a partir das respostas dadas por cada entrevistada. Perguntas como estas: Qual a sua relação com a música?; Há quanto tempo você faz uso da música em seus atendimentos?; Qual o significado da música para você enquanto profissional?; Para você, qual o sentido da música em seus atendimentos?; Como se dá este processo?; Relate uma experiência vivenciada por você, como psicóloga, nos atendimentos no ambiente hospitalar, utilizando o recurso música; Quais os sentidos/significados para o paciente de ter sido atendido a partir da música?; Para você, qual o papel da música no atendimento psicológico hospitalar?

A coleta dos relatos envolveu a experiência vivenciada pelas psicólogas no ambiente hospitalar nos atendimentos realizados com a música. As pesquisadoras entraram em contato com as psicólogas, levando em consideração os critérios de sua amostra. Aos sujeitos que concordaram em participar da pesquisa, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação das informações obtidas para fins de pesquisa no meio acadêmico, com sigilo e anonimato dos mesmos. Por fim, a entrevista foi realizada de acordo com a disponibilidade das participantes.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo o questionário respondido em mãos, foi realizada a criação de subtemas perante as unidades de significados sublinhadas nas transcrições dos depoimentos das profissionais. Após o estabelecimento dos subtemas, realizamos a análise compreensiva com base na teoria psicológica fenomenológico-existencial humanista.

Na análise qualitativa dos resultados foi-nos possível um aprofundamento referente aos dados coletados, que nos permitiu a análise significativa decorrente do uso de música nos atendimentos hospitalares, como a melhora e o desenvolvimento no processo hospitalar em que o paciente se encontrava.

A psicóloga Sol, é musicista, atua e utiliza o recurso música em ambiente hospitalar há três anos. Já a psicóloga Lua atua no setor UTI e faz uso de música com seus pacientes, tendo o tempo de 6 anos de atuação em âmbito hospitalar. O questionário aplicado às psicólogas objetivou compreender por meio de suas experiências a música enquanto recurso facilitador na melhora de casos de pacientes hospitalizados.

TEMAS PRINCIPAIS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS
- A música como Facilitadora da Comunicação do paciente com o profissional e seus familiares.	"...A música funciona como uma ponte que me liga ao paciente, nas nossas intervenções pouco falamos. Nossa comunicação é pela música..."
- A música como um Abraço, um Afeto, um Acolhimento, um Cuidado	"... Meu professor me disse que minha voz era como um abraço. Quando sinto pacientes tão fragilizados eu canto e toco no intuito de abraçá-los..."
- A música como Alívio da Angústia Existencial	"... A música atua como recurso de trazer alívio..."
- A música como Facilitadora da Descontração e da Alegria	"...A música atua como um recuso terapêutico no sentido de trazer alívio e descontração..."
- A música como Facilitadora do Encontro e do Vínculo	"...Ela parece unir o paciente e os familiares em alguns momentos de dor..."

TABELA - SOL

Na fenomenologia descrita por Merleau Ponty (1999), a linguagem atenta-se na relação, tomando-se o cuidado de olhar para a linguagem como uma espécie de 'equilíbrio em ação'.

Montiel (2004), sobre os cuidados que devemos nos ater em relação as áreas de saúde, educacional e organizacional, menciona que um dos fatores essenciais envolve uma boa comunicação. Em seu artigo ele cita o trabalho da profissional Mara Vilas Boas de Carvalho, em que a mesma possui um trabalho com a temática: "A Arte de Cuidar na Despedida", trazendo a importância de se estabelecer uma comunicação saudável não só com o paciente, mas com seus familiares e toda a equipe. Em seu trabalho a autora nos traz a comunicação como um ato de cuidado, mas também, um exercício que deve ser realizado para que se desenvolva uma escuta aberta e que respeite o paciente, ao ponto de lhe garantir dignidade, bem como conforto ao mesmo frente ao momento delicado em que se encontra.

Em muitos casos, nem sempre se fará necessária a pronúncia de palavras, pois basta que o paciente se sinta acolhido e cuidado. Não se deve negar a história de vida desse sujeito, levando sempre em conta sua subjetividade, visando proporcionar qualidade de vida e bem-estar, tendo como base aspectos de ordem emocional, funcional e psicológica.

O homem pode ser considerado um ser que se encontra em constante construção, não está acabado. Essa construção se fundamenta por meio de contatos estabelecidos com outras pessoas, em sua convivência. Dessa maneira, o homem torna-se um ser que perante suas vivências, herda uma cultura que foi construída ao longo de sua existência, por seus semelhantes (CRITELLI, 1996).

Afirma Ales Bello (2004), que a maneira como uma pessoa se sente tocada pelo mundo ao redor e escolhe responder ao mesmo, é um fator inerente aos homens. Cada indivíduo reagirá de maneira diferente, levando em conta sua subjetividade.

Todas as dimensões constituintes do ser humano contribuem para o surgimento

de uma atitude denominada *eu-tu*, que seria o momento em que a pessoa estabelece relação com outra, uma relação genuína, que causa impactos, permitindo que haja um transpassamento da presença viva da outra pessoa ou de uma situação específica, momentos, entre outras coisas. O que emerge nesse tipo de relação é algo de dimensão intensa, algo que não é possível se mensurar, não se reduz a objetividade. Elevam-se por meio da presença do outro a força e a vitalidade. É um sentimento tão intenso que chega a pulsar. Tal encontro permite, então, que hajam momentos significativos de elaboração e ressignificação, além de uma busca pelo sentido. Tudo isso em decorrência do reflexo de uma relação que se dará, também, fora daquele contexto específico (BUBER, 2001).

Somos seres limitados pela morte, seres finitos, em que nossa liberdade é inundada por uma espécie de sentimento de necessidade. Kierkegaard (SANTOS, 2011), afirma que a angústia está totalmente relacionada as nossas escolhas. Outro motivo gerador de angústia é o fato de nossa salvação ou condenação eterna estar sempre em foco. A ideia de pecado cria angústia na pessoa, porém é algo que o leva a sua própria existência religiosa, ao ponto que a concepção de pecado se associa a presença de Deus. Para Santos (2011), na filosofia de Kierkegaard, a angústia é o cerne duradouro e fundamental de nossos sentimentos.

Ao mencionarmos a angústia, logo podemos associá-la ao ideário de nada, em que Heidegger, citado por De Araújo (2007), ressalta o fato de sermos seres limitados, o que se relaciona a sermos seres terminados e, por fim, atrelado a concepção e morte. É no momento em que nos deparamos com a morte que nos sentimos angustiados e batemos de frente com o nada. Para o autor (2007), na filosofia heideggeriana, o 'nada' é a origem de todas as coisas. Para ele, o nada relaciona-se ao próprio ser. Um ser superior a tudo aquilo que está determinado.

Para Sartre (2014), a ideia do ser e o nada vai muito além, pois o ser seria o objeto, e, por sua vez, o nada seria o próprio sujeito. De modo que o ser é coisa (pedra/absoluta/Deus). O nada é o homem, porque neste caso o homem quer dizer nada. O nada que, em sua angústia, busca se apoiar no ser supremo, no ser divino.

Afirma Heidegger, que estamos inseridos neste mundo como seres que findam ao seu próprio ser e só chegamos a nós mesmos, quando nos vemos limitados pela morte. Será exatamente nessa experiência de angústia, decorrente de pensamentos de morte, que refletiremos sobre o que somos nós e surgirá, então, um sentimento de frustração, algo reconhecido pela própria consciência (DE ARAÚJO, 2007).

A música enquanto recurso promove sentimentos de bem-estar ao paciente envolvendo alegria, tranquilidade, paz e descontração frente ao ambiente em que o mesmo se encontra. Esta pode ainda atuar como uma espécie de abrigo através da criatividade, contribuindo diretamente na redução de estresse e tensão, conduzindo o relaxamento (SILVA & MOREIRA *et al* 2012).

No existencialismo, é Nietzsche o filósofo da alegria, da afirmação da vida em sua

plenitude, do dionisíaco flexível e adaptável, em contrapartida ao apolíneo em sua rigidez controlada (NIETZSCHE, 2006). Na contemporaneidade podemos compreender o sujeito de maneiras distintas, porém quando olhamos para este empiricamente o vemos em sua totalidade, o ser constituído pela união do corpo e da alma, levando em conta sua subjetividade.

Esse processo de percepção realizado pelo homem frente ao mundo real, possibilita o estabelecimento genuíno de uma unidade, que por sua vez seria o corpo próprio do mesmo (MERLEAU-PONTY, 1999). Na fenomenologia de Martin Buber, a relação autêntica *eu-tu* é natural do ser humano e acontece à medida que experienciamos nossas vidas e estamos abertos para construção de relações que poderão nos dizer quem somos nós, para nós mesmos (BUBER, 2001).

TEMAS PRINCIPAIS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS
<p>- A música facilitando a Comunicação do Mundo Interno dos pacientes</p> <p>- A música como Facilitadora Psicoterapêutica</p> <p>- A música como Afirmação da Vida</p> <p>- A música como Facilitadora para a Conquista da Autonomia</p> <p>- A música como Facilitadora da Tomada de Consciência</p> <p>- A música como Facilitadora dos Relacionamentos Interpessoais</p>	<p>“...A música vem como um instrumento facilitador da comunicação com o paciente e deste consigo mesmo a respeito de seus sentimentos e emoções...”</p> <p>“...O paciente é exposto a música, relata nesse primeiro contato o que sentiu, o que percebeu na música, que memórias podem ter surgido nessa exposição...”</p> <p>“...Autocontrole da ansiedade...”</p> <p>“...Certa maturidade emocional que a ajudou no enfrentamento da doença...”</p> <p>“...A música é um instrumento a mais na prática psicológica. É um facilitador na comunicação e na terapêutica...”</p> <p>“...A música traz vida em um lugar que só se pensa em morte...”</p> <p>“...O paciente consegue perceber que ele pode retomar seu autocontrole, sua autonomia que lhe foi tirada no processo de hospitalização. O que é muito positivo...”</p> <p>“...A música é uma escolha quando o paciente consegue informar o tipo de música que gosta...”</p> <p>“...A cada sessão essa jovem trazia à tona conteúdos emocionais que puderam ser trabalhados para retomar autonomia...”</p> <p>“...Ele traz ao presente (consciente), emoções que estão embotadas, que são difíceis do paciente perceber e entrar em contato pela via tradicional que é o verbal...”</p> <p>“...melhora no relacionamento com a equipe e família...”</p>

TABELA - LUA

A comunicação se inicia por meio de sujeitos falantes e sujeitos que estejam dispostos a ouvir. Desse modo afirma Amatuzzi (2001), que o ato de ouvir legitimamente abarcaria uma compreensão do real significado transmitido por aquele que fala no momento, dar

conta de identificar o que o mesmo tentou expressar por meio de sua fala. Desse modo, não devemos nos prender unicamente nas palavras, buscando o significado das mesmas, mas devemos ousar no sentido de olhar para o significante da pessoa que nos fala.

Para AmatuZZi (2001), a comunicação é um conjunto de manifestações verbais e não verbais, de maneira que quando se emite uma fala esta pode ser compreendida amplamente no que se refere a comportamentos, expressões ou tão somente comportamentos verbais. A comunicação interpessoal ocorre entre sujeitos falantes pertencentes a mesma comunidade linguística, estando internamente agregada as extensões de ordem existencial, individual e coletiva da fala. A comunicação é composta por um diálogo que abarca a relação existente entre o simbólico a partir da expressão e vivências existentes nos relacionamentos interpessoais.

Carl Rogers (1997), em sua obra *Tornar-se Pessoa*, evidencia a comunicação perante a psicoterapia, enfatizando que a psicoterapia se inicia mediante uma falha de comunicação. De modo que a pessoa se encontra fragilizada emocionalmente, por vezes o 'neurótico' esbarra com inúmeras dificuldades, pois primeiramente houve um rompimento da comunicação consigo mesmo e, contribuiu para que houvesse um prejuízo também de sua comunicação para com os outros.

Ao longo de suas obras Rogers (1997), ressalta o objetivo do terapeuta mediante seu cliente, deixando claro o quanto que este deve ser ativo perante as experiências de seu cliente. É crucial que o terapeuta desenvolva uma boa escuta e aprenda a observar os movimentos que emergem durante a relação.

A pessoa passa a assumir a responsabilidade pelo próprio processo e, em contrapartida, o terapeuta se torna um facilitador. No processo terapêutico, facilitará o desenvolvimento das potencialidades de seu cliente, realizando um atendimento não-diretivo, perante a urgência do fenômeno apresentado (ROGERS,1997).

Segundo Nietzsche (2006), é importante que o homem de fato vivencie os sofrimentos, dissabores, alegrias e, até mesmo, os prazeres que surgem no decorrer de sua existência, isso com a mesma amorosidade e intensidade. No entanto, nos chama a atenção para o fato de estarmos sempre em busca de fugas perante aquilo que nos gera desconforto. Para o autor, vivemos em mudanças constantes, nada está sobre nosso controle e, em consequência disso, a vida pertencendo ao mundo que nos rodeia, também faz parte de toda mudança.

Se pensarmos por esta ótica, tanto o homem quanto o mundo estão sujeitos a terem suas vidas determinadas por uma potência, uma vontade que acaba por se expressar através do corpo. Afirmo Nietzsche (2006), que se faz necessário ter um amor genuíno pelo próprio corpo e a vida que há no mesmo, assim como o mundo que o cerca, sendo este composto por alegrias ou sofrimentos. Porém, evidencia que isto não quer dizer que o homem deva amar o que lhe causa sofrimento, mas sim, deve amar a vida, pois esta não existe sem que haja o mínimo de sofrimento. Quando amamos a vida conseqüentemente a

estamos afirmando, e, desse modo passamos a compreender que na vida nos deparamos com forças tanto ativas quanto reativas. O homem, por sua vez, quando vivencia cada instante como se fosse o último com toda sua intensidade, evidencia que sua vontade de potência se encontra no mais alto grau. A vida do homem é permeada por uma vontade de poder, surgindo muitas vezes como impulsos, que revelam que os desejos manifestados conotam a vitalidade desse homem. Quando emerge o desejo de expansão desse poder, a vida cresce e se desenvolve, pois, o homem se sente impulsionado pelo desejo de exibir esse poder.

Sartre (2014), nos traz o conceito de liberdade embutido ao de autonomia de escolha, de modo que a liberdade do homem se relaciona ao processo que este percorre no sentido de promover sua construção ao longo de sua existência. O homem é livre para fazer suas escolhas no mundo, porém a própria autonomia de escolha passa a ser um ato do homem, sendo assim, a liberdade é a ação do homem sobre o mundo que o rodeia.

A existência precede a essência, pois o homem é primeiramente 'arremessado' ao mundo, e, somente por meio de suas vivências, através das relações que estabelece em sua existência é que este passa a construir seu próprio ser. Portanto, Sartre deixa evidente a relação que o mesmo estabelece entre liberdade, autonomia e responsabilidade. Somos tomados pela angústia da responsabilidade, que vem embutida no momento em que faço minhas escolhas. O homem será o único responsável por suas escolhas, o único a decidir entre fazer ou não, entre ir ou parar (SARTRE, 2014).

Numa perspectiva fenomenológico-existencial o que se pretende é ampliar a consciência do indivíduo frente à sua própria existência, tendo como base aquilo que o mesmo experimenta, pensa, sente, se comporta entre outras coisas, mas sempre levando em conta o momento presente que este vivencia. Deste modo, o homem passa a ser visto não como um ser isolado, mas como um ser atuante, que está sempre se desenvolvendo; podendo ser compreendido por meio de suas relações, na troca de experiências (CRITELLI, 1996).

Martin Buber (2001), faz uma compreensão do homem no mundo, o homem que possui inúmeras possibilidades em seu existir, na medida em que este se coloca nas relações. O autor em sua abordagem de estudo, traz as denominações *eu-tu* e *eu-isso* que, por sua vez, descrevem esse homem em sua essência. O homem possui o *eu*, sendo este um eu que abre portas para o *tu*, possibilitando a interação entre ambos que, por sua vez, fundamentará o modo de ser desse homem.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a compreender a música como um recurso a mais para o psicólogo, sendo esta considerada uma facilitadora terapêutica. Desse modo, a música tem sido cada vez mais utilizada nos contextos clínicos e hospitalares, em pacientes

de pré-operatórios, pós-operatórios, em momentos de parto entre outros (WANG *et al.*, 2002). Desse modo, ao se fazer o uso da música como um recurso terapêutico com fins de relaxamento no contexto hospitalar, promove-se um atendimento pautado no cuidado e na humanização, o que torna a comunicação mais agradável (FERREIRA *et al.*, 2006; FONSECA *et al.*, 2006).

A música é um recurso facilitador enquanto um instrumento terapêutico utilizado no ambiente hospitalar, trazendo inúmeros benefícios aos pacientes, envolvendo aspectos culturais, sociais, emocionais; proporcionando bem-estar físico, mental e espiritual. A música é facilitadora no sentido de motivar o paciente, lhe dando novas perspectivas frente a sua hospitalização, fazendo ressurgir o brilho da vida mediante momentos tão dolorosos para o mesmo. A música acalma, tranquiliza e conforta no sentido de promover acolhimento e humanização aos pacientes. Nunes *et al.* (2019) corroboram que diversas situações, como medo, desânimo, ansiedade, preocupação, estresse e saudades, além dos agravantes físicos, podem acometer um sujeito durante o seu período de internamento. Por proporcionar serenidade e maior aceitação do tratamento e da hospitalização, a música é considerada um instrumento de efeito terapêutico não farmacológico.

A música possibilita que haja uma ponte com o mundo interno de cada paciente, levando em conta sua história de vida, sua subjetividade; respeitando sua essência, contribuindo para o aprimoramento de suas potencialidades, visando sua tendência atualizante. A música é uma arte representativa, presente na vida das pessoas, que por sua vez desencadeia emoções e sentimentos variados. É um instrumental capaz de trazer vida, esperança, conforto e alegria aos corações das pessoas. Simboliza momentos que foram ou que são marcantes na vida das pessoas, desperta sensações que talvez estejam adormecidas, e, no ambiente hospitalar, a música vem na tentativa de acolher e resgatar sentimentos do paciente, que o auxiliem no enfrentamento de sua doença; com a finalidade de promover bem-estar ao mesmo, o auxiliando a resgatar sua força interna mediante seus sofrimentos atuais.

Almejamos que esta pesquisa contribua para a Psicologia Hospitalar, assim como na teoria que envolve a Musicoterapia; que prioriza auxiliar o processo de hospitalização desses pacientes, tornando este ambiente mais leve e buscando contribuir para a melhoria dos casos clínicos. Sem excluir, a subjetividade das dinâmicas familiares de cada paciente individualmente. Como bem afirmaram Silva e Piovesan (2020), são inúmeras áreas do cérebro que são atingidas e beneficiadas, de acordo com a forma em que a música é ouvida. Isso demonstra o avanço tecnológico bem como as pesquisas que estão cada vez mais voltadas à música e seus benefícios.

Espera-se que, a música como mostrou-se aqui ser um recurso facilitador em processos de hospitalização, seja cada vez mais utilizada pelos hospitais, clínicas psicológicas, APAES, entre outros, respeitando a teoria fenomenológico-existencial, utilizada nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Bauru: EDUSC, 2004.

ALMEIDA, F. I. & CRUZ, C. G. **O Sentido da Música para Profissionais e Estudantes da área**: um olhar fenomenológico-existencial. Monografia apresentada ao curso de Psicologia, Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, 2014.

ALVES, Z. M. & SILVA, M. H. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, 2, fev. /jul., 2002.

AMATUZZI, M. M. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Alínea, 2001.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

CAMPOS, T. C. **Psicologia Hospitalar**: a atuação do Psicólogo em Hospitais. São Paulo: EPU, 1995.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CUNHA, R. & VOLPI, S. A prática da Musicoterapia em diferentes Áreas de Atuação. **Revista Científica /FAP**, 3, p.85-97, jan./dez., Curitiba, 2008.

DE ARAÚJO, P. A. Nada, angústia e morte em ser e tempo: de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, 10(2), dez. 2007.

FERREIRA, C.C.M.; REMEDI, P.P.; *et al.* A música como recurso no cuidado à criança hospitalizada: uma intervenção possível? **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2006. p. 689-693.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica**: Fundamentos, Método e Pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1997.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTIEL, J.M. **A Fenomenologia do Cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. Pokladek, D. (org.). São Paulo: Vetor, 2004.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

NUNES, E.C.; OLIVEIRA, F.A.; *et al.* ty: A música como instrumento de cuidado transpessoal – percepções de indivíduos hospitalizados assistidos na extensão universitária. **Escola Anna Nery**. 24(2), 01-08. 2019.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, P. C. A atualidade do conceito de angústia de Kierkegaard. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, 9(2), 202-214. ago./dez. 2011.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SILVA, M.N. et al. A música para indução de relaxamento na Terapia de Integração Pessoal pela Abordagem Direta do Inconsciente – ADI/TIP. **Contextos Clínicos**. vol. 5, n. 2, Rio de Janeiro. 2012. p. 88-99.

SILVA, G.H. & PIOVESAN, J.C. ANTOS, P. C. Música e alegria: uma prática humanizada para crianças hospitalizadas. **Revista Vivências**, Erechim, 16(30), 127-144. jan./jun. 2020.

WANG, S.M.; KULKARNI, L.; *et al.* Music and preoperative anxiety: a randomized, controlled study. **Anal de Anestesiologia**. Ed.94. p.1489-1494, 2002.

CAPÍTULO 7

ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 08/01/2021

Isabela Souza Casemiro

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Mogi das Cruzes - SP
<http://lattes.cnpq.br/6597828485680325>

Roseli Fernandes Lins Caldas

Universidade de São Paulo - USP
<http://lattes.cnpq.br/4762365735230087>

RESUMO: Dentre as diversas contribuições da psicologia histórico cultural, destacamos o estudo das funções psicológicas superiores, como tipicamente humanas, adquiridas e desenvolvidas por vias culturais. Por meio de uma pesquisa ação qualitativa sobre a prática de Artes Visuais com um grupo de crianças de uma classe de Educação Infantil Bilingue, este trabalho pretendeu analisar como as vivências e produções artísticas podem proporcionar desenvolvimento humano. Para isto, foram realizadas cinco atividades sobre a obra de arte “The Smile of the Flamboyant Wings”, de Joan Miró, registrando-se em diário de campo as ações e discursos das crianças. A metodologia utilizada foi do tipo etnográfica, fundamentada nos pressupostos da psicologia histórico-cultural para análise. Por meio das observações e registros das atividades ficou evidente o movimento de internalização do conhecimento sobre o autor e sua obra, assim como sobre o conteúdo de formas geométricas e cores, bem

como o exercício intelectual das crianças de se verem como Miró. Dentre estes resultados destacamos que as vivências em Artes Visuais operam na zona de Desenvolvimento Proximal e proporcionam Desenvolvimento Real e avanço nas funções mentais superiores.

PALAVRAS-CHAVE: Artes visuais; Vigotski; desenvolvimento humano.

VISUAL ARTS AND KINDERGARTEN: A CULTURAL-HISTORICAL PSYCHOLOGY ANALYSIS

ABSTRACT: Among the various contributions of historical cultural psychology, we highlighted the study of higher psychological functions (HPFs), as typically human, acquired and developed by cultural pathways. Through a qualitative action research on the practice of Visual Arts with a group of children of a Bilingual Child Education class, this work sought to analyze how the experiences and artistic productions can provide human development. To this end, five activities were carried out on the work of art “The Smile of the Flamboyant Wings”, by Joan Miró, in a field diary the actions and speech of the children were registered. The methodology used was of the ethnographic type, based on the assumptions of historical-cultural psychology for analysis. Through the observations and records of the activities, the movement of the internalization of knowledge about the author and his work, as well as the content of geometric forms and colors, and the intellectual exercise of the children to see themselves as Miró was evident. These experiences in Visual Arts operate in the zone of Proximal Development, provide Real

Development and advancement in the higher mental functions (HPFs).

KEYWORDS: Visual arts; Vigotski; human development.

INTRODUÇÃO

A tarefa de aprendizagem da criança por muitos anos foi atribuída aos grupos familiar e social (Bujes, 2001). Era neste meio que a criança tinha a oportunidade de adquirir os conhecimentos necessários para enfrentar a vida. As mudanças sociais, como o descobrimento de novas terras, invenção da imprensa, revolução industrial, desdobraram-se em novas configurações familiares, na inserção da mulher no campo do trabalho, reformulando a conjugação dos papéis de gênero e uma nova formatação de espaços para cuidado e educação, assim como uma mudança no papel social ocupado pela criança. Não podemos dizer que este avanço surgiu sempre com a ideia de progresso científico no campo da pedagogia, pois circundante à ideia de pré-escolas e creches havia também ideais higienistas e filantrópicos para corrigir crianças pobres da sua “natureza preguiçosa e vagabunda” (Bujes, 2001, p.14). Diante dessa discussão podemos dizer que a Educação Infantil se organiza em busca de um objetivo que envolve dois processos: educar e cuidar, isto a torna uma instituição com características particulares e peculiares.

O processo de formação do sujeito na apresentação e experimentação de uma cultura é o que entendemos por educação. Para organização deste processo é instituído em cada lugar um currículo, com o que deve ser trabalhado por crianças e professores na trajetória do conhecimento. As propostas curriculares para a Educação Infantil vêm responder a uma sociedade heterogênea e que ao longo dos anos vinha abordando a educação de crianças menores de diversas maneiras.

Na busca de um nivelamento e um alicerce para os professores de Educação Infantil, o governo federal publicou, em 1998, o RCNEI – Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que contém uma coletânea de documentos em três volumes dos Parâmetros Curriculares Nacionais reunidos pelo Ministério da Educação e do Desporto resultado de debates, pesquisas acadêmicas e científicas. Este referencial se propõe a:

apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa, também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o **objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural.** (Brasil, 1998, p.05) (Grifo meu).

A Educação Infantil é um direito da criança. Para este cidadão, deve-se pensar um lugar de cuidado e educação, que possibilite acesso à cultura tendo em vista o desenvolvimento e inserção social. Para organização dessa prática em um currículo destacam-se os eixos: Movimento, Artes Visuais, Música, Linguagem oral e escrita,

Natureza e sociedade e Matemática.

É importante ressaltar que este Referencial (Brasil, 1998) é uma proposta de direcionamento curricular, apresentando “os tópicos fundamentais para a composição de um referencial para a educação: elaborado por especialistas [...], e oferecendo ideias que visam contribuir para o surgimento de uma nova proposta para o cotidiano da EI” (Palhares, Martinez, 1999, p.8). Portanto, este documento se propõe a subsidiar práticas educacionais de qualidade, possibilitando uma discussão com outras propostas pedagógicas que emergem no Brasil e fora daqui.

Palhares e Martinez (1999), em sua análise qualificam o material como uma grande iniciativa do MEC. Porém, ressaltam que o material apresenta pressupostos que estão distantes da nossa realidade, como um educador altamente qualificado com alta capacidade crítica e de reflexão do seu trabalho; a participação familiar dentro do ambiente pré-escolar; continuidade no trabalho (incoerente com as frequentes mudanças de governo/gestão). Outro ponto crítico apontado por Arce (2001) seria o “ecletismo” teórico de Piaget, Vigotski¹ e Wallon, sendo reduzidos substancialmente, não cooperando para a formação de conhecimento, sugestão de pesquisa para o leitor, levando ao “amadorismo e utilização do senso comum para guiar o trabalho pedagógico” (p.274).

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artes Visuais é um eixo de proposta curricular, que se faz conhecido pelo fato de ser uma forma de expressão, comunicação, atribuída de sentido, sentimento, pensamento e realidade.

Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis” (Brasil, 1998, vol.3, p.85).

Como parte de sua responsabilidade, as instituições de Educação Infantil procuram realizar os conteúdos de maneira lúdica, interativa e artística. As artes são uma ferramenta diária, que normalmente é utilizada como um meio de atividade para uma data comemorativa, reforço de aprendizagem após a leitura de um livro, uso de material xerocopiado ou como passatempo, o que supõe uma desvalorização da área, imposição de valores e significados, podendo ser destituído de sentido. Sobre isto Lowenfeld e Brittain (1977, conforme citado por Zanin, 2005) comentam:

Expor uma aprendizagem artística que inclua tais tipos de atividades é pior de que não dar aprendizagem alguma. São atividades pré solucionadas que

1 O nome Lev Semyonovich Vigotski tem sido grafado de diferentes formas na literatura científica ocidental, considerando-se que o original russo é escrito em outro alfabeto. Assim, muitas formas são aceitas. Nesse trabalho optamos pela grafia VIGOTSKI.

obrigam as crianças a um comportamento imitativo e inibem sua própria expressão criadora; esses trabalhos não estimulam o desenvolvimento emocional, visto que qualquer variação produzida pela criança só pode ser um equívoco; não incentivam as aptidões, porquanto estas se desenvolvem a partir da expressão pessoal. Pelo contrário, apenas servem para condicionar a criança, levando-a a aceitar, como arte, os conceitos adultos, uma arte que é incapaz de produzir sozinho e que, portanto, frustra seus próprios impulsos criadores. (p.59)

Este movimento levantou discussões acerca da aprendizagem da criança em artes, quanto à livre expressão. Segundo o RCNEI (Brasil, 1998), a criança se desenvolve artisticamente a partir de formas complexas de aprendizagem, que são sempre reflexos da cultura em que está inserida, sendo constituída a partir do que viu na televisão, revista, gibi, trabalhos de artes de outras crianças próximas, rótulos de produtos a que tem acesso etc. Por isso ressalta-se o papel dos pais, professores, escola e sociedade na preparação deste repertório, que se tornará base para a reflexão e produção concernente às Artes.

As crescentes pesquisas em Educação Infantil têm abordado temáticas referentes aos cuidados desta criança pequena, tais como o brincar, espaço e tempo, aquisição e desenvolvimento de leitura e escrita, adaptação e interação escolar, o que não somente interessa ao campo da Pedagogia, mas também das Ciências Psicológicas. Vários teóricos da Psicologia, têm se dedicado ao estudo da educação e formas de colaboração a este campo social. A proposta das Artes Visuais na Educação Infantil, de onde parte este estudo, passa pelo campo social, pois, como trata Japiassu (1998), o estudo e ensino das artes na educação brasileira ainda é visto como atividade de lazer, recreação ou luxo e privilégio de crianças e adolescentes de classes economicamente mais abastadas.

VIGOTSKI, DESENVOLVIMENTO E ARTES

Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), teórico russo fundamental para o estudo da psicologia do desenvolvimento e processos de aprendizagem, parte das ideias marxistas para pensar o ser humano. Para ele, os organismos biológicos e sociais estão sempre em uma relação interdependente, entre si e com os processos de desenvolvimento dos sujeitos. O ser humano, por meio das relações sociais estaria constantemente se transformando e transformando o seu entorno. Esta relação com o mundo é sempre mediada por instrumentos e signos, que são as ferramentas auxiliares da atividade humana.

Quando refletimos, de acordo com a psicologia histórico cultural, sobre o desenvolvimento da criança nos referimos à evolução dos processos psíquicos e traços psicológicos da personalidade da criança, que consiste no processo de educação e ensino.

Pensar a educação, com Vigotski e Marx (Chisté, 2015), é questionar o modo de vida frente à sociedade capitalista, que perde de vista um ser sensível, criativo. Ensinar seria apontar o conteúdo histórico da percepção e cultura humana, é nesta apropriação que

o indivíduo se humaniza e se desenvolve nas funções psíquicas superiores².

Para estudarmos a visão da psicologia histórico cultural quanto ao desenvolvimento psico intelectual precisamos discutir o processo de aprendizagem e educação. As pesquisas feitas pelos teóricos demonstram que a educação possibilita experiências sociais, por meio de atividades autônomas a criança passa a elaborar novas atitudes e conexões. O processo educativo consiste em colocar a criança diante de desafios, tarefas provocativas, perguntas, em que o indivíduo vai procurar referenciais no seu histórico comportamental e de pensamento, e gerar novos meios de cumprimento das exigências e satisfações da tarefa.

Vigotski (1998) aponta que o estudo do processo de desenvolvimento se constitui no intervalo entre dois estágios. Primeiro, o nível real, que seria o resultado das funções psico intelectuais já apresentadas pela criança, ou seja, aquilo que ela tem a capacidade realizar por si. Vigotski relata a respeito da área de desenvolvimento potencial, ou seja, a capacidade da criança poder realizar atividades com a ajuda de outros, de forma dependente, seja por instruções ou pela apresentação de modelos. O espaço entre os níveis de desenvolvimento potencial e real é denominado zona proximal ou próxima. É nesta “distância” que o aprendizado impulsiona e produz desenvolvimento.

A aprendizagem é um processo que começa antes da criança entrar na escola, que deve ser coerente com o nível de desenvolvimento da criança e vai atuar na geração da zona de desenvolvimento proximal. A aprendizagem aproveita do desenvolvimento já elaborado e completo, se modifica quando adquire um número de características mais elaboradas. Portanto o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem (Vigotski, 2000). Ou seja, a criança, pela interação com o ambiente pensado pelos princípios de educação, se permite subjetivar, individualizar, e assim esta tem condições suficientes para se organizar, desenvolver. Segundo Kostiuk, “o desenvolvimento produz-se através daquilo que a criança faz no seu processo de aprendizagem e educação” (1991, p.67).

Por volta dos dois primeiros anos de vida os comportamentos da criança começam a se organizar, o que é realizado em grande parte pela estruturação da atenção, que permite organização, fixação e elencar elementos. Para Luria (1998), “a atenção é marcada, acima de tudo, pela substituição de comportamento desorganizado e difuso por respostas organizadas e concentradas em estímulos específicos” (p.91). No processo de desenvolvimento da criança muito pequena, as considerações mais primitivas não permitem uma percepção de estruturas, somente elementos como cores, luzes, mas é com o tempo que a criança passa a perceber vultos e formas, o que é uma capacidade adaptativa importante para o organismo.

Para Vigotski, Luria e Leontiev (1998) o desenvolvimento da psique é determinado pelos processos reais, pela atividade da criança em sua própria vida. É pelo estudo do

2 Estas funções cognitivas superiores, entre outras, são entendidas por: pensamento, memória, percepção, atenção, imaginação e linguagem. São características tipicamente humanas e que traçarão a gênese das mais importantes habilidades culturalmente adquiridas, como leitura e escrita.

conteúdo da atividade da criança que podemos observar “o papel tanto das condições externas de sua vida, como das potencialidades que ela possui” (Leontiev, p.63). Portanto não é a atividade em si que determina o desenvolvimento, mas como ela se dá em processo, conteúdo, onde a educação e criação operam em sua atitude e determinam a psique e consciência.

Vigotski, discute a proposta pedagógica de educação estética com o objetivo de promover o contato entre alunos e produção artística da humanidade ao longo do tempo.

Essa objetividade intencional determina a centralidade do estudo das artes em alguns aspectos como a história da arte e o entendimento intelectual da arte como mediadores do pensamento na apropriação da dimensão estética da realidade. Nesse sentido as atividades práticas e a fruição no ensino das artes devem ser desenvolvidas com base no desenvolvimento estético da humanidade (Paes, 2007).

Como parte da realidade e história humana as artes são instrumentos mediadores entre o homem e o mundo, estabelecendo assim, uma relação dialética. Segundo Vigotski (1999), a arte está ligada à sua realidade objetiva, condicionada pelo psiquismo social, onde ela recorre ao que está acontecendo na vida, nas relações sociais, passa por um filtro criativo e a transforma em um produto cultural. Para alguns, pode ser vista como algo supérfluo, mas a investigação psicológica da teoria histórico-cultural tem demonstrado que as artes promovem desenvolvimento humano.

Vigotski (1999, citado por Barroso e Superti, 2014) descreve, de forma muito interessante, a relação entre a arte e a vida:

A arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material. (p. 308)

A arte e seu ensino, portanto, é uma forma de educação para humanização, levando-se em conta que na educação estética há possibilidade de uma educação integral. As ideias desse autor sobre o fazer artístico é que este pode ser abordado de forma equivocada sob três perspectivas: fazer da experiência artística uma educação moral, ou seja, sempre buscar conclusões e interpretações sobre “o que o autor quis dizer”. Outro erro da pedagogia tradicional seria submeter a arte à uma ferramenta de estudo do conhecimento social e histórico de uma certa data, pois as artes não têm a obrigação de reproduzir a realidade, o que ignora os aspectos estéticos de uma obra. Por fim o terceiro engano é reduzir a obra de arte ao sentimento que ela nos causa, fazendo dela um meio hedonista, um meio de estímulo. Estes fazeres têm por objetivo o pedagógico e não “educação estética como um fim em si mesmo”, como propõe Vigotski (2003, p.225).

A criança deve de alguma forma manter uma distância e desinteresse mediante a complexidade psíquica de uma percepção da obra de arte. Deixando-se atrair primeiramente

pelos sentidos (visão, audição), onde haveria um despertar no organismo do que é diferente, estranho.

Segundo Barroso e Superti (2014), a Psicologia da arte preconizada por Vigotski busca estudar a estrutura da obra, que deve provocar uma resposta estática e impactar a psique do fruidor. A arte deve ser considerada uma estrutura específica e condição de objeto cultural. Para Vigotski, a arte:

Pode trazer desenvolvimento à psique humana pois, entre outros aspectos, possibilita a duplicação do real no âmbito intrapsíquico, ao oferecer ao fruído a vivência, por meio indireto, sobretudo de emoções e sentimentos não cotidianos (p.22).

O processo de educação estética passa assim pela estruturação da seguinte maneira: excitação, elaboração (processamento) e resposta. Para que isto aconteça numa sala de aula ou na vida cotidiana deve-se pensar atividades numa proposta de vivência artística, para experimentação deste movimento, o que se distancia da ideia de repetição e que produz superação do visível e audível.

OBJETIVO

O presente trabalho teve por objetivo realizar uma pesquisa ação sobre o eixo de Artes Visuais em Educação Infantil, buscando compreender como a arte pode promover o desenvolvimento psico intelectual. Foi fundamentado na metodologia e concepção teórica da psicologia histórico-cultural de Lev Vigotski na interlocução entre arte, educação e psicologia, como espaço para o desenvolvimento humano.

A escolha do tema e área prática (Artes Visuais e Educação Infantil) foi feita pela perspectiva de esta ser uma área de atuação e interesse da pesquisadora, enquanto professora da Educação Infantil. A pesquisa relativa ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve interlocução com o estágio obrigatório em Psicologia Escolar, onde foi observada a necessidade e possibilidade de desenvolvimento do eixo curricular na área de Artes Visuais, contemplando ao mesmo tempo formação de professores e a implantação de projeto com alunos da Educação Infantil, com duração de um ano. Este artigo retrata somente o projeto de pesquisa desenvolvido na Educação Infantil.

METODOLOGIA

A Psicologia histórico-cultural parte do pressuposto de que o homem não pode ser desvinculado de sua relação e concepção de mundo, logo o método deve sempre ser ontológico (estudo do ser) e epistemológico (estudo do conhecimento). O método se propõe a estudar o homem a partir de sua relação social e histórica, ou seja, o homem numa relação dialética como participante de uma realidade social, mas também distinto dela.

Optou-se por denominar este estudo como “tipo etnográfico”, que respeita a observação participante, onde o pesquisador não é alguém neutro, mas que se deixa afetar e afeta o seu objeto de estudo, assim como utiliza entrevista intensiva e análise de documentos que buscam contextualizar o fenômeno, vinculando-o a informações coletadas. (Wolcott, 1988, conforme citado por André, 2005). A proposta é a realização de uma pesquisa ação, ou seja, uma investigação que tem por finalidade uma ação (action research), também denominada como intervenção, num processo de: análise, coleta de dados e levantamento de problemas, planejamento da ação com acompanhamento e controle, finalizando com relato do processo.

O conhecimento aqui não é dado como total pela teoria, como redundante onde a realidade deve ser encaixada, mas uma construção do pesquisador, a partir da teoria (que é fundamental para análise), que se abre a dúvidas e questionamentos. Deste modo, a produção de pesquisa em psicologia histórico-cultural possibilita que o espaço de pesquisa seja também espaço de intervenção.

A pesquisa desenvolvida é qualitativa, pois compreende-se que a realidade de interações e influências durante uma atividade de Artes Visuais não são fenômenos passíveis de mensuração, pressupondo a interpretação como mediadora da experiência humana. Assim, este é um estudo tipo etnográfico, com aplicação de atividades de Artes Visuais em uma sala de Educação Infantil com crianças de 2 e 3 anos de idade de uma escola particular bilíngue localizada na cidade de Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo, visando obter um maior aproveitamento do conhecimento adquirido com a turma que já tinha vínculos com a pesquisadora, entendendo que isto favoreceria problematizar melhor numa abordagem de tipo etnográfica. Segundo Rockwell (1987) um estudo assim tem como precedente a forma como a relação é estabelecida, buscando entender o fenômeno e as ordens sociais que o cercam.

Como forma de prática e avaliação das intervenções com os alunos foram utilizadas as propostas de atividades apresentadas pelos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Brasil, 1998) de “fazer artístico, apreciação e reflexão” (p. 89).

Como o grupo escolhido estava trabalhando o currículo “*Colours & Shapes*” (tradução -cores e formas), que pretende abordar conceitos como, cores primárias, “um círculo é redondo”, “um quadrado tem 4 lados”, “um triângulo tem três pontas”, “uma estrela tem 5 pontas”, “fazer linhas”. Para aproximação deste conteúdo curricular, foi utilizada a pintura “The Smile of the Flamboyant Wings”, do artista surrealista Joan Miró. A obra escolhida tem cores bem distintas, reconhecíveis que além de clara formatação de formas geométricas; se apresenta com originalidade e traços grossos. Rossi (conforme citado por Barbosa, 2015) afirma que:

para a criança do primeiro estágio interessam a cor e o tema. Tanto faz se a imagem é figurativa ou abstrata, desde que tenha cores luminosas, nítidas e abundantes. Prefere cores simples sem variações de matizes ou tonalidade,

mesmo numa imagem abstrata. Isto porque sua cognição está muito perto da ação concreta, do realismo, e ela não opera com abstrações e esquemas. (p. 19)

Em um contato com a obra, é importante que a criança possa desenvolver narrativa sobre o que observa na imagem, o educador neste momento participa como uma figura provocativa e acolhedora da fala das crianças. Em seus experimentos Vigotski elaborava situações a fim de quebrar a rotina, com desafios (de linguagem, uso de instrumentos), cujo papel era desvendar os processos que comumente estão encobertos pelo comportamento habitual.

O fato de agirem diretamente na situação faz com que a atividade adquira outro nível de complexidade se consideramos esta que se dirige, primordialmente, à solução de problemas. Neste caso, a interação social implica transformações, via emprego de instrumentos físicos e/ou simbólicos. (Machado, 1995, p.75).

Foram realizadas cinco atividades, com cinco crianças. A primeira e a última atividades foram feitas com objetivo de diagnóstico e avaliação do processo, que consistia em quatro formas geométricas recortadas em papel lixa, coladas centralmente numa folha de sulfite A4, onde as crianças puderam, por meio da instrução do adulto pintar cada forma geométrica com uma cor específica, trabalhando a exploração das formas e cores, finalizando com a ligação das formas com uma caneta de cor preta.

A segunda atividade foi realizada após uma semana da exposição da obra “The Smile of The Flamboyant” em sala, onde as crianças em roda, sentadas no chão foram apresentadas a Joan Miró por meio de uma foto do artista e vídeos interativos com suas obras. Em seguida manipularam massa de modelar com as cores utilizadas por Miró, na obra escolhida. As crianças apoiaram as estruturas de massa em folha A3 branca e tinham de fazer linhas com lápis preto, de forma livre.

Para a realização da terceira atividade, foi repassado o processo de lembrança da obra e artista estudado. Sob a proposta de uma atividade coletiva foi colado na mesa um papel adesivo transparente e disponibilizadas diversas formas geométricas (em EVA) utilizadas por Miró, para que pudessem colar aleatoriamente, e depois desenhar com caneta permanente preta.

Após apresentação da imagem, da foto do artista e estímulo à leitura da imagem, as crianças realizaram a quarta atividade, a pintura com tinta guache da obra. Para isto foi impressa a obra em sulfite A4, preto-e-branco, colado por apenas um dos lados da pintura em sobreposição uma folha de papel vegetal (transparente).

O registro das observações e ação com alunos foi realizado por meio de um diário de campo, com intuito de levantar dados do que foi feito como prática em Artes Visuais, quando e como vivenciam isto para ser analisado pela ótica da psicologia histórico-cultural. É importante observar que as crianças foram autorizadas por seus pais a participarem da pesquisa e seus nomes não são apresentados preservando-se a identidade.

DISCUSSÃO

Na organização de um currículo escolar deve-se pretender a construção de um conhecimento escolar relevante, onde os sujeitos envolvidos (professor e aluno) sejam formados na capacidade de inserção cultural, o que chamamos de educação (Bujes, 2001). O conhecimento experimentado pela proposta curricular deve ser aquele que nos dispõe a raciocinar, dominar informações, de forma sensível, complexa, abstrata, ativa e criativa. Especialmente na Educação Infantil é necessário possibilitar o domínio da compreensão do corpo e desenvolvimento de habilidades sociais, pois se parte do princípio que é por meio das interações sociais que a criança se apropria do conhecimento (Machado, 1995), uma habilidade que começa desde o nascimento.

Pelo fato de a criança estar inserida num espaço e tempo determinado e em contato com outros seres humanos, pode-se afirmar sem reservas, que esta criança se encontra em desenvolvimento. Para analisarmos como se dá este desenvolvimento, consideraremos os fenômenos em unidades (Martins, 1994; Machado, 1995) que na perspectiva histórico-cultural, seria a análise da fala, ação e percepção no seu processo de gênese, desenvolvimento e mudança, observando a interação e movimentação constante destes fatores durante a atividade de arte proposta.

As crianças na faixa etária entre dois e três anos, idade dos participantes deste trabalho, têm por características curiosidade aguçada, capacidade de simbolizar, brincar de “faz-de-conta” (imaginação) e interesse por exploração. Estas crianças passam constantemente por grandes avanços no desenvolvimento cognitivo e psicomotor. A capacidade de linguagem e comunicação é, em geral, compreensível, ainda que de formas muito primárias. (Barbosa, 2015)

Nesta idade pré-escolar o que promove o domínio e organização da realidade são o pensamento abstrato e o brincar, por isso as atividades em Artes Visuais se conduziram desta forma, por meio do lúdico, como, brincarem com massa de modelar para formarem os pontos de cores, depois conectarem esses pontos de cores com uma caneta preta, o que é característico do artista e obra apresentada. Durante esta atividade, estavam sentados no chão com o suporte (folha de atividade), a pesquisadora distribuía as massinhas recapitulando o nome das cores e todas as crianças estavam interagindo, respondendo e concentradas na atividade. Foram estimuladas a “brincarem de massinha” (Diário de campo nº 2) até que uma criança enquanto manipula sua massinha de cor vermelha, diz: *“A gente tá brincando de Miró. Né, Miss Isa?!”*.

Segundo Vigotski (1998, p.137) “a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Para aquela criança, a massa de modelar naquele momento não estava mais associada à sua concretude ou qualquer outra brincadeira, mas apresentava relação direta com outro significado, o conceito Miró e sua obra. Esta nova

organização, indica claramente ampliação de repertório sobre o objeto “massinha”, fazendo parte do processo complexo em que a aprendizagem pode levar ao desenvolvimento.

A distância entre o nível de desenvolvimento potencial e efetivo/real é chamada de zona de desenvolvimento proximal, com a proposta de Artes Visuais que se presta a promover o desenvolvimento, trabalhamos nesta zona, provocando avanços que não aconteceriam naturalmente.

Em meio à rotina escolar, as crianças estavam se movimentando livres pela sala no momento de “free play”, onde elas podem escolher aleatoriamente um brinquedo ou jogo da sala. Algumas delas escolheram um brinquedo espumado que possibilita a criança escalar e escorregar. No espaço onde este brinquedo está, havia sido pendurada na parede a pintura que trabalhamos e uma fotografia de Joan Miró. Uma criança estava escalando, então olha para a parede, toca a fotografia do autor e diz “Oi, Miró”. Entendemos que após trabalharmos na apresentação do artista e obra, com o objetivo que as crianças se apropriassem deste conhecimento que anteriormente não tinham, operamos no desenvolvimento proximal.

Quando esta criança esboça a atitude de reconhecer o autor e cumprimentá-lo, isto demonstra que ela passou pelo processo de interiorização da informação e significação da experiência com o autor e isto já não é um conteúdo exterior a ela, ratificando a hipótese de que a atividade em Artes Visuais pode proporcionar desenvolvimento real. Se não fosse o contato com o exercício feito de aproximação do artista e sua obra, a fotografia de Joan Miró seria só uma fotografia, mas hoje passa a fazer parte do seu repertório, agora sem necessidade de mediação.

Durante a quarta atividade foi mostrada a pintura, indagando-se quais as cores e, sequencialmente, quais formas geométricas podiam ver, todas as crianças interagiram, falando corretamente juntas e olhando fixamente para a pintura. Ao ser indagado se lembravam de quem era aquela atividade, uma menina olha para a parede onde estava a fotografia de Miró e diz o nome do artista. Outras duas crianças também olham para a fotografia e uma delas faz a mesma pose que Miró tem na foto, apoiando o queixo sobre uma de suas mãos, e todas a imitam. Segundo Kostiuk (1991, p.43), por meio da mediação de um adulto, a criança se utiliza da imitação, como um treino de capacidade de assimilar a figura do artista. É, novamente, o trabalho na zona de desenvolvimento proximal, sendo um exercício intelectual de se ver como Miró.

Considerando a importância de um processo educativo que possibilitasse a formação de novas tendências gerais de comportamento, foi elaborada uma atividade coletiva. A atividade foi proposta como colagem das formas geométricas e cores abordadas na pintura de Miró, sobre a mesa em um suporte adesivo transparente. As crianças estavam em pé, com isto o espaço que ocupavam e que poderiam fazer a atividade não era bem determinado, restrito. Foi registrado que durante a atividade as crianças se empurraram para conseguir mais espaço, uma criança demonstrou insatisfação por outra ter “descolado” a peça que ela havia colocado. No momento de conflito as crianças pedem

pela intervenção da pesquisadora, ou seja, quando a criança se vê em uma situação que ainda não tem a capacidade de resolver sozinha (desenvolvimento potencial) ela pede a mediação do adulto.

O professor tem um papel fundamental na construção da autonomia, pois pelo trabalho na zona de desenvolvimento proximal pode proporcionar que a criança consiga fazer a atividade por si só, de forma autônoma. Além disto, destaca Kostiuk (1991), que a criança em idade pré-escolar começa a formar a capacidade de trabalho em grupo, e compreender o significado de organização para satisfazer tarefas coletivas com uma “atitude positiva” frente ao trabalho (p.63), e que isto depende de como o ambiente prepara, intervém de forma intencionalmente educativa.

CONCLUSÃO

O estudo do desenvolvimento apresenta-se como um processo complexo, que envolve e depende da educação e da aprendizagem. A partir dos dados levantados pelos participantes da atividade de Artes Visuais que compreendeu a apresentação e estudo de cores e formas, por meio da obra de arte “The Smile of the Flamboyant Wigs”, do artista espanhol Joan Miró, observou-se que as atividades podem colaborar para o desenvolvimento psico intelectual das crianças, possibilitando a internalização e desenvolvimento real da obra e pessoa do artista.

As vivências de Artes Visuais em Educação Infantil podem ser encaradas como um trabalho na zona de desenvolvimento proximal, no exercício do professor e aluno em trabalhos individuais e grupais e potencialização das funções mentais superiores.

Cabe destacar que esta pesquisa se esboça como um trabalho em Psicologia Escolar, que se propõe como área de conhecimento dos psicólogos na conciliação de duas áreas distintas de conhecimento a Psicologia e a Educação, num caráter prático, o que não significa uma dissociação de elaborações teórico-científica do processo educacional. Como vivenciado aqui, destaca-se como importante a atuação do psicólogo escolar na construção de ações diferenciadas, transformadoras para a promoção do campo do desenvolvimento e aprendizagem de todos os presentes no ambiente escolar (equipe educacional, gestão, alunos e famílias). (Oliveira, 2009).

A pesquisa foi realizada em uma escola privada que atende um público de classe alta, que conta com excelente suporte físico, material, profissionais preparados, em uma turma com apenas cinco alunos, o que se distancia da realidade macro brasileira em suas condições institucionais.

Já caminhamos muito, como sociedade, para que hoje todas as crianças tenham direito de serem educadas na pré-escola, com um ambiente de afeto e cuidado. Porém existem alguns indicadores, revelados pelo Observatório e mapa da Desigualdade da

primeira Infância³, que apontam para a existência de muitas crianças que ainda têm seus direitos básicos violados cotidianamente e não são alcançados pelas políticas públicas. Precisamos avançar agora em busca da melhoria das condições dispostas, e para isto a Psicologia Escolar pode desempenhar papel fundamental.

O cenário contemporâneo indica quão necessária é a luta para a valorização e inserção do psicólogo na rede escolar para a realização de um trabalho multidisciplinar de caráter político, pois alicerçados no pensamento dialético marxista (todo) o meio social é fundamental para o desenvolvimento, construção e constituição dos sujeitos.

Uma grande conquista obtida pela psicologia escolar foi a promulgação da Lei 13.935⁴ que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de assistentes sociais na rede pública de educação básica. Lei que depois de quase vinte anos de luta, entre tramitações de projetos, arquivamentos, desarquivamentos, discussões, reformulações e a quebra do veto do Ilmo. Presidente da República ao PL nº 3688/2000, foi publicada no Diário Oficial da União em dezembro de 2019.

Portanto, agora é lei que a psicologia e serviço social possam contribuir com sua expertise na Educação. Certamente isso trará grandes benefícios na direção de uma educação pública, laica, de qualidade para todas as crianças brasileiras.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 251-283, 2001.

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 2005.

BARBOSA, P.P.S. **O Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil: a prática de leitura e apreciação de obras artística**. Escola de Belas Artes da UFMG. Belo Horizonte, 2015. Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais). Belo Horizonte, 2015

BARROCO, S.M.S., SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da Psicologia da Arte: contribuições para o desenvolvimento humano. In: **Psicologia & Sociedade**. São Paulo, 2014 v, 26(1), 22-31.

BOCK, A.M. Psicologia Sócio Histórica: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia. In: **Psicologia Sócio Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. Bock, M. B., Furtado, O., Gonçalves, M. da G.M. (orgs) 3 ed. São Paulo, Cortez, 2007. p.13-158.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. de 5 de outubro de 1988.

_____. Lei nº 9.394 . **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. de 26 de dezembro de 1996.

3 <http://www.observeprimeirainfancia.org.br/>

4 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm

_____. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

_____. Lei 13.935. **Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica**. De 19 de dezembro de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. 2019.

BUJES, M.I.E. Escola infantil: pra que te quero? In: Craidy, C., Kaercher, G. E. **Educação infantil: para que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHISTÉ, S.; FOERSTE, G. M. Leitura lenta da obra de arte como proposta de educação estética: contribuições de Marx e Vigotski. In: 24 Encontro da Anpap, 2015, Santa Maria -RS. **Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões**, 2015. v. 1. p. 1023-1038.

FRANSCHINI, R.; VIANA, M. N. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2016.

JAPIASSU, R. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

KOSTIUK, G.S. Alguns aspectos da relação Recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade. In: Luria, Leontiev, Vigotsky e Outros. **Psicologia e Pedagogia I- Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1991. P. 51-72.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: L. Vigotski, A. Luria & A. N. Leontiev. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998, p. 143-190.

MACHADO, M.L.A. Educação Infantil e Sócio-Interacionismo. In: OLIVEIRA, Z. de M. R. et al. **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINS, J.B. **A perspectiva metodológica em Vygotsky: o materialismo dialético**. Seminário: Cio Soc./Hum., Londrina, V. 15, n. 3, p. 287 -295, set. 1994.

NÓBREGA, E. B. **Vygotsky e Piaget: uma visão paralela**. Revista Graphos. Vol. 6, N. 2 e N.1, 2004

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAUJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, dez. 2009.

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

PAES, P. C. D. **Vigotski e o Ensino de Arte**. XVII CONFAEB e IV Colóquio sobre ensino de arte. Santa Catarina, UFSC, 2007.

PALHARES, M. S.; MARTINEZ, C. M. S. A educação infantil: uma questão para o debate. In: Faria, A. L. G. de; Palhares, M. S. **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas de nossos tempos; 62)

PHILLIPE, A. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

ROCKWELL, E. **Reflexiones sobre el proceso etnográfico**. Investigaciones Educativas. México: Centro de Investigación y de Estudios Avanzados, IPN, 1987.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, jan. 2001. ISSN 1678-5177.

SILVA, L. L. F.. Educação pela Arte, Quaderns Digitals – El Portal de Educación, 54:1-12. **Revista Iberoamericana de Educación OEI – Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, Ciencia y la Cultura**: 2008

STEIN, V. **A educação estética: contribuições dos estudos de Vigotski para o ensino de arte na educação infantil**. Maringá, 2014. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2014. [Orientadora: Profa. Dra. Marta Chaves].

TONETTO, C. F. A.; Soares, F. L. **Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura**. **Revista Ibero-Americana de Educação**. n.º 55 (2011), p. 205-223.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

_____. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2003.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Icone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ZANIN, V. P. M. **Arte e Educação: Um encontro possível**. **Colloquium Humanarum**, América do Norte, 213 05, 2005.

CAPÍTULO 8

AFETAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO ACERCA DA VALORIZAÇÃO DA VIDA

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 08/01/2021

Cristiana Magni

Professora do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário. Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO
Irati - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5944677204229584>

Elaine Novak Lacomski Cunha

Universidade Estadual do Centro-Oeste/ UNICENTRO, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário
Irati - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6085545942262909>

Jocieli Majewski

Universidade Estadual do Centro-Oeste/ UNICENTRO, Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário
Irati - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/1853831874786643>

Rodrigo Bobato

Universidade Estadual do Centro-Oeste/ UNICENTRO, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário
Irati - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/2856255231173985>

Stephanie Cristin Otto

Universidade Estadual do Centro-Oeste/ UNICENTRO, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário
Irati - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/1956189214847346>

RESUMO: Esta pesquisa-ação de abordagem qualitativa teve o objetivo de valorizar a vida e a saúde mental de crianças e adolescentes da rede de ensino pública de Rebouças (PR). Desenvolvido como atividade da disciplina Projeto de Investigação Exploratória da Comunidade (PIEC) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário foi denominado "Projeto Valorizar" e a partir da demanda dos alunos e estagiários do curso de formação de docentes do Município, temas como, depressão, ansiedade, tristeza, isolamento, automutilação e comportamento suicida, foram o foco da intervenção para a prevenção de agravos e valorização da vida. Um grupo composto de sete mestrandos e 23 alunos do curso de formação de docentes estiveram envolvidos em debates, relatos, rodas de conversa, dinâmicas, questionários e encaminhamento das demandas levantadas. Os dados demonstraram que é possível desenvolver novas competências, capazes de provocar uma ressignificação dos valores e princípios que balizam a humanização, uma vez que esse método de pesquisa se consolida num mecanismo de troca entre os agentes do universo acadêmico e a comunidade, possibilitando que cada um se coloque no lugar do outro e problematizando essas relações e influências.

PALAVRAS-CHAVE: Valor da vida, suicídio, prevenção, adolescência.

AFFECTION AND AWARENESS ABOUT THE VALUE OF LIFE

ABSTRACT: This action research with a

qualitative approach aimed to value the life and mental health of children and adolescents from the public school network in Rebouças (PR). Developed as an activity of the Community Exploratory Research Project (PIEC) discipline of the Graduate Program in Community Development, it was called "Valorizar Project and based on the demand of students and trainees of the city's teacher training course, topics such as, depression, anxiety, sadness, isolation, self-mutilation and suicidal behavior were the focus of the intervention for the prevention of injuries and the valuation of life. A group composed of seven master's students and 23 students from the teacher training course were involved in debates, reports, conversation circles, dynamics, questionnaires and forwarding of the raised demands. The data demonstrated that it is possible to develop new skills, capable of provoking a new meaning of the values and principles that guide humanization, since this research method is consolidated in an exchange mechanism between the agents of the academic universe and the community, allowing each one puts himself in the other's place and problematizing these relationships and influences.

KEYWORDS: Life value, suicide, prevention, adolescence.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu como proposta a partir de uma demanda levantada pela comunidade escolar do município de Rebouças, quanto ao comportamento de violência auto infligida, baixa autoestima, isolamento e dificuldades em se relacionar com colegas e familiares dos adolescentes das escolas. A partir de tal demanda, foi desenvolvida uma pesquisa-ação e a intervenção na comunidade para trabalhar a valorização da vida e a prevenção do suicídio com os adolescentes que compunham o curso de formação de docentes.

A autolesão (conhecida popularmente como automutilação) é definida como um ato de violência infligida voluntariamente ao próprio corpo, sem a intenção de suicídio, embora possa ocasionar à morte (BARROCAS; HANKIN; YOUNG; ABELA, 2012), ocorrendo com mais frequência em adolescentes de 11 a 15 anos (MUEHLENKAMP; GUTIERREZ, 2007).

O fator mais relevante do fenômeno é de que ter amigos e familiares que se auto lesionam se constitui como um agravante (NOCK; PRINSTEIN, 2005) devido seu efeito epidêmico [...] "uma vez que alguns adolescentes podem acreditar que a prática de autolesão dos seus amigos foi bem-sucedida em induzir comportamentos específicos nas pessoas (atenção, afeto, cuidado)" (OTTO; SANTOS, 2016, p. 269). O fenômeno do suicídio tem aumentado na população jovem, estando em segundo lugar nas causas de morte mais frequentes para esse grupo (WERLANG, 2003), decorrente a partir de uma teia complexa de relações, situações socioeconômicas, subjetivas e vivenciais de cada sujeito.

O projeto, intitulado como: "Projeto Valorizar", teve como proposta compreender a realidade dos adolescentes através de seu discurso. Ao tempo em que buscou trabalhar o tema das violências, no intuito de prevenir situações de risco, estabelecendo um elo entre teoria e prática, universidade e comunidade. Buscou-se trabalhar os fatores de

risco, proteção, prevenção e encaminhamento frente a casos de violência auto infligida e interpessoal, considerando que o grupo de alunos do curso de formação de docentes poderiam usufruir do conhecimento adquirido no projeto tanto na esfera individual - enquanto aluna/ aluno pertencente a uma comunidade escolar que possui pessoas com sofrimento psíquico, assim como no aspecto comunitário - uma vez que estes adolescentes ocupam o papel de estagiários em escolas de ensino fundamental, sendo possível a eles construir uma percepção quanto ao diagnóstico social de violências e encaminhamentos necessários.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

O presente projeto foi desenvolvido como atividade da disciplina Projeto de Investigação Exploratória da Comunidade (PIEC) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário. Foi utilizada a metodologia da Pesquisa-Ação com o propósito de contemplar e reconhecer a demanda e, por conseguinte, o planejamento das ações e sua aplicabilidade em parceria com a comunidade. Essa metodologia "[...] representa um processo coletivo, no qual sujeito e objeto do conhecimento não estão dissociados, [...] uma transformação social é planejada, desenvolvida, descrita, avaliada e, por fim, analisada." (SINGER, 2011, p. 20). Mesmo quando a pesquisa é restrita e local (atinge um número pequeno de participantes), com foco em apenas uma demanda da vida social, se atrelada aos pressupostos da pesquisa-ação será gerada uma transformação social, considerando que os agentes participantes direta ou indiretamente replicaram os conhecimentos adquiridos (BRANDÃO; BORGES, 2007).

O encontro aconteceu no município de Rebouças (PR), com a participação de sete mestrandos e 23 adolescentes (alunos do curso de formação de docentes). As temáticas acerca da saúde mental tiveram apoio na literatura de Eisenstein (2005) e Lepre (2016), da violência interpessoal e a autoinfligida na literatura de Barrocas et al. (2012) e Muehlenkamp et al. (2007) e Centro de Valorização da Vida (2017, 2018).

Dentre as dinâmicas de grupo aplicadas, "*A vida deve ser florida*" (BOTTI, 2018) propiciou interação e um diálogo harmonioso, no qual os participantes elencaram os motivos que julgam bons em suas vidas e os que não os agradam, assim como evidenciou que é possível ter motivos para valorizar a vida. A dinâmica denominada "*Caixa de sentimentos*", permitiu a cada participante desenvolver a empatia, conhecer a realidade vivenciada pelos seus colegas, ampliando formas de como lidar com as situações expostas. Ao final do encontro foi aplicado um questionário avaliativo da ação e que pudesse direcionar o encaminhamento das demandas surgidas, relacionadas com a proposta de continuidade de trabalhos para os profissionais ligados à formação de Docentes.

A discussão das temáticas nas rodas de conversa e dinâmicas propiciou relatos sobre a identificação de violência, que foram trabalhadas considerando o contexto e as

formas de encaminhamento e pedido de ajuda.

“Tem uma menina na nossa sala que faz isso”.

“A pessoa não sabe o que fazer com a dor emocional quando fica muito pesado”.

“Eu presto atenção em cada aluno meu, já vejo se o bagunceiro está quietinho, como vocês falaram, e já presto atenção, me preocupo”.

O encontro propiciou trocas a respeito de vivências, levantando temas importantes como assédio sexual, *bullying* e sofrimento emocional. Os mestrandos também puderam expor situações vividas, reconhecendo e respeitando no outro o seu sofrimento. A avaliação do Projeto Valorizar, por parte dos adolescentes estagiários, concluiu que o objetivo inicial foi alcançado:

"Um tema muito importante para ampliação de melhorias para a educação pois ajudará as pessoas que já estão em sala e as que ainda não estão para que quando se depararem com algo relacionado ao tema, saibam agir, dar conforto, consolo, apoio e acima de tudo que consiga a solução para os problemas apresentados".

Os relatos dos estagiários, bem como a discussão sobre violência interpessoal e auto infligida, possibilitaram interpretações muito distintas com relação à forma de trabalhar com crianças, atribuindo sentido frente às vivências dos próprios adolescentes na relação consigo mesmos e frente aos seus laços sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aplicada permitiu identificar a ocorrência de níveis e atitudes negativas no que compete à saúde mental e comportamental, presentes no ambiente escolar, como automutilação, isolamento, comportamentos similares a depressão, atitudes agressivas, dentre outras. A troca de experiências e a escuta atenta, dentre as discussões e dinâmicas, foram pontos intermediários entre o "saber" e o "fazer", evidenciando a relevância da interdisciplinaridade como ponte de ligação entre áreas de estudo e trabalho na comunidade e fomentando a discussão para o estabelecimento de propostas reais para as diversas problemáticas da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BARROCAS, Andrea L. et al. Rates of nonsuicidal self-injury in youth: age, sex, and behavioral methods in a community sample. **Pediatrics**, v. 130, n. 1, p. 39-45, 2012.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, 2007.

BOTTI, N.C.L. **Valorização da vida na adolescência: ferramentas vivenciais**. Divinópolis: UFSJ, 2018. Disponível em:< https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/58094679/Valorizacao_da_vida.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DValorizacao_da_vida_na_adolescencia_-_fe.pdf>. Acesso em 13 set. de 2019.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. **Programa de prevenção do suicídio e apoio emocional: folheto falando abertamente sobre o suicídio para jovens e adolescentes.** 2017. Disponível em: <www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/05/Falando-Abertamente-CVV-2017.pdf>. Acesso em 19 Jun. 2019.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolesc. Saúde**: 2005; 2(2): 6-7. Disponível em: <www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 26 Jun. de 2019.

MOURA, A. F., LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/18338-39759-1-PB.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

MUEHLENKAMP, Jennifer J.; GUTIERREZ, Peter M. Risk for suicide attempts among adolescents who engage in non-suicidal self-injury. **Archives of suicide research**, v. 11, n. 1, p. 69-82, 2007.

OTTO, Stephanie Cristin; DOS SANTOS, Kátia Alessandra. **O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão.** **Psicologia Revista**, v. 25, n. 2, p. 265-288, 2016.

SINGER, H. **Definição e características da pesquisa-ação comunitária.** In: Cidade Escola Aprendiz, Coleção Tecnologias do Bairro Escola, Helena Singer (Org.), Volume 1. Edição: Associação Cidade Escola Aprendiz/Fundação Itaú Social, São Paulo, 2011.

WERLANG, B. SUICÍDIO: UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA E UM DESAFIO PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA *in* CFP. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia** / Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013.

CAPÍTULO 9

COVID-19: EFEITOS DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Hugo Nilo Alecrim Pinheiro

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE

<http://lattes.cnpq.br/6492151241639197>

Kívia Novaes Santana

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/0492157287990696>

Jaira Vanessa de Carvalho Matos

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/3306046534609007>

Hélder Santos Gonçalves

Universidade Tiradentes
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/4134686304475030>

Flávia Andreza do Nascimento Araujo

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/8332857636948488>

Jhonams Santos Cardoso

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/3003196563156129>

Gabriel Santos Amâncio

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/4017626692099276>

Priscila Silva Navas

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju-SE
<http://lattes.cnpq.br/6247475528937298>

RESUMO: Em 2020, grande parte da população mundial foi submetida a medidas rigorosas de isolamento social, devido à rápida progressão da COVID-19, pandemia causada pelo Sars-CoV-2. As crianças e adolescentes foram especialmente afetados devido ao fechamento de escolas e locais de socialização e lazer, como parques e shoppings. Inúmeros fatores precipitantes ao adoecimento psíquico precisaram ser abruptamente assimilados durante a crise de saúde pública, como a privação da liberdade, a falta de contato com pares, as incertezas sobre a doença e o acesso fácil a informações falsas sobre a doença, além do medo da contaminação e da morte de entes queridos. Somado a isso, a vulnerabilidade das crianças inseridas em ambientes domésticos abusivos aumentou, devido ao impacto nas finanças, na dinâmica familiar e à falta da proteção social fornecida pelas escolas. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo avaliar o impacto da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes. Foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados Pubmed, Scielo e UptoDate, nos idiomas português e inglês, utilizando os descritores “COVID-19”, “children” e “psychological distress”. Foram selecionados artigos conceituais, recentes e que abordam direta ou indiretamente as repercussões da pandemia por Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes. A literatura

evidenciou que as crianças são um grupo especialmente vulnerável por estarem menos aptas a adotar estratégias de enfrentamento adequadas. Elas apresentam medo, ansiedade, distúrbios do sono como insônia, despertares noturnos e pesadelos. Tais sintomas são mais frequentes em crianças menores (escolares e pré-escolares) e naquelas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Os adolescentes também sofrem com o isolamento social, sentindo-se frustrados, nervosos e entediados. Considerando o ambiente estressor ao qual este público está exposto, o acolhimento destas crianças e jovens não somente durante a pandemia, mas também após, será um importante desafio para toda a equipe de saúde, sobretudo ao pediatra e às equipes de atenção básica.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; adolescentes, COVID-19; saúde mental; estresse psicológico.

COVID-19: MENTAL HEALTH EFFECTS IN INFANTS AND TEENAGERS

ABSTRACT: Since the beginning of 2020, the world has faced the Covid-19 pandemic, caused by the rapidly spread of a new coronavirus called Sars-CoV-2. Children and adolescents are more vulnerable to psychosocial effects of pandemics. They were particularly affected due to the closure of schools and places of socialization and leisure, such as parks and shopping malls. Numerous factors precipitating psychic illness had to be abruptly assimilated such as deprivation of freedom, distance from friends and family, uncertainty about the disease and the future and fear of parents' death. Besides, in times of economic distress, children and adolescents are more susceptible to suffer physical and mental abuse, mainly those kids previously exposed to vulnerable life conditions. In front of this terrible reality, this study aimed to systematically review the literature to provide an overview of the psychosocial distress caused by Covid-19 pandemic and the impact in infant's mental health. Studies show that children and adolescents are more vulnerable because they do not have adequate coping strategies, resulting in feelings of fear, anxiety and sleep disorders. Adolescents also suffer from social isolation, feeling frustrated, nervous and bored. Considering the stressful environment to which this public is exposed, children and adolescents follow-up will be an important challenge for the entire health care system during and after Covid-19 pandemic.

KEYWORDS: COVID-19, children and psychological distress.

INTRODUÇÃO

O final do ano de 2019 e início de 2020 foi marcado pelo surgimento de uma infecção, a princípio respiratória, causada por um novo tipo de vírus, em Whan, China. A infecção causada pela COVID-19 espalhou-se rapidamente por diversos países de todos os continentes, provocando uma pandemia mundial por COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde, em março de 2020. O crescente número de casos e óbitos impactou direta ou indiretamente em diversos segmentos, como o social, político, econômico, além do sanitário. O mundo precisou adaptar-se rapidamente ao “novo normal” ao passo que assistíamos e presenciávamos o colapso dos sistemas de saúde, fechamento de escolas, universidades, indústria, comércio e espaços públicos. Políticas de saúde tiveram que ser tomadas rapidamente para reduzir a curva ascendente de contágio pela

COVID-19 e como tentativa de reduzir o número de mortos.

Diante disto, a pandemia causada pelo coronavírus alterou e prejudicou o cotidiano das sociedades em uma escala global e que a disseminação do Covid-19 revelou ser um problema à saúde pública de todas as nações com repercussões na vida cotidiana de todos. As políticas de isolamento social determinaram mudanças na estrutura psicossocial das sociedades como um todo, sobretudo no público infantojuvenil. As crianças e adolescente são um grupo especialmente vulnerável ao desenvolvimento ou agravamento de problemas mentais por serem seres em formação, dependentes de outros adultos, sujeitos à negligencia. Não obstante, a escassez de políticas públicas voltadas ao cuidado da saúde mental nesta faixa etária, associada ao número tímido de profissionais especializados na área e ao despreparo dos demais profissionais tornam o público infantojuvenil mais susceptível ao sofrimento psicológico.

A privação da liberdade, a falta de contato com colegas, as incertezas sobre a doença e o fácil acesso a informações incorretas, além do medo da infecção e da possibilidade de morte de familiares são situações capazes de produzir ou potencializar sentimentos de frustração, tédio, raiva, tristeza e ansiedade, e com isso provocar transtornos mentais. Outrossim, Sprang e Silman expõem um índice quatro vezes mais elevado nos escores médios de estresse pós-traumático nas crianças das famílias que adotaram o isolamento social daquelas que não adotaram o isolamento. Além disso, estudos sugerem que crianças em isolamento apresentam uma redução das atividades físicas, aumento do tempo de tela, alterações do ritmo circadiano e dieta inadequada.

As crianças e adolescentes são afetados de diversas maneiras, em diversas áreas. Há impactos nas finanças e na dinâmica familiar, favorecendo um ambiente de estresse e tensão que podem levar ou exacerbar a psicopatologia parental, que, em um ambiente de confinamento irá afetar negativamente a saúde mental das crianças e adolescentes. Ademais, muitas vezes o lar é o local propício para situações de violência física, psicológica e abuso sexual. Diante da necessidade do isolamento social, esta realidade se agrava. Existe uma preocupação com a possibilidade de um aumento dos casos violência doméstica e abuso infantil durante o isolamento, entretanto perde-se esse indicador com o fechamento das escolas, lugar onde geralmente são observados os sinais de abuso. Segundo Huang, estudos constataram um aumento duas vezes maior da taxa de traumatismo craniano abusivo durante a “Grande Recessão”, durante 2007-2010. Sabe-se que as causas externas ocupam posição de destaque na mortalidade de crianças e adolescentes, sendo as três causas mais prevalentes do trauma infantil: agressões físicas e violência urbana, quedas e acidentes com meio de transporte.

A condição de isolamento pode ocasionar um sofrimento mental principalmente para as crianças em condições e vulnerabilidade e aquelas com distúrbios mentais. Estudos indicam que crianças com doenças crônicas (psiquiátricas ou não) estão mais propensas a desenvolver sinais e sintomas de estresse, ansiedade e depressão. Além disso, ainda

não são compreendidos os efeitos do distanciamento social nos transtornos psiquiátricos. Estudos demonstram que períodos mais longos de isolamento estão relacionados à maiores taxas de sofrimento mental na forma de transtornos mentais, sendo o mais prevalente os sintomas de estresse pós-traumático.

Por hora não está claro como a pandemia COVID-19 e suas consequências - distanciamento social, fechamento de escolas, confinamento - afetarão as características dos transtornos psiquiátricos, incluindo gravidade dos sintomas, recaídas, necessidade de maior frequência de assistência e intensidade dos cuidados de saúde mental. Também não se sabe ao certo quanto tempo permanecerá o estado pandêmico tampouco se sabe qual a melhor forma de abordar os impactos tão profundos causados em tão pouco tempo.

No Brasil é possível identificar inúmeros fatores potencializadores de condições patológicas na saúde mental de crianças e adolescentes. Além da notável vulnerabilidade social que afeta milhões de crianças no país, somada à dificuldade de acesso a serviços básicos de saúde e educação e recursos essenciais (como água potável e alimentos), o Brasil ainda carece de políticas de saúde voltadas ao público infantojuvenil (que vem avançando lentamente ao longo de décadas). Não obstante, a psiquiatria ainda luta pelo seu devido reconhecimento. As poucas ações existentes são estendidas para o público infantojuvenil, sem que haja evidências científicas concretas para a faixa etária, o que ficou claro com a ínfima quantidade de trabalhos desenvolvidos nesta área no público infantojuvenil. O primeiro passo foi dado, mas há uma longa caminhada pela frente.

METODOLOGIA

Para a construção deste estudo foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados Pubmed, Scielo e UptoDate, nos idiomas português e inglês. Os descritores utilizados foram “COVID-19”, “children” e “psychological distress”. Foram selecionados artigos conceituais, recentes e que abordam direta ou indiretamente as repercussões da pandemia por Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes.

DESENVOLVIMENTO

Definições sobre saúde mental

De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, saúde é definida como *“estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade”*. No entanto, não há uma definição clara sobre o que é saúde mental. Ainda assim, podemos conceituar como a maneira como um indivíduo reage às demandas cotidianas e como organiza suas ideias e emoções. No dia a dia nos deparamos com diversas situações que impactam nossa vida e provocam sentimentos, como raiva, alegria, tristeza, satisfação, frustração e felicidade. Sentir medo ou ansiedade é normal (até certo ponto) e até é considerado como um mecanismo adaptativo, pois assim conseguimos

prever situações que possam colocar a nossa vida ou a vida de outrem em risco.

A infância e adolescência são períodos importantes da vida onde o desenvolvimento físico e emocional tem destaque. As mudanças são múltiplas e a cada ano crescem os desafios enfrentados pelo indivíduo em desenvolvimento. É por conta disso que se faz tão necessária a atenção ao desenvolvimento pleno e saudável deste público, pois traumas e condições patológicas aqui podem impactar toda a vida do indivíduo. Na adolescência, especificamente, o jovem passa a buscar encaixar-se em grupos de interesse em comum e valorizá-los em relação à família. Aqui cresce a vontade de encaixar-se em seu grupo, o que torna o jovem mais vulnerável a situações perigosas como abuso de álcool, drogas ilícitas e gravidez precoce. Até meados dos anos 1980, não haviam políticas de saúde voltadas para este público. As políticas adotadas para a população adulta eram adaptadas para a população infantil, desconsiderando as peculiaridades e demandas desta faixa etária. Esta realidade vem mudando nas últimas 3 décadas quando foi promulgada a Carta Constitucional de 1988. É um grande desafio desenvolver ações e políticas públicas de saúde para o público infantojuvenil pois são necessárias ações transeitoriais e interdisciplinares, criando uma rede de cuidados integrais àqueles com sofrimento psíquico.

A pandemia por COVID-19, bem como suas medidas de contenção trazem grave impacto negativo no *status* psicológico coletivo, o que se agrava com a rápida disseminação da doença, que traz o medo de contaminar entes queridos, medo da doença e da morte, intensificado pela divulgação de notícias falsárias e alarmistas. As crianças e adolescentes reagem às demandas emocionais de maneira diferente em relação aos adultos. São mais propensas a desenvolver estratégias de enfrentamento focadas na emoção, como negação do problema ou apatia e desinteresse em continuar seguindo as medidas de contenção da pandemia. Ademais, as crianças e adolescentes tiveram que enfrentar mudanças bruscas em suas rotinas, deixaram de manter contato com familiares, colegas de escola e professores. Muitas deixaram de praticar atividades físicas, pioraram a alimentação e aumentaram significativamente o tempo de telas. Diante de tudo que fora supracitado, é perceptível que tais fatores constituem um ambiente potencialmente patológico, que pode provocar sofrimento psíquico.

Conceitualmente, para que uma desordem mental se instale é preciso uma somatória entre um ambiente estressor e uma predisposição individual. De acordo com um documento publicado pela FioCruz em 2020 são 3 os fatores desencadeantes de sofrimento psíquico, quais sejam: efeitos diretos causados pela doença (delírium e outras manifestações neuropsiquiátricas), a experiência coletiva da pandemia e os efeitos do confinamento social que contribuem para formação de um ambiente constantemente estressor.

As crianças e adolescentes usualmente manifestam distúrbios do sono (principalmente insônia), do apetite (anorexia ou polifagia), retorno de comportamentos já superados (como urinar na cama ou pedir para dormir com os pais). Também podem manifestar comportamentos agressivos e hostis ou apresentar apatia e desinteresse por

atividades escolares, sobretudo em adolescentes.

Vale ressaltar que as crianças e adolescentes não pertencem ao grupo de risco e, quando infectadas, são oligossintomáticas. Isto serve como viés para justificar o desinteresse por estudar este público. Todavia, as algumas crianças adoecem, são hospitalizadas e até desenvolvem formas graves da COVID-19, como a síndrome inflamatória multissistêmica da infância. Estas, ficam mais vulneráveis ao sofrimento psíquico e à sentimentos de medo e solidão.

Escalas de mensuração de saúde mental em crianças

Avaliar a saúde mental não se trata de uma tarefa fácil e na infância algumas peculiaridades devem ser levadas em consideração. Deve-se observar, por exemplo, que a criança é um ser que se encontra em desenvolvimento e que, a depender da idade, pode apresentar diferentes características.

Neste sentido, foram criados instrumentos padronizados com vistas a auxiliar na mensuração bem como na avaliação de aspectos específicos da saúde mental infantil.

Os objetivos ao utilizar os supracitados instrumentos são variados e vão desde a simples identificação de problemas de saúde mental até obtenção de diagnósticos psiquiátricos ou avaliação de habilidades tais como inteligência e adaptação social.

Para avaliar a saúde mental infantil mundialmente utiliza-se o *Child Behavior Checklist* (CBCL). Este instrumento se utiliza de informações obtidas dos pais ou responsáveis pela criança e possui 118 itens. No Brasil o CBCL (4-18 anos) é conhecido como Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência e possui dados preliminares de validação. Ainda objetivando a avaliação da saúde mental na infância e adolescência pode-se utilizar informações fornecidas pelo professor através do *Teacher Report Form* - TRF ou mesmo informações do avaliando com o *Youth Self-Report Form* -YSR, ambos os instrumentos apresentam tradução em português. Por fim, uma alternativa ao CBCL é um questionário com uma versão brasileira e que apresenta apenas 20 questões o *Strengths and Difficulties Questionnaire* que no Brasil é denominado de Questionário de Capacidades e Dificuldades.

Se o objetivo, no entanto, é de realizar alguma modalidade de diagnóstico psiquiátrico pode-se lançar mão de entrevista realizada com os responsáveis e a criança, sendo a mais utilizada denominada de *Schedule for Affective Disorders and Schizophrenia for School-Age Children* (K-SADS). Uma alternativa, menos usada mas com resultados igualmente confiáveis é o *Development and Well-Being Assessment*(DAWBA), que no Brasil é denominado Levantamento sobre o Desenvolvimento e Bem-Estar de Crianças e Adolescentes.

Para avaliar a inteligência infantil e seu desenvolvimento cognitivo a idade da criança é absolutamente relevante. Em crianças com idade entre um mês e três anos utiliza-se o instrumento *Bayley Scales of Infant Development* (Bayley-II). Crianças com idades entre três anos e sete anos e três meses o teste mais utilizado é o *Wechsler Intelligence Scal*.

Já para idades entre seis anos e dezesseis anos e onze meses o teste mais utilizado é o *Stanford-Binet*. Os instrumentos comentados utilizam-se de avaliação de habilidades de forma verbal e não verbal.

Tratando-se de adaptação social a avaliação mais utilizada é a *Vineland Adaptive Behavior Scales* que avalia a criança em quatro grandes áreas, a saber: problemas de comportamento, habilidades de comunicação, motora e da vida cotidiana.

É sempre importante esclarecer que as escalas e instrumentos utilizados para avaliar a saúde mental de crianças e adolescentes são ferramentas que auxiliam na percepção da presença de sintomas, sem, no entanto, esquecer que existe a interferência da subjetividade do paciente e do avaliador quando da resposta e avaliação dos dados obtidos, respectivamente.

Luto na infância em tempos de COVID-19

O luto é considerado como a perda de um vínculo significativo. Em caso de luto por morte, o ritual de velar o corpo contribui como um elemento de realidade que confirma a perda, além do laço social entre os enlutados que juntos podem chorar a perda. Com o isolamento social em tempos de Covid muitas pessoas não puderam passar pelo rito social de velar o corpo e estar junto dos familiares e pessoas próximas após a perda de um ente querido, o que pode vir a dificultar o processo de luto. (CREMASCO, 2020)

A criança, por sua vez, pode ser impedida de viver o luto quando a família se recusa a contar o que aconteceu e passa a inventar histórias, levando-a a agir como se nada estivesse acontecendo. Dessa maneira a criança vai vivenciar a perda da pessoa que faleceu, mas terá o seu processo de elaboração dificultado. Além disso, pode sentir raiva, revolta e que está sendo enganada, fragilizando a relação com a família. (AYDOGDU, 2020).

Para um processo de luto saudável é importante que a criança seja comunicada adequadamente sobre o que aconteceu, respeitando a faixa etária. Durante o período de isolamento e diante dos desafios sanitários e epidemiológicos é preciso criar novas possibilidades de vivenciar o ritual de luto, principalmente no que diz respeito ao laço social e o vínculo mediante uma perda coletiva.

O impacto das mudanças escolares na saúde mental de crianças e adolescentes

A partir de meados de março de 2020, prefeitos e governadores brasileiros, a exemplo de vários outros países, determinaram a suspensão das atividades escolares das redes pública e privada, a fim de promover o distanciamento social. Este fechamento, perturba substancialmente a vida de crianças, adolescentes e de suas famílias.

Além de afetar a educação e a qualidade de ensino, mesmo com algumas turmas migrando para modelos de ensino a distância, tal medida traz consequências à saúde mental de crianças e jovens, uma vez que as escolas oferecem muitos outros serviços

essenciais além da educação, principalmente a depender do contexto social.

É fato que maioria dos transtornos mentais começa na infância e são identificadas de forma precoce principalmente dentro do ambiente escolar, local de socialização e desenvolvimento neuro-cognitivo, e tratadas durante esse período delicado do desenvolvimento infantil.

Segundo Ezra *et al.* o isolamento pela pandemia pode piorar os problemas de saúde mental pré-existentes e propiciar novos, devido à combinação única da crise de saúde pública, isolamento social e recessão econômica.

Nesse contexto, sabe-se que a resposta de uma criança a eventos estressores é baseada em variáveis individuais, e dentre elas o apoio adulto disponível e estabilidade de uma rotina diária se colocam em destaque.

O estresse socioemocional e financeiro refletem na saúde mental de muitos adultos e, além de prejudicar a concentração das crianças em tarefas acadêmicas nessas famílias, o que pode levar ao aumento dos índices de maus-tratos, depressão e adversidades subsequentes.

Em que pese seja de conhecimento tais consequências, as instituições foram apanhadas de surpresa pela pandemia, portanto, há pouca ou nenhuma orientação para o planejamento e prestação de serviços de saúde mental. Nesse sentido, governos e escolas têm dado grande ênfase em garantir que os alunos continuem a receber instrução acadêmica, através do ensino remoto, porém, tem havido menos discussões sobre como apoiar crianças que dependem de escolas para suporte de saúde físico, mental e comportamental.

Desafios no acolhimento do público infantojuvenil após a pandemia

O acolhimento destas crianças e jovens não somente durante a pandemia, mas principalmente após, será um importante desafio para toda a equipe de saúde, sobretudo ao pediatra e às equipes de atenção básica. Estes se encontram na base dos cuidados destinados à população e devem estar preparados para esta demanda.

O primeiro grande desafio será romper a “patologização” dos comportamentos da criança e do adolescente. Será necessária grande destreza destes profissionais para identificar as sutilezas entre o normal e o patológico. Desta maneira, será possível permitir um acolhimento e condução mais adequados das demandas deste público, bem como de suas famílias. Outra consideração a respeito do público infantojuvenil é a tendência a supermedicalização. O número de crianças e adolescentes utilizando medicações psicotrópicas vem crescendo de maneira alarmante, como tentativa de resolução fantasiosa para comportamentos erroneamente considerados como patológicos ou para restauração imediata das funções cognitivas afetadas por problemas do desenvolvimento neuropsicomotor.

Considerando o ambiente estressor ao qual este público está exposto, aliado à

descontinuação do seguimento ambulatorial de consultas e terapias, alguns cuidados serão necessários para melhor acolher as crianças e adolescentes. Durante o atendimento de crianças e adolescentes é importante escutar o que o paciente tem a dizer, ouvir com atenção suas angustias, além de fazer busca ativa de sinais de alerta para sofrimento psíquico, tais como alterações do sono e do apetite, aumento da irritabilidade e/ou agressividade, aumento de comportamentos repetitivos e preocupação excessiva. Oferecer apoio integral a família também é de suma importância. Estas informações ajudarão o profissional de saúde a entender o grau de prejuízo psicológico e traçar um plano terapêutico individualizado.

CONCLUSÕES

Ainda não está claro como a pandemia COVID-19 e suas medidas de contenção afetarão a saúde mental da população geral, sobretudo a população infantojuvenil. Estudos apontam para maior risco de desenvolver transtorno do estresse pós-traumático. Muitos trabalhos realizados na Ásia e na Europa também indicam que as crianças e adolescentes podem sofrer mudanças comportamentais, alterações do sono e do apetite. Há necessidade de apoio social e assistência psicológica e psiquiátrica precoce para crianças, pais e cuidadores que se sentem angustiados durante a pandemia, com especial atenção àqueles em situação de vulnerabilidade e àqueles com distúrbios neurológicos ou psiquiátricos prévios. É interessante manter uma rotina de atividades diárias, englobando momentos de lazer em família, atividades físicas e limitação de tempo de tela e de horário para dormir. Além de monitorar o desempenho e o comportamento da criança, os pais também precisam respeitar sua identidade e necessidades. É igualmente importante o diálogo com a família, com escuta aos anseios da criança e orientações honestas, a fim de minimizar a disseminação de notícias falsas e do pânico secundário ao alarmismo. Por fim, são necessários mais estudos dirigidos no Brasil para maior embasamento científico quanto ao impacto da pandemia na saúde mental de crianças e jovens brasileiros.

REFERÊNCIAS

AYDOGDU, A. L. F. **Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa.** J Health NPEPS. 2020; 5(2):e4891.

BORDIN, I. A. S.; MARI, J. J.; CAEIRO, M. F. **Validação da versão brasileira do “Child Behavior Checklist” (CBCL) ¼ Inventário de Comportamentos da Infância e da Adolescência: dados preliminares.** Rev ABP-APAL 1995;17(2):55-66.

BROOKS, S. K. et al. **The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence.** The Lancet, v. 395, n. 10227, p. 912–920, 2020.

CREE, R. A. et al. **Health care, family, and community factors associated with mental, behavioral, and developmental disorders and poverty among children aged 2–8 years.** United States, 2016. Morbidity and Mortality Weekly Report, v. 67, n. 50, p. 1377, 2018.

DUARTE C. S.; BORDIN A. S; **Instrumentos de avaliação**, Rev. Bras. Psiquiatr. vol.22, s.2 São Paulo Dec. 2000.

DUBEY, S. et al. **Psychosocial impact of COVID-19**. Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews, v. 14, n. 5, p. 779–788, set. 2020.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Artmed Editora, 2014.

FEGERT, J. M. et al. **Challenges and burden of the Coronavirus 2019 (COVID-19) pandemic for child and adolescent mental health: A narrative review to highlight clinical and research needs in the acute phase and the long return to normality**. Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, v. 14, n. 1, p. 1–11, 2020.

FIOCRUZ. **Covid-19 e Saúde da Criança e do Adolescente**. v. 53, n. 9, p. 70, 2020.

GOLBERSTEIN, E.; WEN, H.; MILLER, B. F. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents**. JAMA pediatrics, 2020.

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. **Mental health considerations for children and adolescents in COVID-19 Pandemic**. Pakistan Journal of Medical Sciences, v. 36, n. COVID19-S4, p. 67–72, 2020.

JIAO, W. Y. et al. **Behavioral and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic**. The Journal of Pediatrics, v. 221, n. 1, p. 264- 266.e1, jun. 2020.

LEVINE, C. **Vulnerable Children in a Dual Epidemic**. Hastings Center Report, v. 50, n. 3, p. 69–71, maio 2020.

MARQUES DE MIRANDA, D. et al. **How is COVID-19 pandemic impacting mental health of children and adolescents?** International Journal of Disaster Risk Reduction, v. 51, n. June, p. 101845, 2020.

NETO, M. L. R. et al. **The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease)**. Psychiatry Research, v. 287, n. January, p. 112915, maio 2020.

PHELPS, C. & SPERRY, L. L. **Children and the COVID-19 pandemic**. Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, v. 12, n. S1, p. S73, 2020

Pluralidades em Saúde Mental, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 7-17, jun./jul. 2020. DOI: 10.17648/2447-1798-revistapsicofae-v9n1-1

SINIBALDI, B. **Saúde mental infantil e atenção primária: relações possíveis**. Revista de Psicologia da UNESP, v. 12, n. 2, p. 61–72, 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Promoção de Saúde Mental em Tempos de COVID-19: Apoio aos Pediatras**. Nota de Alerta SBP, v. 1, n. 29 de Abril, p. 1–18, 2020.

STARK, Abigail M. et al. **Shifting from survival to supporting resilience in children and families in the COVID-19 pandemic: Lessons for informing US mental health priorities**. Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 2020.

STEPHEN W. P. et al. **Well-being of parents and children during the COVID-19 pandemic: a national survey.** *Pediatrics*, v. 146, n. 4, 2020.

STREINER, D. L. ***Thinking small: research designs appropriate for clinical practice.*** *Can J Psychiatr* 1998;43(7):737-41.

VINDEGAARD, N.; BENROS, M. E. **COVID-19 pandemic and mental health consequences: Systematic review of the current evidence.** *Brain, Behavior, and Immunity*, n. January, maio 2020..

WANG, C. et al. **A longitudinal study on the mental health of general population during the COVID-19 epidemic in China.** *Brain, Behavior, and Immunity*, v. 87, n. January, p. 40–48, jul. 2020.

WANG, G. et al. **Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak.** *The Lancet*, v. 395, n. 10228, p. 945–947, 2020.

CAPÍTULO 10

A IMPORTÂNCIA DO USO DE LIBRAS EM PSICOLOGIA

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 04/02/2021

Irenilda Mendes dos Santos

Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO
Fortaleza-Ceará
<http://lattes.cnpq.br/4326394563616420>

Marilane Sousa Freitas

Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO
Fortaleza-Ceará
<http://lattes.cnpq.br/9572208428644799>

RESUMO: Este artigo foi produzido a partir de um projeto de intervenção realizado na disciplina de Práticas Integrativas IV do curso de graduação em Psicologia, como pré-requisito básico de avaliação da disciplina. Dessa forma o artigo tem como intuito despertar a atenção dos alunos do curso de psicologia da universidade sobre a importância do conhecimento da língua brasileira de sinais (LIBRAS) para a sua prática profissional, como também incentivar a inclusão no atendimento psicológico. Sendo utilizado como fundamentação teórica autores que desenvolveram trabalhos focados na temática aqui apresentada encontrados nas bases de dados das bibliotecas virtuais Scielo, BVS e Google Acadêmico. Assim foi possível verificar a ampliação da visão dos estudantes de Psicologia com relação as necessidades, limitações e dificuldades enfrentadas pela comunidade surda assim como, a produção de reflexão acerca de uma prática profissional psicológica inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Libras, Psicologia, Inclusão.

THE IMPORTANCE OF USING POINTS IN PSYCHOLOGY

ABSTRACT: This article was produced from an intervention project carried out in the discipline of Integrative Practices IV of the undergraduate course in Psychology, as a basic prerequisite for evaluating the discipline. Thus, the article aims to arouse the attention of students of the university's psychology course on the importance of knowledge of the Brazilian sign language (LIBRAS) for their professional practice, as well as to encourage inclusion in psychological care. Being used as theoretical basis authors who developed works focused on the theme presented here found in the databases of the virtual libraries Scielo, BVS and Google Scholar. Thus, it was possible to verify the expansion of the view of Psychology students regarding the needs, limitations and difficulties faced by the deaf community, as well as the production of reflection about an inclusive psychological professional practice.

KEYWORDS: Libras, Psychology, Inclusion.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo incentivar e conscientizar sobre a importância do conhecimento e capacitação por parte dos psicólogos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), abordando dificuldades na relação Terapeuta-Cliente geradas pela barreira de comunicação entre as partes. Assim através da

língua de sinais, que é reconhecida oficialmente no Brasil pela Lei Federal nº 10.436/2002, o surdo tem a possibilidade de se desenvolver cognitivamente e socialmente podendo interagir com o universo surdo e ouvinte.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) cerca de 466 milhões de pessoas no mundo sofrem com problemas auditivos, visto que 34 milhões são crianças. A OMS informou ainda que no ano de 2030 o número de afetados poderia alcançar 630 milhões. Desse modo é possível verificar o crescimento de tal público, que como qualquer outro tem a necessidade de atendimento, inclusive na área da saúde.

Logo, muitos profissionais da saúde enfrentam dificuldades ao prestar um serviço de assistência ao paciente surdo devido o obstáculo de comunicação, acarretado pela falta de conhecimento em Libras. Alguns utilizam sinais ou gestos que consideram ser adequados, mas estes comportamentos não verbais praticados pelos ouvintes não são aplicáveis para os surdos (CARDOSO; RODRIGUES; BACHION, 2006). Na verdade, a “língua envolve um processo altamente complexo, uma vez que está relacionada à elaboração e simbolização do pensamento humano, permitindo a comunicação do homem com os seus semelhantes.” (SILVA; QUEIROS; LIMA, 2006, p.34).

Apesar de existirem leis que aprovam a garantia de atendimentos e tratamentos adequados aos deficientes auditivos, é possível perceber o desinteresse de obter no mínimo um conhecimento básico em Libras entre esses profissionais, além de ser um assunto pouco discutido e abordado entre a categoria, promovendo total descaso com a saúde desses sujeitos e ferindo assim com os princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS) que são: universalidade, integralidade e equidade.

A obrigatoriedade do ensino de Libras seria uma ferramenta importante para a inclusão de surdos na sociedade, atualmente conforme o Decreto 5.626 (2005) torna-se obrigatório a disciplina de Libras somente nos cursos de formação de pedagogia, nos cursos de fonoaudiologia e licenciatura, os demais tornam-se optativo.

Além disso, nota-se também a escassez de profissionais em Psicologia capacitados no atendimento a pacientes surdos que necessitam de ajuda psicológica. Dessa forma, seria de grande importância que o profissional fosse capacitado na língua de sinais para a prestação de serviços de uma forma genuína e acessível compreendendo o que o sujeito relatar.

Percebe-se também que no atendimento psicológico é significativo que o profissional tenha um olhar acolhedor, garantindo sempre a acessibilidade não somente do ambiente onde vai acontecer o atendimento, mas também que seja uma forma de incluir essas pessoas da mesma maneira como qualquer outra (MACÊDO; TORRES, 2017).

Por tanto, a compreensão da importância e das dificuldades enfrentadas pela comunidade surda, tendo como principal barreira a comunicacional no âmbito do atendimento psicológico, foi o que possibilitou a realização deste trabalho. Devido a isso foi possível verificarmos a relevância de tal temática no campo profissional do psicólogo

despertando o interesse dos alunos de psicologia a conhecer e ansiar a aprender a Língua Brasileira de Sinais para a promoção do acesso ao atendimento psicológico.

2 | METODOLOGIA

Tendo em vista atingir os objetivos proposto nesse trabalho, que tem o propósito de incentivar o conhecimento e a capacitação em Libras entre os alunos de psicologia, foram desenvolvidas estratégias de intervenção, divididas aqui em fases, e aplicadas junto aos participantes.

Local: Centro Universitário Fаметro, unidade Carneiro da Cunha, sala 205.

Duração: 1h e 30 min

Participantes: Alunos de Psicologia da universidade.

Materiais: Data show, caixa de som, notebook, mesas, cadeiras, folhas de papel A4, jogo da memória.

Divulgação: Os alunos foram convidados 15 dias antes da data que ocorreu a oficina, sendo divulgado pessoalmente nas salas do curso de psicologia, esclarecendo o objetivo da oficina. Também foram confeccionados cartazes, divulgando a data, local e horário de realização da oficina.

1ª Fase: Iniciamos com o acolhimento dos alunos e a entrega de uma cartilha com curiosidades sobre a cultura surda e a língua brasileira de sinais, apresentação do tema e dos objetivos da realização da oficina.

2ª Fase: Foram realizadas duas perguntas iniciais como forma de avaliação do conhecimento dos alunos acerca da Libras.

3ª Fase: Apresentação da música Sozinho de autoria de Caetano Veloso em Libras sem a melodia como forma de produzir a reflexão e discutir sobre a dificuldade de compreensão e comunicação entre surdos e ouvintes.

4ª Fase: Apresentação de informações acerca da diferença entre surdo e mudo, a pluralidade de comunicação dos surdos, dados sobre a surdez no mundo e as dificuldades da presença de um intérprete no atendimento psicológico.

5ª Fase: Realização do jogo da memória com figuras do alfabeto e dos números em Libras com o intuito de apresentar e familiarizar os alunos a cerca desta língua. Assim as regras do jogo foram apresentadas aos alunos que se dividiram em equipes, aqueles que obtiverem maior pontuação de acertos no jogo foram premiados com um bombom de chocolate.

6ª Fase: Após o jogo foram realizadas novas perguntas com o objetivo de compreender o conhecimento e a visão adquirida pelos alunos sobre a temática.

7ª Fase: O convidado intérprete de Libras falou sobre sua história de vida e como iniciou o seu trabalho. Relatou também a importância de conhecer Libras tanto para os profissionais da educação como para os profissionais da saúde, além de ressaltar o

quanto a terapia é importante para os surdos, visto o elevado número de suicídios entre a comunidade surda que pouco é divulgado pela mídia.

3 | DESENVOLVIMENTO

A comunicação é considerada uma ferramenta essencial em todos os tipos de relações, que só acontece de maneira satisfatória quando a mensagem é recebida com o mesmo sentido com o qual ela foi transmitida, podendo ser feita de maneira verbal ou não verbal, contanto que esta comunicação seja completa e coerente (SCHELLES, 2008).

Na comunidade surda existe uma barreira no momento desta comunicação dificultando a interação entre o surdo e o ouvinte. Nessas circunstâncias o surdo tem dificuldades para usufruir de serviços básicos, como, por exemplo, acesso a hospitais, já que os profissionais têm essa dificuldade de entender a língua de sinais (CHAVEIRO, BARBOSA, PORTO, 2008).

Na maioria das vezes essa comunicação se dar por meio da escrita ou da utilização de gestos e raramente é realizada através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sendo a mesma regulamentada pela Lei Federal nº 10.436/2002, na qual a conceitua como:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Desde então, tal resolução tem buscado proporcionar à comunidade surda acessibilidade e comunicação principalmente na área da educação e da saúde, no entanto, grande parte da sociedade brasileira ainda se encontra leiga quanto a utilização desta língua, e a demanda a esse conhecimento tem se tornado cada vez mais necessária.

Na área da saúde, tal conhecimento deveria ser fundamental para a formação do profissional, pois a comunicação clara é de extrema importância em um atendimento qualificado, não apenas com o objetivo de transmitir informações, mas também de atingir a subjetividade dos indivíduos.

Dessa forma, em 22 de dezembro de 2005 o Decreto nº 5. 626 foi regulamentado com o objetivo de oferecer aos surdos um atendimento adequado nos serviços de saúde do Brasil. O Decreto afirma então que, deverá haver profissionais capacitado em Libras para o uso ou para sua tradução e interpretação no Sistema Único de Saúde (SUS).

Na prática isto é pouco visto e ocorre o bloqueio de comunicação, em que o paciente surdo não consegue expressar seus problemas de forma clara e o profissional fica impossibilitado de mostrar seus conhecimentos fazendo um atendimento ineficiente (NEVES; FELIPE; NUNES, 2016).

Uma vez que é notória esta dificuldade, alguns surdos são acompanhados por

familiares que são intermediários na comunicação ou tem a presença de intérpretes, mas isso não garante a inclusão efetiva, pois o atendimento só é eficaz quando tem o relacionamento direto entre o paciente e o profissional (NEVES; FELIPE; NUNES, 2016).

Tendo uma terceira pessoa para facilitar a comunicação entre o profissional e o paciente, leva à falta de privacidade e autonomia do surdo, pois com o intérprete o paciente perde a exposição de suas dúvidas, sentimentos e sintomas de forma livre e individual (NEVES; FELIPE; NUNES, 2016).

Assim como qualquer outra pessoa, o surdo também apresenta a necessidade de cuidado e atendimento psicológico e ao ir em busca deste serviço mais uma vez eles se deparam com a realidade da barreira comunicacional. A existência da incapacitação dos profissionais de psicologia em Libras torna-se um grande empecilho para a realização de um atendimento qualificado e acessível a pessoas surdas, sendo então imprescindível tal conhecimento para a compreensão e atendimento as demandas deste sujeito.

É de extrema importância e pode-se dizer de urgência, maior envolvimento e interesse destes profissionais. Aprender Libras é adaptar-se às modalidades de acolhimento psicológico, promovendo acesso ao cuidado de saúde e reduzindo barreiras comunicativas, favorecendo a inclusão social desses indivíduos (PEREIRA; LOURENÇO, 2017).

Logo, o psicólogo tem como responsabilidade ética e profissional a promoção de um atendimento qualificado que assegure o sigilo das informações fornecidas pelo sujeito, que favoreça o respeito e o vínculo na relação entre Terapeuta-Paciente e que garanta o cumprimento dos direitos fundamentais do sujeito em seu atendimento.

No caso de ter intérprete no atendimento psicológico, como foi dito anteriormente no contexto da área da saúde, nesse momento este profissional também poderá levar a falta de privacidade do surdo, por ser algo singular e subjetivo deste indivíduo, e a presença e escuta seja algo que possa impedir a compreensão no acolhimento (PEREIRA; LOURENÇO, 2017).

Em relação a esse atendimento, as graduações de psicologia deveriam ter a Libras como disciplina obrigatória, como a pedagogia e a fonoaudiologia. Logo, iria despertar o interesse na formação e qualificação para atender este público (SANTOS; ASSIS, 2015).

Portanto, a capacitação de profissionais da saúde no atendimento a pessoas surdas é extremamente importante para a promoção, prevenção e manutenção da saúde destes sujeitos, no caso dos profissionais da psicologia esse conhecimento faz-se indispensável para a realização do atendimento aos surdos. Somente assim tais práticas poderão proporcionar bem-estar e qualidade de vida para a comunidade surda, além de tornar o serviço de saúde acessível a este público.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O debate sobre a população surda e psicologia ainda se encontra na literatura como

uma pequena parcela diante de outras áreas que abordam a questão da surdez, mas ainda assim o tema vem sendo estudado e discutido, vem despertando o interesse de estudantes e profissionais.

A partir de observações e relatos no momento da intervenção foi possível perceber a necessidade do uso da Língua Brasileira de Sinais no âmbito da psicologia, sendo essa língua um instrumento indispensável na comunicação entre surdos e ouvintes, consequentemente confirmando a escassez de assistência psicológica a população surda.

O estudo torna-se necessário por demonstrar a invisibilidade desses indivíduos no contexto psicoterápico, analisando desde as concepções existentes sobre o surdo na sociedade, o uso da língua de sinais, a demanda de surdez, os motivos ou falta de motivação dos psicólogos não fornecerem essa assistência e o uso do intérprete como mediador.

Alguns participantes relataram a importância da aprendizagem e utilização da Libras como forma de transpor fronteiras comunicativas existentes no exercício da profissão e proporcionar uma vivência mais rica para o surdo que procura o serviço de psicologia. Outros relataram que a disciplina de Libras deveria ser obrigatória e não optativa, assim despertaria um interesse maior por essa língua.

Conforme Macêdo e Torres (2017) o atendimento psicoterápico deve ter compromisso social e que esse atendimento se torne o mais acessível para esta população, tendo a sensibilidade e um olhar acolhedor e sem querer normatizá-los pelas suas limitações.

Foi sugerido também pelos participantes mais cursos e/ou oficinas sobre essa temática, justamente para obterem mais conhecimentos e outras pessoas poderem participar. Deste modo, possibilitando a abrangência da atuação do psicólogo e ajudando na integração da comunidade surda na sociedade, facilitando estas pessoas a usufruírem de um atendimento qualificado.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atendimento à pessoa surda é um desafio para os profissionais da saúde e para o próprio surdo. Com isso tivemos sucesso ao despertar em todos os alunos presentes à conscientização sobre o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, através de interações e dinâmicas.

O que veio favorecer bastante foi a relevância que os presentes alunos deram ao assunto abordado, o envolvimento nas participações, e principalmente como feedback final dos mesmos acerca da percepção sobre a realidade das pessoas surdas, suas dificuldades, principalmente no que diz respeito à procura dos mesmos de serviços e assistências, cientes da aprendizagem e utilização da Libras como forma de quebrar essas barreiras comunicativas existentes no exercício da profissão e proporcionar uma vivência mais rica para o surdo que procura o serviço de psicologia, bem como a valorização dos mesmos

em sociedade.

Portanto, é fundamental conhecer as particularidades culturais e linguísticas da comunidade surda de modo a favorecer a interação entre o paciente e o profissional, reduzindo o desconforto nos atendimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (2002). Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002, Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em 24 Set. 2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dez de 2005. **Língua Brasileira de Sinais-Libras**, Brasília, DF, dez 2005. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 10 Set. 2018.

CARDOSO, A. H. A.; RODRIGUES, K. G.; BACHION, M. M. Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. **Rev Latino-Am Enfermagem**. São Paulo, V.14, N.4, P. 553-560, 2006.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 578-583, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n3/v42n3a22.pdf>> Acesso em 24 Set. 2019.

MACÊDO, L. S.; TORRES, C. R. O. V. Psicologia Inclusiva: a importância do atendimento psicoterapêutico à pessoas surdas. In: 1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão. 2017, Salvador. **Sujeitos, Subjetividades e Educação Inclusiva**. Salvador: 2017, p. 1155-1157.

NEVES, D. B; FELIPE, I. M. A; NUNES, S. P.H. Atendimento aos surdos nos serviços de saúde: acessibilidade e obstáculos. **Infarma Ciências Farmacêuticas**. V. 28, n. 3, p. 157-165, 2016. Disponível em <<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=1713&path%5B%5D=pdf>> Acesso em 24 Set. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Agência Brasil. 2018 Disponível em< agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-03/oms-adverte-que-900-milhoes-de-pessoas-podem-ter-surdez-ate-2050> Acesso em: 16 Nov. 2018.

PEREIRA, B. A. M; LOURENÇO, L. M. Surdez e psicologia clínica: contribuições da literatura. **Psicologia.pt**. 2017. Disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1118.pdf>> Acesso em 24 Set. 2019.

SANTOS, J. F; ASSIS, M. R. As dificuldades do psicólogo no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. **Conexões Psi**. V. 3, n. 1, p. 23-33, 2015. Disponível em <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/conexoespsi/article/viewFile/616/548>> Acesso em 24 Set. 2019.

SHELLES, S. A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações. **Revista Esfera**, Brasília, n. 1, p. 1-8, 2008. Disponível em < http://www.fsma.edu.br/esfera/Artigos/Artigo_Suraia.pdf> Acesso em 24 Set. 2019.

SILVA, L. P. A.; QUEIROS, F.; LIMA, I. Fatores etiológicos da deficiência auditiva em crianças e adolescentes de um centro de referência de APADA em Salvador-BA. **Rev Bras Otorrinolaringol**, v.72, n.1, p.33-36, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rboto/v72n1/a06v72n1.pdf>> Acesso em: 08 Set. 2018.

CAPÍTULO 11

O SERVIÇO-ESCOLA DO CURSO DE PSICOLOGIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS ENTRE SUPERVISORA E EXTENSIONISTAS NAS SUPERVISÕES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Raquel Maracaípe de Carvalho

Universidade Federal de Jataí

Jataí – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/0430886733600192>

RESUMO: Este artigo tem como objetos de estudo o serviço-escola do curso de psicologia como espaço de formação profissional e as experiências compartilhadas entre supervisora e extensionistas durante as supervisões do projeto de extensão, Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda, na perspectiva da gestalt-terapia. Este desenvolvido no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), do curso de psicologia da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Além disso, vale ressaltar que o projeto de extensão estudado conta com o serviço de psicologia aplicada, em que há a dupla função de criar condições para o treinamento profissional, além de oferecer serviços psicológicos à população. Por fim, como resultado deste trabalho, conclui-se que as trocas de experiências compartilhadas durante a execução deste estudo, no serviço-escola, propiciaram aprendizado, contribuindo para a formação profissional, autônoma e crítica dos alunos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço-escola. Serviço de psicologia aplicada. Projeto de extensão.

THE PSYCHOLOGY COURSE
SCHOOL SERVICE AS A SPACE
FOR PROFESSIONAL TRAINING:
EXPERIENCES SHARED BETWEEN
SUPERVISORS AND EXTENSION
WORKERS IN THE SUPERVISION OF AN
EXTENSION PROJECT

ABSTRACT: This article aims to study the school service of the psychology course as a space for professional training and the experiences shared between the supervisor and extension staff during the supervision of the extension project, Psychological service for low income patients, from the perspective of gestalt-therapy. This developed at the Applied Psychology Service (SPA), of the psychology course at the Federal University of Jataí (UFJ). In addition, it is worth mentioning that the extension project studied has an applied psychology service, in which there is the dual function of creating conditions for professional training, in addition to offering psychological services to the population. Finally, as a result of this work, it is concluded that the exchange of shared experiences during the execution of this study, in the school service, provided learning, contributing to the professional, autonomous and critical training of the students involved.

KEYWORDS: Service-school. Applied psychology service. Extension project.

1 | INTRODUÇÃO

Escrever sobre o serviço-escola do curso de psicologia como espaço de formação profissional e as experiências compartilhadas

entre supervisora e extensionistas nas supervisões de um projeto de extensão coordenado por mim é um exercício desafiador e muito enriquecedor também. Desafiador, porque requer um mergulho total e absoluto no interior do projeto, na sua execução, em suas metas e em seus resultados. Enriquecedor, porque, ao fazer esse mergulho na essência do projeto, é possível o resgate dos frutos e dos aprendizados, estes proporcionados pelas trocas de experiências que foram e são construídas pelos diálogos, leituras, estudos e supervisões dos casos atendidos.

Todo esse intercâmbio de conhecimento e aprendizado só foi possível porque existem dois lados dispostos e disponíveis para essa vivência: extensionistas e professora coordenadora. Esse ponto de partida é fundamental pois confere um caráter pedagógico e didático à essência desse projeto de extensão, visto que foi exatamente, por meio da execução deste, que se tornou possível compreender a relevância do serviço-escola para a construção profissional do acadêmico.

O projeto de extensão, Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda, na perspectiva da gestalt-terapia, desenvolvido no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), serviço-escola do curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí (UFJ), coordenado pela autora deste artigo, e a interação entre alunos e professora no decorrer de sua execução são os objetos de estudo deste trabalho.

Ademais, de forma simplificada, o objetivo geral deste artigo é compreender o serviço-escola do curso de psicologia como espaço de formação profissional por meio da execução do projeto de extensão Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda e das vivências compartilhadas entre supervisora e alunos extensionistas. Já os objetivos específicos são: compreender o aprendizado a partir do contato com a prática, e a reflexão sobre ela, relacionando-a com o conhecimento adquirido; enfatizar as trocas e vivências de aprendizado e conhecimento entre alunos e supervisora/coordenadora do projeto; ressaltar a importância do serviço-escola do curso como promotor da formação profissional do aluno em Psicologia; e contribuir para os estudos e pesquisas em Psicologia Clínica, na abordagem da Gestalt-Terapia, difundindo essa área do conhecimento científico em Psicologia.

O trabalho em questão se justifica pela relevância que os projetos de extensão tem na formação do aluno universitário. Um exemplo disso é o projeto – Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda – que oferece uma oportunidade de colocar em prática alguns dos conhecimentos teóricos adquiridos pelos alunos durante sua formação acadêmica.

Dessa forma, o artigo aqui desenvolvido tem relevância social e científica muito alta para a área do conhecimento em questão. Primeiro, relevância social, já que o projeto visa a atender, de forma gratuita, pessoas/pacientes de baixa renda. Segundo, relevância científica, pois a participação dos alunos neste projeto confere experiência clínica e vivência metodológica

Por fim justificado, este artigo é um relato de experiência, em que se encontra uma revisão bibliográfica sobre os pontos/temas abordados. Seu desenvolvimento percorrerá pela definição do projeto em si, dos objetivos, da fundamentação teórica e metodológica e dos resultados; pelos principais pressupostos da Gestalt-Terapia; e pelo papel dos serviços-escolas como promotores de formação acadêmica dos alunos, enfatizando reflexões acerca do ensino e formação profissional e das experiências trocadas pelos atores desse projeto por meio de relatos, feedbacks e avaliações feitas durante esse processo.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 O projeto de extensão - Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda

Nesta seção do trabalho, iremos descrever o projeto de extensão em si. Este, intitulado Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda, constitui um projeto de extensão com a finalidade de possibilitar o atendimento psicológico e emocional de pessoas de classes populares por alunos do curso de Psicologia da UFJ. Assim, destina-se a população de baixa renda como uma forma de garantir atendimento, prestando um serviço social à comunidade jataiense. Além disso, os alunos participantes do projeto podem cursar qualquer período do curso e aqueles que estiverem atendendo (preferencialmente do sexto período em diante) recebem supervisão desses atendimentos.

Este projeto de extensão justifica-se pela importância de dar continuidade aos atendimentos que ocorrem desde o ano de 2015, durante o período do Estágio Básico em Psicologia Clínica. Dessa forma, com o objetivo de dar sequência a esses atendimentos, nasceu, em meados de 2016, o projeto de extensão em foco neste artigo. Nele, os alunos de Psicologia, preferencialmente, do último ano atendem gratuitamente as pessoas cadastradas junto ao SPA. Esse projeto destina-se à comunidade carente (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e presta importantes serviços: atendimento individual ou em grupo, psicodiagnóstico, orientação profissional, atendimentos com demandas específicas de saúde etc.

A abordagem teórica, metodológica e epistemológica das supervisões e estudos teóricos realizados no projeto se fundamentam na Psicologia Clínica em Gestalt-Terapia.

Originalmente, a atividade clínica (do grego *kliné*) consistia no exame realizado pelo médico à cabeceira do doente para fins de diagnóstico, prognóstico e prescrição de um tratamento. Este exame era feito no domicílio do doente utilizando-se de observações e entrevistas (RIBEIRO, 2009). Dessa maneira, é compreensível que a importância do trabalho terapêutico e da relação paciente/terapeuta se dá, de acordo com Pearls (1977), fundamentalmente, porque o cliente pode falar com alguém sem ser julgado.

Nesse contexto, a Gestalt-terapia é uma abordagem, uma terapia existencial fenomenológica na qual clientes ou pacientes e seus terapeutas dialogam. Ademais,

Gestalt significa uma totalidade fenomênica, uma configuração de partes em inter e intra-relação, formando uma unidade de sentido (RIBEIRO,1985). Na próxima seção, iremos explicar melhor os pressupostos da Gestalt-terapia.

Este projeto de extensão tem o seguinte objetivo geral: possibilitar atendimentos clínicos de pacientes de baixa renda no espaço do serviço-escola do curso de Psicologia da UFJ. Tais atendimentos exercidos por alunos extensionistas a fim de que essa população carente possa trazer suas questões emocionais e, a partir das intervenções dos estagiários, tenha uma melhor compreensão de si própria e do mundo ao seu redor. Como objetivos específicos, este projeto propõe: Habilitar o aluno para compreender o significado e a relevância do estudo da Psicologia Clínica; Apresentar ao aluno as diversas práticas existentes na atuação da Psicologia Clínica com base na Gestalt-Terapia; Oferecer ao aluno oportunidade para o desenvolvimento de uma capacidade crítico-reflexiva acerca da ciência na qual está se formando e promover o desenvolvimento de uma postura crítica frente à própria ciência e ao papel do psicólogo em geral e do psicólogo clínico, em específico.

Em relação à metodologia, os alunos participantes do projeto fazem uma triagem para identificar pessoas que necessitam de atendimento psicológico e que já foram previamente inscritas no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), serviço-escola do curso. É pertinente dizer ainda que podem ser cadastradas no projeto: crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Após a triagem, os alunos prestam atendimento a essas pessoas no espaço do serviço-escola uma vez por semana, durante 50 minutos. Também uma vez por semana, esses alunos têm supervisões e orientações de e sobre os casos clínicos atendidos. Tais orientações e supervisões são feitas pela professora responsável pelo projeto, com base na teoria da Psicologia Clínica com fundamento na Gestalt-Terapia.

Os atendimentos à população podem se dar em grupos ou individualmente, e as supervisões dos casos clínicos feitas pela professora ocorrem em grupo nas dependências da UFJ, no espaço físico do SPA.

Podemos concluir esse item, ressaltando a importância da execução desse projeto no espaço do SPA como meio para compreender o serviço-escola do curso de psicologia como local de formação profissional e as trocas das experiências compartilhadas entre supervisora e alunos nas supervisões desse projeto de extensão.

No próximo tópico, descreveremos os fundamentos teóricos, filosóficos e metodológicos da teoria que embasa esse projeto de extensão, a Gestalt-Terapia.

2.2 Principais pressupostos teóricos, filosóficos e metodológicos da Gestalt-Terapia

Nosso objetivo aqui não é esgotar toda a teoria da Gestalt-Terapia, pois esta não é a proposta deste trabalho, mas sim trazer fundamentos importantes para melhor

compreensão do embasamento teórico do projeto de extensão - Serviço de atendimento psicológico para pacientes de baixa renda na abordagem da Gestalt-Terapia.

A Gestalt-Terapia é uma forma de psicoterapia centrada na existência, com uma visão clara dos conceitos de individualidade, subjetividade, liberdade, cuidado, espera, escolha e responsabilidade. “Sua proposta é que cada um possa realizar-se como um projeto integrado, saudável, harmonioso. Não pretende curar, mas operar mudanças, as quais, por sua vez, podem constituir um processo de cura.” (RIBEIRO, 2009, p. 34). Ainda segundo esse autor, Gestalt é uma unidade de sentido, um fenômeno, algo que aparece como um nome e se torna algo para minha consciência.

Ademais, segundo Perls (1977), existem três pressupostos filosóficos dentro da Gestalt-Terapia que agem como um tripé na formação e compreensão do indivíduo que busca uma adequação em meio aos seus conflitos relacionais: o Humanismo, o Existencialismo e a Fenomenologia. Dessa forma, a Gestalt-Terapia é considerada uma abordagem relacional ou abordagem fenomenológico-existencial.

Outro aspecto relevante dentro dessa abordagem diz respeito à relação terapêutica. Na Gestalt-terapia, o psicoterapeuta busca não permanecer preso no arcabouço teórico e técnico, com o risco de substituir o contato com o cliente pelas explicações da sua abordagem. Nesse sentido, o psicoterapeuta se envolve através do diálogo e se inclui como pessoa participante da relação (HYCNER, 1995). Além disso, há um pressuposto antropológico gestáltico que concebe o homem como um ser de relação. Assim, a ausência de trocas relacionais representa a estagnação do crescimento e a perda do sentido da vida. Sem o estabelecimento de relações genuínas não existe saúde emocional (FERREIRA; PARREIRA, 2011).

Hycner (1995) vai afirmar que a Gestalt-terapia é a terapia do contato. Para que o contato ocorra é necessário que existam fronteiras que estabeleçam a diferenciação de individualidades e que, ao mesmo tempo, sejam permeáveis o suficiente para a realização de trocas. Por meio do contato, o sujeito mantém a sua identidade e relaciona-se com o meio em que vive. Outrossim, a partir do desenvolvimento do vínculo terapêutico, ainda segundo esse mesmo autor, os conflitos intrapsíquicos do cliente emergem e podem ser trabalhados. Assim, o psicoterapeuta esforça-se para a criação de uma relação de confiança na qual o cliente experientia de maneira profunda a compreensão do psicoterapeuta ou, pelo menos, a sua tentativa. Por conclusão, o processo terapêutico será transformador somente se houver envolvimento. Muito mais que amigável, o psicoterapeuta busca estar disposto a contribuir com o seu *self* para o encontro (HYCNER, 1995).

Em suma, a partir da ótica da Gestalt-terapia, o psicoterapeuta procura transcender o arcabouço teórico e técnico para evitar a substituição do contato com o cliente pelas explicações da sua abordagem. Ele se envolve, através do diálogo, incluindo-se como pessoa participante da relação. Essa postura não-diretiva do psicoterapeuta respeita o cliente como pessoa capaz de descobrir por ele mesmo suas possibilidades. Portanto, a

Gestalt-terapia é uma abordagem do cuidado, na qual o ritmo do cliente é respeitado. Não é necessário impelir o cliente. Através de uma relação dialógica as potencialidades serão atualizadas (OLIVEIRA; VIEIRA, 2015).

Esses foram os principais conceitos da Gestalt-Terapia. O objetivo do próximo tópico é definir o SPA e enfatizar o papel do serviço-escola como espaço para promover a formação profissional, acadêmica, intelectual e pessoal do aluno participante do projeto de extensão.

2.3 SPA: serviço-escola do curso de psicologia

Neste tópico, iremos descrever as funções, objetivos e a importância de um serviço-escola dentro do curso de Psicologia, bem como qual é o papel do SPA dentro do curso e da universidade.

2.3.1 Serviços-escolas no Brasil

A existência dos serviços-escola, no Brasil, sobrepõe-se à própria história da Psicologia como profissão, na medida em que é prevista no processo formativo dos psicólogos (ANACHE, 2011; BRASIL, 2007). Ademais, os serviços-escola têm sido entendidos e delineados como instituições onde o estudante de Psicologia realiza práticas em processos psicológicos nas suas mais diversas possibilidades e enfoques teóricos. Neles, é possível desenvolver intervenções psicológicas de diferentes naturezas, contemplando objetivos e públicos diversos, sejam elas focadas nas ênfases curriculares em processos clínicos de investigação científica, de gestão, de prevenção e promoção da saúde, educativos, ou em correlatos (SCAGLIA; MISHIMA; BARBIERI, 2011).

Os serviços-escola eram, inicialmente, intitulados “clínicas-escola”, denotando muito fortemente a “raiz” clínica ou da psicologia clínica. Entretanto, sabemos que, nesses espaços, há muitas outras atividades, extrapolando as “clínicas” propriamente ditas. Dessa forma, a nomenclatura “serviços-escola” tem sido empregada, especialmente a partir de 2005 (MELO-SILVA; SANTOS; SIMON, 2005).

Os serviços-escola, conforme Melo-Silva, Santos e Simon (2005), têm sua organização e funcionamento dirigidos por um pressuposto básico, que é a ideia de que este ambiente proporciona meios para o estudante desenvolver competências. Além disso, de acordo com Santeiro, Rocha e Araújo (2013), ao praticar a Psicologia nesses espaços, os estudantes podem apropriar-se de aspectos teóricos e técnicos contemplados nos projetos pedagógicos de seus cursos, o que costuma ocorrer em atividades de estágios básicos e específicos. Esses autores ainda enfatizam que, ao fazê-lo, os acadêmicos são supervisionados por seus professores, exigência essa que marca a Psicologia desde sua profissionalização no país (BRASIL, 2007) e prossegue com o estabelecimento das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2011).

As Diretrizes Curriculares Nacionais de 2011 estabelecem, no artigo 25, que o projeto

de curso deve prever a instalação de um Serviço de Psicologia com as funções de responder às exigências para a formação do(a) psicólogo(a), congruente com as competências que o curso objetiva desenvolver no aluno e as demandas de serviço psicológico da comunidade na qual está inserido. Sendo assim, o serviço-escola é o espaço em que se articulam os estágios supervisionados que compõem a formação do(a) psicólogo(a) e no qual ocorrem, no todo ou em parte, supervisões e atividades práticas do estágio, além da coordenação dos estágios externos, obrigatórios ou não.

Nesse sentido, o serviço-escola cumpre a dupla função de criar condições para o treinamento que levará a uma melhor atuação profissional dos alunos e de oferecer serviços psicológicos à população, além de apresentar grande potencial como campo de produção de conhecimento por meio da pesquisa (MELO-SILVA; SANTOS; SIMON, 2005).

Esse autor ressalta ainda que, para atender às Diretrizes Curriculares Nacionais (2011), a organização e o funcionamento dos serviços devem manter coerência com o perfil do(a) profissional que o curso visa a formar e com as demandas da comunidade, considerando a ampliação de possibilidades de atuação profissional do(a) psicólogo(a) ocorrida nos últimos anos.

Percebe-se, assim, como o serviço-escola é fundamental para a formação acadêmica dos alunos, pois é justamente nesse espaço que o discente poderá desenvolver suas habilidades, treinar suas capacidades, interagir com os usuários, trocar experiências com seus pares e professores, aprimorar seus estudos e, principalmente, vivenciar, na prática cotidiana, o ser e o fazer psicologia.

No subtópico a seguir, descreveremos o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) – serviço-escola do curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí.

2.3.2 Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) na UFJ

Neste item, será definida a importância do SPA no curso: como surgiu, histórico, objetivos, público-alvo, quais serviços oferecidos, entre outros aspectos relevantes.

O SPA é um órgão vinculado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí (anteriormente Universidade Federal de Goiás – UFG). Ele iniciou seu funcionamento em agosto de 2010, a partir de demandas acadêmicas colocadas pelo Projeto Político-Pedagógico.

De acordo com o Manual de Orientação para as Atividades do SPA (2014), o Serviço visa a promover a formação dos acadêmicos do curso de Psicologia por meio da prestação de serviços psicológicos à comunidade interna e externa da UFJ, proporcionando o contato permanente com experiências reais de trabalho do psicólogo, em suas áreas de atuação. Além disso, destina-se a servir como centro de estágios, extensão, pesquisa e treinamento profissional dos acadêmicos de graduação, a partir das ênfases curriculares, de modo a permitir-lhes a prática necessária à sua formação profissional.

Ainda segundo o Manual de Orientação para as Atividades do SPA (2014), as metas gerais do Serviço são as de promover o estudo comprometido, o ensino e o aperfeiçoamento profissional sob uma perspectiva de reflexão crítica acerca da complexidade da existência humana. Também propõe-se a desenvolver metodologias de prevenção e de promoção de saúde em diferentes contextos, pretendendo contribuir para uma reflexão sobre o papel social do psicólogo e para a construção de novas possibilidades de intervenção e atuação em psicologia, que façam jus aos desafios colocados pela sociedade contemporânea.

O SPA ainda é entendido como o local onde os acadêmicos do curso complementam, em boa parte, a sua formação comum pelo exercício de atividades práticas; além de terem a oportunidade, por meio das discussões de caso, de trocas de experiência com profissionais. Ademais, o SPA conta com coordenação geral, coordenador de estágios, responsável técnico, supervisores de estágio, estagiários, extensionistas e alunos de modo geral de todos os períodos.

Finalizando o papel e a importância desse serviço, pode-se afirmar ainda que o SPA oferece aos acadêmicos do curso de Psicologia a possibilidade de adquirir uma visão ampla do trabalho psicológico, de vivenciar e refletir a relação interpessoal usuário-profissional, de repensar as relações entre profissionais da saúde e sociedade, tudo isso por meio do atendimento institucional. Isto é, os acadêmicos têm oportunidades de desenvolver uma atitude ética, científica e de integrar os conhecimentos teóricos adquiridos por meio da prática do atendimento especializado (MANUAL DE ORIENTAÇÃO PARA AS ATIVIDADES DO SPA, 2014).

No próximo e último tópico do desenvolvimento, descreveremos algumas das experiências compartilhadas entre a professora e os alunos extensionistas e como essas trocas proporcionaram aprendizado mútuo entre os atores do processo.

2.4 Experiências compartilhadas entre os atores do projeto de extensão no SPA

Neste tópico, destacaremos os aprendizados proporcionados pela interação entre alunos e coordenadora do projeto no espaço do serviço-escola do curso de Psicologia.

Muitas foram as aprendizagens nesses quase três anos e meio de existência do projeto, bem como muitos alunos deram a sua contribuição e saíram nesse período. Alguns ficaram por um tempo longo, dois anos, dois anos e meio, e outros, apenas um semestre. Esse projeto é “porta aberta” justamente para que mais e mais alunos do curso possam aprender e apreender alguns conteúdos da abordagem teórica da Gestalt-Terapia. Os critérios para fazer parte dele são: estar matriculado no curso de Psicologia da UFJ, em qualquer período; ter disponibilidade de horário para frequentar as supervisões; ter vontade de conhecer a Gestalt-Terapia e se comprometer efetivamente com os encontros e com o grupo de forma ética, sigilosa e responsável.

Essas orientações são dadas em todo início de grupo. Assim, há alunos que já estão

no projeto e há alunos novatos que estão chegando pela primeira vez. Todos participam das supervisões, leem os textos, entretanto, somente os alunos do sexto período do curso em diante estão autorizados a fazer atendimentos clínicos aos pacientes /clientes cadastrados no SPA. Isso é acordado desde o primeiro encontro e não há nenhuma obrigatoriedade em fazer esses atendimentos.

Feitos, então, esses acordos, os alunos (do sexto período em diante) que se sentirem aptos para oferecerem atendimentos buscam as fichas cadastrais na secretaria do Serviço e entram em contato, por meio do telefone, com o paciente para o agendamento de dia e horário. Assim, fica a critério do aluno extensionista o atendimento a um ou mais pacientes, da mesma forma que a faixa-etária (tendo a opção de escolher se preferem atender crianças, adolescentes, adultos ou idosos, de ambos os sexos).

Todo esse processo já faz parte da aprendizagem do aluno. Essas escolhas, o porquê dessas escolhas, os motivos, as preferências, se estão ou não se sentindo prontos ou aptos para esses atendimentos. Todas essas discussões, muitas vezes, esbarram em questões pessoais, muitas vezes mal resolvidas dos alunos. Tudo isso envolve questões emocionais, individuais, dificuldades, anseios, medos, receios que são levados ao grupo e compartilhados entre todos.

Iniciados os atendimentos aos pacientes pelos extensionistas, as supervisões acontecem semanalmente, com duração de duas horas, em que questões relatadas pelos pacientes, nas sessões de atendimento, são discutidas e analisadas não apenas pela professora-supervisora, mas também por todos os alunos. Mesmo os alunos que não estão ofertando atendimento participam, aprendem, opinam e discutem. A questão da ética e do sigilo das informações (nomes dos pacientes, dados pessoais) são muito bem acordados entre todos os participantes do projeto.

Paralelamente as supervisões dos casos clínicos atendidos, discutimos, no grupo, textos teóricos que vão fundamentar e instrumentalizar o extensionista no seu trabalho. Há, portanto, uma importante interação teoria e práxis e, segundo o pensamento de Freire (2000), o conhecimento se dá nessa constante interação entre ação-reflexão-ação. Ademais, Freire (2000) defende a educação como ato dialógico; a problematização e interdisciplinaridade no ato educativo e a noção de ciência aberta às necessidades populares.

Para Paulo Freire:

preconiza a importância de uma educação que parta das necessidades populares como prática de liberdade e de emancipação das pessoas e não de categorias abstratas. Para ele, a educação requer, de forma permanente: a) o cultivo da curiosidade; b) as práticas horizontais mediadas pelo diálogo; c) os atos de leitura do mundo; d) a problematização desse mundo; e) a ampliação do conhecimento que detém sobre o mundo problematizado; f) a interligação dos conteúdos apreendidos; g) o compartilhamento do mundo conhecido a partir do processo de construção e reconstrução do conhecimento (FREIRE, 2000, p.23).

Os momentos de discussão teórica e supervisão dos casos clínicos se mostraram muito ricos, pois sempre havia uma questão a ser problematizada e refletida. Essa reflexão se dava à luz dos fundamentos da Gestalt-Terapia. Entretanto, não podemos deixar de enfatizar os ensinamentos de Paulo Freire, pois sua teoria traduz o sentimento de troca, reflexão, diálogo, autonomia entre os pares e aprendizado.

O educando era visto, até meados do século passado, como um copo vazio que deveria ser preenchido pelo educador. Freire foi um dos que desmistificou essa forma única de pensar e conceber a relação educador – estudante. Dessa forma, o serviço-escola se constitui como esse espaço de emancipação da educação, em que todos os envolvidos participam ativamente e problematizam os conteúdos trabalhados, possibilitando uma visão crítica de mundo.

Esse *feedback* é dado a todo momento pelos alunos extensionistas. Em todos os encontros, eles relatam ao grupo o quanto esse processo está sendo construtivo e fundamental para as suas formações profissionais. Além disso, os alunos verbalizam que esse espaço do SPA é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica que apenas se constrói com um processo educativo de conscientização. É uma educação de “caráter autenticamente reflexivo, que implica em atos permanentes de exposição da realidade” (FREIRE, 2000, p.19).

No próximo tópico, iremos fazer as considerações finais, destacando a importância da execução do projeto de extensão no SPA como facilitador de um conhecimento autônomo mediado pelas trocas vivenciadas por todos os participantes.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) pôde “abrigar” o fazer de um projeto de extensão que se mostrou como um importante momento de trocas de experiências compartilhadas entre supervisora e alunos durante as supervisões. Além disso, o serviço-escola teve um papel fundamental na construção e no desenvolvimento profissional desses alunos, sendo um espaço de aprendizado, de diálogo e construção da autonomia deles.

Há de se considerar que essas experiências compartilhadas entre todos irão promover um aprendizado significativo do real, por meio do diálogo constante, da problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual é gerado e sobre a qual ele incide; e das discussões que promovem autonomia e pensamento crítico. Dito de outro modo, o conhecimento passa, assim, a ser construído na relação das pessoas entre si e com o meio em que vivem, aprendendo a partir do que vivenciam no mundo circundante.

Dessa forma, pode-se concluir que o serviço-escola do curso de psicologia se constituiu como espaço de formação profissional, por meio das experiências compartilhadas entre supervisora e extensionistas nas supervisões do projeto de extensão Serviço de

atendimento psicológico para pacientes de baixa renda. Foi possível, a partir da metodologia empregada, desenvolver uma relação horizontal em todos os momentos de discussão e de construção de conhecimento. Os envolvidos foram convidados ao diálogo democrático e participativo, construindo um novo saber a partir de diferentes saberes e pontos de vista existentes e divergentes, promovendo, pedagogicamente, o senso crítico e o pensamento autônomo que leva à construção do sujeito livre e pensante.

REFERÊNCIAS

ANACHE, A. A. **Clínica-escola**: Um percurso na História e na formação em Psicologia no Brasil (pp.17-19). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BRASIL. **Lei no 4.119, de 27 de agosto de 1962**. Dispõe sobre cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Brasília: Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em: 08 set. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CS, no 5** - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2011

FERREIRA, V. G. S. & PARREIRA, G. G. **A relação dialógica de cura na psicoterapia**. 2011. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso Pós-Graduação Lato Sensu, Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia, Paz e Terra**, São Paulo, 2000, 15ª ed.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus. 1995.

MANUAL DE ORIENTAÇÃO PARA AS ATIVIDADES DO SPA (2014).

MELO-SILVA, L. L., SANTOS, M. A.; SIMON, C. P. **Formação em Psicologia**: Serviços-escola em debate. São Paulo: Vetor, 2005.

OLIVEIRA, J. F.; VIEIRA, E. D. **Reflexões sobre a relação terapêutica**: perspectivas da gestalt-terapia e do psicodrama Revista IGT na Rede, v. 12, nº 22, 2015. p. 92 – 110. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526. Acesso em: 21 set. 2020.

PERLS, F. S. **Isto é Gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho / Jorge Ponciano Ribeiro. – São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: O processo Grupal – Uma Abordagem Fenomenológica da Teoria de Campo e Holística. São Paulo: Summus, 2009.

SANTEIRO, T. V.; ROCHA, G.M.A.; ARAÚJO, D.S.A. **Implantação de um serviço-escola de psicologia no centro-oeste brasileiro**: usuários e atendimentos. *Perspectivas em Psicologia*, Vol. 17, N. 2, Jul/Dez 2013, p. 65-82

SCAGLIA, A. P., MISHIMA, F. K. T.; BARBIERI, V. **Entrevista familiar como facilitadora no processo de triagem de uma clínica escola**. *Estilos da Clínica*, 16(2), 404-423, 2011.

CAPÍTULO 12

ACTITUDES PROAMBIENTALISTAS EN ESTUDIANTES MIEMBROS Y NO MIEMBROS DE LAS BRIGADAS ACADÉMICAS DE VIGILANCIA, EDUCACIÓN Y FISCALIZACIÓN AMBIENTAL LA ESCUELA PROFESIONAL DE LA PSICOLOGÍA UNIVERSIDAD ANDINA DEL CUSCO, 2017

Data de aceite: 25/03/2021

Yanet Castro Vargas

Universidad Andina del Cusco

Gareth Del Castillo Estrada

Universidad Andina del Cusco

Katherine Calderón Cordova

Universidad Andina del Cusco

Martha González Pílares

Universidad Andina del Cusco

RESUMEN: La presente investigación se genera en el marco de la respuesta dada por la Escuela Profesional de Psicología de la Universidad Andina del Cusco a los escenarios propios del cambio climático, en el marco de la segunda advertencia de los científicos del mundo a la humanidad, la misma que pone de manifiesto la vulnerabilidad de los ecosistemas de la tierra. Como propuesta se busca identificar un cambio de actitudes en estudiantes integrantes de brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, requisito del curso de Psicología Ambiental de la Escuela Profesional de Psicología. Para dicho fin se compararon alumnos pertenecientes a dichas brigadas, con aquellos no participantes de las mismas, que desarrollaran labores académicas en semestres contiguos. El enfoque de investigación fue mixto, bajo un diseño explicativo secuencial DEXPLIS, creándose una escala de tipo Likert para la recolección de datos en la parte cuantitativa y entrevistas semi-estructuradas para la parte

siguiente. Entre los resultados principales se pudo identificar una mayor agrupación de evaluados en niveles favorables de la actitud pro-ambientalista, manteniéndose dicho hallazgo en las dimensiones del constructo, por último, se determinó la diferencia estadística entre integrantes y no integrantes de brigadas respecto a la actitud evaluada.

PALABRAS CLAVE: Actitud, pro-ambiental, brigadas, medio ambiente.

ABSTRACT: This research is elaborated within the framework of the response given by the Professional School of Psychology of the Universidad Andina del Cusco to the scenarios of climate change, based on the second warning made by scientists from all over the world to humanity, the same that highlight the vulnerability of the earth's ecosystems. The proposal of this investigation seeks to identify changes on the students attitudes, specially on the ones that are members of the university brigades of surveillance, education and environmental control, which is a requirement for the course of Environmental Psychology of the Professional School of Psychology. For this purpose, students who are part of this brigades mentioned before were compared with those who did not participate in them, who will develop academic tasks in adjoining semesters. The research approach was mixed, under a sequential explanatory DEXPLIS design, creating a Likert-type scale for data recollection in the quantitative part and semi-structured interviews for the next part. Among the main results, it was possible to identify a greater group of evaluated students with favorable levels

of the pro-environmental attitude. Keeping this findings in the dimensions of the construct, finally, the statistical difference between members and non-members of the university brigades was determined by the attitude evaluated.

KEYWORDS: Attitude, pro-environmental, brigades, environment.

INTRODUCCIÓN

Hoy en día experimentamos el cambio climático en nuestra vida cotidiana, es usual percibir el aumento de la temperatura medio ambiental, el calor, la escasez de agua, el efecto invernadero, entre otras situaciones alarmantes. Esta realidad ha sido informada hace décadas, en el 1992 la unión de científicos preocupados advirtieron el curso de colisión para los seres humanos y el mundo natural, carta que fue respaldada por más de 1700 científicos, ahora 26 años después se vuelve a publicar la advertencia de los científicos a la humanidad, como segundo aviso, con la diferencia que dicha comunicación se ve respaldada por más de 17000 científicos, incluyendo la mayoría ganadores del Premio Nobel de la Ciencia, dicho escenario nos hace tomar conciencia de la vulnerabilidad en la que se encuentra la humanidad y su cercanía a una catástrofe ambiental, frente a ello hace falta comprender “la unión planetaria, que es la exigencia racional mínima de un mundo limitado e interdependiente. Esta unión necesita de una conciencia y de un sentido de pertenencia mutuo que nos ligue a nuestra Tierra, considerada como primera y última Patria, idea que debe ser transversal a la enseñanza universitaria Morin (2005)

Las diferentes facetas del entorno, que incluyen ambientes naturales, construidos socioculturales y digitales influyen en la conducta y afectan a nuestras emociones, comportamiento y salud en diferentes formas y niveles. (Stokols, 2018). Diversos son los retos en los que las ciencias sociales ambientales, y específicamente la Psicología Ambiental, debe afrontar en relación al conocimiento profundo sobre las actitudes proambientales y su evolución en el tiempo y en los diferentes marcos socioculturales; el papel de la conducta humana en los cambios globales y sus dimensiones psicológicas, sin dejar de lado los aspectos culturales y contextuales; además de colaborar en el diseño de estrategias eficientes de comunicación, formación y participación para la extensión de acciones proambientales a favor del sistema global del planeta (Castro, 2011)

El cambio climático fue un activador en la conciencia ciudadana, con el aumento de la temperatura medio ambiental, el calor, exceso o escasez de agua, el efecto invernadero, entre otras situaciones alarmantes la sociedad en su conjunto evidencio la consecuencia de un sostenido abuso y desinterés por el medio ambiente, con la certeza de que la actividad humana ha permitido la concentración de gases de efecto invernadero en la atmosfera, intensificándose por tanto el efecto invernadero natural, lo mismo que da por resultado el calentamiento adicional de la superficie y la atmosfera de la tierra, situación que puede afectar los ecosistemas naturales y por consiguiente a la humanidad (ONU, 1992).

En un escenario poco provisorio como el descrito, se hace importante la participación indiscriminada de distintos actores económicos y sociales que tengan como fin la generación de actividades, de distinta índole, las mismas que al articularse puedan evidenciar su impacto en el cuidado del medio ambiente, tal es el caso de la reciente promulgación de la Ley Marco sobre Cambio Climático, la misma que tiene como objetivo establecer los principios, enfoques y disposiciones vinculadas a la adaptación y mitigación de efectos del cambio climático, mediante políticas públicas, las mismas que deberían guiar las acciones específicas desarrolladas por organizaciones de distinta índole en bien del medio ambiente, garantizando un mayor impacto.

En este contexto la Escuela Profesional de Psicología de la Universidad Andina del Cusco busca dentro de la formación integral de sus estudiantes formar ciudadanos con conciencia y cultura ambiental, quienes demuestren un claro compromiso con el ambiente, más aun teniendo en cuenta la conexión de los valores institucionales con la auténtica moral y valores del Tawantinsuyo (Góngora, 2015), ampliándose los espacios de justificación, para las practicas pro-ambientalistas, incluso a la generación de una identidad andina trascendental. Es de esta manera que la demanda ambiental encuentra asidero en el diseño de la malla curricular de la Escuela Profesional en el curso de psicología ambiental, aún antes de contemplarse el espíritu de la Ley Marco sobre Cambio Climático, en relación a su impacto educativo.

El presente proyecto busca identificar el impacto de prácticas que responden a una situación problema dada por las limitaciones de la educación ambiental y la tardía preocupación del Estado en la formación de ciudadanos interesados por el medio ambiente, además de la importancia de ampliar el número de actores vinculados a la gestión ambiental responsable, considerando el ámbito universidad un entorno preciso dada su misión de formar profesionales integrales que respondan a las necesidades sociales. Como propuesta se busca un cambio de actitudes en estudiantes de la Escuela Profesional de Psicología de la Universidad Andina del Cusco, los mismos que al integrar de brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, como requisito del curso de Psicología Ambiental, muestren cambios en los ámbitos cognitivo, emotivo y volitivo relacionados al cuidado del medio ambiente.

Para la investigación se establece como objetivo general el conocer la diferencia entre las actitudes proambientalistas de estudiantes integrantes y no integrantes de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental de la Escuela Profesional de Psicología de la Universidad Andina del Cusco, 2017 y como objetivos específicos aquellos vinculados a conocer las dimensiones cognitiva, emotiva y volitiva de las actitudes pro-ambientalistas en los estudiantes integrantes y no integrantes de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental de la Escuela Profesional, además de los estudiantes de octavo semestre, los mismos que por su proximidad al grupo evaluado presentan idoneidad para la comparación de actitudes.

Las actitudes ambientales son los sentimientos favorables o desfavorables que se tiene hacia alguna característica del ambiente o hacia algún problema relacionado con él (Holahan, 2012), esta apreciación permite además desarrollar una valoración ambiental personal, ambas operan conjuntamente para el desarrollo de los comportamientos proambientalistas.

Los comportamientos proambientalistas en relación a la mitigación del fenómeno pueden ser de dos tipos principalmente: directos e indirectos. Las acciones directas se orientan al desarrollo de prácticas de reducción del impacto de la acción humana en el ambiente, y las acciones indirectas están dirigidas a otras personas (familiares, compañeros de trabajo, amigos...) o instituciones (administración, empresas...) para que adopten prácticas sostenibles (Castro 2010)

La universidad es una entidad orientada a la generación de consciencia crítica con la responsabilidad de brindar una formación integral, los aspectos ambientales, sociales y de investigación son aspectos sustanciales de la enseñanza superior, y se deben abordar de forma global y transversal, tomando en cuenta que los profesores son generadores de paradigmas conceptuales y metodológicos y los estudiantes los receptores y agentes de cambio. (Peña, 2017)

MATERIAL Y MÉTODOS

El enfoque de la investigación es mixto puesto que se utilizará la recolección y análisis de los datos para afinar las preguntas de investigación o identificar nuevas interrogantes en el proceso de interpretación. (Hernandez, Fernandez, & Baptista, 2014), de esta manera las actitudes pro ambientalistas en la población de estudio son abordadas mediante procedimientos científicos propios del positivismo lógico, para llegar a conocer una realidad in situ y el con un enfoque de base constructivista buscando profundizar en características o particularidades del fenómeno.

Se presenta bajo un enfoque descriptivo - comparativo, el mismo que permitirá especificar las propiedades, las características y los perfiles de personas, grupos, comunidades, procesos, objetos o fenómenos que se someten a análisis (Hernandez, Fernandez, & Baptista, 2014), para proceder a su comparación entre grupos encuestados. Midiéndose y recogiendo información en los estudiantes de la Escuela Profesional de Psicología, integrantes y no integrantes de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental.

En cuanto al diseño de investigación es Explicativo Secuencial (DEXPLIS), este diseño se caracteriza por una primera etapa en la cual se recaban y analizan datos cuantitativos, seguida de otra donde se recogen y evalúan datos cualitativos. La mezcla mixta ocurre cuando los resultados cuantitativos iniciales constituyen insumo a la recolección de datos cualitativos, ambas etapas se integran en la interpretación de los

resultados. (Hernandez, Fernandez, & Baptista, 2014). Así las actitudes pro ambientalistas en estudiantes integrantes de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, serán analizadas mediante las respuestas dadas al cuestionario diseñado específicamente para la evaluación cualitativa, siendo dichos datos insumo para el desarrollo de focusgroup (grupo de enfoque) que permitirá un mayor conocimiento de las actitudes pro-ambientalistas en los estudiantes parte de la población de estudio.

Participantes

El estudio se desarrolló en la Escuela Profesional de Psicología de la universidad Andina del Cusco, la población de estudio estuvo constituida por la totalidad de alumnos matriculados en el curso de psicología ambiental, los mismos que imperantemente son integrantes de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, en el periodo 2017 y un grupo homogéneo de comparación con estudiantes que no son parte de dichas brigadas, siendo los primeros 42 alumnos de noveno semestre y los segundos 47 alumnos matriculados al octavo semestre.

Instrumento

En su parte cuantitativa se utilizó el cuestionario para la recolección de datos, estando constituido el mismo por una serie de preguntas respecto de una o más variables a medir (Hernández, Fernández y Batista, 2014), bajo un diseño tipo Likert de cinco opciones, con valoraciones por ítem que se orientan a medir frecuencias que fluctúan entre nunca a siempre. En su parte cualitativa, se desarrollaron sesiones en profundidad o grupos de enfoque, al existir interés por determinar la forma en que los estudiantes que conforman las brigadas, estructuran sus actitudes e interpretación respecto al problema generando una serie de percepciones, actitudes, motivaciones, sentimientos y pensamientos al respecto.

Procedimiento

Para poder ejecutar la evaluación se solicitó los permisos respectivos a los estamentos universitarios pertinentes, autorizando los mismos la evaluación a estudiantes matriculados al curso de psicología ambiental, del noveno semestre, los mismos que de manera automática forman parte de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, así como a los estudiantes matriculados al octavo semestre, quienes no forman parte de las brigadas.

Los datos recabados fueron codificados y analizados estadísticamente mediante procedimientos descriptivos e inferenciales, respetándose en todas las etapas los aspectos éticos propios de la investigación.

Una vez obtenidos los resultados cuantitativos se procedió al diseño de la guía de tópicos a tratarse en el grupo de enfoque, la misma que permitiría establecer con mayor profundidad los cambios presentados en las dimensiones emocional, cognitiva y volitiva

vinculadas a las actitudes pro-ambientalistas.

RESULTADOS

A. Dimensión emocional

La dimensión emocional de las actitudes se presenta predominantemente como muy favorable en los estudiantes pertenecientes a brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, con un 73.8% de evaluados en dicho nivel, mientras un 26.2% se ubican en un nivel favorable, de esta manera no existen evaluados que se ubiquen en niveles medio, ni desfavorables. Es así que los estudiantes evaluados presentan sentimientos acentuados de agrado respecto al desarrollo de actividades pro-ambientalistas programadas por la brigada.

Nivel	Integrantes de la brigada		No integrantes de la brigada	
	f	%	f	%
Muy favorable	31	73.8	32	68,1
Favorable	11	26.2	12	25,5
Ni favorable, ni desfavorable	-	-	2	4,3
Desfavorable	-	-	1	2,1
Total	42	100,0	47	100

Tabla 1

Dimensión emocional de las actitudes pro-ambientalistas en estudiantes integrantes y no integrantes de las brigadas

Los resultados analizados muestran la distribución de los estudiantes, no pertenecientes a las brigadas, en cuatro niveles valorativos de la dimensión emocional, estando mayormente agrupados en el nivel muy favorable, con 68,1% de evaluados, seguido del nivel favorable, con 25,5% de evaluados, agrupando los niveles negativos 6,4% de evaluados, sin presentarse ninguno en la categoría media. Si bien se puede observar una situación parecida a la presentada por los estudiantes que pertenecen a las brigadas de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, veremos que los resultados nos permiten identificar una mayor dispersión de evaluados en los niveles de análisis, con la ubicación de casos en niveles negativos de valoración.

En relación a las emociones y su identificación con el desarrollo de prácticas pro-ambientalistas por miembros de las brigadas, se logró identificar, mediante grupo de enfoque, sentimientos de agrado y alegría con la culminación de la acción, como por ejemplo aquellos generados por la cosecha del bio-huerto, manifestándose dicha condición en expresiones como:

Mi experiencia personal [...] Mis padres son agricultores, aman mucho la tierra [...] Cuando vine acá y desarrolle el proyecto me apareció una experiencia nueva [...] Aparte de que si se un poco de lo que es la agricultura, colaborar y trabajar con mis compañeros también fue una experiencia muy bonita. Nosotros hemos tenido que trabajar, informarnos porque nadie sabía como hacer [...] El esfuerzo cuenta mucho, nos motivo y gusto bastante [...] Los primeros frutos, la cosecha fue bastante grata” . Por otro lado, se evidencia la generación de un vínculo afectivo con las prácticas y espacios que permitieron su desarrollo de labores de cuidado del bio-huerto: “Me da felicidad, cuando bajo a la universidad, siempre visito el bio-huerto [...] Es muy grato.

B. Dimensión cognitiva

Los estudiantes, pertenecen a las brigadas de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, se muestran agrupados mayormente en niveles positivos dentro de la dimensión cognitiva, con 59,5% de evaluados en el nivel favorable, 35,7% en el nivel muy favorable y tan solo un 4,8% en el nivel medio, no existiendo estudiantes en niveles negativos. Por tanto, se puede apreciar creencias y opiniones positivas de los estudiantes respecto al cuidado del medio ambiente, las mismas que tendrían asidero en conocimientos y practicas previamente desarrollados.

Nivel	Integrantes de la brigada		No integrantes de la brigada	
	f	%	f	%
Muy favorable	15	35,7	8	17,0
Favorable	25	59,5	25	53,2
Ni favorable, ni desfavorable	2	4,8	11	23,4
Desfavorable	-	-	3	6,4
Total	42	100,0	47	100,0

Tabla 2

Dimensión cognitiva de las actitudes pro-ambientalistas en estudiantes integrantes y no integrantes de las brigadas

Los estudiantes, no pertenecen a las brigadas de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, se muestran agrupados mayormente en niveles positivos dentro de la dimensión cognitiva, con 53,2% de evaluados en el nivel favorable, 23,4% en el nivel medio, 17,0% en el nivel muy favorable y tan solo un 6,4% en el nivel desfavorable. Dicha situación muestra una mayor dispersión en niveles que la encontrada en estudiantes integrantes de brigadas, agrupando el nivel medio aproximadamente la cuarta parte de evaluados y presentándose además algunos estudiantes con opiniones y creencias negativas respeto al cuidado del medio ambiente.

En la dimensión cognitiva, son muchas intervenciones de los miembros de la brigada de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, las que hacen referencia a la importancia de la información recibida para la racionalización futura vinculada a actitudes pro-ambientalistas, durante el desarrollo del grupo de enfoque tales como:

Primero desarrollados actividades para familiarizarnos [...] Para toda actividad a favor del ambiente creo que lo básico es la información, la profesora nos sensibilizo [...] Puedes hacer grandes aportes con pequeñas acciones. Además, otra estudiantes consideraron [...] Hemos debido informarnos[...] fue un proceso de aprendizaje para valorar el medio ambiente. De esta manera la mayoría de experiencias comentadas, por los miembros de las brigadas, vinculan en su etapa inicial con la búsqueda y recepción de información sobre el medio ambiente y su cuidado, así como con la importancia de conocer las actividades a realizar y organizar las mismas. Mostrándose además una clara idea sobre su acción de apoyo, la ansían que sería valorada en razón al esfuerzo involucrado en la tarea [...]Ya eres consciente de que puedes ayudar,fue incomodo, era muy trabajoso hacer todo.

C. Dimensión volitiva

Por último, el componente comportamental (conativo) de las actitudes pro-ambientalistas, muestra una mayor agrupación de estudiantes, pertenecientes a las brigadas, en el nivel favorable, con 45,2% de evaluados, seguido por un 42,9% de evaluados en el nivel muy favorable, un 9,5% en un nivel promedio y tan solo un 2,4% en un nivel desfavorable, quedando claramente identificada una disposición positiva respecto a intensiones conductuales ante el desarrollo de actividades pro-ambientalistas.

Nivel	Integrantes de la brigada		No integrantes de la brigada	
	f	%	f	%
Muy favorable	18	42,9	9	19,1
Favorable	19	45,2	17	36,2
Ni favorable, ni desfavorable	4	9,5	15	31,9
Desfavorable	1	2,4	6	12,8
Total	42	100,0	47	100,0

Tabla 3

Dimensión comportamental de las actitudes pro-ambientalistas en estudiantes integrantes y no integrantes de las brigadas

El componente comportamental (conativo) de las actitudes pro-ambientalistas, muestra una mayor agrupación de estudiantes, no pertenecientes a las brigadas, en el nivel favorable, con 36,2% de evaluados, seguido por un 31,9% de evaluados en el nivel promedio, un 19,1% en un nivel muy favorable y un 12,8% en un nivel desfavorable,

encontrándose cierta disposición de trabajadores a desarrollar conductas favorables, sin embargo, a diferencia de los estudiantes pertenecientes a brigadas, aproximadamente un tercio de evaluados se ubica en el nivel medio con disposiciones conductuales ambiguas respecto al desarrollo de conductas pro-ambientalistas, presentándose además un grupo importante de evaluados en niveles inferiores.

En el caso de la dimensión conativa, varios de los entrevistados, participantes del grupo de enfoque, dan muestra de la importancia que representa el desarrollo de actividades prácticas, las mismas que permitan ejecutar lo aprendido:

Al comienzo no sabíamos nada, la formación se dio en grupos tubo que informarse y colaborar con algo [...] Puedes conocer en la teoría pero en la práctica se palpa [...] Una cosa es saber y otra hacer. Es importante considerar que los participantes de las brigadas además evidenciaron interés por aspectos ambientales y el desarrollo de conductas vinculadas, pudieron identificar dicha predisposición para actuar con prácticas ancestrales, propias del quehacer del poblador andino, situación reflejada en comentarios tales como: El hecho de valorar a los que producen la tierra también te cambia [...] No lo había visto de esa forma [...] De alguna manera todos concibieron la visión de la cosmovisión andina [...] La pachamama, como la conocemos, nos da el fruto, nos da el vivir.

Por último, se pudo comprobar la existencia de diferencias estadísticamente significativas, más allá del error estándar, en el grupo de estudiantes perteneciente a las brigadas de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, respecto al grupo de estudiantes no pertenecientes a dichas brigadas.

Grupo	Frecuencia	Actitud Pro-ambientalista				Total
		Desfavorable	Ni favorable, ni desfavorable	Favorable	Muy favorable	
Brigada	Recuento	0	1	17	24	42
	Frecuencia esperada	,5	5,2	20,8	15,6	42,0
No brigada	Recuento	1	10	27	9	47
	Frecuencia esperada	,5	5,8	23,2	17,4	47,0
Total	Recuento	1	11	44	33	89
	Frecuencia esperada	1,0	11,0	44,0	33,0	89,0
Chi cuadrado = 17,228		p-valor= 0.001				

Tabla 4

Diferencia entre las actitudes proambientalistas de estudiantes integrantes y no integrantes de las brigadas

Utilizando la prueba chi cuadrado de homogeneidad, con un p valor de 0.001, se pudo refutar la hipótesis nula, y de esta manera comprobar la diferencia de grupos, hallazgo que condice con los resultados a nivel descriptivo, donde se identificó mayor agrupación de estudiantes pertenecientes a las brigadas en niveles positivos, en las tres dimensiones de la variable de estudio.

DISCUSIÓN

La investigación desarrollada por Contreras (2012), intitulada: “Actitudes ambientales de los estudiantes de secundaria en Baja California: características personales y académicas asociadas”, el mismo que vincula con la incorporó de manera formal, en los planes y programas de estudio mexicanos, del curso educación ambiental, muestra entre sus resultados descriptivos una actitud positiva de los estudiantes evaluados hacia el cuidado del medio ambiente, esta situación es también identificada en el estudio presente, teniendo en cuenta los niveles favorables y muy favorables encontrado mayormente en el estudio, encontrándose mayor frecuencia ene estudiantes parte de las brigadas universitarias de vigilancia, educación y fiscalización ambiental, además dicho resultado mayormente favorable y muy favorables se pueden encontrar también en las dimensiones parte del constructo evaluado. En relación a las diferencias en la población según factores de división poblacional, no se analizan dichos resultados al no encontrarse paralelo con el presente estudio.

En referencia a lo planteado por Castro (2014), se encuentra paralelo entre el interés del autor y las consideraciones sustento del presente estudio, teniendo en cuenta el interés por el análisis de las actitudes al momento de valorar compórtamelos en favor del medio ambiente, en un intento por generar teorías generales para la identificación, comprensión y acción frente al ambiente. Por otro lado, existe coincidencia en el interés por operacionalizar el constructo de actitudes ambientales, desde la óptica de Castro y de actitudes pro-ambientalistas, desde el presente estudio, dada la importancia asignada a la objetividad, como condición implícita del manejo científico.

Por último, al considerar la novedad del tema de estudio en nuestra localidad vemos trascendente la identificación de instrumentos propios de otro contexto, pero que por su naturaleza se orienten a la medición de las actitudes ambientales, en ese entender se analizó el estudio de Aragón y Américo (1991), intitulado: “Un estudio empírico sobre las actitudes ambientales”, el mismo que estudia la validez de la escala Environmental Concern Scale – ECS, dando luces de posibles relaciones de la variable de estudio con otras variables como la ideología política, a raíz de los datos aportados por el estudio analizado se entendió la importancia de comenzar el presente estudio operacionalizando la variable de una manera convencional, para en futuras investigaciones aportar al desarrollo de escalas precisas y enfocadas en la normativa y regulaciones vigentes.

REFERENCIAS

Aragonés, J., & Américo, M. (1991). Un estudio empírico sobre las actitudes ambientales . *Revista de psicología social* , 223-240.

Contreras, S. (2012). Actitudes ambientales de los estudiantes de secundaria en Baja California: características personales y académicas asociadas (tesis de maestría). Universidad Autónoma de Baja California, México.

De Castro, R. (2011). *Dimensiones Humanas del Cambio Global*. En Psicología Ambiental 2011: Entre los estudios urbanos y el análisis de la sostenibilidad. IX Congreso de Psicología Ambiental. Almería. España 2011.

De Castro, R. (2014). Naturaleza y funciones de las actitudes ambientales. *Estudios de psicología*, 11-22.

Góngora, M. (2002) *Llankay, yachay, sonqoy: valores históricos del pueblo en el tawantinsuyo*. UNMSM.

Hernández, R.; Fernández, C. & Baptista, P. (2014) *Metodología de la Investigación*, México D.F.: Mc Graw-Hill

Holahan, Ch. (2012). *Psicología Ambiental, un enfoque general*. México: LIMUSA.

Morin, E. (1999). *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro* . Paris: UNESCO.

Moser, G. (2014). *Psicología Ambiental: Aspectos de las relaciones individuo – medio ambiente*. Bogotá: ECOE Ediciones.

Naciones Unidas . (1992). *Convención marco de las Naciones Unidas sobre el cambio climático*. Paris: ONU.

Peña, D. (2017). *Creencias y Comportamientos Proambientales en Estudiantes de Administración en Universidades Mexicanas en Función del Grado de Implementación del Sistema de Gestión Ambiental (SGA)*. (tesis de doctorado). Universidad de Barcelona

Stokols, D. (2018). *Social Ecology in the digital age*, Londres: Elsevier.

A LÓGICA DAS REDES SOCIAIS NAS RELAÇÕES AMICAIS

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Samara Sousa Diniz Soares

PUC Minas
Belo Horizonte, Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/5278003146060185>

Márcia Stengel

PUC Minas
Belo Horizonte, Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/0740456649727715>

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo a problematização da apropriação contemporânea do conceito de amizade pelo Facebook e como essa articulação recente entre amizade e virtualidade tem gerado novas maneiras de iniciar, manter e romper vínculos. As transformações psicossociais atuais advindas com a virtualização da vida impingiram sobre as relações amicais um novo paradigma calcado no virtual, tanto no sentido usual do termo para se referir a tudo aquilo que é mediado pela internet, quanto em seu sentido filosófico, o qual se refere à força, potência, ou seja, àquilo que existe enquanto possibilidade, devir. É nesse cenário movediço, mas potente que o sujeito contemporâneo constrói suas relações e se constrói movido pelo desejo. Contexto que tanto pode apagar esse sujeito e suas relações com sua lógica de industrialização, monetização e algoritmização das interações, como pode ser utilizado para a criação de saídas singulares e

férteis em possibilidades construtivas de si e de uma rede de amizades.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Facebook; Amizade; Virtualidade.

THE LOGIC OF SOCIAL NETWORKS IN AMICAL RELATIONS

ABSTRACT: This work aims to problematize the contemporary appropriation of the concept of friendship by Facebook and how this recent articulation between friendship and virtuality has generated new ways to initiate, maintain and break ties. The current psychosocial transformations brought about by the virtualization of life have imposed a new paradigm on virtual relations, both in the usual sense of the term to refer to everything that is mediated by the Internet, and in its philosophical sense, which refers to force, power, that is, to what exists as a possibility, to become. It is in this moving but powerful scenario that the contemporary subject builds his or her relationships and builds himself or herself moved by desire. A context that can either erase this subject and his relations with his logic of industrialization, monetization and algorithmization of interactions, or can be used for the creation of singular and fertile outputs in constructive possibilities of himself and of a network of friendships.

KEYWORDS: Social Networks; Facebook; Friendship; Virtuality.

RESUMEN: Este trabajo pretende problematizar la apropiación contemporánea del concepto de amistad por parte de Facebook y cómo esta

reciente articulación entre la amistad y la virtualidad ha generado nuevas formas de iniciar, mantener y romper los lazos. Las actuales transformaciones psicosociales que han llegado con la virtualización de la vida han impuesto a las relaciones amicales un nuevo paradigma basado en lo virtual, tanto en el sentido habitual del término para referirse a todo lo que está mediado por Internet, como en su sentido filosófico, que se refiere a la fuerza, el poder, es decir, a lo que existe como posibilidad, de llegar a ser. Es en este escenario conmovedor pero poderoso que el sujeto contemporáneo construye sus relaciones y se construye a sí mismo movido por el deseo. Un contexto que puede o bien borrar este tema y sus relaciones con su lógica de industrialización, monetización y algoritmización de las interacciones, o bien puede servir para la creación de salidas singulares y fértiles en posibilidades constructivas de sí mismo y de una red de amistades.

PALABRAS CLAVE: Redes sociales; Facebook; Amistad; Virtud.

1 | INTRODUÇÃO

A virtualização constante e massiva dos dias atuais, embora fascinante e convidativa, traz consigo também muitas mudanças e incertezas, ocasionando, muitas vezes, mais perguntas do que respostas sobre seu funcionamento e vicissitudes. Devido à novidade e rapidez com que as transformações são propostas e efetivadas, acompanhar, entender e produzir respostas para os fenômenos emergentes ligados à virtualidade tem sido um dos maiores desafios dos pesquisadores da área atualmente.

Dentre as muitas áreas modificadas pela virtualização da vida, uma que carece de atenção e estudo é a das relações sociais. Com a apropriação do termo amigo pelo Facebook e a expansão mundial de um novo jeito de se relacionar - não só através desta plataforma, mas também dos inúmeros *softwares* criados com esse mesmo propósito -, muitos questionamentos podem ser levantados. A articulação recente entre amizade, virtualidade, algoritmização e monetização das relações tem gerado novas maneiras de iniciar, manter e romper vínculos e, conseqüentemente, de construção identitária, pois no âmbito do eu está o outro.

Tendo como referência esse contexto psicossocial altamente conectado e modificado pela interconexão massiva, este trabalho visa problematizar a lógica das redes sociais digitais que é impingida sobre as relações sociais, especialmente, sobre as relações de amizade. A sustentação teórica é feita através de autores clássicos e contemporâneos das Ciências Humanas e Sociais.

2 | DISCUSSÃO

Amizades mediadas pelas telas dividem opiniões. Por um lado, há a defesa de intensificação das trocas afetivas e a possibilidade de manutenção de amizades desafiadas pela distância, adotando claramente uma posição entusiasta do fenômeno. Por outro, há preocupação com aspectos negativos de tais transformações, que alertam para um

distanciamento social, caracterizado pela artificialidade dos relacionamentos. A despeito dos dissensos a respeito do fenômeno e das mudanças acarretadas, a realidade mostra que a intimidade e o suporte afetivo ainda são essenciais ao sujeito, ainda que aconteçam de modo drasticamente diferente de como ocorriam antes da internet. Apesar de todas as modificações pela qual têm passado, a amizade ainda permanece sendo uma cola social e a popularização de dispositivos móveis ampliou o número de interações entre familiares e amigos.

Primo (2016) ratifica que a amizade nas mídias sociais não é desconectada das práticas amicais fora da internet, bem como ressalta que hoje não cabe mais a visão estanque entre *on-line* e *off-line*, visto que os amigos utilizam variados meios (*on-line* e *off-line*) para a manutenção de uma mesma conversa: “não são pessoas nem amizades diferentes que ocorrem em lugares e tempos distintos. É a mesma amizade que vai se atualizando. É assim que se é amigo, e é assim que se pratica a amizade em nosso tempo” (PRIMO, 2016, p. 64).

A multifuncionalidade claramente observada nos sites de redes sociais propicia a comunicação entre pessoas de diferentes ambientes com os quais é possível manter laços de intensidades variadas. Os aspectos positivos da mediação do Facebook nos laços sociais fortes – vínculos marcados por grande intimidade, frequentes trocas e grande carga de capital social - ou fracos – elos que comportam maior distância entre os envolvidos e, conseqüentemente, menor interação e capital social -, são inúmeros. Por possibilitar o aumento exponencial de interações e trocas calcadas em laços fortes ou fracos, o Facebook constitui um potente local para a construção de capital social entre seus atores usuários.

Para Castells (2003), se não fosse a internet, os laços fracos seriam perdidos no cotejo entre o esforço para se envolver em interação física, como por exemplo, a interação telefônica, e o valor da comunicação. Envolto, muitas vezes, em uma visão pejorativa se comparados aos laços fortes, Castells (2003, p. 107) salienta que os laços fracos não podem ser desprezados, pois constituem a maior parte dos laços mantidos pelas pessoas e se configuram como ricas “fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de envolvimento cívico e divertimento” e, muitas vezes, independem da proximidade espacial e precisam ser mediados por algum meio de comunicação. Assim, o Facebook contribui também para que amizades que tiveram início em situações de proximidade física não sejam abandonadas quando os encontros presenciais deixam de ser frequentes.

Recuero (2014) considera capital social como um conjunto de recursos mutáveis, pois varia de acordo com a função que um determinado grupo lança mão. Recursos que podem ser usufruídos por todos os membros do grupo, ainda que apropriados individualmente, mas que estão sempre resguardados pela reciprocidade entre os envolvidos até porque a construção do capital social está embutida nas relações sociais e é determinada pelo conteúdo delas. Como um conjunto de recursos trocados e constituídos dentro da rede

social por meio das interações com funções móveis, mas específicas para cada meta estabelecida, o capital social impregnado pelo caráter produtivo traz consigo a ambiguidade própria dos laços sociais contemporâneos. Se, por um lado, ele pode ser (e muitas vezes é) apropriado de forma exclusivamente interesseira e, portanto, mercantilizada, tornando-se a moeda das redes, por outro, ele é incentivado e criado pela potência do silício, maximizando trocas baseadas na reciprocidade e, por conseguinte, efetivando o câmbio próprio de laços sociais tão caros aos sujeitos.

Observando o caráter positivo do capital social gerado pela rede, Castells (2003) também aponta um efeito cumulativo entre a intensidade do uso da internet e a densidade das relações sociais, pois, ao contrário do que muitos temiam, a internet não potencializou (somente) o afastamento do contato face a face, antes aumentou o envolvimento cívico, a interação social, o acesso a várias fontes de informação de seus usuários. Para ele, o uso da internet fortalece relações sociais tanto à distância quanto num nível local para laços fortes e fracos, para fins instrumentais ou emocionais, bem como para a participação social na comunidade.

Specht (2016) afirma que a amizade é um fenômeno comunicacional que só pode existir através de conversações e, justamente por isso, ela se beneficia da comunicação que o Facebook, por exemplo, proporciona. Como há um excesso de ferramentas e uma variedade muito grande de espaços para a comunicação atualmente, as pessoas conseguem ter mais amigos do que antes. Essa ampliação da rede de contatos está intimamente relacionada às inúmeras possibilidades de interação que a rede proporciona. Nesse sentido, a multifuncionalidade e interatividade dos sites de redes sociais em geral propiciam o enodamento entre os espaços *on-line* e *off-line*, potencializando o laço social. Configuram-se como “espaços de afirmação subjetiva e social, de construção de identidade, de validação da experiência, de socialização e de criação de códigos linguísticos para a comunicação social na web” (LIMA, 2017, p. 84), que desempenham um papel fundamental na vida social e subjetiva dos sujeitos atualmente. Ademais, os benefícios do uso das redes sociais satisfazem a necessidade de pertença ao grupo, de apresentação aos outros, pois certo grau de revelação pessoal e de atenção à vida dos outros é também essencial à existência humana (PONTE, 2017).

Turkle (2011), por sua vez, nota que as novas tecnologias não trouxeram apenas benefícios às relações sociais atuais. Ao observar a onipresença dos dispositivos digitais na vida cotidiana, aponta como um problema de sua mediação o fato de que as pessoas ficam na expectativa da resposta imediata de seus amigos. Segundo ela, trata-se de um contrato social tecnológico que exige interação *on-line* permanente, realidade que impacta diretamente nas conversações presenciais, tornando-as fragmentadas, dispersas e menos valorizadas, pois é com elas que se gastam menos tempo e atenção em detrimento das virtuais. Esse tipo de comunicação, chamada pela autora de “*always-on*”, tem impactado diretamente na forma como os sujeitos manejam a solidão e autorreflexão, próprias do

silêncio. Turkle (2011) também comenta que as pessoas já não suportam mais os silêncios em uma conversação e nem na vida. Há uma compulsão em sempre estar conectado, rolando a *timeline* de uma rede social, navegando em um site da internet, mesmo que nada efetivamente esteja sendo feito. Movimento repetitivo e ocioso que afugenta a sensação de inatividade, de solidão e evita o horror de mergulhar no “cibervazio” (LE BRETON, 2017, p. 16) ao se desconectar, uma vez que “desconectar-se é, para muitos, uma morte simbólica, uma impossibilidade de pensar a continuidade de sua presença no mundo” (LE BRETON, 2017, p. 19).

Ao defender a solidão em tempos altamente conectados, Turkle (2011) provoca uma reflexão sobre a artificialidade dos relacionamentos *on-line* e a forma simplificada de apresentação de si, em conformidade com as exigências dos serviços de redes sociais na internet. Comportamento estratégico focado em si que culmina, muitas vezes, no não reconhecimento do outro enquanto sujeito, mas como objeto a ser usado. Apropriação autocentrada dos sites de redes sociais que encontra seu apogeu na obrigação de se mostrar.

O Facebook é uma empresa de exaltação de si, uma autopropaganda, uma epopeia na qual prendemos com alfinetes os atos mais ínfimos para repeti-los infinitamente. Tudo é essencial na história que repetimos para nós mesmos e para os outros, como um autoelogio permanente na convicção de sua unicidade e de seu valor eminente. As redes sociais têm seu ponto de efervescência na obrigação de se mostrar (LE BRETON, 2017, p. 17).

Para Deresiewicz (2009), citado por Primo (2016), a dinâmica do Facebook cria, na maioria das vezes, uma percepção equivocada, uma ilusão de estar vivenciando efetivas relações de amizade, mas que, na verdade, trata-se de um acúmulo de informação, moeda da era atual, que substitui a efetiva experiência. Para ele, o Facebook oferece tão somente um simulacro de amizade, constituindo apenas uma ilusão de grupo, de comunidade, de proximidade emocional. Tudo teria sido reduzido à informação, que tomou o lugar da experiência. Da mesma forma que o espírito comunitário se perdeu, hoje ter-se-ia também apenas uma sensação de conexão e não um relacionamento real.

Uma encenação virtual caracterizada pela fantasia de autoengendramento, que acentua o autoprazer ou que amortece o mal-estar de uma relação difícil com o mundo. Duplo caráter ou função de um jogo vital que o sujeito contemporâneo convive simultânea e paradoxalmente, na medida em que tenta articular o que lhe é mais singular e o que o vincula aos outros nos laços sociais. Nesse sentido, os sites de redes sociais podem ser “intensificadoras do Eu, caixas de ressonância para o sentimento de existir” (LE BRETON, 2017, p. 18), tanto em seu sentido positivo quanto negativo. Eles podem ajudar o sujeito a se articular consigo mesmo e com o outro ou afastá-lo completamente de si e da alteridade.

Se, por um lado, no Facebook há possibilidade de contatar “com amigos virtuais constituindo uma rede de amizade que extrapola as relações duais, os pares de amigos

normalmente encontrados quando se percorre a história da amizade” (IONTA, 2010, p. 7), ampliando assim as possibilidades de vivência desse sentimento/relação e, conseqüentemente, a de constituição subjetiva, por outro, a figura do amigo tornou-se mais pulverizada e mercantilizada.

Para o Facebook, é “amigo” toda e qualquer pessoa acrescentada em um perfil do site, mesmo que as pessoas nunca tivessem se encontrado. A rigor, para essa empresa importa menos as interações amistosas que sedia do que a exploração dos dados pessoais e grupais que coleta e comercializa (PRIMO, 2016, p. 65, grifo do autor).

São essas duas facetas da amizade - de possibilidade de criação a partir do outro e/ou de alienação no e com o outro - que o Facebook revela muito bem em sua dinâmica com um plus: a voracidade do mercado que permeia e conduz todo o seu funcionamento.

Primo (2014), ao fazer uma análise crítica do modo de funcionamento do Facebook, afirma que cada vez que alguém acessa o site da empresa atualiza o capitalismo contemporâneo. Mais do que um espaço virtual de encontros amistosos, esse serviço é um dos negócios digitais mais lucrativos da atualidade, que se vale do rastreamento e mercantilização do conteúdo gerado pelo consumidor como fonte de lucro. Ele transforma a produção espontânea de seus clientes em dados e padrões de consumo, modificando laços relacionais e interações em produtos. Utiliza espaços colaborativos *on-line* cuja participação de todos é incentivada, arquitetada e, no limite, controlada e usada para fins comerciais. Os clientes passam a ser e gerar o produto que eles próprios consumirão, processo que Primo (2014, p. 126) chama de “industrialização da amizade”:

Trata-se de um conjunto de estratégias de racionalização de afetos, de interações linguageiras e da explicitação de endossos (curtidas e compartilhamentos), cujo tratamento estatístico e geração de padrões de comportamentos de consumo podem ser comercializados para subsidiar futuras estratégias mercadológicas, como criação de campanhas promocionais, análise de tendências, planejamento de novos produtos segmentados etc.

O autor também destaca que não é a clara capacidade de inovação estética e tecnológica da empresa que lhe garante o lugar que hoje ocupa entre os sites de redes sociais. Seu alto valor de mercado se justifica pelo volume e qualidade das informações que oferece. Informações que não são produzidas pela empresa, mas pelos próprios usuários. Ademais, o valor do Facebook não está somente no conteúdo gerado, mas, principalmente, na interconexão registrada entre seus usuários. É por meio da circulação de informação em tais redes de relacionamento que a empresa pode gerar dados relacionais que têm grande apelo comercial para anunciantes.

(...) O negócio do Facebook é baseado no modelo “conteúdo gerado pelo consumidor”. O que esta empresa promete é levar as informações de cada cliente (os chamados “usuários”) para os membros de suas redes; e, em

sentido inverso, trazer publicações de pessoas e empresas que importam ao cliente (PRIMO, 2014, p. 117, grifos do autor).

Nesse trafegar de informações, o funcionamento do Facebook inverte completamente a lógica massiva. Se o consumidor era o foco desta, agora é ele quem inicia o processo, pois é o próprio produtor e espectador. A polarização entre emissor e receptor perde completamente seu sentido na atualidade, bem como a ideia de que a empresa é meramente um meio pelo qual as informações trafegam sem imprimir nelas qualquer modificação ou significado, pois sobre o conteúdo angariado pela empresa age um filtro invisível (PARISIER, 2012) arquitetado por códigos.

Os algoritmos do Facebook não apenas conduzem mensagens de um ponto a outro na rede. Em virtude do histórico de interações de cada cliente (publicações, curtidas, compartilhamentos, tags utilizadas etc.), o sistema seleciona que publicações julga serem relevantes e as ordena segundo seus critérios. Além disso, o Facebook “empurra” diversas publicações pagas, que obedecem a um critério comercial, ainda que a empresa insista em considerá-las relevantes, já que são selecionadas em virtude das interações passadas. Isto é, a listagem de publicações mostradas sequencialmente em cada timeline tem uma interferência significativa do sistema informático. Observa-se, portanto, como o Facebook age como mediador, participando ativamente das associações (PRIMO, 2014, p. 118, grifo do autor).

A esse processo de interação mediada, Moura e Gomes (2016) nomearam de algoritmização dos relacionamentos nos sites de redes sociais na medida em que os algoritmos atuam diretamente a partir de rastros digitais deixados pelo usuário nas atividades realizadas na rede a fim de oferecer um conjunto de sugestões sobre decisões na sociabilidade. Nesse processo de algoritmização das amizades, o *EdgeRank*, algoritmo usado pelo Facebook, é o responsável por privilegiar determinados conteúdos que aparecerão na *timeline* de cada usuário, de sugerir amizades, bem como de ranquear o nível de amizade mantida entre cada um e até mesmo sugerir conteúdos e notícias que possam agradar. A conexão com pessoas provavelmente conhecidas acontece com base em “amigos em comuns, informações de trabalho e educação, redes das quais se faz parte, contatos importados e outros fatores diferentes” (MOURA; GOMES, 2016, p. 4).

É nesse cenário movediço, mas potente que o sujeito contemporâneo constrói suas relações e se constrói movido pelo desejo. Contexto que tanto pode apagá-lo em suas relações com sua lógica de industrialização, monetização e algoritmização de interações, como pode ser utilizado para a criação de saídas singulares e férteis em possibilidades construtivas de si e de uma rede de amizades. Conforme aponta Soares (2018), atualmente, convivem dois discursos e, conseqüentemente, duas práticas de relações amicais: uma pautada na veracidade que faz fronteira com a perfeição, herança das gerações anteriores, e outra na novidade, que se esgarça na virtualidade, fruto desta era e de sua lógica. E esse novo funcionamento impinge às relações amicais um novo paradigma calcado no

virtual, tanto no sentido usual do termo para se referir a tudo aquilo que é mediado pela internet, quanto em seu sentido filosófico, o qual se refere à força, potência, ou seja, àquilo que existe enquanto possibilidade, devir. É nesse cenário completamente cambiante e em constante transformação que o sujeito pode se valer deste ambiente e de todos os seus dispositivos para o seu assujeitamento e apagamento, assim como para a construção de saídas singulares e novas.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tendência atual de virtualização da vida inclui a transformação da forma de iniciar, manter e romper laços. Essa modificação foi inaugurada e efetivada magistralmente pelo maior site de rede social atual, o Facebook, que após sua criação foi seguido por várias outras empresas e pessoas ao criarem outros *softwares* sociais que possuem a mesma lógica de funcionamento, ou seja, fazer circular interações, sistematizá-las por meio de algoritmos altamente eficazes e inteligentes e fazê-las render por meio da monetização.

Industrialização, monetização e algoritmização de interações são processos criados pelas grandes empresas de tecnologia para racionalizar afetos e interações, fazendo-os render. Entretanto, tal lógica não fica restrita tão somente ao escopo de atuação e monetização das grandes empresas de tecnologia, mas perpassa todo o tecido social influenciando e modificando o modo de se relacionar atualmente.

Nesse cenário extremamente perigoso para si e para os laços sociais e igualmente potente em possibilidades encontra-se o sujeito contemporâneo às voltas com o laço social ora totalmente instrumentalizado e monetizado, ora genuíno e criativo. Cabe, portanto, ao sujeito buscar a conscientização em relação aos mecanismos invisíveis e poderosos aos quais está exposto diariamente para poder transformá-los diariamente em mecanismos de contraconduta e criação de si.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

IONTA, Marilda Aparecida. Amizades líquidas: considerações sobre os elos (inter)subjetivos nos weblogs. **Fênix Revista de História e Estudos Culturais**, v.7, a. 7, n.2, mai-ago, 2010.

LE BRETON, David. Adolescência e comunicação. In: LIMA, Nádía Laguárdia; STENGEL, Márcia; DIAS, Vanina Costa; NOBRE, Márcio Rimet (Orgs.). **Juventude e cultura digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017, p. 15-31.

LIMA, Nádía Laguárdia de. A internet muda tudo! In: MELGAÇO, Paula; DIAS, Vanina Costa; SOUZA, Juliana Marcandes; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Orgs.). **Como a tecnologia muda o meu mundo**: imagens da juventude na era digital. Curitiba: Appris, 2017, p. 79-87.

MOURA, Carolina Silva de; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Com quem andas e com quem andarás: rastros digitais na algoritmização das relações. In: IX Simpósio Nacional da ABCiber. São Paulo, 2016. **Anais....** São Paulo, 2016.

PARISIER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PONTE, Cristina. Crescendo entre culturas digitais nas últimas décadas. In: LIMA, Nádya Laguárdia; STENGEL, Márcia; DIAS, Vanina Costa; NOBRE, Márcio Rimet (Orgs.). **Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares.** Belo Horizonte: Artesã, 2017, p. 33-45.

PRIMO, Alex. Industrialização da amizade e a economia do curtir. In: OLIVEIRA, Lúcia; BALDI, Vânia (Orgs.). **A Insustentável leveza da web: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede,** Salvador, BA: EDUFBA, 2014, p. 109-130.

PRIMO, Alex. E se Aristóteles usasse o Facebook? Uma genealogia da amizade. **Rumores**, n.20, v.10, 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOARES, Samara Sousa Diniz Soares. **As faces da amizade no Facebook: Semblantes da sociabilidade contemporânea - Dissertação de mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2018.**

SPECHT, Patrícia Pivoto. Entrevista com Alex Primo: A reinvenção da amizade na cibercultura. **Contemporânea Comunicação e Cultura**, v.14, n.03, set-dez 2016.

TURKLE, Sherry. **Alone together: why we expect more from technology and less from each other.** New York: Basic Books, 2011.

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 30/12/2020

Janaína Torres de Paula

Centro Universitário Braz Cubas
Mogi das Cruzes – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3285330425977152>

Valdir de Aquino Lemos

Centro Universitário Braz Cubas
Mogi das Cruzes – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3784051291283722>

Luís Sérgio Sardinha

Universidade de Guarulhos
Guarulhos – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/9144082625133840>

RESUMO: Quando se discute sobre personalidade, os conceitos são múltiplos e distintos. Vindo desde concepções de senso comum à teorias e definições científicas. Para os leigos, a personalidade é usada para definir aptidões sociais ou até mesmo para se aludir à uma impressão marcante que uma pessoa causa a partir de uma característica central. Desta forma, o objetivo desse trabalho é descrever e discutir sobre o perfil dos psicopatas que cometem assassinatos em série. Para a construção do embasamento teórico desse trabalho de conclusão de curso, foram utilizados como recurso: 27 livros e 22 artigos científicos. Resultando num total de 49 obras. Datadas do ano de 1901 à 2018, os artigos utilizados foram extraídos das bases de dados SciELO

e PePSIC. Foram realizadas buscas por materiais pertinentes a temática, por meio de palavra chaves como: psicopatia, transtorno de personalidade, perfil psicológico, assassinatos em série. Os resultados da presente discussão nos afirmam que a pluralidade de estudos permitiu analisar quais os fatores que melhor definem esta perturbação da personalidade, permitindo o desenvolvimento de um forte vínculo entre as interpretações empíricas relacionadas com a avaliação dos traços de psicopatia e as interpretações conceituais, relacionados com a definição do constructo. A personalidade também pode ser definida como temperamento e ainda envolve aspectos como emocionalidade, sociabilidade, reatividade, energia e interação com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopatia, Transtorno de personalidade, Perfil psicológico, Assassinatos em série.

THE PSYCHOLOGICAL PROFILE OF A *SERIAL KILLER*

ABSTRACT: When discussing personality, the concepts are multiple and distinct. Coming from common sense conceptions to scientific theories and definitions. For laypeople, personality is used to define social skills or even to allude to a strong impression that a person makes from a central characteristic. Thus, the objective of this work is to describe and discuss the profile of psychopaths who commit serial murders. For the construction of the theoretical basis of this course conclusion work, 27 books and 22 scientific articles were used as a resource. Resulting in a

total of 49 works. Dated from 1901 to 2018, the articles used were extracted from the SciELO and PePSIC databases. Searches were carried out for materials relevant to the theme, using key words such as: psychopathy, personality disorder, psychological profile, serial murders. The results of the present discussion affirm that the plurality of studies allowed us to analyze which factors best define this personality disorder, allowing the development of a strong link between the empirical interpretations related to the evaluation of the psychopathic traits and the conceptual interpretations, related with the definition of the construct. Personality can also be defined as temperament and also involves aspects such as emotionality, sociability, reactivity, energy and interaction with the environment.

KEYWORDS: Psychopathy, Personality disorder, Psychological profile, Serial murders.

1 | INTRODUÇÃO

Pinker (1997), ressalta que a psicologia evolucionista une duas modificações científicas, a revolução cognitiva desenvolvida nas décadas de 50 e 60 e a biologia evolucionista desenvolvida pouco depois, nas décadas de 60 e 70. De modo geral, pode-se afirmar que as duas ideias em combinação se tornam algo poderoso. Com o auxílio da ciência cognitiva, pode-se compreender como uma mente é concebível e qual tipo de mente dispomos, sendo assim, a biologia evolucionista nos permite assimilar o porquê detemos especificamente deste tipo de mente.

Para Keide e Jacó-Vilela (1999) existiria ainda um segundo tempo, para o movimento das ideias psicológicas, este seria o tempo do organismo, um discurso do corpo, afinal diante do discurso religioso colonial a alma era algo progressivamente objetivada, e agora, um pouco mais tarde, torna-se algo científico. O que se tem conhecimento um pouco depois, com a chegada da geração 70, é de que, isso tudo era produto de um desempenho interno, que não sendo possivelmente percebido pelo sujeito, só poderia então, ser compreendido pelo outro através de mensurações.

De acordo com Feist, Feist e Roberts (2015) os psicólogos diferem entre si, quanto aos inúmeros significados de personalidade, entretanto a maioria deles concordam que a palavra *personalidade* se originou do latim *persona*, que tangia do significado de uma máscara teatral utilizada por atores romanos em dramas gregos. Tais máscaras (*persona*) utilizadas pelos romanos tinham o objetivo de projetar um papel ou uma falsa aparência.

Para Magnusson (1999 *apud* LAWRENCE e OLIVER 2004) o estudo da personalidade não foca somente em seus processos psicológicos, mas também na relação entre eles. Compreender como esses desenvolvimentos se relacionam para a formação de todo um sistema integralizado, continuamente, vai muito mais além do que entender como esses movimentos funcionam em sua individualidade e ter a consciência de que as pessoas funcionam como uma totalidade organizada, e é assim que devemos compreendê-las.

Segundo Lawrence e Oliver (2004) os especialistas da personalidade se interessam pelas pessoas como um todo, buscando compreender como os diferentes aspectos que constituem o funcionamento do homem, estão emaranhados entre si. Sendo assim,

pesquisas sobre a personalidade não buscam uma percepção sobre esses aspectos, mas, como os indivíduos se diferem em suas percepções e de como essas diferenças relacionam-se com o funcionamento íntegro das pessoas.

Entretanto, como definir a personalidade? Para desconhecedores da ciência, a personalidade deriva da ideia de moral e ética, de um julgamento de valores: se você gosta de uma pessoa, isso significa que ela é alguém de personalidade “boa”, ou que tem “muita personalidade”, afirma Lawrence e Oliver (2004). Mas, para os cientistas e os estudantes de personalidade, segundo Bock (1997), o termo é utilizado para esclarecer um campo de estudo que se interessa por um indivíduo que percebe, que aprende, e como todos esses movimentos relacionam-se entre si e com todos os outros.

2 | COMPORTAMENTO VIOLENTO

A OMS (1996) define comportamento violento como uso intencional de força física, relação de poder ou ameaça contra si mesmo, terceiros ou uma comunidade, que possivelmente poderá resultar em ou ter forte tendência a resultar em ferimento, morte, dano psicológico e prejuízo do desenvolvimento ou privação. Sendo assim, podemos definir a agressividade como a produção de um comportamento que busca gerar dano físico ou psíquico à outra pessoa.

Os indivíduos são “criaturas em cuja herança instintiva deve ser computada uma poderosa parcela de agressividade” (FREUD, 1968. p. 58). É esta a tendência para a agressão que, ainda segundo Freud (1968) afeta os vínculos humanos e que força o comportamento a um alto gasto de energia. A civilização usa suas maiores diligências para precisar limites aos instintos agressivos do homem, afinal, o corpo social civilizado está continuamente ameaçado de desintegração devido a esta hostilidade primordial entre os seres humanos.

Compreendendo Dahlberg (2006) pode-se dizer que a violência, possivelmente, fez-se presente desde o início da humanidade, por meio de sua afirmativa, de que o impacto do comportamento violento pode ser observável no mundo inteiro, de diferentes formas, pode-se entender que a violência é em muitas vezes um fator enraizado na trama social, cultural e econômica da existência humana.

Para Russell (1957) afirma que, é importante perceber que a ânsia para o poder é a principal questão do comportamento humano, ou seja, é necessário analisar a este comportamento como resultado de impulsos humanos e não de ações gratuitas.

“A agressividade pode tomar vários caminhos, e estes caminhos estarão em estreita relação com a resposta ambiental: o desenvolvimento normal da capacidade de inquietude e duas alternativas patológicas, que seriam a não capacidade para a inquietude e a questão da formação do falso-self, ligado à questão da tendência antissocial” (WINNICOTT, 2000, P. 37-38).

Desde os tempos antigos o homem vem se preocupando com os processos mentais no momento de pensar e planejar um crime, interessando-se também em saber o que leva uma pessoa a matar outra. Neste contexto o que deve ser analisado para que se tenha as informações necessárias para decidir se foi um ato premeditado? Essas características e muitas outras de natureza semelhante, conduziram inúmeros estudiosos a estabelecer hipóteses diferentes, buscando examinar esmiuçadamente a mente humana. E possivelmente, ao tentar responder todas essas dúvidas, o número de perguntas tenham realmente aumentado, porque a procura por respostas ainda continua e pode nunca ser respondida na íntegra (GERKE, 2014).

Diante disso, Vilhena (2002) procura compreender o ato agressivo, violento, delinquente e antissocial, em uma perspectiva sócio psicanalítica. Freud (1905, 1901) defende que a agressividade é algo inato ao homem, sendo o principal fator de ameaça à vida em sociedade. Costa (1984) afirma que dentro deste contexto das relações humanas, pode-se considerar que a violência é movida pelo desejo de destruição e que ela é uma ação própria do ser humano.

Tangente à isso, Rocha (2001) afirma que a violência do homem não é algo motivado instintiva e incontrolavelmente, afinal, não existe um instinto de violência. O que pode-se afirmar que existe é um plano biológico, um instinto agressivo, por assim dizer, tanto no homem, quanto no animal. Já a agressividade, em oposição à violência, desenvolve-se no interior do próprio processo de construção da subjetividade do indivíduo, o que contribui com a dinâmica de organização do processo identificatório de cada sujeito, afirma Vilhena (2002).

Vilhena (2002) afirma ainda que, a agressividade no ser humano propicia, desde Freud, uma situação incongruente, ou seja, todos concordam que a agressividade, tida em seu sentido mais extenso, é quase sinônimo de destrutividade e violência, e existe no ser humano, mas, custam a admiti-la e a estudá-la como algo tangente ao mesmo.

A função do comportamento antissocial, na relação com o ambiente, é potencializar consequências gratificantes imediatas e fugir ou anular as imposições do ambiente social (PATTERSON *et al.* 1992 e LOEBER *et al.* 1994). Os comportamentos antissociais são ocorrências aversivas e seu acontecimento está diretamente ligado à ação de uma outra pessoa (PATTERSON *et al.* 1992; LOEBER *et al.* 1994; PETTIT *et al.* 2001). Mesmo sendo considerada uma condição primitiva de enfrentamento, este modelo comportamental é eficaz para alterar o ambiente. Indivíduos antissociais utilizam comportamentos aversivos para moldar e controlar as pessoas à seu redor e, devido a sua eficiência, esse padrão pode transformar-se a fundamental forma desses indivíduos se inter-relacionarem e lidarem com as outras pessoas (PATTERSON *et al.* 1992).

Del-Ben (2005) defende ainda que a estrutura de comportamento antissocial se mantém pela idade adulta. Os indivíduos com transtorno da personalidade anti-social não aceitam as normas significativas a um comportamento dentro de parâmetros legais,

podendo então praticar repetidas ações que constituem motivo de detenção, quer sejam presos ou não, como por exemplo: destruir propriedades alheias, importunar os outros, roubar ou dedicar-se à infrações. As pessoas com este transtorno desrespeitam os desejos, direitos ou sentimentos de outrem.

De acordo com Mecler (2015) tantos fatores em argumentação, vem suscitando discussões, por tempos, fato esse que é devido à obscuridade do comportamento humano. A personalidade é resultado da conciliação de inúmeros fatores biológicos e ambientais, entretanto não pode ainda, a ciência, pormenorizar a carga de cada um desses elementos em sua estruturação. Ainda baseando-se nos escritos de Mecler (2015) percebe-se que ao decorrer de muitos anos, a balança já pendeu para um e para outro lado, mas, nunca chegando à uma conclusão.

Winnicott (1987) afirma que de todas as disposições humanas, a agressividade em específico, pode ser escondida, disfarçada, desviada ou atribuída à agentes externos e quando manifestada é difícil determinar sua gênese.

Soares (2010) discorre a respeito da criminalidade exercida por pessoas que se emolduram nos parâmetros para diagnosticar dois transtornos consideravelmente polêmicos e difundidos. Ainda que autores defendam que há grande dificuldade de diagnóstico e de intervenção, caracterizam o comportamento do transtorno de personalidade antissocial como um transtorno mental.

Ainda parafraseando Soares (2010) é possível afirmar que não existem indícios científicos para vincular a violência provocada pelo sujeito, como aspecto do transtorno de personalidade, visto que frequentemente é feita uma associação com o uso de drogas ilícitas e álcool, na maioria dos casos pode-se afirmar que há uma mutualidade entre ambos.

3 | O PERFIL PSICOLÓGICO DO PSICOPATA

O perfil psicológico é uma questão muito mais antiga do que se pode imaginar. A ideia surgiu com o psiquiatra e psicoterapeuta Carl Gustav Jung em 1920, divergente da Psicanálise e fundador da Psicologia Analítica, com a criação de seu livro *Tipos Psicológicos*, no qual descreveu um esquema teórico sobre os tipos de personalidade criando elementos significativos para a compreensão da psicologia de si mesmo e do outro, uma questão indispensável para a autognose e para a melhoria das relações humanas (RAMOS, 2005).

De acordo com Zacharias (1995), Jung teve como proposta inicial, elaborar hipóteses sobre as discriminações individuais de personalidade por meio da investigação de dois tipos básicos de comportamento: a extroversão e a introversão. Para Jung as personalidades extrovertidas eram os indivíduos que tinham sua energia psíquica dirigida para o externo, ou seja, para pessoas e eventos do ambiente de fora. Já os indivíduos introvertidos, traz sua energia psíquica e sua atenção para com o ambiente interno, ou seja, direciona seus pensamentos e experiências para o ambiente interno.

O assassino em série enxerga o crime como uma fantasia, uma obra de arte, intencionada e consumada por ele na vida real. Seu prazer é intrínseco e a repetição contínua de seus atos importa para reanimar suas fantasias, as quais permitem que ele se sinta extremamente vivo. O psicopata se excita ao achar sua presa, conquistar e capturar; para que possa torturar, desmembrar, comer pedaços ou beber o sangue de suas vítimas. As transgressões imputáveis, geralmente, são cometidas com um intervalo de tempo e as vítimas possuem o mesmo perfil, na maioria das vezes, quase sempre, representam um símbolo. O criminoso constitui uma relação íntima e dominadora com sua vítima, controlando a situação através da violência sexual e da tortura (MURIBECA, 2008).

Cordeiro 2003 defende que o termo “psicopatia”, etimologicamente advém do grego, significa “psiquicamente doente” e foi utilizado ao longo do século 19 para intitular genericamente todas as doenças mentais. Subsequente à isso, a psicopatia começou a ser a nomeação atribuída a um tipo de perturbação específica, inserida em um ambiente de um registo comportamental concreto e que foi sendo identificado por diversos estudiosos.

Santos (2018 *apud* YELLATI, 2008) afirmando que o psicopata e o canalha são, de forma geral, figuras capazes de estabelecer um parentesco. Apresenta, ainda, o posicionamento de canalha a começar do ponto em que um indivíduo abrange o lugar do grande outro em vinculação aos pequenos outros. Tal definição em parte se superpõe a certas descrições do psicopata, a partir do momento que atribui-se à ele, também, a capacidade de manipular o outro. Santos (2018) defende que o psicopata, tal como o canalha, ambos têm a habilidade de, ao ocupar o lugar de grande outro, controle sobre o desejo e o gozo do pequeno outro.

Segundo Kemberg (1994 *apud* MURIBECA, 2008) a psicopatia é definida como uma patologia grave do superego ou como uma síndrome de Narcisismo Maligno. Kemberg (1994) define o psicopata como uma pessoa perversa, mantém o princípio da realidade, mas carece de superego. Sendo assim, poderia ele cometer seus crimes de assassinatos com total falta de escrúpulos e sem ao menos sentir-se culpado.

Schechter (2013) afirma que há dois tipos divergentes de *psychos*, estes são os psicopatas e os psicóticos, segundo ele a maioria dos *seriais killers* fazem partes da primeira categoria, entretanto, alguns também acabam por fazerem parte da segunda. Teoricamente, os psicopatas não são pessoas insanas legalmente, ou seja, tem o discernimento entre o certo e errado, são racionais, charmosos e muitas das vezes extremamente inteligentes, e isso é o que assusta neles, parecerem tão normais. Então o que marca a personalidade psicopática? A total falta de empatia do indivíduo psicopático, a incapacidade de amar, de se importar com alguém e de sentir pena de qualquer outra pessoa. Além de si mesmo, para eles, os outros são meros objetos à serem utilizados e manipulados para seu maior prazer.

Ainda dentro dessa definição, Schechter (2013) define o psicótico como uma pessoa com um transtorno mental grave, a psicose, caracterizada por um significativo grau de

deterioração da personalidade, eles vivem em um mundo extremamente perturbador, criado por eles mesmos, sofrem de alucinações e delírios, ouvem vozes, têm visões, estão carregados de crenças singulares. Por isso eles perdem o contato com a realidade, ao contrário dos psicopatas, que parecem ser pessoas normais, quando levam suas vidas de forma secreta.

Dentro desses aspectos o APA (2014) afirma ainda que a principal característica do indivíduo que possui transtorno de personalidade antissocial, é um padrão repetitivo de indiferença e violação dos direitos alheios, o qual pode surgir ainda na infância ou no início da adolescência e persiste pela vida adulta.

Parafraseando Penteadó (2006) deve-se levar em consideração que nem todo psicopata é um assassino cruel, visto que isso é ocasionado pela alienação que a mídia promove ao telespectador, passando uma imagem de uma pessoa de dupla personalidade, sanguinária, fria e até mesmo seres sem compaixão ou piedade.

Entretanto, Silva (2016) parafraseia Salgado (2008) afirmando que a relação mídia e criminalidade se torna algo controverso no campo social, para ele, isso seria resultado da dificuldade de estabelecer um vínculo problemático entre as representações midiáticas e seus efeitos.

Segundo Shine (2000) a psicanálise foi uma das pioneiras a contribuir para com os estudos da criminologia. Ele ainda afirma que o maior interesse psicanalítico era voltado para a gênese da “alma criminoso”, a busca de intervenções e a prevenção.

Em 1941 Hervey Cleckley, muito contribuiu para a definição do conceito de psicopatia, a literatura aponta, suas obras, como ponto de partida para a definição deste conceito (VAUGH; HOWARD, 2005; VIEN; BEECH, 2006). Cleckley elencou 16 características para compor a figura de um indivíduo psicopata, através da criação de um retrato clínico sistemático do quadro da psicopatia (VAUGH; HOWARD, 2005).

Hauck (2009) afirma que Cleckley busca desvincular o conceito de psicopatia ao de crime, mesmo que os primeiros estudos sobre, tenham sido feitos com criminosos. O quadro criado pelo autor, em termos de traço da personalidade, dá ênfase aos aspectos interpessoais e afetivos, buscando destacar as características de personalidade e os comportamentos inabituais dos indivíduos classificados como psicopatas (WILKOWSKI; ROBINSON, 2008).

4 | MÉTODO

O método utilizado para a realização deste estudo foi uma revisão da literatura, utilizando como fonte artigos organizados pela base de dados SciELO e PePSIC e pesquisas em livros específicos que abordaram os aspectos relacionados ao perfil de personalidade de um psicopata que comete assassinatos em série no período de 1901 a 2018.

As palavras-chave utilizadas para busca das obras e dos artigos científicos foram

psicopatia, transtorno de personalidade, perfil psicológico, criminologia, assassinatos em série. Foram selecionados 27 livros e 22 artigos, totalizando 82 obras que discorrem sobre o traço de personalidade de pessoas nomeadas psicopatas, publicados nos últimos 117 anos, de modo a focar os resultados deste trabalho nas contribuições mais recentes.

5 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Soeiro e Gonçalves (2010) afirmam que a pluralidade de estudos permitiu analisar quais os fatores que melhor definem esta perturbação da personalidade, permitindo o desenvolvimento de um forte vínculo entre as interpretações empíricas relacionadas com a avaliação dos traços de psicopatia e as interpretações conceituais, relacionados com a definição do constructo. Desta forma, busca-se descrever e discutir sobre o perfil psicológico de psicopatas que cometem assassinatos em série, selecionando para este presente estudo artigos científicos, teses e livros, totalizando em 49 obras, para que possa se explanar mais sobre o tema.

Diante disso, por décadas, pesquisas clínicas e empíricas conseguiram traçar um constructo psicológico dimensional da psicopatia. Mesmo havendo dificuldades e limitações para defini-la, atualmente, a psicopatia pode ser avaliada e medida por meio de instrumentos psicométricos. A aplicação dessas ferramentas tem expandido a rede epistêmica do constructo, relacionando-o a diversas outras variáveis e aprofundando o conhecimento técnico sobre o assunto (HARE; NEUMANN, 2008).

Segundo Morana *et al* (2006) os transtornos de personalidade não podem ser definidos como doenças, mas sim, anomalias que se dão ao decorrer do desenvolvimento psíquico, sendo então considerados pela psiquiatria forense, como perturbação da saúde mental. Transtornos como os de personalidade afetam de forma desarmônica a afetividade e a excitabilidade com a integração deficitária dos impulsos, das atitudes e das condutas, manifestando-se nos relacionamentos interpessoais.

Esse tipo de transtorno de personalidade é marcado especificamente por uma ausência de sensibilidade ao sentimento dos outros. Quando há um levantamento do grau dessa ausência afetiva, o indivíduo é levado a um pujante desinteresse afetivo, o que contribui para que o sujeito desenvolva possíveis comportamentos criminais recorrentes e assim permitindo que o transtorno de personalidade tome forma de psicopatia (MORANA *et al*, 2006). Ainda por meio da análise de um grupo de indivíduos criminosos diagnosticados com transtorno antissocial da personalidade, Morana *et al* (2006), afirmam haver dois tipos de personalidades antissociais, o transtorno global (TG) e o transtorno parcial, que são equais numericamente à psicopatia e não psicopatia.

Cordeiro e Muribeca (2017) afirmam que, para que um indivíduo seja definido como um assassino serial, é necessário que sua motivação para o cometimento do crime seja destacada, o que na maioria das vezes é de caráter psicológico, ou seja, advém de

fantasias e de desejos internos do agressor, o que na maioria das vezes é encarado como algo ilógico para outras pessoas.

Dentro deste contexto a personalidade psicopática, pode referir-se a um indivíduo tendencioso a execução de comportamentos criminosos (ABDALLA-FILHO, 2004b). Porém, é preciso levar em consideração que nem todo indivíduo que possui um diagnóstico de desordem antissocial da personalidade comete, indispensável e necessariamente, crimes de assassinato (ABDALLA-FILHO, 2004b; IRIA; BARBOSA, 2008; NUNES, 2009).

Casoy (2004) afirma que os psicopatas são nomeados como “predadores intraespécies”, que usam seu charme, manipulação, intimidação e violência para controlar outros indivíduos e para satisfazer suas próprias necessidades. Em sua falta de confiança e de sentimento pelos outros, eles tomam friamente aquilo que querem, violando as normas sociais sem o menor senso de culpa ou arrependimento.

Ballone (2003) afirma que, quando os seriais killers são capturados, costumam encenar uma insanidade, garantindo ter múltiplas personalidades, esquizofrenia ou qualquer coisa que o absolva de responsabilidades, mas de fato, apenas 5% dos assassinos em série podem ser considerados mentalmente transtornados no momento de seus crimes de assassinato. Entretanto, para Fonseca (1997) em contrapartida, tem sido comprovado antecedentes pessoais e familiares de psicopatia em cerca de 80% dos criminosos.

6 | CONCLUSÃO

O *serial killer* apresenta um aspecto peculiar em sua atuação, que é humilhar suas vítimas e fazê-las sofrerem, reforçando seu pensamento de estar no comando e de que ele é o detentor da situação, desta forma, o prazer do psicopata que comete crimes de assassinatos está no apogeu do constrangimento e desespero de sua vítima. Sabendo-se que o instinto agressivo, leva o indivíduo a cometer ações violentas, o mesmo, acaba por se basear em atitudes para poder controlar a sua vítima e o ambiente ao seu redor, o que lhe permite grande sensação de prazer.

Desta forma, são características específicas da personalidade de um *serial* não possuir grau algum de empatia, remorso ou qualquer sentimento de culpa em relação ao ato cometido, que viole à vida de outro indivíduo, além de sentir a necessidade de cometer os crimes de assassinato de forma sequencial.

Sendo assim, esse trabalho de revisão para conclusão de curso, pode ser utilizado como base para uma pesquisa de campo e ampliar as publicações, produzindo um aumento nas discussões que possam trazer novas evidências acerca do perfil de personalidade dos psicopatas que cometem assassinatos em série.

REFERÊNCIAS

ABDALLA-FILHO, E. **Transtornos da personalidade**. In TABORDA J.; CHALUB M.; e ABDALLA-FILHO E. (Org.) *Psiquiatria forense*. Porto Alegre: Artmed. 2004b. p. 281-295.

APA. AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. __. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM – 5** -. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BALLONE, G. J. Personalidade criminosa. *PsiquWeb*, 2002.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. **PSICOLOGIAS: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 10ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1997. p. 14.

CASOY, I. **Serial Killers made in Brasil**. 2. ed. São Paulo: Arx, 2004.

CORDEIRO, C. H. C.; MURIBECA, M. das M. M. Assassinos em série: da necessidade de uma política criminal para os psicopatas. **Revista Direito Mackenzie**, João Pessoa, v. 11, n. 2 p. 92-110, nov. 2017.

CORDEIRO, J. **Psiquiatria forense**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006.

DEL-BEN, C. M. Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 27-36, 2005.

FEIST, J.; FEIST, G. J.; ROBERTS, T-A. **Teorias da Personalidade**. 8ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2015. p. 3-10.

FONSECA, A. F. **Psiquiatria e psicopatologia**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

FREUD, S. **Civilization and its discontents**. New York: W. W. Norton, 1968. p. 58.

_____. **Fragmento da análise de um caso de histeria**. v. 7, In. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1901/1905.

_____. **O interesse científico da psicanálise**. Obras completas, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1914.

GERKE, G. B. La premexditação desde la perspectiva de la psicología. **Revista de Psicologia**, La Paz, n. 11, jun. 2014.

HARE, R. D. e NEUMANN, C. S. Psychopathy as a clinical and empirical construct. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 4, n. 2, p. 217-246, 2008.

HAUCK FILHO, N.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Psicopatia: o construto e sua avaliação. **Avaliação psicológica**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 337-346, dez. 2009.

IRIA, C.; BARBOSA, F. **Psicopatas criminosos e não criminosos**: Uma abordagem neuropsicológica. Porto: Livpsic, 2008.

KEIDE, R. e JACÓ-VILELA. A. M. “**Mens in Corpore**”. O positivismo e o discurso psicológico do século XIX no Brasil. In. A. M. Jacó-Vilela, H. C. Rodrigues e F. Jabour. *Clio-Psyché-histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Nape. 1999.

KEMBERG, O. **La agresión en las perversiones y en los desórdenes de la personalidad**, Buenos Aires: Paidós, 1994.

LAWRENCE, A. P.; OLIVER, P. J. **Teorias da Personalidade**: teoria e pesquisa. São Paulo: Artmed, 2004.

LOEBER R.; DISHION T. Early predictors of male delinquency: a review. **Psychol Bulletin**, v.1, p. 68-99, jul. 1994.

MECLER K. **Psicopatas do cotidiano**: como reconhecer, como conviver, como se proteger. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015. p. 25.

MORANA, H. C. P.; CÂMARA, F. P.; ARBOLEDA-FLÓREZ, J. Cluster analysis of a forensic population with antisocial personality disorder regarding PCL-R scores: Differentiation of two patterns of criminal profiles. **Forensic Science International**, v. 164 n. 2-3, p. 98–101, 2006.

MORANA, H. C. P.; STONE, M. H.; FILHO, E. A. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 2, p. 74-79, Oct. 2006.

MURIBECA, M. Seven: “os sete crimes capitais” de David Fincher: a mente do psicopata. **Cógitto**, Salvador, v. 9, p. 77-81, 2008.

NUNES, L. M. Crime – Psicopatia, Sociopatia e Personalidade antissocial. **Revista da faculdade de ciências humanas e sociais**. v. 6, p. 152 – 161, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência**: uma prioridade de saúde pública. 49ª ed. Genebra: Associação Mundial de Saúde, 1996.

PATTERSON, G. R.; REID J. B.; DISHION T. J. **A social learning approach**: Antisocial boy. Vol. 4. Editors: Eugene. Or: Castalia. 1992.

PETTIT G. S.; LAIRD R. D.; DODGE K. A.; BATES J. E.; CRISS M. M. Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. **Child Development**. v. 72 n. 2. p. 98-583. Mar-Apr 2001.

PINKER, S. **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

RAMOS, L. M. A. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade “Myers Briggs Type Indicator (MBTI)”: contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. **DOSSIÊ - Área Temática: Estudos Piagetianos & Psicologia Clínica e Educacional**, v. 6, n. 2, p. 137-180, 2005.

ROCHA, Zeferino. Ética e violência. **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 92, p. 301 – 326, jan – dez 2001.

RUSSELL, B. **O Poder, uma Nova Análise Social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1957.

SANTOS, M. J. M. Sobre o possível parentesco entre o canalha e o psicopata. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 244-254, agosto de 2018.

SCHECHTER, H. **Serial Killers: Anatomia do Mal**. Rio de Janeiro: Editora Darkside 2003. p. 16.

SHINE, S. K. **Psicopatia: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SILVA, J. F. A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 16, n. 37, p. 72-90, 3 fev. 2016.

SOARES, M. H. Estudos sobre transtornos de personalidade Antissocial e Borderline. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 852-858, 2010.

SOEIRO, C.; GONÇALVES, R. A. O estado de arte do conceito de psicopatia. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 227-240, jan. 2010.

VAUGH, M. G.; HOWARD, M. O. The construct of psychopathy and its potential contribution to the study of serious, violent, and chronic youth offending. **Youth Violence and Juvenile Justice**, v. 3, n. 3, p. 235-252. 2005.

VIEN, A.; BEECH, A. R. Psychopathy: theory, measurement, and treatment. **Trauma, Violence and Abuse**, v. 7, n. 3, p. 155-174. 2006.

VILHENA, J.; MAIA, M. V. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 27-58, set. 2002.

WILKOWSKI, B. M.; ROBINSON, M. D. Putting the brakes on antisocial behavior: secondary psychopathy and post-error adjustments in reaction time. **Personality and Individual Differences**, v. 44, n. 8, p. 1807-1818. 2008.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. In: A tendência anti-social (1956) Winnicott, D. W. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Natureza e origens da tendência anti-social**. In D. W. Winnicott *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZACHARIAS, J. J. M. **Tipos Psicológicos Junguianos e escolha profissional: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo**. São Paulo: Vetor, 1995.

CAPÍTULO 15

ESCALA DE EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (EEVD): ESTUDOS DE VALIDADE E APLICABILIDADE NO BRASIL

Data de aceite: 25/03/2021

Antonio Augusto Pinto Junior

Universidade Federal Fluminense
Volta Redonda/RJ
<http://lattes.cnpq.br/4137608617042010>

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Universidade de São Paulo
São Paulo/SP
<http://lattes.cnpq.br/2830079727932021>

RESUMO: O objetivo do presente estudo foi apresentar evidências de validade de conteúdo e de critério da Escala de Exposição à Violência Doméstica (EEVD), destinada a crianças e adolescentes e sua aplicabilidade no contexto brasileiro. A EEVD proposta como entrevista estruturada pode ser utilizada por psicólogos, e também por outros profissionais de nível superior, de equipes multidisciplinares de saúde, educação, assistência social ou jurídica, que tenham conhecimento, experiência e capacitação na área da violência doméstica contra crianças e adolescentes. A escala é uma medida de autorrelato usada para avaliar um continuum de experiências de violência testemunhal e os múltiplos fatores relacionados. O instrumento é composto pelas subescalas: violência conjugal (violência testemunhal); gravidade da exposição à violência conjugal; exposição à violência na comunidade; envolvimento da criança nas situações de violência conjugal; fatores de risco para a exposição da violência testemunhal; outros tipos de vitimização. Para

a validação de conteúdo foram realizadas tradução, retrotradução, equivalência semântica, análise do instrumento por profissionais da área e avaliação por amostra da população alvo. Para a avaliação da validade de critério, o instrumento foi aplicado em 454 crianças e adolescentes, do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, de ambos os sexos, na faixa etária de 09 a 16 anos, divididos em dois grupos clínico (vítimas de violência doméstica) e controle (sem suspeitas de vitimização). Foram feitos estudos estatísticos dos resultados entre os dois grupos, e os resultados apontam para a viabilidade da utilização do instrumento no contexto brasileiro e boa adequação aos dois critérios de validade. São apresentadas as orientações de aplicação, avaliação e interpretação do instrumento para os profissionais que trabalham com o fenômeno da violência doméstica e com crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica; crianças e adolescentes; avaliação psicológica.

DOMESTIC VIOLENCE EXPOSURE SCALE (DVES): VALIDITY AND APPLICABILITY STUDIES IN BRAZIL

ABSTRACT: The aim of the present study was to present evidence of content and criterion validity of the Domestic Violence Exposure Scale (EEVD), aimed at children and adolescents and its applicability in the Brazilian context. The EEVD proposed as a structured interview can be used by psychologists, and also by other higher education professionals, from multidisciplinary health, education, social or legal assistance

teams, who have knowledge, experience and training in the area of domestic violence against children and adolescents. The scale is a self-report measure used to assess a continuum of experiences of testimonial violence and the multiple related factors. The instrument consists of the subscales: conjugal violence (testimonial violence); severity of exposure to domestic violence; exposure to violence in the community; child involvement in situations of conjugal violence; risk factors for exposure to testimonial violence; other types of victimization. For content validation, translation, back-translation, semantic equivalence, analysis of the instrument by professionals in the field and evaluation by sample of the target population were performed. For the evaluation of criterion validity, the instrument was applied to 454 children and adolescents, from the state of Rio de Janeiro and São Paulo, of both sexes, in the age group of 9 to 16 years old, divided into two clinical groups (victims of domestic violence) and control (without suspected victimization). Statistical studies of the results were carried out between the two groups, and the results point to the feasibility of using the instrument in the Brazilian context and good suitability for both validity criteria. Guidelines for application, evaluation and interpretation of the instrument are presented for professionals who work with the phenomenon of domestic violence and with children and adolescents at risk and vulnerable.

KEYWORDS: Domestic violence; children and adolescents; psychological assessment.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência, em sua complexidade e multicausalidade, tem atingido, direta e indiretamente, crianças e adolescentes, principalmente no ambiente doméstico. De acordo com Patias, Bossi e Dell'Aglio (2014), a violência intrafamiliar de pais contra seus filhos pode se manifestar de forma direta, por meio da violência física, psicológica, sexual ou negligência, ou de maneira indireta, pela violência conjugal testemunhada pelos filhos. Edleson et al (2007) afirmam que os estudos sobre a violência testemunhal adotam diferentes definições, sendo muitas parciais e/ou imprecisas. Uma das mais utilizadas é a citada por Jouriles, McDonald, Norwood e Ezell (2001) que consideram a violência testemunhal como toda violência que ocorre entre os parceiros adultos no contexto de um relacionamento heterossexual íntimo, legalmente casados ou não. Segundo os autores, a criança exposta à violência conjugal é aquela que viu, ouviu um incidente de agressão à mãe, viu o seu resultado ou vivenciou o seu efeito quando interagindo com seus pais.

Apesar de se mostrar uma definição e caracterização bastante amplas do fenômeno, em função das atuais mudanças nas configurações familiares, e da possibilidade da violência ser cometida também pela mulher contra seu companheiro (Patias, Bossi, & Dell'Aglio, 2014), considera-se mais adequado adotar a seguinte conceituação para a violência conjugal testemunhada:

toda violência que ocorre entre os parceiros adultos no contexto de um relacionamento íntimo, legalmente casados ou não. A criança não precisa observar a violência para ser afetada por ela. A criança exposta à violência testemunhal é aquela que viu, ouviu um incidente de agressão a um dos

cônjuges, viu o seu resultado ou vivenciou o seu efeito na interação com seus pais ou responsáveis (Pinto Junior e Tardivo, 2017).

Embora extremamente relevante para o estabelecimento de políticas públicas de atendimento, é difícil definir com rigor a incidência do fenômeno da violência doméstica, principalmente aquela testemunhada por crianças e adolescentes (Tardivo & Pinto Junior, 2010). Contudo, investigações, principalmente internacionais, vêm apontando a gravidade desse fenômeno em termos de incidência e/ou prevalência na população infantojuvenil.

Finkelhor, Hamby, Omrod e Turner (2009) realizaram um estudo visando à obtenção de estimativas de exposição de crianças e adolescentes a todos os tipos de violência doméstica nos Estados Unidos, por meio de uma pesquisa transversal que envolveu uma amostra de 4.549 crianças de 0 a 17 anos. Os resultados apontam que a grande maioria (60,6%) das crianças e adolescentes vivenciou pelo menos uma vitimização direta ou foi testemunha de violência no ano anterior. Quase a metade (46,3%) havia experimentado uma agressão física no ano de estudo; 1 em 4 (24,6%) havia experimentado uma agressão psicológica; 1 em 10 (10,2%) havia experimentado uma forma de “maus tratos”; 6,1% foram vítimas de abuso sexual, e mais de 1 em 4 (25,3%) tinham sido testemunhas de violência ou vivido outra forma de vitimização indireta no ano, incluindo 9,8% que haviam testemunhado uma violência intrafamiliar. Um em 10 (10,2%) havia sofrido uma lesão relacionada com a vitimização. Mais de um terço (38,7%) tinham sido expostas a duas ou mais vitimizações diretas, 10,9% tinham vivenciado cinco ou mais vitimizações, e 2,4% tinham sofrido 10 ou mais episódios de violência doméstica durante o ano de estudo. A partir desses dados, os autores concluíram que a abrangência e diversidade de exposição da criança à violência doméstica não é bem reconhecida, por isso psicólogos e pesquisadores necessitam investigar com precisão a amplitude desse tipo de vitimização para serem capazes de identificar crianças vulneráveis.

Edleson et al (2007), assinalam que entre 10% e 20% das crianças americanas são expostas à violência conjugal de seus pais. Também Thompson, Saltzman e Johnson (2003), em um estudo multicêntrico, apontaram que cerca de 30% de mulheres vítimas de violência doméstica no Canadá e 40% nos Estados Unidos confirmaram que seus filhos testemunharam episódios de violência conjugal em casa.

No Brasil, as estatísticas nesta área mostram-se escassas e a maior parte se origina de pesquisas acadêmicas. As investigações no Brasil voltam-se principalmente à violência perpetrada contra a criança e o adolescente, sem dar atenção à exposição indireta da violência conjugal (Durand, Schraiber, França, & Barros, 2011). Um dos estudos que visou mapear a incidência da exposição à violência doméstica, realizado em São Gonçalo/RJ, destaca que 21,4% das crianças entre seis e 11 anos, estudantes de escolas públicas, estão expostas às agressões físicas ou verbais entre seus pais (Assis, Avanci, Pesce, & Ximenes, 2009).

A dificuldade em mensurar a violência doméstica testemunhal se deve ao fato que

a maioria das investigações se refere a estimativas aproximadas do número de crianças expostas a esse tipo de violência e muitas se utilizam de medição indireta. Além disso, nem todos os estudos, que utilizam diferentes instrumentos (como testes padronizados, questionários, entrevistas e/ou observações) investigam as diversas formas de vitimização (física, sexual e psicológica) a que foram expostos cônjuges e filhos, prevalecendo as agressões físicas. Da mesma forma, existem poucos estudos que avaliam e discutem o impacto dessa vivência no desenvolvimento dos filhos (Edleson et al., 2007; Patias et al., 2014). Contudo, considerando que a vitimização infantil é um problema de difícil identificação e intervenção pelos profissionais que trabalham com essa demanda, torna-se fundamental o investimento em estudos nessa área, pois a avaliação desse tipo de exposição requer muito cuidado no seu planejamento e o profissional deve ter a sua disposição instrumentos que garantam sua validade e precisão.

A partir do exposto, o presente estudo objetivou encontrar evidências de validade de critério e de conteúdo (Pasquali, 2003) da Escala de Exposição à Violência Doméstica (EEVD) para o contexto brasileiro, buscando contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do impacto da exposição à violência conjugal sobre a saúde mental das vítimas. Além disso, procurou oferecer parâmetros de identificação, intervenção e prevenção desse fenômeno.

MÉTODO

O presente estudo comparou crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica com aqueles sem suspeita de vitimização, controlando as variáveis sexo, idade e condição socioeconômica. Apesar dos controles tomados, trata-se de um estudo correlacional, frequente em pesquisas que buscam compreender o fenômeno da violência.

Participantes

A amostra foi composta por 454 participantes com idades entre 09 e 16 anos, dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Do total, 251 (55,3%) eram do sexo feminino e 203 (44,7%) do sexo masculino, distribuídos em dois grupos: controle e clínico, representando, respectivamente, 55,3% e 44,7% da amostra. Este último foi composto por vítimas de violência sexual, físico ou ambas, e o primeiro, por sujeitos sem suspeita de vitimização.

Instrumento

Foi utilizada a Children's Exposure to Domestic Violence Scale - CEDVS (Edleson, Johnson & Shin, 2007), que é um instrumento de autorrelato usado para medir o grau de exposição à violência conjugal e os múltiplos fatores relacionados. A referida escala, originalmente, é composta por 42 questões distribuídas em seis subescalas que medem:

a exposição à violência conjugal (violência testemunhal); a gravidade da exposição; a exposição à violência na comunidade; o envolvimento da criança nas situações de violência conjugal; os fatores de risco para a exposição da violência testemunhal; outros tipos de vitimização.

Cada questão é respondida utilizando uma escala de quatro pontos do tipo “Likert”: “Nunca”, “Às vezes”, “Muitas vezes”, e “Quase sempre”, sendo que a maior pontuação indica mais probabilidade de exposição à violência, envolvimento, riscos ou vivência de outros tipos de vitimizações. Além das 42 questões, o instrumento contempla nove perguntas para coletar informações demográficas, incluindo gênero, idade, raça e etnia, situação de vida atual, composição familiar, e finaliza com uma pergunta sobre passatempos favoritos da criança/adolescente.

Procedimentos

Para avaliar a validade de conteúdo, inicialmente foi realizada a tradução do instrumento original do inglês para o português por um profissional graduado em letras, com especialização em inglês e com experiência na temática da violência doméstica. Posteriormente, o instrumento foi novamente traduzido para o inglês (back translation) por outro profissional com as mesmas qualificações.

A seguir, foi realizada uma revisão técnica e de equivalência semântica por outros dois profissionais, de forma independente, com as mesmas qualificações dos anteriores. A partir das observações desses dois profissionais elaborou-se uma versão preliminar. Essa versão preliminar foi, então, encaminhada para três profissionais (juízes) que trabalham na área da violência doméstica e avaliação psicológica, para analisar a validade de conteúdo. Com as sugestões dos juízes, foram feitas modificações no instrumento para a versão final da Escala de Exposição à Violência Doméstica (EEVED), para melhor atender aos critérios de adaptação à realidade brasileira, compreendendo, assim, 39 questões, divididas em quatro partes:

Parte 1 - Identificação: contempla questões acerca dos dados demográficos da criança ou do adolescente.

Parte 2 e Parte 3 – incluem seis Subescalas, a saber: a) violência conjugal (violência testemunhal); b) gravidade da exposição; c) exposição à violência na comunidade; d) envolvimento em situações de violência doméstica (conjugal); e) fatores de risco; e f) outros tipos de vitimização.

Parte 4 – Questões relacionadas à qualidade de vida da criança ou do adolescente (pontuação não considerada no escore do instrumento).

Análise dos dados

Todos os dados obtidos foram colocados em bases de dados para análise estatística, valendo-se dos programas Microsoft Excel 2007 e SPSS. Os resultados do

grupo clínico e do grupo de controle foram comparados em relação à EEVD. Considerando que a distribuição dos dados é não-paramétrica, as médias dos grupos foram comparados através do teste U de Mann-Whitney, com nível de significância de $p \leq 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A validade de critério concorrente foi analisada a partir da comparação dos dados da amostra clínica com o grupo controle. O objetivo foi o de verificar se a EEVD discrimina os dois grupos, por meio da comparação de médias. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

<i>Escalas</i>		<i>Clínico</i>	<i>Controle</i>	<i>U</i>
Violência conjugal (violência testemunhal)	Média	7,24	2,37	9.899,000**
	DP	5,45	2,37	
Gravidade da Exposição	Média	18,94	6,81	9.892,500**
	DP	12,88	6,38	
Exposição à Violência na comunidade	Média	8,44	6,08	17.158,500**
	DP	4,40	3,39	
Envolvimento em situações de violência doméstica (conjugal)	Média	4,26	1,12	10.991,000**
	DP	3,82	2,28	
Fatores de risco	Média	4,42	1,68	9.745,500**
	DP	2,66	1,60	
Outros tipos	Média	2,45	0,73	11.131,500**
	DP	1,99	1,15	
Total	Média	26,81	11,98	8.237,500**
	DP	13,15	7,44	

Nível de Significância de $p \leq 0,05$

Tabela 1. Média, desvio-padrão e U de Mann-Whitney em função do grupo para amostra total.

Em todas as subescalas e no total de pontos percebeu-se que os resultados do grupo clínico apresentaram uma média maior e também uma maior variação. Por meio do teste U de Mann-Whitney, concluiu-se que em todas as outras dimensões houve diferença significativa entre os dois grupos, tanto para a média como para as variabilidades. Os dados obtidos mostraram que o instrumento foi bastante sensível na caracterização/confirmação dos casos de exposição à violência doméstica para a realidade brasileira, na medida em que, no grupo de participantes que apontaram suspeitas de vitimização o instrumento mostrou índices altos, estatisticamente significativos, diferentemente do grupo controle, em

que o índice não foi sugestivo de experiências de violência.

Por isso, foi feita a publicação desse instrumento, com o manual contendo os livros de instruções, aplicação e avaliação, pela Vetor Editora (Pinto Junior e Tardivo, 2017), sendo hoje considerado um recurso importante para o trabalho de profissionais na área da atenção psicossocial de crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade. Assim, a EEVD pode ser aplicada em crianças e adolescentes, na faixa etária de nove a dezesseis anos, que revelam indícios ou indicadores de vitimização doméstica, contudo em um contexto mais amplo de diagnóstico social e psicológico, figurando como um instrumento auxiliar para essa tarefa. Como não se trata de um teste psicológico, aproximando-se mais ao formato de uma entrevista estruturada, a EEVD poderá ser utilizada por psicólogos e outros profissionais de nível superior, de equipes multiprofissionais de saúde, educação, assistência social ou jurídica, que tenham conhecimento, experiência e capacitação na área da violência doméstica contra crianças e adolescentes.

A técnica pode ser auto administrada, ou seja, poderá ser lida e respondida diretamente pelo entrevistado, após a apresentação das instruções pelo examinador, mas deverá ser aplicada de forma individual. A aplicação é simples e rápida, mas destaca-se que para essa tarefa é preciso criar uma relação de confiança e empatia entre o profissional e o avaliando para que este possa expressar com mais sinceridade suas respostas.

Para a correção e interpretação dos resultados da EEVD foi criada uma ficha de avaliação para a qual é transportada a pontuação do sujeito em cada subescala e no seu total. Deve-se reforçar que para o total e para as diferentes subescalas, as pontuações mais altas indicam maior e as pontuações mais baixas indicam menor exposição à violência testemunhal, envolvimento nas situações de vitimização, fatores de risco ou outros tipos de violência, dependendo do conteúdo da subescala. A gama de possíveis pontuações na escala total e em cada subescala é indicada no quadro a seguir:

Sub-escala	Itens	Pontuação
Violência conjugal (violência testemunhal)	Q1-13	0-39
Gravidade da exposição	Várias escolhas nas Q1-13	0-65*
Envolvimento em situações de violência doméstica (conjugal)	Q14-20	0-21
Fatores de risco	Q21-24	0-12
Exposição à violência na comunidade	Q25-32	0-24
Outros tipos de vitimização	Q33-36	0-12
Total	Q1-36	0-108

* Não considerado no escore total da escala.

Quadro 1: Pontuação da EEVD

Após a obtenção dos escores de todas as subescalas e da escala geral, deve-se consultar as tabelas na ficha de avaliação para classificar o índice de exposição à violência conjugal (violência testemunhal), total geral, e a gravidade da exposição do sujeito à violência conjugal (total da subescala 2). O índice de exposição à violência conjugal (violência testemunhal) deverá ser considerado moderado se o sujeito obtiver entre 1 e 27 pontos no total da escala. Esse índice de pontuação é considerado moderado, uma vez que a exposição a esse tipo de violência é sempre relevante e sempre traz riscos à saúde e integridade dos filhos. O índice dessa exposição será classificado como grave quando o somatório estiver entre 28 e 108 pontos.

Do mesmo modo, a gravidade da exposição deverá ser classificada em moderada ou severa. A gravidade da exposição será considerada moderada se o sujeito apresentar entre 1 a 19 pontos na subescala. Já a gravidade dessa exposição deverá ser classificada como severa se obtiver entre 20 e 65 pontos.

Para a síntese dos resultados da EEVD é necessário levar em consideração, no conjunto, todos os itens avaliados nas quatro partes da escala, tecendo um parecer geral sobre os indicadores de exposição aos vários tipos de violência, nível de envolvimento do sujeito na violência interparesfamiliar e os fatores de risco associados. Diante dos resultados e das classificações encontrados, pode-se indicar encaminhamentos, de acordo com as medidas de proteção previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica vem sendo reconhecida tanto como um importante problema social quanto um problema de saúde pública em função dos dados de incidência na população mundial e das consequências e sequelas que acarreta no desenvolvimento psicossocial das vítimas. Essa situação exige o desenvolvimento de políticas de intervenção, prevenção e combate do fenômeno. Para tanto, torna-se importante o investimento em pesquisas com instrumentos que auxiliem os profissionais da área na identificação e mapeamento da amplitude e caracterização da exposição à violência doméstica. Especialmente, escalas e inventários são recursos que somam a outros métodos para ajudar na notificação e compreensão desse tipo de experiência. Mas para cumprir sua função, esses instrumentos de avaliação objetiva devem garantir a confiabilidade das inferências feitas a partir de estudos de validade.

Considerando que, particularmente no Brasil, uma das dificuldades enfrentadas é a relativa falta de instrumentos que facilitem a identificação da exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica, um dos objetivos deste trabalho foi avaliar a adaptação da EEVD no contexto brasileiro, comparando os resultados entre um grupo de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica com um grupo de controle, sem suspeitas

de vitimização. As diversas comparações realizadas mostraram que a referida escala é sensível e apresenta os devidos critérios de validade para identificar e compreender as diferentes situações de exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica e outras formas de vitimização.

Os resultados apontam que esse instrumento poderá funcionar como recurso técnico auxiliar para profissionais que trabalham em instituições de proteção de crianças e adolescentes, além de embasar medidas preventivas e interventivas nessa área. Assim, os autores dispõem aos colegas a EEVD, considerando que deverá ser usada como auxiliar na tarefa de identificar o fenômeno, sempre que houver indícios de exposição à violência doméstica. Os autores, ainda, estimulam o uso do instrumento para fomentar o desenvolvimento de outros estudos e pesquisas com o objetivo de ampliar os resultados descritos nesse texto e no manual correspondente (Pinto Junior e Tardivo, 2017).

REFERÊNCIAS

Assis, S. G. D., Avanci, J. Q., Pesce, R. P., & Ximenes, L. F. (2009). Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 349-361.

Brasil (2010). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº. 8069 de 13 jul. 1990. Brasília: Ministério da Justiça.

Durand, J. G., Schraiber, L. B., França, I., Jr., & Barros, C. (2011). Repercussões da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Revista de Saúde Pública*, 45(2), 355-364.

Edleson, J. L., Johnson, K. K., & Shin, N. (2007). *Children's Exposure to Domestic Violence Scale: user manual*. Minnesota: Minnesota Center Against Domestic Violence (MINCAVA): University of Minnesota.

Finkelhor, D., Turner, H., Ormrod, R., & Hamby, S. (2009). Violence, abuse, and crime exposure in a national sample of children and youth. *Pediatrics*, 124(5), 1411-1423.

Jouriles, E. N., McDonald, R., Norwood, W. D. & Ezell, E. (2001). Issues and controversies in documenting the prevalence of children's exposure to domestic violence. In S. A. Graham-Bermann & J. Edleson (Orgs.), *Domestic violence in the lives of children: the future of research, intervention, and social policy* (pp. 13-34). Washington: American Psychological Association.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.

Patias, N. D., Bossi, T. J., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 22(4), 901-915.

Pinto Junior, A. A., & Tardivo, L. S. P. C. (2017). *Escala de Exposição à Violência Doméstica (Coleção EEVD)*. São Paulo: Vetor.

Tardivo, L. S. P. C., & Pinto Junior, A. A. (2010). *IFVD: inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Vetor.

Thompson, M. P., Saltzman, L. E., & Johnson, H. (2003). A comparison of risk factors for intimate partner violence-related injury across two national surveys on violence against women. *Violence Against Women*, 9, 438-457.

O TESTE DO DESENHO DA CASA-ÁRVORE-PESSOA (HTP) EM ADOLESCENTE INSTITUCIONALIZADO- RELATO DE CASO CLÍNICO

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Claudia Rodrigues Sanchez

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo-São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3104936751941797>

Aline Closesl Carvalho

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo-São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/9308933003618991>

Helena Rinaldi Rosa

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo-São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3525291475903148>

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo-São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/2830079727932021>

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido no Projeto APOIAR, do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O presente estudo aborda a utilização da Técnica Projetiva HTP: Casa-Árvore-Pessoa, por ser um instrumento destinado à investigação clínica da personalidade, ressaltando sua importância

como diagnóstico compreensivo. A aplicação ocorreu no contexto de psicodiagnóstico a um adolescente de 17 anos, institucionalizado aos 4 anos de idade, atendido em seis sessões, não dando continuidade ao tratamento psicoterápico. A queixa inicial se referiu à questão de seu desligamento da Instituição de Acolhimento, que se faz obrigatório quando o jovem completa 18 anos; sendo que a busca pela psicoterapia visava o seu fortalecimento emocional. O estudo objetivou propiciar a reflexão frente aos dados observados na aplicação e interpretação do HTP, juntamente com outros dados colhidos nos atendimentos destinados ao psicodiagnóstico. Para tanto foi empregado o método clínico qualitativo com base em estudo do caso, para a discussão foram empregados conceitos do diagnóstico do tipo compreensivo. O estudo revela a importância do recurso da técnica projetiva HTP e do trabalho psicoterápico, demonstrando uma possibilidade de rearticular o equilíbrio psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: Técnicas Projetivas, HTP: Desenho da Casa-Árvore-Pessoa, Psicodiagnóstico Compreensivo.

THE HOUSE-TREE-PERSON DRAWING (HTP) TEST BY AN INSTITUTIONALIZED ADOLESCENT – CLINIC CASE STUDY

ABSTRACT: This paper refers to the work developed in APOIAR project, from the Mental Health and Social Clinical Psychology Laboratory of the University of São Paulo's Psychology Institute. The present study approaches the HTP projective technique: House-Tree-Person, for being an instrument meant to investigate clinically the personality, highlighting its importance for a

comprehensive diagnosis. The application took place in the context of psychodiagnosis to a 17-year-old adolescent, institutionalized at the age of 4, who was attended for six sessions, but did not carry on the psychotherapeutic treatment. The initial complaint referred to the issue of his leaving of the Host Institution, which is mandatory when the adolescent turns 18; the search for psychotherapy aimed an emotional strengthening. The study aimed to provide reflection on the data observed in the application and interpretation of the HTP, together with other data collected in the consultations for psychodiagnosis. For this purpose, the qualitative clinical method based on a case study was used, for the discussion, comprehensive diagnostic concepts were used. The study reveals the importance of using the HTP projective technique and psychotherapeutic work, demonstrating the possibility of rearticulating the psychic balance.

KEYWORDS: Projective Techniques, HTP: House-Tree-Person Drawing, Comprehensive Psychodiagnosis.

1 | INTRODUÇÃO

Serão feitas algumas considerações acerca do tema abordado, que trata de um estudo de caso com aplicação da técnica projetiva HTP (Casa-Árvore-Pessoa) em um adolescente institucionalizado; será feita uma breve introdução sobre técnicas projetivas e especificamente sobre o teste HTP. O estudo do presente artigo utiliza como referencial a importância de uma infância bem cuidada e amparada, em um ambiente estável e afetivo; que reflete em uma adolescência que desenvolve sua capacidade de se vincular e estabelecer autonomia, ingressando na idade adulta e se inserindo na sociedade (Tardivo *et. al*, 2015).

A adolescência só pode ser compreendida em uma análise ao mesmo tempo sobre os fatores psicológicos, sociais e biológicos. Tratando-se do estudo do ser humano e sua conduta, é relevante a relação entre a personalidade e o meio social. Nesse contexto, a desvalorização da imagem que lhe é oferecida pela sociedade e a própria desvalorização das figuras identificatórias contribui para os conflitos do adolescente (Tardivo, 2007).

2 | TÉCNICAS PROJETIVAS

No contato inicial com adolescentes, de qualquer idade, eles tendem a demonstrar seus principais conflitos e as suas fantasias de cura e de enfermidade. No caso de pacientes crianças e adolescentes, e mesmo os adultos, ao invés da comunicação verbal, eles preferem se comunicar através de desenhos e histórias (Aberastury, 1982). Amaral e Werlang (2008) também relatam a preferência de crianças e adolescentes em se comunicarem com desenhos e fantasias aperceptivas, mais do que se expressarem por meio de comunicações verbais diretas. A experiência clínica avalia que os adultos também apresentam essa preferência.

Segundo Grassano (1996), a produção projetiva é uma criação que expressa o

modo de estabelecer contato com a realidade interna e externa, sendo o produto de uma síntese pessoal, em que cada estímulo projetivo põe à prova a capacidade de recriação do indivíduo, tendo como base sua capacidade reparadora. Tendo como referência as contribuições de Grassano (1996) e Tardivo (2007), os sinais dos desenhos correspondem a aspectos da imagem corporal, o registro imaginário do corpo, inconsciente, e tem como base a afetividade.

Encontra-se na literatura sobre técnicas projetivas a significativa contribuição de Arzeno (1995), em que a autora diz:

“...a linguagem gráfica, assim como a lúdica, é a que está mais próxima do inconsciente e do Ego corporal. Consequentemente, oferece maior confiabilidade que a linguagem verbal, a qual é uma aquisição tardia e pode ser muito mais submetida ao controle consciente do indivíduo...” (Arzeno, 1995, p. 86).

Para Arzeno (1985), o desenho é um material projetivo válido para se observar aspectos psíquicos, a autora ainda faz uma comparação entre os sonhos e os desenhos, tanto quanto à sua formação quanto à sua estruturação, afirmando que os desenhos também possuem conteúdos manifestos e conteúdos latentes como nos sonhos. Podendo ser observados, também, tanto nos sonhos, como nos desenhos, mecanismos de regressão, fragmentação, condensação e deslocamento. Esses mecanismos são utilizados com o objetivo de omitir o verdadeiro significado da produção, seja no sonho ou no desenho, devido à censura.

O desenho projetivo pode ser observado e analisado como uma criação do sujeito que expressa um modelo do tipo de objetos internos e externos. Tendo como resultado dessa criação, tentativas bem-sucedidas ou fracassadas, de forma total ou parcial, e da capacidade de integração e reparação. A sublimação e a criatividade atuam como impulsos reparadores, tendem a integrar e dar vida emocional ao objeto incompleto, diante ao estímulo projetivo, ou seja, o desenho (Grassano, 1996; Tardivo, 2007).

O diagnóstico psicológico do tipo compreensivo se utiliza do pensamento clínico das técnicas projetivas e das entrevistas. A partir do uso intencional das atividades epistêmicas organizadas ou de atividades psíquicas, tais como as percepções, os sentimentos, as intuições, etc.; sendo que, após uma reflexão pode-se chegar a um diagnóstico psicológico do tipo compreensivo (Trinca, 1984). Destacam-se no diagnóstico psicológico do tipo compreensivo algumas características que norteiam esse tipo de avaliação, o objetivo de elucidar o significado das perturbações psíquicas, a ênfase na dinâmica emocional inconsciente, as considerações de conjunto para o material clínico, a busca de compreensão psicológica globalizada do paciente, a seleção de aspectos centrais e nodais, o predomínio de julgamento clínico, a subordinação do processo diagnóstico ao pensamento clínico, a prevalência do uso de métodos e técnicas fundamentados na associação livre, entre outros aspectos (Trinca, 2013).

O psicodiagnóstico do tipo compreensivo busca encontrar um sentido para o conjunto das informações disponíveis, tomar aquilo que é relevante e significativo na personalidade, entrar empaticamente em contato emocional com alguém, e, conhecer os motivos da vida emocional dessa pessoa (Amaral e Werlang, 2008).

3 | HTP: CASA-ÁRVORE-PESSOA

O teste HTP tem como objetivo obter informações de como uma pessoa experiencia a sua individualidade em relação aos outros e ao ambiente do lar. Sendo uma técnica projetiva, propicia, dentro do contexto terapêutico, o estímulo à projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito (Buck, 1964/2009).

O HTP descrito por Buck (1964/2009) consiste em convidar o indivíduo a fazer um desenho, a mão livre, acromático, de uma casa, de uma árvore e de uma pessoa. A avaliação dos desenhos é feita através dos sinais de psicopatologia existentes ou potenciais, tendo como base o conteúdo, as características do desenho, tais como o tamanho e a localização, e a presença ou ausência de determinadas partes (Buck, 1964/2009).

A técnica projetiva HTP permite a avaliação da projeção de aspectos mais regredidos do ego no desenho da casa, de aspectos estruturados do ego no desenho da árvore e de aspectos mais atuais e de relacionamento no desenho da pessoa/figura humana. Em relação ao conteúdo, a análise dos dados permite perceber o interesse do sujeito sobre a visão subjetiva que ele tem de si mesmo e de seu ambiente, das coisas que ele considera importante e das coisas que ele ignora (Hammer, 1981).

O significado geral da casa é o autorretrato ou a auto representação do indivíduo e a atitude dele para com os habitantes da sua própria casa (Hammer, 1981). O desenho da casa parece estimular associações conscientes e inconscientes no que diz respeito ao lar e às relações interpessoais íntimas; geralmente, referem-se à acessibilidade, ao nível de contato com a realidade e ao grau de rigidez do indivíduo. A avaliação pode indicar a capacidade do indivíduo para agir sob estresse e tensões nos relacionamentos humanos e para analisar com crítica problemas em situações no lar (Buck, 1964/2009).

A árvore parece estimular menos associações conscientes e mais associações inconscientes do que os demais desenhos (casa e figura humana). Analisa-se como uma expressão gráfica da experiência de equilíbrio que o indivíduo parece sentir e da visão de seus recursos de personalidade para obter satisfação no e do seu ambiente. Em relação à qualidade do desenho parece indicar a capacidade do indivíduo para avaliar com crítica suas relações com o ambiente (Buck, 1964/2009). Para Kolck (1962), a árvore representa o ser humano, onde o indivíduo projeta aspectos de atividade e de seu amadurecimento caracterológicos. Tardivo (1985) refere a árvore como um autorretrato de si, assim como a figura humana, mas por ser um elemento mais básico, natural e vegetativo, é um símbolo mais adequado sobre o qual se pode projetar os sentimentos mais profundos da

personalidade e os sentimentos acerca do self.

O desenho da pessoa (figura humana) estimula mais associações conscientes do que os demais desenhos (casa e árvore), pois inclui a expressão direta da imagem corporal relacionada intimamente com os impulsos, ansiedades, conflitos e compensações características do indivíduo (Machover, 1949). A qualidade desse desenho reflete a capacidade do indivíduo para atuar em relacionamentos e para submeter o self e as relações interpessoais à avaliação crítica objetiva (Buck, 1964/2009).

4 | OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS

O Estudo tem como objetivo propiciar a compreensão e o conhecimento sobre a dinâmica psíquica do adolescente e o comprometimento do desenvolvimento de sua personalidade; elucidando uma compreensão da experiência emocional que a vulnerabilidade social e a institucionalização pode desencadear em crianças e adolescentes nesse contexto. Justifica-se pela importância de se compreender o psiquismo de crianças e adolescentes no contexto já citado, através da utilização da técnica Projetiva HTP: Casa-Árvore-Pessoa, por se tratar de uma técnica de investigação clínica da personalidade, com ênfase no diagnóstico do tipo compreensivo.

5 | MÉTODO

Foi empregado o método clínico, com base em estudo de caso, a partir do atendimento psicoterápico a um adolescente de 17 anos, realizado no APOIAR - Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Foram realizadas ao todo seis sessões, divididas em: entrevista inicial; aplicação da técnica projetiva HTP: Casa-Árvore-Pessoa e mais quatro encontros.

O método clínico qualitativo é descrito por Turato (2008) como "...um conjunto de técnicas e procedimentos adequados para descrever e compreender as relações de sentidos e significados dos fenômenos humanos". O autor menciona como principais características: dados descritivos, a preocupação com o processo e a importância da significação.

O estudo de caso, apresentado nesse artigo, objetivou descrever o processo e dar ênfase na busca de sentido. Yin (2005), refere-se ao estudo de caso como completo, afirmando que:

"Cada estudo de caso em particular consiste em um estudo completo, no qual se procuram evidências convergentes com respeito aos fatos e às conclusões para o caso; acredita-se, assim, que as conclusões de cada caso sejam as informações que necessitam de replicação por outros casos individuais" (Yin, 2005, p. 71).

6 | RELATO DO CASO CLÍNICO

O paciente¹, de 17 anos de idade, era morador em Instituição de Acolhimento e foi encaminhado para o serviço de atendimento psicológico do APOIAR. Conforme relatado pela psicóloga responsável da Instituição de Acolhimento, Pedro² apresentava queixa principal sobre a questão de seu desligamento da Instituição, que se faz obrigatório quando o jovem completa 18 anos; a busca pela psicoterapia visava o seu fortalecimento emocional. Na ocasião, Pedro não estava estudando nem trabalhando, o que dificultaria esse processo. A Instituição, após o esgotamento da possibilidade de Pedro vir a morar com seus familiares, pretendia encaminhá-lo à República Jovem; porém, para tal, se faz necessário que o jovem esteja estudando e trabalhando.

A República Jovem é um serviço que segue as orientações do plano Municipal de Assistência Social do Município de São Paulo, programa que desenvolve ações de Proteção Social Especial para os usuários, jovens de 18 a 21 anos, de ambos os sexos, após o desligamento de Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, objetivando a inclusão social, conquista de autonomia e exercício da cidadania (Portaria 46/2010).

Pedro estava institucionalizado há 13 anos, com uma família biológica composta por mãe falecida; foi relatado à psicóloga um episódio em que o paciente, na ocasião do falecimento de sua mãe, no local do sepultamento, o mesmo foi esquecido pelos familiares, estando na época com 04 anos, um funcionário do cemitério entrou em contato com os familiares, que, assim, foram buscá-lo. Em relação ao pai, consta no registro de nascimento do paciente, pai desconhecido. Pedro possui três irmãos, um mais novo e dois mais velhos do que ele.

Na época do falecimento de sua mãe, todos os irmãos foram institucionalizados; uma tia avó estava com diagnóstico de câncer, disse que quando ela melhorasse pediria a guarda de todos. Porém, ao se curar, ela assim não o fez. As informações apontam que dois irmãos mais velhos estão casados, e o irmão mais novo mora com essa tia avó. Ainda segundo relato da psicóloga da instituição, a tia avó disse que não acolhe Pedro porque ele é diferente do irmão, e que seus dois irmãos construíram uma vida, trabalham, casaram-se; e esperam que Pedro possa fazer o mesmo.

Pedro deveria estar cursando a 5ª série, mas foi expulso do Colégio onde estudava, a Instituição de Acolhimento juntamente com o Colégio, após conversações decidiram recebe-lo novamente para que ele continuasse seus estudos, porém não houve aderência, o paciente não compareceu as aulas. Ele se interessou por um curso de confeitaria, contudo, após os trâmites para o seu ingresso às aulas, Pedro não compareceu a nenhuma. Foi informado também que o paciente realiza pequenos trabalhos informais, como juntar e vender latinhas para o reciclável, e algum outro serviço, como “olhar carros”, e que

1 Os pacientes atendidos e seus responsáveis no APOIAR assinam um termo onde concordam que seu material possa ser empregado em trabalhos científicos, mantendo o anonimato.

2 Nome fictício do paciente, empregado a fim de manter o anonimato.

provavelmente com o pequeno lucro que obtém, ele se utiliza de drogas entorpecentes (maconha). Além disso, Pedro teve um relacionamento amoroso com uma garota da mesma Instituição onde morava, houve desentendimentos entre eles, desencadeando uma briga onde o paciente a agrediu fisicamente, o que acarretou numa denúncia ao Conselho Tutelar. Continuaram convivendo no mesmo espaço físico, porém não mais se falando. Em relação à convivência com os demais colegas, ainda segundo informações prestadas, Pedro por vezes se mostrava agressivo, e outras vezes indiferente, isolando-se.

No primeiro encontro foi realizada a entrevista inicial, no segundo atendimento foi realizada a aplicação da técnica projetiva HTP: Casa-Árvore-Pessoa, enquanto parte do processo psicodiagnóstico. Houve mais quatro encontros, destacando-se a verbalização do paciente quanto ao fato de o chamarem de machista, ele diz não entender o porquê. Diz que se sente pressionado por precisar trabalhar, mas declara que não se sente em condições nem de realizar uma entrevista de emprego, alega que não sabe falar e nem se comportar. Diz que por ocasião de seu desligamento da Instituição de Acolhimento pretende “virar hippie” e morar na praia. Em um dos atendimentos o paciente diz que não gosta das datas comemorativas, como o dia das mães e o Natal, demonstra sentir falta de apoio ao dizer que a única pessoa que se preocupava com ele foi embora, ao se referir à mãe falecida.

Após o psicodiagnóstico, houve 10 faltas, algumas avisadas, outras não, caracterizando o encerramento do tratamento psicoterápico, por não adesão ao tratamento.

7 | APLICAÇÃO DO HTP

Foi realizada a aplicação de uma adaptação da técnica projetiva HTP, com inquérito livre, com duração de 20 minutos. O inquérito obteve poucas respostas, ressaltando-se que a casa é dos “Simpsons” (personagens de animação), foi dito que os objetos em destaque estão no banheiro da casa, sendo objetos de higiene pessoal (shampoos). O animal que acompanha a pessoa é um esquilo. As demais perguntas obtiveram respostas negativas, verbalizado muitas vezes, “é só um desenho” (sic).

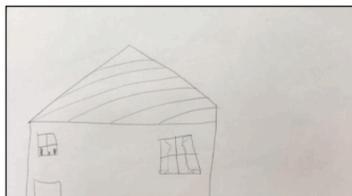


Figura 1: Casa



Figura 2: Árvore

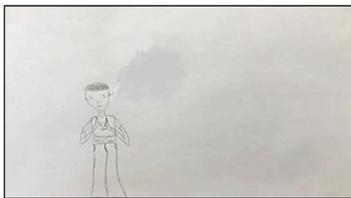


Figura 3: Figura Humana



Figura 4: Figura Humana do Sexo Oposto

8 | RESULTADOS OBTIDOS NA INTERPRETAÇÃO DO HTP

A análise do desenho da figura da casa fornece evidência de que o paciente demonstra retraimento, regressão, preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata. Apresenta obsessividade compulsiva, juntamente com ansiedade. Possui um contato pobre com a realidade e tem preocupações quanto a sua sexualidade. Nota-se ambivalência social. Utiliza-se de introversão e fantasia (Buck, 2009). Há indicativos de que o indivíduo vivencie sentimento de frustração, pode estar sentindo hostilidade em relação a um ambiente restrito. Provável estar sentindo grande tensão e irritabilidade com sentimento de imobilidade desamparada. Observa-se maior probabilidade de a repressão estar sendo usada como uma estratégia para manter a integridade da personalidade. Possível potencial para ações explosivas. Há indicativos de fixação no passado e medo do futuro (Buck, 2009).

O desenho da figura da árvore indicou retraimento, regressão, preocupação consigo mesmo, fixação ao passado, impulsividade e necessidade de gratificação imediata. O desenho reflete possível depressão, insegurança e inadequação. Animais no desenho da árvore simbolizam regressão, foi desenhado um animal saindo de um buraco do tronco da árvore, denotando possível sentimento obsessivo de culpa que está fora de controle e potencialidades destrutivas. Foi desenhado um pinheiro (árvore de natal) revelando narcisismo, tendências regressivas e uma forte necessidade de cuidado e proteção. Foi realizado um sombreamento com força excessiva, caracterizando dificuldade em respeitar normas e regras e possível ansiedade ou conflito (Buck, 2003).

O desenho da Figura Humana apresentou referência à dependência e possível organicidade. Percebeu-se certa hostilidade frente ao contexto social, evidenciou-se um desejo de ver o mínimo possível, com tendência de excluir estímulos visuais e procurar satisfação na fantasia, há indicativos de repressão e/ou tentativa de controle de fantasias (Buck, 2003).

Em relação à análise da Figura Humana do Sexo Oposto, também se evidenciou dependência e imaturidade. A hostilidade para com o meio e sentimento de ansiedade se mostraram presentes na produção. O desenho indica possível depressão, insegurança e inadequação (Buck, 2003).

De modo geral, a análise reflete a probabilidade de o indivíduo tender a se comportar impulsivamente, buscar satisfação emocional imediata e direta de suas necessidades e impulsos. Provável de que ele esteja muito preocupado com o passado e interessado principal e fortemente em si mesmo (Buck, 2009).

9 | DISCUSSÃO

A base dessa discussão se encontra nas observações obtidas a partir do referencial da análise do Teste HTP. Busca-se nesse capítulo demonstrar o conhecimento da dinâmica da personalidade. Para tal, foi empregada a observação de aspectos projetivos da personalidade (Hammer, 1981), obtido na análise dos desenhos, juntamente com as histórias contada pelo paciente, soma-se a essas observações aspectos relacionados às sessões destinadas ao psicodiagnóstico e às informações sobre a história de vida do adolescente (Trinca, 1984).

As forças ou fraquezas da personalidade que são evidenciadas nas análises interpretativas dos desenhos demonstram o grau em que os recursos internos do paciente podem ser mobilizados para se lidar com os conflitos psicodinâmicos. Os dados obtidos nos trazem reflexões quanto ao modo como o sujeito se apresenta, como se coloca frente às situações da vida cotidiana, como a pessoa se organiza frente a estímulos ansiogênicos, criados pelo conflito básico da personalidade. A observação possibilita estabelecer uma comunicação entre o mundo psíquico do paciente e seu desenho; permite a observação da mobilização de novas estruturas de defesa e as fantasias que aparecem como meio de resolver esses conflitos (Amaral e Werlang, 2008).

O paciente foi institucionalizado com 4 anos de idade, a partir desse momento não mais convivendo com sua família de origem. As informações obtidas no psicodiagnóstico mostraram que o paciente por vezes é agressivo, sendo que ele agrediu verbal e fisicamente sua namorada. É feita uma relação com os dados da análise interpretativa do teste HTP, que apontam a questão do paciente se comportar impulsivamente, buscar satisfação emocional imediata e direta de suas necessidades e impulsos. Ele também age de forma impulsiva quando não consegue terminar seus estudos, o curso ou controlar as suas finanças, visando satisfações imediatas.

No diagnóstico do tipo compreensivo, levando-se em conta o pensamento clínico a partir das técnicas projetivas e das entrevistas, destacou-se frente à psicodinâmica do paciente, seu sentimento de frustração, certa hostilidade em relação ao ambiente, e indicativos de imobilidade desamparada. Associa-se a esses resultados o fato de o paciente verbalizar que se sente desamparado, que não tem o apoio de ninguém e que a única pessoa que se preocupava com ele foi embora (sic), referindo-se à sua mãe falecida.

O HTP indicou que o paciente se utiliza de fantasias que podem estar sendo usadas como estratégia para manter a integridade da sua personalidade. Há indicativos também

de possível fixação no passado e medo do futuro, ou seja, tendência à regressão. Observa-se e relaciona-se com as informações que apontam o isolamento social, quando relatado pela psicóloga da Instituição que o paciente se isola dos demais colegas. É feita uma relação também com a situação em que o paciente diz para a psicóloga: “Vou virar hippie e morar na praia”. Parece que a preocupação do paciente quanto ao seu futuro não encontra alicerces em relação ao seu ego, não conseguindo êxito, sugerindo a hipótese de que para manter a sua integridade psíquica, o paciente busque saída nas fantasias.

Além disso, o HTP, principalmente o desenho da árvore, revela forte necessidade de cuidado e proteção. Comparando com sua história de vida, em que vivenciou situações de abandono recorrentes, como o falecimento da mãe e até mesmo o esquecimento pelos próprios familiares, quando ainda criança, no funeral da mãe, ou até mesmo a recusa da avó em ter a sua guarda, evidenciando carência afetiva ou sensação de desamparo, ou seja, necessidade de cuidado e proteção.

A criação do sujeito, ao desenhar, expressa um modelo do tipo de objetos internos e externos. Tendo como resultado dessa criação, tentativas bem-sucedidas ou fracassadas, de forma total ou parcial, e da capacidade de integração e reparação. A sublimação e a criatividade, atuando como impulsos reparadores, tendem a integrar, dar vida emocional ao objeto incompleto; em referência ao estímulo projetivo, isto é, ao desenho (Grassano, 1996; Tardivo, 2007).

O relato desse caso clínico ilustra as consequências no desenvolvimento da personalidade de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, nesse caso observado pelo isolamento, impulsividade, sentimento de desamparo e utilização de fantasias do paciente, podendo provocar sequelas emocionais que podem prejudicar sua vida atual e futura no que se refere ao contato consigo mesmo e frente ao meio social. A resistência em manter seu equilíbrio psíquico sugere prognóstico favorável, o paciente busca recursos internos como a utilização de fantasias, para se posicionar frente ao seu histórico de vida anterior e atual.

10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve seu objetivo alcançado, propiciou a compreensão e o conhecimento sobre a dinâmica psíquica e o comprometimento do desenvolvimento da personalidade de um adolescente, decorrente da experiência emocional do abandono e da vulnerabilidade social e da institucionalização. O presente trabalho buscou relacionar os dados obtidos no psicodiagnóstico do tipo compreensivo, evidenciando a utilidade do HTP, para melhor compreensão psicodinâmica do caso clínico. A partir dos resultados obtidos evidenciou-se o impacto emocional e psicológico que a vulnerabilidade social e a institucionalização podem desencadear na criança e no adolescente que passa por essa vivência.

Ressalta-se a importância de oferecer a essas crianças e adolescentes, em

vulnerabilidade social e institucionalizados, espaço de reflexão e de real possibilidade para reelaborar essa vivência a partir do atendimento psicoterápico psicanalítico, representando uma oportunidade de retomada do desenvolvimento de sua personalidade e da busca de confiança em si mesmo e no outro. O tratamento psicoterápico, a continência do terapeuta e o trabalho no setting pode favorecer a independência, o desenvolvimento da criatividade, a autonomia do paciente, possibilitando a ressignificação dos seus sentimentos, em especial, os sentimentos de esperança frente a sua vida e ao seu futuro.

REFERÊNCIAS

Aberastury, A. **Psicanálise da Criança: teoria e técnica**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1982.

Amaral, A. E. V.; Werlang, B. S. G. **Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica**. Casa do Psicólogo, 2008.

Arzeno, M.E.G. **Psicodiagnóstico Clínico: Novas Contribuições**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995.

Buck, J. N. **H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de Interpretação**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2003.

Buck, J. N. **HTP: Casa-Árvore-Pessoa. Técnica Projetiva de Desenho: Guia de Interpretação**. São Paulo: Vetor, 2009.

Grassano, E. **Indicadores Psicopatológicos nas Técnicas Projetivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Hammer, E. F. **Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos**. Rio de Janeiro, Interamericana, 1981.

Kolck, K. **El Test de Arbol**. Buenos Aires: Editora Kapelusz, 1962.

Machover, K. **Personality Projection in the Drawing of the Human Figure**. Springfield: Charles C Thomas, 1949.

Tardivo, L. S. de La P. **O Adolescente e o Sofrimento Emocional nos Dias de Hoje**. São Paulo: Vetor, 2007.

Tardivo, Leila S. C. (1985). **Normas para avaliação do Procedimento de Desenhos-Estórias numa amostra de crianças paulistanas de 5 a 8 anos de idade**. Dissertação de Mestrado. São Paulo (SP), Instituto de Psicologia da USP, 208 pp., 1985.

Tardivo, L.S.L.P.C. *et. al* (2015) – **Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: Propostas e Pesquisas - Apresentação, (Tardivo, LSLPC, Organizadora) Anais da XIII Jornada APOIAR: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: Propostas e pesquisas**, Instituto de Psicologia da USP, 2015 (p. 18-22).

Trinca, W. **Procedimento de Desenhos-Estórias formas derivadas, desenvolvimento e expansões.** Editora Vetor, 2013.

Trinca, W. **Diagnóstico Psicológico: a Prática Clínica.** São Paulo: EPU, 1984.

Turato, E.R. (2008) **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada da saúde e humanas** 3ª Ed. Petrópolis, Vozes.

Yin, R.K. **Estudo de caso. Planejamento e Métodos.** Editora Bookman, 2005.

CAPÍTULO 17

AUTO IMAGEM E DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES COM CONDUTA AUTOLESIVA

Data de aceite: 25/03/2021

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/2830079727932021>

Helena Rinaldi Rosa

Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3525291475903148>

Loraine Seixas Ferreira

Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/4788563360631097>

Gislaine Chaves

Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/5926367948758993>

RESUMO: Observa-se um aumento considerável da conduta de auto lesão na população escolar, e são poucos estudos com instrumentos psicológicos que estudem a situação em, em especial em adolescentes mais jovens, que muitas vezes o mantêm em segredo. A pesquisa visou apresentar os resultados encontrados no estudo das relações entre autoimagem, aspectos da personalidade e sinais de depressão de pré-adolescentes e adolescentes, na faixa etária entre 11 e 16 anos, que apresentam o comportamento auto lesivo (grupo clínico) em comparação a um grupo controle composto por adolescentes sem este comportamento. Foi empregado o Desenho

da Figura Humana (DFH), o Questionário de Depressão Infantil (CDI) além de entrevistas semi dirigidas iniciais. Os resultados apontaram traços de insegurança e inadequação, bem como sentimentos de menos valia, demonstrando a necessidade desses adolescentes serem cuidados e compreendidos. Foi evidenciada a conduta de autolesão como busca de “alívio” da dor. São apresentados os resultados da investigação, e são sugeridas propostas interventivas e preventivas junto à família e aos adolescentes nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, autolesão; DFH, CDI.

SELF IMAGE AND DEPRESSION IN SELF-INJURY BEHAVIOR IN ADOLESCENTS

ABSTRACT: There is a considerable increase in of self-injury behavior in the school population, and there are few studies with psychological instruments that study the situation in, especially in younger adolescents, who often keep it a secret. The research aimed to present the results found in the study of the relationships between self-image, personality aspects and signs of depression in pre-adolescents and adolescents, in the age group between 11 and 16 years old, who present self-injurious behavior (clinical group) compared to a control group composed of adolescents without this behavior. The Human Figure Drawing (HFD) and, the Child Depression Inventory (CDI) was used in addition to initial semi-directed interviews. The results showed traces of insecurity and inadequacy, as well as feelings of worthlessness, demonstrating the need for these adolescents to be cared for and

understood. Self-injury behavior was evidenced as a search for “relief” of pain. The results of the investigation are presented, and interventional and preventive proposals are suggested with the family and adolescents in schools.

KEYWORDS: Adolescence; self-injury behavior, HFD, CDI.

INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada no Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1991), o intervalo dos 12 anos aos 18 anos e 11 meses, sendo essa uma etapa importante no desenvolvimento, marcada por importantes transformações físicas, psíquicas e sociais (Tardivo, 2007) como também, no que se refere ao desenvolvimento psíquico, na formação da identidade. No entanto, essas duas etapas do desenvolvimento variam conforme a comunidade e a época em que se encontra inserida, contemplando variadas perspectivas teóricas (Tardivo, 2007).

Aberastury (Aberastury & Knobel, 1981) descreviam que a fase da adolescência pode ser apresentada com forte expansividade social, períodos ou momentos de energia e coragem desmedidas, cheios de luta e ideais quixotescos com muitos sonhos e aventuras, e tudo isso podendo ser prontamente convertido em retração social, sentimentos de depressão, incertezas, passividade e desânimo. E mesmo assim, dentro do que se poderia chamar crise, e não como algo patológico.

Essa fase do desenvolvimento, que é a transição do estado infantil para o adulto, configura-se numa crise (Levisky, 1998) e é possível que seja a etapa mais vulnerável de todo o desenvolvimento humano. Possivelmente, essa vulnerabilidade pode ser mais intensa de acordo com o ambiente em que está inserido o adolescente (Tardivo, 2007).

Os jovens podem lançar mão de diferentes posturas e comportamentos avaliados como preocupantes àqueles que fazem parte de seu cotidiano, uma vez que o limiar entre o comportamento normal e patológico neste contexto é sutil. Somado a isso, está a realidade atual na qual cada vez mais têm se observado o envolvimento de pré-adolescentes e adolescentes em comportamentos de risco (Macedo & Sperb, 2013), além de atuações auto e hetero-destrutivas, como, por exemplo, as manifestações suicidas e aquelas, foco deste estudo, os comportamentos auto lesivos (Nock, Joiner, Gordon, Lloyd-Richardson & Prinstein, 2006).

Em meio aos conflitos evidenciados na adolescência, atrelados à vivência em uma sociedade com uma estrutura social mais fragilizada, comportamentos de automutilação ou autolesão vem ocorrendo. Dados para a compreensão e enfrentamento da automutilação – e também do suicídio – entre jovens estão relacionados a vulnerabilidade genética, psiquiátrica, psicológica, além dos aspectos familiar, social e cultural e os efeitos da mídia e da internet no contágio, pela sua importância nos dias de hoje (Hawton, Saunders e O'Connor, 2012). Dados epidemiológicos indicam a adolescência como o período mais

vulnerável para a ocorrência do comportamento auto lesivo (Brown & Plener, 2017). Washburn (2012) estima que a prevalência do comportamento varie de 7,5 a 8% na pré-adolescência, aumentando para 12 a 23% em adolescentes.

Guerreiro e Sampaio (2013) compreendem a conduta auto lesiva na adolescência como uma manifestação das “adolescências patológicas” (p. 214), entendidas a partir da “falta de esperança e incapacidade para conseguir um sentido para lidar com as emoções, organizar um sentido de pertença e manter um sentimento sustentado de bem-estar” (p. 214). A conduta autolesiva estudada na pesquisa desenvolvida pelos autores considera aqueles comportamentos que apresentam lesões corporais deliberadamente infligidas pelo sujeito sobre si, sem intenção letal declarada, com desfecho não fatal e socialmente não aceito (Nock, 2010; Moreira, 2008). Na maior parte das vezes, são realizados sem a participação de outrem, podendo gerar ferimentos e/ou danos físicos, bem como psíquicos, de grau e intensidade variados (Almeida, 2010). Ocorrem de maneira crônica ou esporádica e por meio de padrões rítmicos e/ou repetitivos, passíveis de acarretar riscos graves àqueles que neles se engajam e, quando não tratados adequadamente, com possibilidades de tentativa de suicídio exponencialmente maiores (Guerreiro & Sampaio, 2013).

Entre as motivações para a autolesão, Kaplan e Sadock (1998) citam: raiva, alívio de tensão, desvio do foco de atenção da dor emocional para a dor física e desejo inconsciente de morrer. Em relação aos fatores de risco, Silva e Botti (2017) escrevem que podem ser divididos em: fatores familiares, sociais e individuais.

Considerando os fatores de risco familiares, pode-se encontrar estudos que demonstram a dificuldade dos pais na compreensão dessa conduta, fomentando o distanciamento intrafamiliar (Giannetta et al., 2012), pesquisas que salientam a ausência de percepção de afeto familiar como dado relevante a ser considerado na compreensão do comportamento auto lesivo (Baetens et al., 2013), além de uma história familiar de tentativa de suicídio, histórico de violência praticado por um adulto ou pais contra o adolescente em alguma etapa da vida, problemas de parentalidade e familiares com histórico de automutilação. No que diz respeito aos aspectos sociais dos fatores de risco para o comportamento auto lesivo, o isolamento social, bullying, a falta de escolaridade, de formação profissional e/ou empregos, bem como amigos com história de automutilação. (Silva e Botti, 2017).

Ainda se citam os aspectos individuais considerados fatores de risco para esse comportamento podem estar associados às condições psicopatológicas específicas, transtornos de conduta, personalidade borderline, ansiedade, consumo de álcool e outras drogas, preocupações com orientação sexual, impulsividade e baixa autoestima (Silva e Botti, 2017).

Como se pode observar, a depressão está muito relacionada nos estudos com o comportamento auto lesivo. Porém esse comportamento pode ser denominado como “auto corte não-suicida”, embora alguns adolescentes possam vir a cometer suicídio, pois as

tentativas à integridade corporal, em princípio, não se relacionam à tentativa de morrer, mas às tentativas de viver. Dessa forma, a lesão autoprovocada pode ser entendida como um compromisso, uma tentativa de restauração do sentido, em que os ferimentos se apresentam como forma de evitar a morte, através da “*neutralização parcial dos instintos destrutivos*” (Kovács, 2008, p.183)

Os dados apresentados demonstram a importância de se estudar as relações entre aspectos da personalidade, a conduta auto lesiva e a depressão. É necessário compreender essas relações, pois, segundo Le Breton (2010), esses adolescentes chocando-se contra o mundo, de maneira a se machucar, recuperam o controle de uma emoção poderosa e destrutiva, procuram uma contenção e encontram então a dor ou os ferimentos.

Diante das questões supracitadas que relacionam motivos e fatores de risco para o comportamento auto lesivo e que consideram questões de autoimagem (por exemplo: incapacidade para lidar com as emoções, falta de sentimento de pertença, preocupações com a orientação sexual, impulsividade, baixa autoestima, insatisfação corporal, sensação de incompetência e outras perturbações de personalidade) e psicopatológicas, como a depressão, é interessante conhecer e avaliar os adolescentes que praticam esses comportamentos. Pesquisas desse tipo são importantes por trabalharem a fim de compreender as ocorrências que dizem respeito a um desenvolvimento emocional patológico daquelas formas de expressão sintomáticas que constituem o amadurecimento global, pois os comportamentos auto lesivos necessitam de estudos e compreensão intensa de forma a poder preveni-los e propor formas de intervenção.

Dessa maneira, o estudo visou apresentar os resultados encontrados no estudo das relações entre autoimagem, aspectos da personalidade e depressão de pré-adolescentes e adolescentes, na faixa etária entre 11 e 16 anos, que apresentam o comportamento auto lesivo (grupo clínico) em comparação a um grupo controle.

MÉTODO

Tipo de estudo

O estudo é parte de um projeto maior, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CAAE 60486016.7.0000.5561, parecer 1.844.372).

Dessa forma, visando a melhor compreensão dos dados encontrados, será utilizado o método quantitativo, apresentando as ocorrências mais frequentes dos instrumentos utilizados, que serão confrontadas entre os grupos e terão os resultados apresentados em linguagem matemática, permitindo a mensuração das características observáveis com o uso de provas estatísticas do material.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos: um grupo clínico, composto por 29 pré-adolescentes e adolescentes com manifestação do comportamento auto lesivo, e um grupo controle, com 29 pré-adolescentes e adolescentes sem essa conduta.

INSTRUMENTOS

Para a análise dos dados foram utilizados como instrumentos: uma entrevista semi dirigida que contemplou os dados psicossociais, o Questionário de Depressão Infantil (CDI) e o Desenho da Figura Humana (DFH). A seguir serão descritos cada um dos instrumentos.

Entrevista

A entrevista foi escolhida como instrumento por ser definida, segundo Bleger (1980), como uma forma de reunir com detalhe e amplitude os dados preestabelecidos, permitindo chegar a “uma síntese tanto da situação presente como da história de um indivíduo, de sua doença e de sua saúde” (Bleger, 1980, p. 11-12).

Questionário de Depressão Infantil (CDI)

O CDI foi utilizado para avaliar a presença de sintomatologia da depressão entre os participantes. Trata-se de um inventário de autorrelato elaborado por Kovacs (1983), originário do *Beck Depression Inventory* (BDI) para adultos, e foi adaptado para crianças no Brasil por Barbosa, Dias, Gaião e Lorenzo (1996). O objetivo do questionário é identificar a presença e a severidade do transtorno depressivo na infância, assim como identificar alterações afetivas em crianças e adolescentes. É composto por 27 itens, cada um apresentando três opções de resposta, e a criança deve escolher qual das opções de resposta de cada item melhor descreve seu estado nos últimos tempos. Cada resposta é pontuada em 0; 1 ou 2, dependendo da opção escolhida.

Os dados obtidos com o CDI foram trabalhados conforme a nota de corte para o público brasileiro (17 pontos). No entanto, considerou-se indicativo de algum grau de depressão a pontuação acima de 11 pontos. Foi realizada a comparação entre os resultados do CDI.

Desenho da Figura Humana (DFH)

O DFH foi escolhido na pesquisa por ser um instrumento que favorece, de forma natural, a expressão das necessidades e dos conflitos do próprio Eu. Considera-se também que a figura humana desenhada relaciona-se intimamente com os impulsos, ansiedades, conflitos e compensações características do próprio sujeito, sendo possível dizer que a pessoa desenhada é a própria pessoa; o papel, o meio ambiente; e o processo de desenhar, uma relação de projetar a si mesmo, com todos os significados (Machover, 1949).

Machover (1949) e, posteriormente, Hammer (1981) observaram que os desenhos também trazem contribuições para realizar a análise da personalidade dos sujeitos e,

assim, os autores identificaram que os elementos contidos no DFH falavam mais sobre o sujeito que o desenho em si, considerando, assim, que os desenhos podem ser vistos com indicadores do desenvolvimento psicológico da criança (Paludo; Costa; Silva, 2010).

Machover (1949) acrescenta que durante a produção do DFH há um processo de seleção que envolve a identificação por meio da projeção e introjeção, devendo o indivíduo desenhar consciente, mas também inconscientemente, dessa forma envolvendo a projeção na imagem. A autora escreve que a experiência ampliada e concentrada com desenhos da figura humana indica uma íntima união entre a figura desejada e a personalidade do indivíduo que está realizando o desenho. A figura humana representa a pessoa e o papel, o ambiente. De acordo com esta hipótese, várias sensações, percepções e motivação estão localizadas em certas partes do corpo. Em consequência, é desenvolvida a imagem corporal.

Foi proposta uma avaliação de categorias dos desenhos (Tardivo, 2017) a partir da denominação de Lourenção van Kolch (1984) e Hammer (1981). Aspectos gerais dos desenhos: tamanho, localização, linha; estruturais, como sombreado, partes do corpo, entorno, linha de base, proporção, entorno, e aspectos próprios à figura (conteúdo)

A análise dos dados encontrados nos dois instrumentos foi submetida a tratamento estatístico para comparação entre os resultados dos grupos clínico e controle.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a comparação dos dados sociodemográficos entre os dois grupos, considerando a idade, sexo e escolaridade dos participantes. Observa-se na tabela 1 que os dois grupos não apresentam diferenças significantes nas variáveis sociodemográficas (idade, sexo e escolaridade).

Variável	Controle (n=29)	Clínico (n=29)	t	p-value
Idade*	13,06 (1,36)	13,10 (1,34)	0,970	0,923
Sexo (masculino)**	10	19	1,000	1,000
Escolaridade*	7,93 (1,81)	7,42 (1,25)	-1,212	0,231

*Teste t de Student – Resultados expressos em Média (DP).

**Teste Chi-Quadrado – Resultados expressos em N (%). Sig – $p < 0,05$

Tabela 1. Comparação dos dados sociodemográficos entre os grupos

Os resultados considerados estatisticamente significantes do CDI e Desenho Figura Humana (DFH) estão apresentados nas tabelas 2 e 3, comparando os instrumentos com o desempenho entre os grupos clínico, controle e amostra total.

A Tabela 2 corresponde ao estudo estatístico dos dados apresentados pelo Teste t de Student dos resultados totais obtidos pelo CDI. O escore no CDI apresentou diferença

estatisticamente significativa ($p < 0,001$). A Tabela 2 permite identificar que o grupo clínico apresentou aumento de pontos expressivo quando comparado ao grupo controle

Variável	Controle (n=29)	Clínico (n=29)	t	p-value
Escore CDI*	5,13 (3,10)	19,96 (11,89)	6,470	<0,001

*Teste t de Student – Resultados expressos em Média (DP). Sig – $p < 0,05$

Tabela 2. Teste t de Student e a pontuação do CDI para o Grupo de Controle e o Grupo Clínico

Esses dados indicam que os participantes com comportamento auto lesivo apresentam mais indicadores de depressão sendo uma diferença fortemente significativa quando comparada aos adolescentes da mesma faixa etária e sexo que não apresentam conduta auto lesiva.

A Tabela 3 contém as comparações entre os resultados obtidos nas análises dos Desenhos da Figura Humana dos grupos clínico e controle

Variável		Controle (n=29)	Clínico (n=29)	X ²	p-value
Traçado	Normal	26 (90)	12 (41)	14,958	<0,001
	Apagado (borrado)	3 (10)	12 (41)	7,284	0,007
	Repassado	7 (24)	21 (72)	13,533	<0,001
Cabeça	Pequena	0 (0)	5 (17)	5,472	0,019
Cabelo	Enrolado	1 (3)	6 (21)	4,062	0,044
Pescoço	Fino	2 (7)	13 (45)	10,881	0,001
Olhos	Presença de Pupilas	24 (83)	13 (45)	9,032	0,003
Nariz	Pequeno	5 (17)	14 (48)	6,340	0,012
Boca	Lábios presentes	1 (3)	10 (34)	9,087	0,003
Corpo	Presença	28 (97)	20 (69)	7,733	0,005
Braços	Presença	29 (100)	19 (66)	12,083	0,001
	Em cruz	10 (34)	1 (3)	9,087	0,003
Mãos	Presença	20 (69)	12 (41)	4,462	0,035
	Fechadas	9 (31)	0 (0)	10,653	0,001
Pernas	Presença	28 (97)	19 (66)	9,087	0,003
Pés	Presença	28 (97)	18 (62)	10,507	0,001
Linha de Base	Presença	9 (31)	0 (0)	10,653	0,001
Cinto	Presença	15 (52)	0 (0)	20,233	<0,001
Entorno	Presença	12 (41)	1 (3)	11,997	0,001

*Teste Qui-quadrado – Resultados expressos em N(%).

Sig – $p < 0,05$

Tabela 3: Qui-quadrado e frequências de cada característica do Desenho da Figura Humana para o Grupo de Controle e o Grupo Clínico

A Tabela 3 relaciona os itens do Desenho da Figura Humana que apresentaram diferenças significantes entre os dois grupos. Foram encontradas 20 categorias com diferenças significativas entre os grupos. No que diz respeito às categorias que mais se destacaram no Grupo Controle foram: *traçado normal; presença de pupila nos olhos; presença de corpo; presença de braços, com destaque para braços em cruz; presença de mãos, estando essas fechadas; presença de pernas, pés, linha de base, cinto e entorno*. Tais dados indicam maior maturidade e equilíbrio da personalidade e uma imagem corporal mais adequada.

Com relação ao Grupo Clínico, nota-se como mais frequentes as seguintes categorias: *traçado apagado ou borrado; traçado repassado; cabeça pequena; cabelo enrolado; pescoço fino; nariz pequeno e presença de lábios*. De forma geral são dados que denotam mais indícios de dificuldades psicológicas e sinais de regressão, com mais prejuízos na imagem corporal mais adequada

DISCUSSÃO

Os dados do CDI comprovam que a adolescência é uma fase conflitante, pois, mesmo com a diferença significativa entre os grupos, o Grupo Controle também apresentou alguma pontuação na escala ainda que baixa, demonstrando que os adolescentes no geral demonstram alguns sintomas depressivos nessa fase, o que pode ser resultado lutos vivenciados por esse público (perda dos pais da infância, perda o papel e da identidade infantil) (Aberastury & Knobel, 1981).

O resultado do CDI do Grupo Clínico mostra que para alguns adolescentes, essa etapa do desenvolvimento é muito mais crítica. A presença de sintomas relacionados à depressão foi significativamente bem maior no grupo de adolescentes com comportamento auto lesivo, confirmando trabalhos que associam esse comportamento a transtornos psiquiátricos, sendo o humor deprimido e o Transtorno Depressivo Maior os mais presentes (Millon e Davis, 1996; Skegg, 2005; Klonsky, 2007; Giusti, 2013).

Em relação aos Desenhos de Figura Humana, foram identificadas 20 categorias com diferença significativa entre os grupos, sendo 13 categorias predominantes no Grupo Controle e sete no Grupo Clínico. As categorias predominantes no Grupo Controle demonstraram maior controle do ego e contato com a realidade, apresentando maior possibilidade na percepção da realidade, tanto interna quanto externa, e uma imagem corporal mais próxima da realidade. A autonomia dos adolescentes do grupo controle também foi mais significativa em seus desenhos, assim como a possibilidade de contato com o ambiente. No entanto, nesse último caso, é identificado um contato superficial e com dificuldades. Essas dificuldades podem estar relacionadas às mudanças psicológicas e sociais comuns dessa fase, que direciona o indivíduo a uma nova forma de se relacionar com o mundo, ora se apresentando como forte expansividade social, ora se convertendo

em retração social (Aberastury & Knobel, 1981; Tardivo, 2007).

Considerando as categorias predominantes do Grupo Clínico, essas estão relacionadas à insegurança sentida por esses adolescentes, assim como a ansiedade, uma fraca ligação entre os impulsos e sentimentos com o pensamento e o controle, infantilidade e negação de pensamentos dolorosos e sentimento de culpa. Também foi identificado nos desenhos dados sobre a sexualidade: erotismo oral e preocupações sexuais. As características presentes nos desenhos e que foram capazes de diferenciar os dois grupos certificam os dados apresentados pelos autores trabalhados. A vulnerabilidade psiquiátrica e psicológica relacionadas aos adolescentes com comportamento auto lesivo, foi encontrada nos sintomas de depressão do CDI, mas também na ansiedade.

As características relacionadas às preocupações sexuais e ao erotismo oral foram muito mais presentes no Grupo Clínico. Os aspectos relacionados a orientação sexual, um dos elementos considerados por Silva e Botti (2017) ao explicarem sobre os aspectos individuais que são considerados fatores de risco para o comportamento auto lesivo.

Diante dos dados encontrados no DFH, considerando que a pessoa desenhada é a própria pessoa e o papel, o ambiente, e sendo o ato de desenhar uma forma de expressar a si mesmo e todos seus significados, identifica-se que os adolescentes pesquisados, ao apresentarem uma imagem nos desenhos com pouco contato com a realidade, não conseguem controlar seus impulsos e tampouco entrar em contato com o sofrimento. Dessa forma, negam-no por meio dos cortes, buscam recuperar o controle da emoção de uma forma destrutiva, assim como Le Breton (2010) observa com respeito ao sentido das lesões auto provocadas. Os dados obtidos no estudo vem de acordo com as colocações do autor de com essa conduta esses jovens buscam o limite de seu corpo por meio dos impulsos que não são controlados e, dessa forma, restabelecem um limite entre o dentro e o fora por meio da dor e da cicatriz.

Giusti (2013) também relaciona a relação do corpo e da imagem frente aos adolescentes que se auto lesionam e apresentam sintomas depressivos. A autora aponta, como encontrado no presente estudo, a dificuldade no controle dos impulsos, nesses jovens. Tal dificuldade, segundo Giusti (idem) pode estar relacionado a uma tentativa de conter as incontroláveis mudanças corporais da puberdade, entre as quais as preocupações sexuais encontradas nos resultados.

CONCLUSÃO

Os objetivos foram alcançados, e os dados desse estudo (que continua em desenvolvimento) permitiram associar o comportamento auto lesivo dos adolescentes com sintomas depressivos, à insegurança, dificuldades de lidar com os pensamentos que trazem dor, além de dificuldades corporais e de controle dos impulsos.

Estes resultados podem ser empregados em propostas preventivas, a serem

desenvolvidas junto a escolas, em atividades lúdicas e rodas de conversa e poder trabalhar as dificuldades apontadas nesse estudo e nos demais encontrados. Também é relevante dar apoio às famílias que possam compreender seus filhos e as dificuldades e conflitos por que passam na adolescência.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal – um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

Almeida, S. S. L.. **Automutilação e corpo na psicose**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. 2: 3. , 2010

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014

BAETENS, I. & CLAES, L. & MARTIN, G. & ONGHENA, PATRICK & G. & VAN LEEUWEN, K. & PIETERS, C. & WIERSEMA, J. & W. GRIFFITH, J... Is Nonsuicidal Self-Injury Associated With Parenting and Family Factors?. **The Journal of Early Adolescence**. 2013, 34. 387-405. 10.1177/0272431613494006.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia – entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BLOS, P. **Adolescência: Uma interpretação psicanalítica**. (W. Dutra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes., 1998

BLOS, P. **O segundo processo de individuação**. In P. Blos, *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA** – Lei nº 8.069/90 atualizado com a Lei nº 12.010 de 2009. Brasília, DF, 1991. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/8069.htm> Acesso em 30 junho 2018.

BROWN, R. C., & PLENER, P. L. . Non-suicidal Self-Injury in Adolescence. **Current Psychiatry Reports**, 2017, 19(3), 20. <http://doi.org/10.1007/s11920-017-0767-9>

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**, 184f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013

GRANDCLERC, S., DE LABROUHE, D., SPODENKIEWICZ, M., LACHAL, J., & MORO, M.-R. . Relations between Nonsuicidal Self-Injury and Suicidal Behavior in Adolescence: A Systematic Review. **PLoS ONE**, 2016m 11(4), e0153760. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0153760>.

GUERREIRO, D. F., SAMPAIO, D. . Comportamentos auto lesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. **Rev. Port. de Saúde Pública**. 2013, 31(2): 204-213. Lisboa: Portugal.

HAMMER, E.F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

HAWTON, K.; SAUNDERS, K.; O'CONNOR, RC. Self-harm and suicide in adolescents. **The Lancet**, Volume 379, Issue 9834, 23–29 June 2012, Pages 2373–2382. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22726518>> Acesso em 30 junho 2019

KOVÁCS, M. J. Comportamentos autodestrutivos e o suicídio. In M. J. Kovács (Ed.), **Morte e desenvolvimento humano** (pp. 171-194). São Paulo: Casa do psicólogo., 2008

KOVACS, M. **The children's depression inventory: a self rated depression scale for school aged young's sters**. University of Pittsburgh, 1983.

LEVISKY, D.L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998

MACHOVER, K. **Proyección de la Personalidad en el Dibujo de la Figura Humana (un método de investigación de la personalidad)**. Habana/ Cuba: Cultural S.A., 1949.

MOREIRA, N. A. **Sofrimento, desespero e comportamentos suicidários na prisão**. Coimbra: Quarteto., 2008.

NOCK, M. K., JOINER, T. E. J., GORDON, K. H., LLOYD-RICHARDSON, E., PRINSTEIN, M. J. Non-suicidal self-injury among adolescents: Diagnostic correlates and relation to suicide attempts. **Psychiatry Research**, 2006, 144, 65-72.

NOCK, M. K. Self-Injury. **The Annual Review of Clinical Psychology**, 6, 15:1 - 15:25., 2010.

PALUDO, E.; COSTA, V.S.; SILVA, B.F. Desenho da figura humana na chuva – proposta de validação no Brasil. **Rev. Jovem Pesquisador**, Santa Cruz do Sul, v. 1, p. 71-81, 2010. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/2247/1631>> Acesso em 30 junho 2019.

PRINSTEIN, M. J., HEILBRON, N., GUERRY, J. D., FRANKLIN, J. C., RAN COURT, D., SIMON, V., & SPIRITO, A. Peer Influence and Nonsuicidal Self Injury: Longitudinal Results in Community and Clinically-Referred Adolescent Samples. **Journal of Abnormal Child Psychology**, 2010, 38(5), 669–682. <http://doi.org/10.1007/s10802-010-9423-0>.

SILVA, A. C.; BOTTI, N. C. L. Comportamento auto lesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.18, p. 67-76, 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0194>> acesso em 19 jun 2018

TARDIVO, L. S. L. P. C. O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje. São Paulo: Vetor, 171p.2007.

TARDIVO, L. S. L. P. C.. O Desenho da Figura Humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica (impresso). **Boletim. Academia Paulista de Psicologia**, 2017, v. 37, p. 63-78.

TAVARES, M. A entrevista clínica. In: J. A. Cunha e col., *Psicodiagnóstico V*. (45-56). Porto Alegre: Artmed., 2000.

TURATO, E.R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, 2005v.30, n.3, p.507-14,. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/rsp/article/viewFile/31896/33870>> acesso em 19 jun 2018

VAN KOLCK, O.L. **Interpretação psicológica de desenhos – três estudos**. São Paulo: Pioneira, 1968.

WASHBURN, J. J., RICHARDT, S. L., STYER, D. M., GEBHARDT, M., JUZWIN, K. R., YOUREK, A., & ALDRIDGE, D. Psychotherapeutic approaches to non-suicidal self-injury in adolescents. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 2012, 6, 14. <http://doi.org/10.1186/1753-2000-6-14>

RELAÇÃO ENTRE ABUSO E DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA E TRANSTORNO BIPOLAR EM UMA AMOSTRA COMUNITÁRIA DE JOVENS

Data de aceite: 25/03/2021

Data de submissão: 03/01/2021

Bruno Braga Montezano

Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
Pelotas, RS
<http://lattes.cnpq.br/5680118320056968>

Karen Jansen

Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
Pelotas, RS
<http://lattes.cnpq.br/4981619972998976>

Luciano Dias de Mattos Souza

Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
Pelotas, RS
<http://lattes.cnpq.br/2246299367752231>

Ricardo Azevedo da Silva

Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
Pelotas, RS
<http://lattes.cnpq.br/8795197544874093>

Taiane de Azevedo Cardoso

Mood Disorders Program
McMaster University
Hamilton, ON, Canadá
<http://lattes.cnpq.br/1002398912293791>

Tháise Campos Mondin

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, RS
<http://lattes.cnpq.br/3818084282800321>

RESUMO: O transtorno bipolar (TB) é uma doença mental crônica e recorrente, caracterizada por flutuações episódicas do humor e do nível de

energia. Existem evidências que apontam para maiores taxas de uso e abuso de substâncias por pacientes com TB. O estudo teve como objetivo descrever a prevalência de abuso/dependência de substâncias em sujeitos com TB em uma amostra comunitária de jovens na cidade de Pelotas. Trata-se de um corte transversal de um estudo populacional maior em que a primeira fase aconteceu entre 2007 e 2009 com uma amostra de adultos jovens. Estes sujeitos foram convidados para reavaliação após três anos, sendo elegíveis para o presente estudo. O diagnóstico de TB foi avaliado a partir da *Mini International Neuropsychiatric Interview* (MINI-PLUS). O abuso/dependência de substâncias foi mensurado por meio da *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST). Na segunda avaliação 1244 sujeitos foram reavaliados. Desses, 90 sujeitos foram diagnosticados com TB. Foram observadas maiores prevalências de uso de substâncias nos sujeitos com TB quando comparados aos controles populacionais saudáveis. Os achados do estudo indicam uma associação significativa entre o abuso/dependência de substâncias e o TB em uma amostra comunitária de jovens adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno bipolar; abuso de substâncias; dependência de substâncias; adultos jovens.

RELATIONSHIP BETWEEN SUBSTANCE ABUSE AND BIPOLAR DISORDER IN A YOUNG COMMUNITY SAMPLE

ABSTRACT: Bipolar disorder (BD) is a chronic and recurrent mental illness, characterized by

fluctuations in mood and energy. There is evidence that points to higher rates of substance use and abuse by BD patients. The study aimed to describe the prevalence of substance abuse/dependence in subjects with BD in a community sample of young adults in the city of Pelotas. This is a cross-section of a larger population study in which the first wave took place between 2007 and 2009 with a sample of young adults. These subjects were invited for reevaluation after three years, being eligible for the present study. The diagnosis of BD was assessed using the Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI-PLUS). Substance abuse/dependence was measured using the Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST). In the second evaluation, 1244 subjects were reevaluated. Of these, 90 subjects were diagnosed with BD. Higher prevalence of substance use was observed in subjects with BD when compared to healthy population controls. The study's findings indicate a significant association between substance abuse/dependence and BD in a community sample of young adults.

KEYWORDS: Bipolar disorder; substance abuse; substance dependence; young adults.

1 | INTRODUÇÃO

O transtorno bipolar (TB) é uma doença mental crônica e recorrente, caracterizada por flutuações episódicas do humor e do nível de energia, que possui uma prevalência global estimada de 0,4 a 1,1% (MCINTYRE ET AL., 2020; GRANDE ET AL., 2016). As taxas de transtornos por uso de substâncias (TUS) são significativamente maiores em pessoas com TB do que na população geral (ARIAS et al., 2016).

O TB é altamente comórbido com os TUS, sendo que as substâncias mais usadas são o álcool e a maconha, seguidas por cocaína e opióides. Estudos indicam que esta comorbidade está associada com um curso mais severo da doença (CERULLO e STRAKOWSKI, 2007). Aproximadamente 50-60% dos adultos com TB possuem atualmente, ou durante a vida, comorbidades com transtorno por uso de álcool, transtorno por uso de substância, ou ambos (MCINTYRE ET AL., 2020).

Maremmani et al. (2016) observaram que pessoas diagnosticadas com TB estão mais suscetíveis a um maior uso de cocaína, anfetaminas, opióides, canabinóides e alucinógenos em relação a sujeitos com outros transtornos psiquiátricos, como a esquizofrenia.

A falta de reconhecimento de depressão maior ou transtorno bipolar em pacientes que fazem uso de álcool e outras drogas pode resultar em aumento das taxas de recaída, recorrência de episódios de humor e risco elevado de suicídio consumado (TOLLIVER; ANTON, 2015).

Dadas estas informações, julga-se importante estudar a prevalência do uso de substâncias, pois dessa forma os serviços de saúde podem planejar as estratégias de atenção em saúde. Levando estes aspectos em consideração, o objetivo deste estudo foi descrever a prevalência de abuso/dependência de substâncias em sujeitos com TB em uma amostra comunitária de jovens na cidade de Pelotas.

2 | METODOLOGIA

Esse é um corte transversal aninhado a um estudo populacional de coorte. Entre 2007 e 2009 foram avaliados jovens entre 18 e 24 anos, residentes na zona urbana da cidade de Pelotas, selecionados sistematicamente por conglomerados. Após pelo menos 48 meses da primeira avaliação, entre 2012 e 2014, todos os sujeitos foram convidados para uma nova avaliação. Sendo a amostra deste trabalho os respondentes dessa segunda avaliação.

O diagnóstico de TB foi realizado por psicólogos treinados através da entrevista clínica estruturada baseada nos critérios diagnósticos do DSM-IV, *Mini International Neuropsychiatric Interview* (MINI-PLUS). O abuso/dependência de substância foi avaliado através do instrumento autoaplicável *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST). Foram considerados como casos de abuso/dependência de substâncias psicoativas, aqueles sujeitos que realizavam abuso/dependência de álcool e substâncias ilícitas.

A entrada dos dados foi feita no programa EpiInfo 6.04d e posteriormente transferidos para o *software* SPSS na versão 22, onde foi realizada a análise dos dados. Os dados sociodemográficos foram apresentados a partir da análise univariada, através de frequências e medidas de tendência central. As características sociodemográficas e clínicas foram comparadas entre os grupos utilizando: teste qui-quadrado e teste t de Student. As associações foram consideradas estatisticamente significativas quando $p < 0,05$.

3 | RESULTADOS

Na amostra do estudo foram avaliados 1244 sujeitos. Do total da amostra, noventa sujeitos (7,2%) foram diagnosticados com TB na avaliação psicológica. Características clínicas e sociodemográficas estão mostradas na Tabela 1.

Variáveis	Amostra total (n=1244)	Controles populacionais (n=1153)	Transtorno bipolar (n=90)	p-valor
Sexo				0,001
Masculino	523 (42,04%)	499 (43,28%)	23 (25,56%)	
Feminino	721 (57,96%)	654 (56,72%)	67 (74,44%)	
Idade	25,87±2.14	25.87±2.15	25.84±2.01	0,896
Cor de pele				0,185
Branco	870 (69,99%)	813 (70,57%)	57 (63,33%)	
Não-branco	373 (30,01%)	339 (29,43%)	33 (36,67%)	

Nível socioeconômico				<0,001
A/B	647 (52,30%)	613 (53,44%)	34 (38,20%)	
C	554 (44,79%)	506 (44,12%)	48 (53,93%)	
D/E	36 (2,91%)	28 (2,44%)	7 (7,87%)	
Escolaridade				0,001
Ensino médio incompleto ou grau mais baixo	408 (32,82%)	363 (31,51%)	44 (48,89%)	
Ensino médio completo	341 (27,43%)	317 (27,52%)	24 (26,67%)	
Ensino superior completo ou grau mais alto	494 (39,74%)	472 (40,97%)	22 (24,44%)	
Abuso/dependência de tabaco				<0,001
Não	940 (75,87%)	896 (77,98%)	44 (48,89%)	
Sim	299 (24,13%)	253 (22,02%)	46 (51,11%)	
Abuso/dependência de álcool				<0,001
Não	935 (75,46%)	881 (76,68%)	54 (60,00%)	
Sim	304 (24,54%)	268 (23,32%)	36 (40,00%)	
Abuso/dependência de hipnóticos ou sedativos				<0,001
Não	1197 (96,61%)	1120 (97,48%)	77 (85,56%)	
Sim	42 (3,39%)	29 (2,52%)	13 (14,44%)	
Abuso/dependência de substâncias ilícitas				0,001
Não	1116 (90,07%)	1044 (90,86%)	72 (80,00%)	
Sim	123 (9,93%)	105 (9,14%)	18 (20,00%)	

Tabela 1: Características sociodemográficas e clínicas da amostra.

Como observado na Tabela 1, verifica-se significativamente maiores prevalências de uso de substâncias em sujeitos com TB quando comparados aos sujeitos controle saudáveis. Dentre os sujeitos com TB (n=90), a maioria apresentou associação entre seu diagnóstico e o possível abuso/dependência de tabaco ($p<0,001$), álcool ($p<0,001$), hipnóticos ou sedativos ($p<0,001$) e substâncias ilícitas ($p=0,001$).

4 | DISCUSSÃO

O presente estudo objetivou descrever a prevalência de abuso/dependência de substâncias em sujeitos com TB em uma amostra comunitária de jovens. Ao verificar

os resultados, percebe-se o abuso/dependência de substâncias significativamente mais prevalente em sujeitos com TB do que em sujeitos sem o transtorno.

Garcia-portilla et al. (2009) teve como resultado de seu estudo, uma prevalência de uso de substância em sujeitos com TB: 51% de tabaco, em relação aos 51,1% deste estudo, corroborando com o presente trabalho. E quanto ao álcool, o autor encontrou uma prevalência de 13%, diferindo dos 39,3% deste estudo. Uma hipótese para prevalência de uso de álcool distinguir-se tanto a do estudo citado é a de que os instrumentos e medidas utilizadas para a obtenção do dado são diferentes, enquanto este estudo utilizou-se da ASSIST para avaliar possível abuso/dependência, o autor referido se utilizou de unidades de bebida padrão por semana.

Em um estudo de 2016, verificou-se que adolescentes com TB eram significativamente mais propensos ao uso de tabaco e transtornos por uso de substâncias quando comparados aos seus pares sem transtornos (WILENS ET AL., 2016), corroborando com os achados do presente estudo.

Uma das limitações do estudo se dá pelo fato de variáveis possivelmente confundidoras, que poderiam influenciar na associação testada — como severidade dos sintomas maníacos (GOLDBERG ET AL., 2012), números de episódios de humor elevado (MESSER ET AL., 2017) — não terem sido consideradas no processo da análise dos dados.

Sabe-se que existe uma grande probabilidade do desenvolvimento de transtorno por uso de substâncias comórbido no TB (SALLOUM; BROWN, 2017; STALMAN ET AL., 2017). Considerando estes pontos, vê-se que o conhecimento sobre a parcela de pacientes com TB que apresentam TUS comórbidos pode auxiliar na elaboração de estratégias terapêuticas mais específicas a essa população, melhorando o prognóstico do paciente.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Francisco et al. Trastorno bipolar y trastorno por uso de sustancias. Estudio Madrid sobre prevalencia de patología dual. **Adicciones**, [s.l.], v. 29, n. 3, p.186-194, 2 mar. 2016. Socidrogalcohol. <http://dx.doi.org/10.20882/adicciones.782>. Disponível em: <<http://adicciones.es/index.php/adicciones/article/view/782>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

CARDOSO, Taiane; MONDIN, Thaise; SOUZA, Luciano; DA SILVA, Ricardo; MAGALHÃES, Pedro; KAPCZINSKI, Flavio; JANSEN, Karen. Functioning in bipolar disorder with substance abuse/dependence in a community sample of young adults. **Journal of Affective Disorders**, v. 187, p. 179-182, agosto, 2015. Disponível em: . Acesso em: 12 jul. 2019.

CERULLO, Michael; STRAKOWSKI, Stephen. The prevalence and significance of substance use disorders in bipolar type I and II disorder. **Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy**, v. 2, p. 29, outubro, 2007. Disponível em: . Acesso em: 12 jul. 2019.

GARCIA-PORTILLA, M. P. et al. Impact of substance use on the physical health of patients with bipolar disorder. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, [s.l.], v. 121, n. 6, p.437-445, 5 nov. 2009. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1600-0447.2009.01498.x>. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1600-0447.2009.01498.x>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GOLDBERG, Joseph F.; GARAKANI, Amir; ACKERMAN, Sigurd H.. Clinician-Rated Versus Self-Rated Screening for Bipolar Disorder Among Inpatients With Mood Symptoms and Substance Misuse [CME]. **The Journal Of Clinical Psychiatry**, [S.L.], v. 73, n. 12, p. 1525-1530, 15 dez. 2012. Physicians Postgraduate Press, Inc. <http://dx.doi.org/10.4088/jcp.12m07926>.

GRANDE, Iria; BERK, Michael; BIRMAHER, Boris; VIETA, Eduard. Bipolar Disorder. **The Lancet**, v. 387, p. 1561-1572, abril, 2016. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)00241-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)00241-X/fulltext). Acesso em: 12 jul. 2019.

MAREMMANI, Angelo G.I.; BACCIARDI, Silvia; GEHRING, Nicole D.; CAMBIOLI, Luca; SCHÜTZ, Christian; JANG, Kerry; KRAUSZ, Michael. Substance Use Among Homeless Individuals With Schizophrenia and Bipolar Disorder. **The Journal Of Nervous And Mental Disease**, [S.L.], v. 205, n. 3, p. 173-177, mar. 2017. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/nmd.0000000000000462>.

MCINTYRE, Roger s; BERK, Michael; BRIETZKE, Elisa; GOLDSTEIN, Benjamin I; LÓPEZ-JARAMILLO, Carlos; KESSING, Lars Vedel; MALHI, Gin s; A NIERENBERG, Andrew; ROSENBLAT, Joshua D; MAJEED, Amna. Bipolar disorders. **The Lancet**, [S.L.], v. 396, n. 10265, p. 1841-1856, dez. 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)31544-0](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)31544-0).

MESSER, Thomas; LAMMERS, Gero; MÜLLER-SIECHENEDER, Florian; SCHMIDT, Raluca-Floreia; LATIFI, Sahar. Substance abuse in patients with bipolar disorder: a systematic review and meta-analysis. **Psychiatry Research**, [S.L.], v. 253, p. 338-350, jul. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2017.02.067>.

SALLOUM, Ihsan M.; BROWN, Edson Sherwood. Management of comorbid bipolar disorder and substance use disorders. **The American Journal Of Drug And Alcohol Abuse**, [S.L.], v. 43, n. 4, p. 366-376, 16 mar. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00952990.2017.1292279>.

STALMAN, Marissa N.; CANHAM, Sarah L.; MAHMOOD, Atiya; KING, David; O'ROURKE, Norm. Aspects of control and substance use among middle-aged and older adults with bipolar disorder. **International Journal Of Mental Health Nursing**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 833-840, 28 jul. 2017. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/inm.12371>.

TOLLIVER, Bryan K.; ANTON, Raymond F.. Assessment and treatment of mood disorders in the context of substance abuse. **Dialogues In Clinical Neuroscience**, Charleston, v. 17, n. 2, p.181-190, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4518701/>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

VORNIK, Lana A.; BROWN, E. Sherwood. Management of comorbid bipolar disorder and substance abuse. **J Clin Psychiatry**, Dallas, v. 7, n. 67, p.24-30, 2006. Disponível em: <https://www.psychiatrist.com/jcp/article/Pages/2006/v67s07/v67s0705.aspx>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

WILENS, Timothy E.; BIEDERMAN, Joseph; MARTELON, Marykate; ZULAUF, Courtney; ANDERSON, Jesse P.; CARRELLAS, Nicholas W.; YULE, Amy; WOZNIAC, Janet; FRIED, Ronna; FARAONE, Stephen V.. Further Evidence for Smoking and Substance Use Disorders in Youth With Bipolar Disorder and Comorbid Conduct Disorder. **The Journal Of Clinical Psychiatry**, [S.L.], v. 77, n. 10, p. 1420-1427, 30 ago. 2016. Physicians Postgraduate Press, Inc. <http://dx.doi.org/10.4088/jcp.14m09440>.

SOBRE O ORGANIZADOR

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA - Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016) e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019). Especializou-se em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2012), História e narrativas Audiovisuais pela Universidade Federal de Goiás (2016), Psicopedagogia e Educação Especial, Arteterapia, Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Alto Paranaíba (2020). Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). É doutorando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Goiânia, professor convidado na FacUnicamps, pesquisador da Universidade Federal de Goiás e psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: inconsciente, arte, teatro, arteterapia e desenvolvimento humano.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actitud 115, 123, 124

Adolescência 26, 27, 28, 41, 80, 83, 84, 89, 90, 93, 133, 141, 158, 169, 170, 171, 176, 178, 179

Adultos jovens 181

Amizade 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134

Artes visuais 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Arteterapia 43, 44, 45, 48, 49, 51, 187

Assassinatos em série 135, 141, 142, 143

Autolesão 81, 84, 169, 170, 171

Avaliação psicológica 42, 145, 147, 151, 183

B

Brigadas 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124

C

Conflito pulsional 20, 24

Covid-19 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95

Crianças 31, 42, 64, 65, 66, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 102, 105, 106, 111, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 155, 158, 161, 162, 166, 167, 173, 179

D

Dependência de substâncias 181, 182, 183, 184, 185

Desenvolvimento humano 65, 70, 71, 77, 170, 179, 187

E

Estresse psicológico 86

Estruturação 5, 7, 8, 9, 17, 29, 41, 42, 46, 49, 69, 71, 139, 159

F

Facebook 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Fenomenológico-existencial 52, 54, 56, 61, 62, 63, 107

H

HTP: Desenho da Casa-Árvore-Pessoa 157

Humanização 52, 53, 62, 70, 80

I

Inclusão 9, 22, 36, 96, 97, 100, 162

Inconsciente 4, 5, 17, 20, 21, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 64, 159, 171, 187

L

Laço social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 40, 91, 129, 133

Libras 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

M

Medio ambiente 115, 116, 117, 121, 122, 124, 125

Metáfora 4, 20, 21

Musicoterapia 52, 53, 54, 55, 62, 63

P

Perfil psicológico 135, 139, 142

Personalidade 4, 7, 8, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 26, 28, 29, 31, 35, 36, 38, 40, 46, 49, 68, 78, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 157, 158, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 174, 176

Prevenção 41, 45, 80, 81, 82, 84, 100, 108, 110, 141, 145, 150, 154, 167

Pro-ambiental 115

Projeto de extensão 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 112

Psicanálise 1, 2, 3, 5, 6, 19, 24, 26, 139, 141, 144, 146, 167, 187

Psicodiagnóstico compreensivo 157

Psicologia 18, 26, 29, 30, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 62, 63, 65, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 84, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 134, 136, 139, 144, 145, 146, 155, 157, 161, 167, 169, 172, 178, 179, 187

Psicologia analítica 43, 44, 139, 146

Psicologia hospitalar 52, 54, 62, 63

Psicopatia 38, 135, 140, 141, 142, 143, 145, 146

Psicoterapia 6, 43, 44, 45, 48, 50, 51, 60, 107, 113, 157, 162

Pulsão 20, 21, 23, 24, 35

R

Redes sociais 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134

S

Saúde mental 1, 2, 3, 6, 7, 9, 26, 30, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 142, 150,

155, 157, 161, 167, 178, 179

Self 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 48, 49, 81, 83, 84, 90, 107, 137, 148, 161, 169, 170, 178, 179, 180, 186

Serviço de psicologia aplicada 103

Serviço-escola 103, 104, 106, 108, 109, 110, 112, 114

Sinthoma 1, 2, 3, 4, 5, 6

T

Técnica expressiva 43

Técnicas projetivas 28, 29, 41, 157, 158, 159, 165, 167

Transtorno bipolar 181, 182, 183

Transtorno de personalidade borderline 7

V

Valor da vida 80

Vigotski 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 77, 78, 79

Violência 20, 22, 26, 27, 28, 29, 30, 39, 41, 42, 81, 82, 83, 87, 137, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 171, 179

Virtualidade 126, 127, 132

W

Winnicott 7, 9, 13, 14, 15, 16, 19, 137, 139, 146

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Psicologia:

Identidade Profissional e Compromisso Social

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021